UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Marli Graniel Kinn

**Lugares e Territórios camponeses em iniciativas turísticas:
os usos dos espaços no entorno dos lagos das hidrelétricas
Amador Aguiar I e II – Triângulo Mineiro - MG**

Versão corrigida

Abril de 2011

De acordo,

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Suzuki

SÃO PAULO
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**Lugares e Territórios camponeses em iniciativas turísticas:
os usos dos espaços no entorno dos lagos das Hidrelétricas
Amador Aguiar I e II – Triângulo Mineiro - MG**

Marli Graniel Kinn

Tese apresentada como parte
dos requisitos para a obtenção
do título de Doutor em
Ciência, área de concentração
Geografia Humana, junto à
Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Suzuki

SÃO PAULO
2010

Dedicatória

Este trabalho é dedicado à memória de meu pai, Adolfo Kinn, saudades.

À minha mãe, Élida, mulher perseverante.

Ao Rosselvelt, pelo amor, carinho, paixão. Ao geógrafo incentivador, de uma intelectualidade encantadora.

A Natália, nossa filha, nosso grande amor, nossa felicidade.

Agradecimentos

Esta tese foi desenvolvida num momento importante da minha vida e é resultado da contribuição de muitas pessoas. Neste espaço, agradeço especialmente: ao meu orientador, Dr. Júlio César Suzuki, por acreditar na realização deste trabalho e pelas suas contribuições no decorrer da pesquisa. Aos professores que ministraram as disciplinas na pós-graduação, o estímulo ao conhecimento científico.

Aos professores Dieter e Vicente, do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo e UNICAMP, respectivamente, que participaram da minha qualificação, pelas opiniões e sugestões que ajudaram na finalização do trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Aos colegas que participaram dos Colóquios com o orientador, obrigada pelos debates.

Ao Ricardo da Silva Costa, do Laboratório de Geografia Cultural e Turismo da Universidade Federal de Uberlândia, pela formatação deste trabalho.

Aos membros e participantes do Laboratório de Geografia Cultural e Turismo da Universidade Federal de Uberlândia, sob a coordenação do professor Rosselvelt, por me disponibilizarem um espaço.

Ao professor Rosselvelt, da Universidade Federal de Uberlândia, que me acompanhou nos trabalhos de campo nos territórios das comunidades rurais e das famílias camponesas, ajudando na preparação das fotografias, das filmagens e dos vários roteiros de entrevistas.

À amiga Tânia Novais e a professora “Branca” pela dedicação na revisão do trabalho.

Às escolas municipais de Martinésia e Tenda do Moreno, no município de Uberlândia, MG, direção e professores, pelo espaço e atenção dispensados na confecção dos desenhos das crianças.

Em especial o meu agradecimento às pessoas que vivem nas quatro comunidades na área de influência das Hidrelétricas Amador Aguiar I e II. A comunidade do Salto, no município de Araguari, a comunidade da Tenda do Moreno, a comunidade de Martinésia e a comunidade do Cruzeiro dos Peixotos, no município de Uberlândia; sem elas, não seria possível a realização deste trabalho. Permitindo analisar as suas práticas sociais e as suas representações, de um espaço em transformação, essas comunidades continuam diferentes, sedutoras, criativas e irreverentes.

Resumo

Este trabalho, sobre lugares e territórios camponeses com iniciativas turísticas, tem, como área de estudo, quatro comunidades rurais situadas nos municípios de Uberlândia-MG: Tenda do Moreno, Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos, e de Araguari-MG: a comunidade do Salto. Procura-se compreender como alguns camponeses foram envolvidos na possibilidade de praticar, em suas propriedades, um turismo receptivo, criando condições para abarcar a pluriatividade já praticada em suas pequenas propriedades familiares, sobretudo combinando, em distintas proporções, a produção agropecuária com a visitação em suas propriedades. Essas mudanças vão sendo concretizadas, legitimadas e, por vezes, encaradas como uma possibilidade de diversificação dos ganhos, em benefício da família. Tais mudanças ocorrem num espaço (re)ocupado para a geração de energia pelo grande capital com estímulo e parceria do estado. A reorganização do espaço social devido a essas grandes obras, influenciou, significativamente, a organização dos territórios e das territorialidades camponesas. Este estudo discute, também, as mudanças nas relações sociais causadas pelas possibilidades de uso do patrimônio material e imaterial (as festas de santo) das comunidades por um grande número de visitantes. Analisa-se a complexidade dos lugares vividos e as interações da família camponesa, das suas comunidades e de seus patrimônios culturais, materiais e imateriais, com o turismo, com os visitantes, clientes do turismo ofertado pelos camponeses. Procura-se a compreensão de como os camponeses superam os seus estágios produtivos e se lançam em novas atividades. Os produtores camponeses, sujeitos ativos, com os seus saberes,

suas iniciativas e estruturas produtivas, são a referência para se compreender as mudanças territoriais. Estuda-se a condição sócio-cultural do camponês que vive na Bacia Hidrográfica do Rio Araguari, em seu baixo curso e sua capacidade de se flexibilizar, de se adaptar e de se (re)territorializar, de acordo com as mudanças sócio-espaciais causadas pela construção das usinas Hidrelétricas Amador Aguiar I e II. As adaptações, os ajustes e as estratégias camponesas se dão a partir do seu próprio modo de vida e de relações de pertencimento e de identidade com o lugar. A partir das festas, procurou-se compreender qual seria a consciência territorial dos camponeses, suas contradições e como as manifestações dos sujeitos sociais envolvidos poderiam proteger, manter a festa, o território e as territorialidades, frente às multidões que vão aos eventos comunitários. Procurou-se analisar a condição desse camponês, pensando os seus vínculos territoriais. Desse modo, o estudo dos territórios e das territorialidades camponesas permitiu analisar as práticas sociais e as representações que o camponês, bem como a criança camponesa, fazem da sua permanência no campo, das suas comunidades, das suas festas, da presença do turista em um espaço que reúne múltiplas possibilidades de ganhar a vida, num mundo de trocas e de formação de novos territórios.

Palavras-chave: Território, comunidade camponesa, modo de vida, turismo, lugares

Abstract

The work on territories peasants and tourist initiatives has as study area four communities, situated in the city of Uberlândia-MG: the community of Tenda do Moreno, Martinésia and Cruzeiro dos Peixotos; and in the city of Araguari-MG, the community of the Salto, is looked to understand as some peasants had been involved in the possibility to practice, in its properties, a receptive tourism, creating conditions to accumulate of stocks the practiced pluriactivity already in the unit of familiar production, over all combining, in distinct ratios, the agricultural production with the visitation, in its properties. These changes are being implemented, legitimate and sometimes seen as an opportunity to diversify earnings, profits for the benefit of the family. Such changes have its contiguities in a space a space (re)occupied for power generation, at a moment where it is possible to identify the action of the State in the reorganization of social space and, for intermediary of these great workmanships to influence significantly, the organization of the territories and the territorialities peasants. The paper also discussed the social relations from the possibilities of using the existing socio-spatial resources, mainly from the hydroelectric plants. For this way it is looked to analyze the complexity of the lived places and the interactions of the family peasant, its cultural, material and incorporeal communities and its patrimonies with the tourism; as the visitors, customers of the tourism offered for the peasants are received and as the proper peasants surpass its productive periods of training and if they launch in new activities. In considering the peasant producers as active, with their knowledge, initiatives and productive structures, we explored the references to understand the territorial changes. It studies the socio-cultural condition of the peasant who lives in River Basin Araguari flexibility and ability to adapt and (re) territorialize within the socio-spatial changes arising from the hydro and the adjustments, adjustments peasant and strategies to fix and strengthen their potential in a

given place. From the parties, it was looked to understand which would be the territorial conscience of the peasants, the tourist possibilities, its contradictions and with the manifestations of the involved social citizens they could protect, keep the party, the territory and the territorialities front the multitudes that go to the communitarian events. We sought to examine the condition of this peasant, thinking their vehicles territorial. It was looked to analyze the condition of this peasant, thinking its territorial vehicles. In this manner, the study of the territories and the territorialities peasants it allowed to analyze the social practices and representations that peasants, including peasant child makes of his stay in the field, their communities, their festivals, the presence of a tourist in space which brings many possibilities to earn a living in a world of exchange and training of new territories.

Key-words: Territory, communities peasants, tourism, places

Mapas

Mapa 1 - Área de estudo	21
Mapa 2 - Área de estudo da bacia Hidrográfica do Rio Araguari	66
Mapa 3 - Comunidades da área de estudo da bacia Hidrográfica do Rio Araguari, MG.....	117
Mapa 4 – Festas da comunidade da área de estudo da Bacia Hidrográfica do Rio Araguari, MG.....	181
Mapa 5 – Escolas Municipais de Uberlândia da área de estudo da Bacia Hidrográfica do Rio Araguari, MG	252

Fotos

Foto 01 - Antigo cruzeiro da Fazenda Pau Furado, na comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia, MG.....	62
Foto 02 – Dia de festa na comunidade Salto, município de Araguari, MG.	63
Foto 03 – Lado a lado, residências de produtores rurais na Bacia Hidrográfica do Rio Araguari, na comunidade Salto, município de Araguari, MG.	68
Foto 04 – Vista panorâmica do assentamento “Vida Nova”, município de Uberlândia, MG	69
Foto 05 – Moradia de produtor de leite nas terras dobradas da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari. Araguari, MG.....	70
Foto 06 – Sede de fazenda de gado leiteiro e de corte na comunidade da Tenda do Moreno, município de Uberlândia, MG.....	71
Foto 07 – Engenho de cana-de-açúcar tocado por roda d’água.....	72
Foto 08 – Gado leiteiro.	73
Foto 09 – Ordenha mecânica e tanque de resfriamento de leite.....	74
Foto 10 – Monjolo, uma forma de o camponês reduzir os custos de produção de sua propriedade.	74
Foto 11 – Queijo minas, tipo frescal	75
Foto 12 – Estacionamento de carros em propriedade rural, localizada na comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia, MG.	76
Foto 13 – Em cada comunidade, no pátio da capela existe um cruzeiro que remete às origens dos encontros religiosos	83
Foto 14 – Capela de Santo Antônio, na comunidade Cruzeiros dos Peixotos, município de Uberlândia, MG, noite de festa, em homenagem ao santo padroeiro	84
Foto 15 – Concentração das moradias nas terras úmidas	88
Foto 16 – Procissão na Festa de Santo Antônio.	89
Foto 17 – Procissão em homenagem a São Sebastião, padroeiro da comunidade do Salto, município de Araguari, MG.	90

Foto 18 – Propriedade rural na comunidade da Tenda do Moreno, município de Uberlândia, MG	91
Foto 19 – Produção de farinhas pelos produtores camponeses da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari.	92
Foto 20 – Alguns produtos produzidos por famílias camponesas moradoras da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari	93
Foto 21 – A cana-de-açúcar	95
Foto 22 – Baile na comunidade do Salto, Araguari, MG	97
Foto 23 – Mulheres da comunidade de Martinésia, Uberlândia, MG, preparando alimentos para a Festa de São João Batista, padroeiro da comunidade	99
Foto 24 – Esporte náutico.	108
Foto 25 – Vista parcial do lago da Hidrelétrica Amador Aguiar I, na comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG	109
Foto 26 – Área de lazer em propriedade rural na comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG	110
Foto 27 – A prestação de serviços para os visitantes envolve a família na preparação de eventos e refeições	112
Foto 28 – Tablado para pesca no lago da Hidrelétrica Amador Aguiar I, assentamento “Vida Nova”, comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG	124
Foto 29 – Visitantes dos lagos..	126
Foto 30 – Tablado e barco nas margens da Represa Amador Aguiar I.....	130
Foto 31 - Turismo receptivo	130
Foto 32 – Folia de Reis na propriedade rural Pau Furado, comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia, MG.....	133
Foto 33 – Restaurante Recanto Paraíso.	137
Foto 34 – Trilha para a prática de <i>motocross</i>	139
Foto 35 – Visitantes de finais de semana.....	140
Foto 36 – Área de Preservação Permanente	143
Foto 37 – Pescaria em tablado.....	143
Foto 38 – Banhistas	145
Foto 39 – Ônibus de turismo e jogo de futebol.....	146
Foto 40 – Produção artesanal de queijo minas tipo frescal.....	147
Foto 41 – Comidas típicas das festas juninas	149

Foto 42 – <i>Motocross</i>	150
Foto 43 – Bares e visitantes do assentamento “Vida Nova”	151
Foto 44 – Bar e restaurante.....	154
Foto 45 – Carnes e sobremesa	154
Foto 46 – Reunião de motoqueiros na propriedade Buracão	157
Foto 47 – Muro de pedra.....	158
Foto 48 – Missa em louvor a Santo Antônio.....	159
Foto 49 – Bares e restaurantes na comunidade Cruzeiro dos Peixotos.....	161
Foto 50 – Iniciativas turísticas	162
Foto 51 – A cozinha camponesa	163
Foto 52 – Chalés	164
Foto 53 – Culinária/Gastronomia local	165
Foto 54 – A produção dos meios de vida	167
Foto 55 – Almôndegas	170
Foto 56 – Frango com quiabo	173
Foto 57 – Festa de São Sebastião do Salto, comunidade Salto, município de Araguari, MG	182
Foto 58 – Capela de São José do Moreno, em dia de festa	184
Foto 59 – Prendas oferecidas pelos devotos a São João Batista, comunidade de Martinésia, município de Uberlândia, MG.	185
Foto 60 – Leilão na comunidade do Salto, no município de Araguari, MG.....	186
Foto 61 – As cozinhas e os envolvimento com as festas de padroeiros	194
Foto 62 – Simbolismos presentes nas propriedades rurais da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari.....	199
Foto 63 – Distribuição de comida na festa “temporona” de Santos Reis	202
Foto 64 – Cantorias em frente a bandeira dos três Reis Santos	204
Foto 65 – Salão de festa	206
Foto 66 – Fila de convidados para o jantar na festa de Santos Reis	206

Foto 67 – Procissão em homenagem a Santo Antônio, comunidade Cruzeiro dos Peixotos..	207
Foto 68 – Capela de São João Batista.....	205
Foto 69 – Imagens dos santos padroeiros das quatro comunidades rurais da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari	215
Foto 70 – As imagens dos santos que compõem a procissão em homenagem a São João Batista.	217
Foto 71 – Festa de Santos Reis.....	226
Foto 72 – Festa em Louvor a Santo Antônio.....	229
Foto 73 – Capelas das comunidades atingidas pela Hidrelétrica Amador Aguiar I	231
Foto 74 - Capelas das comunidades atingidas pela Hidrelétrica Amador Aguiar II	232
Foto 75 – Mensagens de boas vindas e agradecimentos	233
Foto 76 – Fogão à lenha	236

Desenhos

Desenho 01 - Festa Junina	255
Desenho 02 - O espaço da festa depois do seu término.....	256
Desenho 03 - Os dois momentos da festa junina.....	258
Desenho 04 - A paisagem da rua com elementos da festa junina.....	261
Desenho 05 - A reivindicação da criança	262
Desenho 06 - Prática social de produção e aprendizagem	265
Desenho 07 - Doces e salgados da cozinha camponesa.....	267
Desenho 08 – Pratos da culinária/gastronomia camponesa	268
Desenho 09 - Pratos da culinária/gastronomia camponesa	270
Desenho 10 - Meios de Vida	272
Desenho 11 - Etapas da produção de queijo minas.....	272
Desenho 12 – Propriedade familiar	274
Desenho 13 – Produção diversificada.....	275
Desenho 14 - A pinga produzida artesanalmente.	276
Desenho 15 - Comercialização direta da produção camponesa.	277
Desenho 16 - Natureza com animais em extinção.	280
Desenho 17 - Os impactos da ocupação humana e do uso turístico.	281
Desenho 18 - O ambiente natural reconstruído.....	283
Desenho 19 - As mutações do ambiente como atrativo turístico	284
Desenho 20 - A via asfaltada como infraestrutura básica e necessária.....	285
Desenho 21 - Paisagem rural.	286
Desenho 22 - Os conteúdos e localização da propriedade familiar.....	290
Desenho 23 - Mapa mental	296
Desenho 24 - As instituições comunitárias, espaços coletivos.....	297
Desenho 25 - Espaço construído	299
Desenho 26 - O lugar onde se vive	301
Desenho 27 - A propriedade privada.....	302
Desenho 28 - Representação espacial da comunidade	303
Desenho 29 - A urbanização do espaço	304
Desenho 30 - Aproximação das moradias no espaço vivido6	305
Desenho 31 - A organização da propriedade familiar	306
Desenho 32 - A percepção infantil da presença do “novo”	308

Sumário

Introdução	18
1 - As mutações do espaço e as mudanças de interesse camponês	56
1. 1. Espaço, território e paisagem nos lugares vividos	56
1. 2. A formação das comunidades rurais na área de estudo	62
1. 3. Da paisagem ao espaço: usos, territórios e territorialidades	77
1. 4. As especificidades dos modos de vida nas comunidades rurais.....	80
1. 5. O tempo na vida e no modo de vida dos camponeses.....	95
1. 6. A autonomia das famílias camponesas	102
1. 7. O turismo no cotidiano camponês	107
2 - A territorialização do espaço e as iniciativas turísticas	116
2. 1. Espaço, usos e território.....	116
2. 2. Território e territorialidades camponesas no uso e na produção do espaço turístico	128
2. 3. A dimensão e o alcance do território camponês.....	147
2. 4. As relações sociais no território camponês	159
2. 5. As sociabilidades camponesas nas novas atividades	166
3 – Festas, território e territorialidades das comunidades camponesas	178
3. 1. Territórios camponeses: as festas das comunidades rurais.....	178
3. 2. O lugar e as festas camponesas	197
3. 3. As festas camponesas: território da religiosidade	209
3. 4. Conflitos mudanças e continuidades	222

4 - Crianças camponesas: representações das mutações sócio-espaciais ...	239
4. 1. O desenho da criança camponesa: saberes e lugares	239
4. 2. O desenho da criança e o espaço metamorfoseado	247
4. 3. A representação dos usos turísticos nos lugares do cotidiano.....	253
4. 4. A representação das habilidades camponesas	264
4. 5. As representações dos recursos naturais	279
4. 6. As territorialidades camponesas: as representações das crianças ante às atividades turísticas.	287
Considerações finais	310
Referências bibliográficas	319

Introdução

Neste trabalho, a preocupação é com a heterogeneidade das práticas e relações sociais das pessoas que vivem no campo brasileiro. Não se assume compromisso algum com qualquer teoria que tenha estudado a diversidade dos processos de reprodução do capital no campo, mas compreende-se ser de importante relevância considerar o desenvolvimento desigual da sociedade para além de uma perspectiva economicista¹.

O campesinato analisado no Cerrado mineiro, no baixo curso, do Rio Araguari², nos municípios de Uberlândia, MG, e Araguari, MG, como sujeito social, sempre praticou atividades agropecuárias tradicionais, mas, recentemente, o seu território sofreu metamorfoses que levaram a incorporar novas atividades e racionalidades produtivas, não agropecuárias, mais especificamente o turismo receptivo, que, por vezes, levam à valorização e à reinvenção das práticas e relações sociais tradicionais do seu modo de vida.

Não se entende aqui o camponês dissociado das categorias tempo e espaço, essenciais para analisar o sujeito social, naquilo que lhe é mais tradicionalmente atribuído, o mundo vivido. Desse modo, considera-se a identidade do sujeito que, para Hall (2005), não é mais unificada, definível e

¹ Para Martins (1993), [...] A questão do desenvolvimento desigual é complicada, porque também está atravessada por uma leitura economicista do problema. Este problema também deve ser revisto a partir de uma leitura que não é marxista, mas marxiana da obra de Marx; uma leitura que volta um pouco àquilo que de fato preocupava Marx: é que o desenvolvimento desigual não é meramente econômico. O desenvolvimento desigual era proposto pelos clássicos como um desencontro entre o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento social. Anuncia possibilidade que não se realiza no plano social. (MARTINS, 1993, p.14).

² Embora não tenhamos desenvolvido um estudo detalhado para estabelecer com precisão a área do baixo curso, do Rio Araguari, consideramos que esta parte do rio seja a área que se situa entre os lagos das Hidrelétricas de Amador Aguiar I e II e até onde o Rio Araguari deságua no Rio Paranaíba.

estável, mas encontra-se em processo de fragmentação e, por isso, pode estar sendo composta por várias outras identidades, geralmente conflitantes e não resolvidas.³ No entanto, é necessário admitir que, mesmo assim, o sujeito social existe, sob essas condições.

No contexto do mundo vivido pelos camponeses do baixo curso, do Rio Araguari, clivado pela modernidade e pelas redes de informação, este sujeito social, este produtor rural, é entendido por aquilo que ele é no lugar em que vive, por aquilo que menciona, representa, por como age, reage, cria e (re) inventa, reinventando-se socialmente em situações reais e concretas. Essa consideração sobre o sujeito social, tendo o camponês como manifestação, inspira-se no pensamento de Harvey (2002), pois, para o autor:

As ordenações simbólicas do espaço e do tempo fornecem uma estrutura para a experiência mediante a qual aprendemos quem ou o que somos na sociedade. A razão pela qual a submissão aos ritmos coletivos é exigida com tanto rigor [...], é o fato de as formas temporais ou estruturas espaciais estruturarem não somente a representação do mundo do grupo, mas o próprio grupo, que organiza a si mesmo de acordo com essa representação (HARVEY, 2002, p.198).

Reconhece-se, assim, a complexidade histórica, cultural e sócio-espacial das práticas, representações e relações sociais, inclusive de produção, presentes na área estudada, bem como as formas de humanização do território praticadas pelo campesinato, como elementos do seu fazer-se sujeito.

A apreensão da heterogeneidade das práticas e relações sociais requer a consideração das experiências dos camponeses e de formas de organização do trabalho familiar que estão vinculadas aos modos de vida desses sujeitos sociais, mas também suas relações com o mercado e com as demandas urbanas por espaços de lazer e turismo.

³ Hall entende que: A [...] chamada crise de identidade é vista como parte de um processo mais amplo de mudanças, que está deslocando as estruturas e processos culturais centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo atual. (HALL, 2006. p.7)

Os empreendimentos capitalistas de construção de duas Hidrelétricas, entre os municípios de Uberlândia, MG, e Araguari, MG, estão ensejando situações que envolvem o reordenamento das atividades produtivas, com a aplicação de trabalho camponês⁴, recriado e reinventado na sua reprodução. As transformações são bastante amplas e diversas e envolvem processos de (des-re) territorialização, territorialidades, paisagem, uso do espaço, lugar vivido, espaço e representações sociais, entre outros elementos.

4 O reordenamento das atividades produtivas das famílias camponesas, como o envolvimento com turismo, no baixo curso, do Rio Araguari, não anulou certos conteúdos e substâncias dos seus modos de vida. O uso da categoria “camponesa” ou camponês objetiva ordenar uma reflexão sobre a condição de existência desses produtores rurais, geralmente pequenos proprietários que utilizam o trabalho familiar, em meio às mudanças na paisagem, no território deles. Compreende-se que não é possível arredar a sua substância histórica e sociológica da maneira de agir destes camponeses, principalmente no que diz respeito às suas formas de trabalho, de organização familiar e seu modo de vida. É imprescindível reunir os dois fatos, o que está acumulado de conhecimento sobre a importância do conceito, do que vem a ser camponês, neste momento, e o que existe de empírico nas distintas realidades rurais estudadas. Deste modo, a categoria camponês assinala além de uma lógica social, de coordenação familiar no espaço rural, jeitos de ser, de pensar e de agir que se expressam também como um modo de vida denso, rico e complexo, que foi possível apreender, também com o trabalho de campo, na área de estudo.

Mapa 1. Área de estudo – Represamento das hidrelétricas Amador Aguiar I e II na bacia do Rio Araguaari.

Numa pesquisa de campo, não se pode ignorar as vivências cotidianas, mesmo porque elas aparecem, constantemente, nas falas e nas práticas dos camponeses e indicam um modo de vida cheio de habilidades e capacidades para se adaptar às novas situações. Torna-se, então, significativo, para os objetivos da tese, conhecer as especificidades das práticas e relações sociais para buscar, nelas, as interpretações mais fidedignas do camponês e, por conseguinte, do lugar em que ele vive, bem como dos usos que faz do espaço em mutação.

Pensar a substância humana do território a partir das práticas sociais dos sujeitos, no caso, os diversos membros da família camponesa enriquece a Geografia porque propicia interpretações mais amplas e permite pensar no território⁵ como uma formação social relacional que não envolve apenas questões econômicas, mas, gente, no caso, do Cerrado que se (re) criam, conforme as metamorfoses do espaço, para permanecerem sendo camponeses.

De fato há, agora, por detrás das paisagens do Cerrado - que atualmente contam com lagos artificiais devido à construção de duas Hidrelétricas denominadas, pelos investidores, Amador Aguiar I e II (originalmente Capim Branco I e II) - pesadas determinações sociais que poderiam ter alterado completamente os modos de vida nessa parte da Bacia Hidrográfica do Rio Araguari, mas também, há oposição e defesa, o que não permite alterações na essência.

Com área inundada de 18 km², o lago da Hidrelétrica Amador Aguiar I atingiu duas comunidades rurais, sendo uma no município de Araguari-MG, a localidade Salto, e a outra no município de Uberlândia-MG, comunidade Tenda do Moreno. Com área inundada de 45 km², o lago da Hidrelétrica de Amador

⁵ Segundo Saquet (2003): O território se dá quando se manifesta e se exerce qualquer tipo de poder, de relações sociais. [...] são as relações que consubstanciam o poder. Toda relação social, econômica, política e cultural é marcada pelo poder, porque são relações que os homens mantêm entre si nos diferentes conflitos diários (SAQUET, 2003, p.24).

Aguiar II atingiu as comunidades Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos, ambas no município de Uberlândia-MG. Essas comunidades contam com pequenos núcleos (pequenos aglomerados urbanos, povoados) e espaço rural propriamente. São distritos do município de Uberlândia as comunidades Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia

A população das quatro comunidades, na sua grande maioria, é de religião católica e mantêm suas festas em homenagem aos santos padroeiros dos lugares. Essas comunidades recebem, em seus festejos, milhares de visitantes.

Todas as comunidades tiveram seu povoamento iniciado no século XIX e como marco da vida social religiosa, nos lugares mais altos, foram fixados cruzeiros (cruzes). As comunidades aparecem, também, devido a concessões de áreas arranjadas por fazendeiros. Instituídos em grupos sociais e sob a autoridade da Igreja Católica, os residentes dessas localidades foram juntando e unindo pessoas e recursos, a partir de festas e donativos, para levantar as capelas dos santos de devoção, lugares sagrados, em torno das quais origina-se e organiza-se uma vida comunitária.

Na comunidade Tenda do Moreno, os primeiros residentes foram assentados em 1827, mas a edificação da capela de São José do Moreno somente aconteceu na década de 1940. Na comunidade Salto, os primeiros residentes chegaram ao lugar no final do século XIX, e a edificação da capela de São Sebastião do Salto aconteceu na década de 1950. Na comunidade Cruzeiro dos Peixotos a primeira capela de Santo Antônio foi construída com donativos dos componentes da comunidade, em 1905. Essa localidade foi elevada a distrito em 1927. A comunidade Martinésia se constitui em função de interesses dos fazendeiros de instituir um posto de intercâmbio de mercadorias, assim como de prestação de alguns serviços básicos. Ali teve a edificação da capela de São João Batista em 1920, aprontada em 1925.⁶

⁶ Além das informações obtidas no trabalho de campo, nos baseamos em documentos elaborados pelo laboratório de Geografia Cultural e Turismo da Universidade Federal de

Tendo como área de estudo as quatro comunidades, procura-se compreender como alguns camponeses foram envolvidos na prática, em suas propriedades, do turismo receptivo⁷, numa condição de pluriatividade⁸, sobretudo combinando, em distintas proporções, a produção agropecuária com as visitas em suas propriedades e a oferta de serviços, como refeições. Essas mudanças vão sendo concretizadas, legitimadas e, por vezes, encaradas como uma possibilidade real de diversificação dos ganhos, em benefício da família.

As mudanças efetuadas no espaço, para a geração de energia, contaram com a ação do Estado. No início do século XXI, a sociedade brasileira correria o risco de sofrer apagões, conforme declaração feita pelo alto escalão do Governo Federal, que anunciou que os reservatórios das usinas Hidrelétricas das regiões Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste apresentavam um nível bastante baixo o que poderia levar à adoção de medidas de limitação do consumo, inclusive com preocupantes previsões de racionamento.

Por causa de sua crise de financiamento, o Estado brasileiro apresentava dificuldades para implementar programas e direcionar investimentos para o setor de geração de energia elétrica. Nesse período,

Uberlândia. Assim, para maiores detalhes sobre o processo de povoamento dessa região ver a obra organizada por Santos & Alves, 2005.

⁷ Considerando a realidade das iniciativas turísticas na Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, conforme bibliografia consultada é possível afirmar que lá se pratica turismo receptivo, ou seja: [...] com o ato de receber, atender e servir bem, dentro de uma proposta [...] que seduza o turista. Esse conjunto será responsável por determinar se o visitante retornará em uma próxima oportunidade, bem como se ele indicará o local visitado para parentes e amigos. Para a comunidade receber bem o turista ela terá, antes de tudo, que conhecer (absorver) o lugar que vive e habita [...] Assumindo que o conhecimento do lugar é importante, a recepção dos turistas inicia-se a partir [...] do lugar, da forma mais simples possível, sem comprometer os objetivos. SANTOS *et al.*, 2007.

⁸ O debate sobre o conceito é tão rico quanto complexo e tem sido estabelecido por autores como Shucksmith *et al.* (1990, 1991), Cazolla (1998). Carneiro (1998), Kageyama (1998), Teixeira (1998), Schneider (1999, 2003, 2006) Anjos (1995, 2001, 2003), Maraom (2006) e Tiradentes (2010). No entanto, por aquilo que foi encontrado no campo, na área de estudo definida nesta pesquisa, toma-se o conceito de pluriatividade como sendo relativo e relacional “[...] as situações sociais em que os indivíduos que compõem uma família com domicílio rural passam a se dedicar ao exercício de um conjunto variado de atividades econômicas e produtivas, não necessariamente ligadas à agricultura ou ao cultivo da terra, e cada vez menos executadas dentro da unidade de produção. Ao contrário do que se poderia supor, esta não é uma realidade confinada ao espaço rural de países ricos e desenvolvidos” (SCHNEIDER, 2003, p. 5).

principalmente no início do século XXI, o Estado, então, conforme os ditames neoliberais, flexibiliza a política energética para aceitar investimentos privados no setor, como parte de suas políticas públicas para administrar a crise, que se agravava em função de um crescimento contínuo do consumo de energia elétrica, e da falta de recursos para a construção de novas Hidrelétricas, uma vez que a matriz de produção de energia elétrica brasileira são as usinas Hidrelétricas.

Desse modo, mudanças nas políticas públicas permitiram pesados investimentos de capitais privados e de empresas estatais para o setor elétrico e, com isso, iniciou-se a construção de uma série de novas Hidrelétricas grandes, médias e pequenas, no território nacional.

Na região do Triângulo Mineiro, as usinas Hidrelétricas instaladas geram cerca de 70% da energia elétrica gasta no estado de Minas Gerais, segundo maior produtor de energia elétrica do país. Portanto, a região, devido aos seus recursos hídricos ainda disponíveis, tornou-se estratégica para a instalação de novas Hidrelétricas.

No baixo curso do Rio Araguari, na região do Triângulo Mineiro, entre os municípios de Uberlândia e Araguari, foram construídas as usinas Amador Aguiar I e II. Sua construção e exploração têm como sócios a empresa estatal Companhia Energética de Minas Gerais – CEMIG e três empresas privadas, a Comercial Agrícola Paineiras (grupo Suzano), Companhia Mineira de Metais – CMM (grupo Votorantim) e a Companhia Vale do Rio Doce – CVRD.

Como o programa de privatização do setor energético empreendido pelo governo federal, na década de 1990, os preços da energia elétrica sofreram um processo inflacionário que preocupou os empresários que consomem energia elétrica em grandes quantidades. Neste contexto, o Estado, a partir de políticas públicas, vai incentivar os investimentos privados, aumentando, significativamente, a oferta desse produto.

No caso das duas usinas Hidrelétricas do baixo curso, do Rio Araguari, o modelo de investimento adotado pelo Estado é o de autoprodução de energia. O Estado permite que grandes consumidores formem consórcios para construir usinas Hidrelétricas. Assim grandes grupos econômicos entram no lucrativo mercado de produção de energia elétrica para garantir a ampla oferta para o seu consumo a baixo preço, o que aumenta e garante o lucro dos seus investimentos de capitais.⁹

Os barramentos das usinas formam lagos em áreas rurais, nos vales dos cursos d'água, logo, junto dos quais ficam áreas de terras dobradas, antigos territórios de camponeses, no Cerrado (SANTOS, 1998, 2008a), por serem áreas favoráveis para o exercício de pecuária extensiva (partes mais acidentadas e de vegetação típica do Cerrado) e da agricultura de subsistência com precário excedente (partes mais planas e férteis, geralmente com vegetação de floresta, chamada de terras de cultura). Já as espaçosas terras planas que sucedem as bordas dos vales (as chapadas) de fácil/intensa mecanização, vão sendo (re)ocupadas a partir de 1970 pela agricultura de alta tecnologia com grandes investimentos de capital, subsidiados pelo estado. Desse modo, são os territórios camponeses os mais dissimulados pelos lagos.

As áreas baixas e planas são tomadas pela água do represamento, restam as partes mais altas de “relevo mexido”. Portanto, são várias as consequências para o modo de vida e para os territórios desse grupo social.

Contudo, a possibilidade de usar os lagos cria outros dinamismos sócio-espaciais para os produtores camponeses. Na condição de produtores camponeses, estes descobrem, capturam e desenvolvem a prática do turismo receptivo. Mas, quando o Estado concede o direito de produção de energia a consórcios, formados por capitais públicos e privados, desencadeia-se um

⁹ A bibliografia sobre a crise energética do início do século XXI consta das referências da tese. As referências foram fundamentais para se compreender o momento da crise energética brasileira, o papel do estado e também a formação de consórcios.

processo de reocupação e revalorização dos recursos naturais, ou seja, da água, na Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari.

Deliberadamente essa revalorização não visa beneficiar os camponeses, ocorre na verdade, uma disputa por esses recursos. E não é que os camponeses tenham ganhado essa disputa. A luta pela existência no lugar é continua porque por enquanto os camponeses estão aproveitando os lagos porque à exploração turística deles não é um negócio dos donos das Hidroelétricas, não compete com eles.

Os usos dos lagos pelos camponeses certamente enfrentou e enfrenta e ainda enfrentará, muitos entraves burocráticos e legais. Mas, provavelmente, esses empecilhos são encarados com ações práticas que decorrem da relação de pertencimento que leva à ideia de direito de uso.

A intenção deste trabalho não é fazer um estudo sobre o turismo¹⁰, mas uma análise sobre o uso do espaço, a partir da criação dos lagos, observando e problematizando a condição das famílias camponesas e das comunidades. Nesta perspectiva, desenvolver atividades receptivas seria apenas uma variação das atividades do produtor familiar, talvez um pouco mais urbanizada? O turismo experimentado pelo camponês se perde, desaparece, nas pequenas iniciativas das famílias em receber visitantes, ou faz parte de um sistema mais

¹⁰ Com base na realidade concreta examinada e nos objetivos da tese, compreende-se, na perspectiva de De La Torre, o turismo como sendo [...] um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivo de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, [...] gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (De La Torre, 1992, apud Ignarra (2003, p. 13). Considera-se também o pensamento de Yázigi, quando o autor compreende que o fazer turismo não pode ser compreendido obrigatoriamente como uma atividade (complexa) de “[...] frequentar lugares fabricados por sua indústria, mas dirigir-se para qualquer outro cotidiano repleto de rotinas dos outros, [...] Não me parece pois possível entender o movimento próprio do turismo sem consideração dos cotidianos dos outros (YÁZIGI, 2002, p. 24). E também que, no caso da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, as manifestações turísticas estão implicadas no uso e na apropriação de recursos sócio-espaciais, reforçando a ideia de que: “O mercado encontra-se cada vez mais segmentado, criando segmentos e nichos específicos. O turismo contemporâneo é um grande “consumidor” da natureza e sua evolução, nas últimas décadas, ocorreu como consequência da “busca do verde” e da “fuga” dos tumultos dos grandes conglomerados urbanos por pessoas que tentam recuperar o equilíbrio psicofísico em contato com ambientes naturais durante o seu tempo de lazer. (RUSCHMANN, et al, 2008, p.01).

abrangente? O camponês e a sua família, que estariam vivendo a perda de um território potencialmente rural, mas em transição, negam seu modo de vida? O lugar, a comunidade e as festas, como resultado de práticas sociais, estariam sendo redefinidos pelo turismo? O turismo é uma atividade que não combina com a produção camponesa e, por isso, estaria o campesinato vivendo à margem de uma ou de outra atividade? A criança camponesa, como membro da família, seria capaz de sentir, reagir, representando as transformações ocorridas em suas comunidades? E, mais do que isso, o turismo representaria a fragmentação e o caos da propriedade familiar camponesa e das comunidades rurais? Desse modo interessa, fundamentalmente, analisar como essas transformações vão sendo sentidas, incorporadas, rejeitadas e representadas pelas pessoas que vivem nas comunidades estudadas.

Na Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, com a formação dos dois lagos, o turismo, como um conjunto de atividades, insere-se no território dos camponeses e das comunidades rurais e suas consequências sobre a ideia de territorialidade ainda não estão bem definidas.

Para tratar da relação entre o camponês e o turismo, o enfoque não poderia ser apenas econômico. Desse modo, dedica-se, como objetivo específico, a identificar e analisar as tramas sociais estabelecidas a partir das possibilidades de se usarem os recursos sócio-espaciais existentes, principalmente os lagos das Hidrelétricas e a cultura camponesa. Dada a complexidade das relações sócio-espaciais, qualquer opção segmentada de análise resultaria em uma visão/abordagem reducionista e simplista da condição/situação dos produtores, das transformações culturais, econômicas e sociais que as comunidades rurais estão vivendo.

Para compreender como o turismo vai passando a fazer parte do cotidiano das comunidades rurais da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, também como objetivo específico foi necessário buscar, nos lugares comunitários, algumas respostas. Nesse envolvimento com o espaço vivido, foram valorizados alguns elementos do modo de vida que permitissem, ainda

como objetivo específico, analisar, com profundidade, a complexidade dos ambientes e as interações da família camponesa, suas comunidades e seus patrimônios culturais, materiais e imateriais¹¹, com a dinâmica turística.

Nas comunidades rurais, na área de implantação das Hidrelétricas, o trabalho de campo revelou um camponês que acaba vivendo entre o tradicional e o moderno. Com a formação dos lagos e com a presença de visitantes vai viver, também, adaptações e flexibilizações produtivas e de sociabilidade na propriedade, na família e na comunidade.

A inundação da área não desalojou todos os produtores tradicionais e nem destruiu objetos comunitários. Contudo, camponeses e comunidades rurais foram afetados pelas transformações da paisagem causadas pela implantação das Hidrelétricas e pela complexidade das atividades turísticas. Esse camponês parecia dividido em suas atividades produtivas, conseguindo ver possibilidades de reprodução nas atividades tradicionais e, também, nas não agropecuárias, pois vivia um espaço em estado de transformação que estava afetando, profundamente, o seu território e modo de vida. Pode-se considerar, então, que viviam em um território mutante e em processo de destruição/(re)construção.

Nesta situação, havia de ser mais bem analisada a condição desse camponês, pensando a sua consciência do espaço¹² e os seus vínculos

¹¹ O conceito e a reflexão sobre o patrimônio cultural material e imaterial trabalhado na tese têm como princípio os valores humanos criados, recriados e inseridos nos seus bens materiais e simbólicos. Com base nos trabalhos examinados no Laboratório de Geografia Cultural e Turismo da Universidade Federal de Uberlândia e em referências consultadas, principalmente do IPHAN - **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional** - e na pesquisa empírica, pode-se afirmar que o patrimônio cultural material e imaterial é constituído pelos bens materiais concebidos por meio das técnicas desenvolvidas pelos camponeses da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, que continuam expressando valores simbólicos para a família e a comunidade. Quanto ao patrimônio cultural imaterial, sob as mesmas bases, consideram-se os saberes e os modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades rurais da área de pesquisa. Nas comunidades, a religião é bastante significativa, por isso os rituais religiosos e as festas, nos lugares pesquisados, também podem ser considerados patrimônio cultural imaterial. Como não é objetivo da tese aprofundar uma discussão sobre esses conceitos, as definições elaboradas pelo IPHAN, disponibilizadas no seu site (www.iphan.gov.br), são adequadas.

territoriais. Por isso, a pesquisa passou a ser, fundamentalmente, uma análise das práticas sociais e representações que o camponês, inclusive a criança camponesa, faz da sua permanência no campo, das suas comunidades, das suas festas, num espaço que reúne outras possibilidades de ganhar a vida.

A presença de visitantes e atividades não agropecuárias, o turismo receptivo, representa as flexibilizações e adaptações dos camponeses às transformações do espaço. Como a condição principal para continuar vivendo nos lugares era conviver com a presença de visitantes, essa atividade acaba intensificando o trabalho familiar e o surgimento de novas relações sociais de trabalho. Como essa situação ocorria em propriedades camponesas, pôde-se supor que a sua lógica não seria unicamente a de reduzir o tempo dos membros da família à produção de valores de troca. Isso, de certo modo, se confirmou no fato de que eles, mesmo enfrentando situações que envolvem atividades não agropecuárias, presença de visitantes e, portanto, outros valores, sobretudo humanos, mantiveram as festas de suas comunidades. Essa situação indica uma considerável capacidade de incorporar novas atividades ao seu cotidiano produtivo e outros e novos públicos aos seus eventos, embora eles comprometam as suas tradições, sobretudo os rituais religiosos que compõem as festividades.

O processo de reocupação e revalorização pelo capital dos espaços da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, que se iniciou com a formação dos lagos, em 2005, aponta para os usos dos recursos disponíveis pelos camponeses no espaço transformado pelas Hidrelétricas. Neste contexto, o problema está em compreender o camponês como um sujeito social que, ao ser afetado pelas usinas Hidrelétricas, em algumas comunidades vai criar novas formas de se organizar, vai se adaptar ao turismo para ganhar a vida sem, contudo, negar, se desfazer das suas tradições.

¹² Segundo Heidrich, [...] consciência do espaço refere-se a um sentimento de pertencimento a um lugar ou território, consiste no campo da identidade e relaciona-se com a intencionalidade com a qual se faz a representação de nossas ligações, constroem-se os mitos e se definem os agrupamentos humanos (HEIDRICH, 2006, p.63-64).

A proximidade com as cidades e o fato de as propriedades serem pequenas, terem pouca terra, como é o caso do Assentamento “Vida Nova”, na comunidade Tenda do Moreno, em que a área de cada lote é de apenas três hectares, permitiram que os camponeses fossem usando o espaço como matéria-prima e desenvolvendo, a partir do turismo receptivo, seus projetos de vida.

Em outras palavras, a pesquisa procurou, como objetivo específico, compreender como as pessoas, nas suas atividades práticas, adaptam seus estágios produtivos e se lançam em novas atividades, sem deixar de usar, estrategicamente, o seu jeito de ser, para desenvolver o turismo receptivo em suas propriedades e comunidades.

Diferentemente de pensar somente as contradições do capitalismo e de suas imposições ao espaço¹³, há que se pensar também como as mudanças sócio-espaciais podem ser usadas em benefício de outros sujeitos (que não os agentes do capital), e serem territorializadas e expressas por esses sujeitos como partes do seu modo de vida. Comparando-se os pequenos produtores rurais da área de estudo que estão fazendo atividades de turismo com aqueles que, aparentemente, não se envolveram com essas novas atividades, foi possível verificar que suas identidades quase não se alteraram. Eles não se deixaram subjugar pelo poder econômico e utilizaram o seu poder cultural, muito forte para manterem seu território¹⁴, o que mostra que não existe espaço destituído de valores humanos e, por isso, é necessário pensar as relações

¹³ Harvey (2004) considera as contradições inerentes ao modo de produção capitalista. Para o autor: “O capitalismo não pode sobreviver sem seus “ajustes espaciais” [...]. O capitalismo tem recorrido repetidas vezes à reorganização geográfica (tanto em termos de expansão como de intensificação) como solução parcial para suas crises e seus impasses. Assim, ele constrói e reconstrói uma geografia à sua própria imagem e semelhança. Constrói uma paisagem geográfica distintiva, um espaço produtivo de transporte e comunicação, de infra-estrutura e de organizações territoriais que facilitam a acumulação do capital numa dada fase de sua história, apenas para ter de ser desconstruído e reconfigurado a fim de abrir caminho para maior acumulação num estágio ulterior. (HARVEY, 2004, p. 80-81)

¹⁴ No caso em estudo, o território pode ser analisado, compreendido, na Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, também a partir das relações de poder. Para Souza (1995, p.78), “o território é um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. Em uma perspectiva relacional, pode ser compreendido como “[...] produto de uma relação desigual de forças. Essas relações [...] variam muito, por exemplo, conforme as classes sociais, os grupos culturais e as escalas geográficas que estivermos analisando” (HAESBAERT, 2006, p.121).

desses homens com a cultura e como, no lugar vivido, eles definem suas territorialidades, mesmo ante grandes mudanças e outros tipos de relação de poder.

Há produtores que conseguem, com as especificidades do seu território e de suas territorialidades, acompanhar e se relacionar com as transformações das paisagens e seus conteúdos. Por isso, é preciso analisar como os camponeses capturam, nas transformações do espaço, aquilo que lhes interessa para, a partir das suas condições técnicas, sociais, culturais, dentre outras, usar o espaço e dele se apropriar, convertendo recursos e saberes em possibilidades de construir a sua permanência no lugar.

O espaço alterado também transforma as pessoas em possíveis sujeitos de um processo que pode, ao mesmo tempo, gerar possibilidades para que camponeses operem atividades nunca antes experimentadas, como é o caso do turismo receptivo. Assim, a pesquisa se desenvolveu mostrando como esse espaço transformado vai sendo incorporado aos territórios dos produtores rurais e como eles, na incorporação, vão se tornando agentes ativos da anexação dos recursos espaciais ao seu modo de vida e aos seus territórios.

Considerar os pequenos produtores rurais, os camponeses, como sujeitos sociais ativos, é discutir, ainda como objetivo específico, como os seus saberes, suas iniciativas e estruturas produtivas poderiam se tornar referências para se compreender as mudanças territoriais. Sendo sujeitos, eles estariam no lugar agindo, usando o espaço e dele se apropriando para se reproduzirem como camponeses, impedindo que as mudanças espaciais produzissem exclusões, apartações, frustrações.

A relação do camponês com o turismo é uma realidade que merecia ser mais bem explicada, uma vez que o patrimônio cultural material e imaterial das propriedades rurais camponesas já estava e continua sendo usado para receber visitantes. Num mesmo espaço estão convivendo as atividades camponesas e o turismo, ainda não constituído plenamente como atividade

produtiva. Mas, ele passou a povoar o imaginário das pessoas e as iniciativas de uns acabaram por suscitar comentários, observações e, também, alguns projetos para o futuro de outros.

No centro da análise da relação do camponês com o turismo está, também, a preocupação de compreender a influência das paisagens produzidas pela formação dos lagos, pela chegada das técnicas modernas da sociedade e dos grandes investimentos capitalistas, bem como investigar a vinculação entre o modo de vida tradicional e as iniciativas do turismo.

Analisaram-se, como objetivo específico, os usos que os visitantes estavam fazendo dos eventos festivos e dos lugares onde se encontravam as estruturas edificadas (Igrejas, sedes sócias e escolas, dentre outras) das comunidades rurais. O conceito de território, a partir das iniciativas turísticas baseadas no uso do espaço, é trabalhado, na tese, na perspectiva de analisar as relações que as comunidades de origem camponesa estabelecem com aquele que vem de fora. Foram consideradas as manifestações de poder que elas usam para se proteger das multidões, defendendo seus patrimônios culturais, sobretudo a festa, dos usos daqueles que vêm de fora. Discute-se como os moradores se representam, defendendo, como pertencimentos, os festejos e os lugares.

Neste processo de transformação dos lugares pelos usos, problematiza-se, também, em que grau as comunidades rurais se tornam espaços de lazer e de turismo para os moradores urbanos de Uberlândia e Araguari. Como nas festas comunitárias há muitos visitantes, questiona-se se, nos territórios camponeses, esses eventos estão sofrendo perdas dos seus espaços e/ou adaptações e metamorfoses; se os camponeses modificam a concepção das festas; se estão vivendo, no turismo receptivo, um controle sobre os usos do espaço e se, nesse movimento, conseguem suavizar as mudanças no território.

Sobre a recepção de visitantes, nas comunidades e em algumas propriedades, questiona-se se isso poderia estar indicando uma opção entre a

saída do camponês e a sua permanência no campo ou entre deixar de ser camponês ou não. No contexto da pesquisa, considera-se a aceitação ou recusa do visitante na comunidade e, dessa forma, analisa-se até onde essas manifestações poderiam corresponder a uma consciência sócio-espacial.

Considera-se, então, que as formações dos lagos reúnem um conjunto de possibilidades reais e concretas para a existência metamorfoseada dos camponeses e suas comunidades. No trabalho de campo, procurou-se observar as situações que poderiam propiciar, aos camponeses, algumas condições para poderem decidir e, no contexto das possibilidades existentes, fazer dos recursos sócio-espaciais, visíveis nas paisagens, com valor turístico, uma forma de ganhar a vida. Também foram observados os desencontros, pois, de um lado, havia o espaço gerado pela modernidade técnica capitalista, as novas racionalidades, a linearização do tempo e, de outro, mesmo transformado, adaptado, traços do antigo, do tradicional modo de vida camponês.

As moradias camponesas, as plantações, as capelas, as instalações, a vegetação e os animais, dentre outros elementos próprios do seu modo de vida, antes não formavam uma paisagem homogênea – formavam um lugar com identidade própria. Os lagos são uma paisagem homogênea. Mas, paradoxalmente, no confronto com a paisagem camponesa, continua a existir a heterogeneidade e persistem as identidades. Não desaparecem os produtores tradicionais, permanecem na paisagem os resíduos de um modo de vida que passa a fazer parte das formas de atração para o visitante. Nesse processo, os próprios camponeses vão reconhecendo os seus patrimônios materiais e imateriais como atrativos e inserindo-os como elementos e fatores importantes para oferecer, aos visitantes, uma opção diferente de lazer.

Nesse turismo que se manifesta a partir dos lagos, o moderno e o tradicional traduzem contradições e antagonismos. As relações tradicionais, embutidas nos costumes e nas práticas sociais do camponês, foram sendo percebidas como residuais de tempos pretéritos, mas se estabelecem, neste

momento, com fortes vínculos com as suas habilidades produtivas e com o uso dos recursos de suas propriedades, bem como com suas habilidades para receber visitantes.

Como parte da modernidade, em suas propriedades, desenvolvem atividades não agropecuárias abrangidas em uma lógica que articula e redefine os seus patrimônios culturais materiais e imateriais. Tudo ou quase tudo que se tem na terra do camponês é um atrativo que tende a se tornar uma mercadoria. Neste movimento, criam e também recriam produtos para serem comercializados. As relações sociais de produção modificam-se e ajudam a suportar o ônus de viver em um espaço reocupado por agentes capazes de exercer forte influência nos seus territórios. Desse modo, a propriedade familiar se redefine e cada vez mais se afirma como participante de trocas e de negócios, envolvendo o turismo.

Mas essa combinação não se generaliza, pois a atividade se apresenta como possibilidade somente para alguns camponeses. As formas pelas quais o camponês se organiza, na sua propriedade, para receber o visitante, são analisadas a partir das formas, dos jeitos com que a sua família se arranja para ganhar a vida.

Nas propriedades camponesas que praticam alguma atividade receptiva, percebe-se, claramente, o modo de vida e de organização familiar na atividade turística que, por isso, transfigura-se em sociabilidade: é nas moradias, nas casas das famílias que se recebem as pessoas, disponibiliza-se a propriedade para o visitante e visa-se deixá-lo à vontade. Isso significa que, quando o camponês abre a sua propriedade e permite que o cliente sirva-se, por exemplo, no fogão, ele não está sendo apenas solícito. Ele e a sua família compreendem que essa prática tornou-se um diferencial pelo qual o de fora sente-se seduzido. Desse modo, o camponês percebe aquilo que ele tem à sua disposição, na propriedade, e nesta perspectiva transforma a solicitude camponesa em uma possibilidade de atrair e receber o turista, de tornar as suas tradições uma forma de ganhar e receber turistas. No estudo do segundo

capítulo, percebe-se, como estratégia receptiva do camponês, a oferta ao cliente do conforto que se dá aos compadres, vizinhos, parentes, amigos, quando uns vão passear nas casas dos outros.

Desse modo, analisa-se se há, necessariamente, uma reinvenção da propriedade camponesa, principalmente no reordenamento sócio-produtivo e se essa reinvenção é suficiente para se compreender o uso dos elementos materiais e imateriais do modo de vida camponês, nas práticas voltadas para o turismo receptivo. Nessa relação entre o modo de vida camponês e o turismo receptivo, o camponês entra no capitalismo, mas ele somente consegue se envolver com o turismo se não deixar suas práticas camponesas, seu modo de ser, agora envolvidas em um processo de reprodução que também almeja o lucro – um lucro que permite a existência social da sua família, portanto, não com o fim exclusivo de se acumular riqueza. Na verdade o camponês já mantinha relações com o mercado capitalista, como ao vender o leite produzido para os laticínios ou vender produtos na feira. É como se ele passasse pelo mercado capitalista, entrando e saindo.

Na análise da propriedade, observa-se que o modo de vida camponês, mesmo que tenha tido adaptações, revela comportamentos não padronizados, nos moldes de uma exploração capitalista do turismo. Na Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari estão ocorrendo relações não exatamente capitalistas de exploração do turismo, mas numa outra lógica social e em territórios camponeses. A propriedade camponesa poderia estar se reinventando e criando uma forma de gerar renda, sem romper com a identidade específica de uma realidade rural ainda que em transformação? Na sua essência, esse camponês não é capitalista, mas é preciso compreender essa lógica camponesa que, na relação com o turismo, almeja também o lucro naquela atividade; portanto, na relação com o mercado, promovem-se mudanças. O lucro corresponderia a um salário? Seria uma quase proletarização?

O saber fazer camponês torna-se um leque de possibilidades para gerar, a partir do turismo, ganhos/lucros para a família. Mas, as diferenças entre os

rendimentos obtidos e a pequena agropecuária e o turismo receptivo podem interferir, em algum momento, nesse modo de ser e viver? O trabalho de campo mostra que há diminuição das atividades agropecuárias, à medida em que o turismo receptivo requer dedicação e tempo, mas é cedo ainda para concluir se a essência camponesa, com isso, sofrerá alterações.

De acordo com a concepção de turismo, alimentada, nutrida e propagada pelo capitalismo, nesse camponês, identifica-se um modo distinto de exploração da atividade que indica, a existência de formas particulares de se oferecer turismo e lazer aos visitantes.

Raramente os pesquisadores brasileiros se interessaram pelo turismo enquanto possibilidade de existência camponesa. Talvez, precisamente, porque no espaço rural o camponês seja visto como alguém que se reproduz apenas pelo trabalho na roça, como alguém atrasado, que recusa o lucro, portanto, incapaz de se reproduzir explorando as possibilidades geradas pelo mundo moderno. No caso em estudo, as Hidrelétricas não tiveram influência direta na reordenação sócio-econômica de todos os camponeses, mas a presença dos visitantes, em grande número, afeta, de alguma maneira, a vida da população das comunidades rurais da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari. Por exemplo, durante o trabalho de campo, foram ouvidas reclamações dos camponeses da falta de cuidado com o lixo, principalmente com as sacolas plásticas, geralmente de supermercados, que, ao serem jogadas nas estradas, vão parar nos pastos; o gado pode ingerir esse plástico e acabar morrendo de complicações no aparelho digestivo. Portanto, existem conflitos entre os que aderiram e os que não aderiram ao turismo. Quando consideramos as contradições, há descontentamento por parte dos que vivem somente da pecuária leiteira, quando estes reclamam do lixo, da presença das motos e, principalmente, da multidão, em suas festas comunitárias.

O que se analisa são as possibilidades de se usar aquilo que já existe no lugar, como, por exemplo, as habitações, a culinária/gastronomia, as festas, os lagos, as paisagens – o espaço que, pelos usos, assume outros contornos que

podem ajudar a compreender, sobretudo, a permanência desses produtores camponeses no lugar e na defesa do território. Isso significa que as iniciativas turísticas camponesas não podem ser tratadas como sendo o extremo oposto do turismo, enquanto mercadoria. Nem que se pode negar a influência dessa atividade na possível transformação do camponês. Também não se pode defender que o turismo seja a salvação de todo camponês.

A experiência estudada é repleta de significados e, por isso, foi necessário analisar, no lugar vivido, as especificidades das relações entre os produtores camponeses e o turismo. No turismo que esse camponês pratica, encontra-se uma distinção sócio-espacial, pois, no espaço rural, em seus territórios, ele age diferentemente da padronização dos serviços turísticos percebidos nos hotéis-fazenda existentes, por exemplo, em Uberlândia, MG.

Nas propriedades camponesas, os pomares, as hortas, os galinheiros, os chiqueiros, o forno e o fogão à lenha, os currais, ou seja, o patrimônio, no fazer turismo do camponês, não é destruído. Em verdade, boa parte daquilo que já existe na propriedade se junta e parece ser resultado da (re)invenção e adaptação camponesa para ganhar clientes e realizar ganhos/lucros monetários.

As cozinhas das casas camponesas são esfumaçadas, grandes, sem forros, com móveis rústicos, mas, como eles próprios dizem, limpas; e com algumas tecnologias, como outro fogão, a gás ou uma geladeira e, em alguns casos, um forno de microondas. É na cozinha que se confirma o domínio da família, do saber fazer feminino e da culinária/gastronomia, como um patrimônio; ela é símbolo da fartura e da própria sociabilidade do camponês. A cozinha é um lugar de reunião. É parte importante da atração, do fascínio que a propriedade camponesa exerce sobre os de fora. É também neste espaço que a mulher aparece, concretamente, como responsável pela produção de valores.

Desse modo, aqui tomam-se as atividades de turismo receptivo como uma possibilidade de reconstituição camponesa e, neste caso específico, jamais

como negação da sua capacidade de criar e de inventar, bem como de se emancipar, socialmente, na modernidade e na relação com a utilização do espaço criado pelo capital. A pequena produção camponesa, que em parte vivia nos limites da sua manutenção, pode ter encontrado, no turismo, uma possibilidade de existência. Os membros da família camponesa, ao desenvolverem atividades turísticas em suas propriedades, estão interessados, sim, em assegurar sua reprodução física e social e, abrirem parte de suas propriedades e se tornarem receptivos aos visitantes, sustentam a diversificação das suas atividades tendo por base o seu próprio trabalho familiar. Seus afazeres intensificam-se e diversificam-se, tornando-se mais complexos. Isto representa perda de parte de sua autonomia, em termos de controle da propriedade, da produção e do trabalho familiar?

O levantamento desses problemas permite considerar a existência de diversas lógicas, inclusive a capitalista, nesse processo de ganhar a vida e, então, se analisa como elas se encontram em operação na nova atividade. É fundamental elucidar que, com a lógica capitalista impingida nos procedimentos enredados para receber turista, como já estava na venda do leite e outros pequenos excedentes, por exemplo, o camponês vai viver novas experiências, nas quais ele vai utilizar certos expedientes próprios da sua vivência, que são os que ele tem ao seu alcance, para enfrentar os novos desafios do mundo moderno.

Neste sentido, ao se estudar o lugar vivido, analisam-se, também, os significados de se estar no lugar onde os lagos mudaram as paisagens. Na vida de alguns camponeses, esse fato assume possibilidades de existir apropriando-se do espaço como matéria-prima para trabalhar com o turismo e redefinir os seus territórios, material e simbolicamente. Desse modo, a sua relação com as novas atividades pode significar, no limite, uma forma particular de uso do espaço, não apenas com sua existência física, material e produtiva, mas simbólica e com importantes implicações na redefinição dos seus vínculos territoriais.

Importante notar que, sendo o uso a principal forma de apropriação dos recursos do espaço, a condição territorial dos produtores tradicionais poderia sofrer outras implicações, quando ele aceita ou não tem como recusar, a presença dos visitantes, no lugar vivido e nas festas comunitárias, que também estão usando esse espaço, já usado pelas Hidrelétricas.

Essa relação do produtor tradicional com os visitantes é totalmente diversa da sua relação com o mercado agropecuário. Antes ele ia ao mercado, agora o mercado vem até ele. Esse fato é importante na constituição do espaço social e, entendido naturalmente pelo camponês, não lhe trouxe tantos “prejuízos” econômicos, mas algumas mutações sócio-espaciais. Segundo Heidrich (2006),

O que se observa hoje na escala local é que os processos de integração do lugar ao mundo têm conduzido à perda da atual coesão comunitária. É no lugar que se observa a fragmentação da solidariedade territorial, pois pelo seu eixo indivíduo ou comunidade apresentam os vínculos com todas as escalas. Ao mesmo tempo participam de uma complexidade que múltiplas territorialidades, que ora fortalecem, ora enfraquecem seus vínculos com os vários âmbitos da integração (HEIDRICH, p.28, 2006).

Entendido como criação e recriação e como a qualidade primordial de ser coletivo, o espaço também é constituído pelos legados sociais, culturais, aquilo que se territorializou, em outros tempos e que continua movimentando a vida das pessoas, nos lugares. Esses aspectos, na área de estudo, levam os sujeitos sociais, em alguns momentos, no lugar vivido, sobretudo nas festas, a continuar agindo como grupo identitário ligado às tradições e costumes locais. Assim, pode-se entender que, mesmo no dinamismo da vida moderna, “[...] o lugar é vivido em conjunto com outros, por isso é essencial afetividade. Essa dimensão afetual dá ao território uma noção ampliada que o espaço físico não tem. Não se é ligado a um espaço físico: se é ligado a um território efetivo-existencial.” Petersem (1995, p. 47)

A formação de territórios apresenta-se relacionada às mutações do espaço e proporciona, como resultado, o desencontro entre as várias

temporalidades e lógicas sociais decorrentes das condições materiais e imateriais, simbólicas que os sujeitos sociais que vivem no lugar detêm. Entende-se, também, que os novos usos do espaço, proporcionados pelas habilidades dos sujeitos sociais, os produtores tradicionais, não se apartam das condições indispensáveis (recursos naturais, instituições, populações, dentre outros) do território. As Hidrelétricas, ao inundarem terras das populações tradicionais, instituem as condições de reprodução dos capitais investidos, mas não infligem, aos produtores, uma aderência incondicional aos seus domínios e organizações sociais instituídas por seus agentes. Desse modo, o território e as territorialidades camponesas e comunitárias, para permanecerem, precisam se articular com aquilo que já existe, ou seja, usar das condições sócio-espaciais em que se encontram envolvidas as pessoas e dos lugares.

Trata-se de um processo que não se efetiva sem aquilo que já existe. O lugar vivido pelo camponês, na Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, reocupado (por ele e pelas Hidroelétricas), e ainda que transformado é o seu território de onde ele, conjuntamente com a sua família, estabelece as conexões com o mundo.

A partir dessas considerações, a questão que se coloca, neste trabalho, refere-se à importância que as comunidades tradicionais têm, enquanto lugares, no espaço social reocupado pelas duas Hidrelétricas.

Segundo Carlos (1998), o lugar não é uma questão de escala espacial e temporal. É parte do espaço criado pelo processo desigual de desenvolvimento, é onde se decompõe o espaço, desde que não seja visto isoladamente. Nas palavras da autora,

O lugar pode ser uma maneira de decomposição do fenômeno espacial ou um modo de colocar-se a questão da diferenciação, mas isso só ocorre se transcende a ideia dele enquanto fato isolado. Nesse sentido o lugar não seria definido pela escala, mas como parte integrante de uma totalidade espacial fundamentada no desenvolvimento desigual (CARLOS, 1988. p.47).

Esse lugar, essa parte de um espaço que se desenvolve desigualmente e, por isso, é diferente de outras, pode ter/manter as suas próprias temporalidades e lógicas sociais, diferentes. Mesmo sob o modo de produção capitalista, essas comunidades rurais são expressões concretas da heterogeneidade do espaço. Isso significa que o lugar, ou os lugares das comunidades rurais, mesmo nas suas diferenças e particularidades, não deixam de ser partes integrantes do espaço social e de viver na relação com o mundo as suas próprias contradições. E, sob o modo de produção capitalista, é onde se organizam, no tempo, as diferentes formas de relações, historicamente constituídas, que particularizam além da produção e reprodução ampliada do capital, no espaço, a vida das pessoas, no caso em estudo, os camponeses, em suas várias formas, sentidos e representações sociais.

Esses camponeses não são somente produtores de mercadorias; não são tão somente funcionais à produção e reprodução do capital e à introdução de atividades turísticas no território. Diante das modificações que o espaço do lugar vivido sofre, esses camponeses, estão dando um sentido próprio, diferente, particular, a essas modificações, estão imprimindo nelas a sua lógica e incorporando esse espaço em seus territórios.

Desse modo, a compreensão da criação e da recriação de atividades não agropecuárias e suas implicações no território é um modo de apreender o movimento, as incoerências e as alternativas, nas relações entre os produtores camponeses e o espaço transformado. Assim, as condições nas quais os produtores camponeses existem, na área afetada pelas Hidrelétricas, parecem simular possibilidades de inclusão do espaço, consagrando um processo complexo que vai envolvendo o campones, ao mesmo tempo, que cria redefinições das relações sociais e de produção, expressando inéditas possibilidades para uma existência redefinida da condição camponesa.

Essa circunstância pode ser analisada, de forma geral, em dois sentidos, aqui entendidos como adversos: o uso do espaço, como matéria-prima, e as contradições representadas pela incorporação de atividades não agropecuárias

no trabalho e no processo produtivo camponês. Isso tudo envolve o território e as territorialidades existentes na Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari que, nesse contexto, sob determinadas condições técnicas, sociais e culturais, permite, ao camponês, pelos usos do espaço, existir de forma particular.

É necessário admitir que nem tudo ocorre e se aclara somente ou completamente, pela lógica da reprodução capitalista, embora esta seja hegemônica. Diferentes racionalidades sociais, inclusive de produção, capturadas/usadas conjuntamente em períodos/momentos diferentes, mas sobrepostos, no mesmo espaço, acabam por criar temporalidades sócio-espaciais muito específicas, como as comunidades tradicionais rurais em estudo. Esse fato/situação leva à concepção da existência/criação de territórios, tanto com suas adaptações econômicas quanto com suas origens históricas e culturais.

O procedimento metodológico da pesquisa tomou, como ponto de partida, as mudanças que as Hidrelétricas estavam provocando, no território das comunidades tradicionais. Como essa situação é um processo, no campo, em vários momentos, procurou-se agir identificando aquilo que estava em transição. Ao considerar o modo de vida das pessoas, dos lugares, percebeu-se que, de alguma forma, seus conteúdos estavam sendo usados para nutrir novas atividades e racionalidades humanas. Foram procuradas as pessoas que estavam vivendo essa transição e preocupou-se em explorar a sua apreciação crítica. Também descobriu-se que não eram apenas os produtores tradicionais que estavam vivendo as metamorfoses do espaço social; as transformações decorrentes do processo de (re)ocupação da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari tinham chegado aos níveis mais profundos da vida individual e coletiva, gerando consequências para as festas, os lugares comunitários, os fluxos de pessoas, as atividades produtivas, os modos de vida, os territórios e as territorialidades camponesas. No entanto, esse movimento não parecia negar ou aniquilar os modos de vida existentes nos lugares. As mudanças apresentavam-se como uma recriação vinculada àquilo

que já existia. É dessa condição de lugares vividos que se pôde perceber, nas falas e nos comportamentos das pessoas entrevistadas, uma forma de representar o seu mundo, apresentando uma visão crítica sobre aquilo que as preocupa, por causa da presença dos visitantes, em suas comunidades.

Para a realização deste trabalho, foram adotados vários procedimentos metodológicos, pois em cada capítulo foram tratadas questões que exigiram encaminhamentos específicos. Foi dedicado tempo às leituras e análises das referências bibliográficas selecionadas, às visitas/trabalho de campo, às entrevistas, etc. Neste trabalho, objetiva-se refletir sobre uma realidade social e espacial que inclui camponês, turismo, espaço, lugar, território, modo de vida, sociabilidade, patrimônio cultural material e imaterial, cultura, simbolismo, pluriatividade, práticas e representação social e manifestações das crianças camponesas.

A leitura e o estudo cuidadoso dos materiais produzidos sobre a Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, organizados e disponibilizados pelo Laboratório de Geografia Cultural e Turismo, do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, fizeram parte de uma fase inicial da pesquisa. Os documentos EIA/RIMA, Estudo de Impacto Ambiental/Relatório de Impacto Ambiental, para o licenciamento ambiental das duas Hidrelétricas, foram de fundamental importância para efeitos de comparação dos fatos e fenômenos geográficos, em diferentes momentos. A partir desses documentos, acompanharam-se alguns acontecimentos pontuais, relacionados com a construção das usinas Hidrelétricas, nos municípios de Uberlândia, MG. e Araguari, MG. Essas fontes de informação ajudaram na compreensão da manifestação do turismo no entorno dos dois lagos e também da posição política dos camponeses e das comunidades rurais atingidas pelas duas Hidrelétricas.

No levantamento de dados primários, por meio de trabalho de campo, para o entendimento das iniciativas turísticas, dos modos de vida, bem como para avaliar a percepção, a compreensão, as adaptações e flexibilizações da

família camponesa e das comunidades rurais, frente às possibilidades turísticas, foram encontradas várias situações interessantes, dentre elas aquelas que envolvem a história de vida das pessoas, os sujeitos da pesquisa.

No campo, foi possível ir identificando, nas falas das pessoas, como esses projetos hidrelétricos chegam até o território, lugar do vivido, promovendo desencontros e contradições. Nessa introdução, o trabalho de campo aproximou/introduziu a pesquisadora nas comunidades rurais e foram encontradas informações que ajudaram a compreender os processos de formação de territórios, verificando como as Hidrelétricas foram/estão afetando a vida que se processa nos lugares. Para Santos (1999),

[...] o trabalho de campo, vai além da coleta de dados para o desenvolvimento de uma pesquisa comprometida com a realidade das populações, visto que será também um esforço acurado do pesquisador em lapidar esse diamante, que é a memória das populações em relação ao vivido. Esses procedimentos exigirão dos pesquisadores um respeito radical pelos modos de sentir, pensar e agir e reagir do outro (SANTOS, 1999, p.117).

As contribuições/esclarecimentos das incursões ao campo vão surgindo na relação com os lugares, na qual vão destacando-se conteúdos específicos de quem viveu as transformações, a partir da memória oral e do modo de vida das pessoas que participaram da pesquisa. Dos roteiros de campo, baseados nas histórias de vida, passou-se a contar com elementos que, “lapidados”, trabalhados na perspectiva de se comparar os fatos ocorridos entre o antes e o depois da formação dos lagos, permitiram conhecer e analisar, com profundidade, os sentimentos, as representações sociais e as experiências que tornaram possível a vida das pessoas nos lugares pesquisados.

No campo, observa-se, descreve-se e analisa-se o espaço rural das propriedades e comunidades do baixo curso, do Rio Araguari nos municípios de Araguari, MG. e Uberlândia, MG.¹⁵ Destacam-se, no conjunto de relações

¹⁵ Embora um dos lagos das Hidroelétricas (Amador Aguiar I), tenha atigido terras do município de Indianópolis - MG, no trabalho de campo verificou-se que as duas propriedades afetadas não formam nem fazem nenhuma comunidade rural.

sociais, repleto de informações sobre os pioneiros e sentidos sobre a vida nas comunidades rurais. Nas descrições das condições de vida, o camponês e a sua família faziam uma reconstituição do passado, natural e espontaneamente, ao falarem dos lugares, de si próprios e dos outros. Os relatos foram conduzidos pelos pesquisados; apenas em alguns momentos fazia-se intervenção, perguntando o porquê disso ou o porquê daquilo. Foram várias idas ao campo, com as quais se obteve certa abrangência de conhecimentos da vida dos informantes.

A história oral, na pesquisa de campo, possibilitou alcançar os objetivos do primeiro capítulo. Segundo Freire & Pereira (2006),

A história oral remete necessariamente à questão da memória. O relato oral restitui – de modo lacunar – o passado a partir do presente, o que quer dizer que toda a lembrança pertence ao passado e ao presente, se modifica segundo esse último [...] A história oral permite apreender como a memória de um grupo se constitui e se transmite, como ela ajuda a reforçar sua identidade e assegurar sua permanência para além da esfera da vida de seus membros individuais. Abre, assim, inúmeras possibilidades para o desenvolvimento de projetos para o estudo da memória coletiva e de suas relações com as lembranças individuais, em grupos e comunidades (FREIRE & PEREIRA, 2005, p.125-26).

Com o diálogo descobriu-se e compreendeu-se que o camponês desses lugares da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari praticava, até a metade da primeira década do século XXI, a pecuária leiteira e, nos usos dos espaços da propriedade e comunidade, agia procurando atender às suas necessidades, realizando a vida em suas várias dimensões. Com a modificação da paisagem, com o surgimento dos lagos, ocorreram adaptações e flexibilidades produtivas. As formas e conteúdos das organizações produtivas da família, suas relações sociais, seus ritmos foram revelados por esse camponês, em seus relatos. Privilegiou-se, nos diálogos, como fato novo, a presença dos lagos, que estavam atraindo visitantes para as comunidades rurais. Nas propriedades rurais, foram observados hábitos, costumes, tradições, habilidades e analisou-se como isso tudo estava entrando na relação com o turismo.

Nessa incursão ao cotidiano, analisou-se a existência de camponeses ao envolverem-se com atividades não agropecuárias. Neste início do século XXI, eles estão convivendo com uma (re)ocupação da Bacia Hidrográfica, materializada pela inundação de 63 Km² de área, correspondente à soma dos dois reservatórios do complexo hidrelétrico Amador Aguiar I e II. No baixo curso, do Rio Araguari os novos elementos, naturais e humanos, da paisagem se entrelaçam, dinamicamente, com as práticas rurais, acontecimentos que podem ser esclarecidos por fatores sociais, históricos, culturais e naturais, tais como a pecuária leiteira, agricultura camponesa, a cobertura/remoção da vegetação e a implicação da drenagem que, constitui o entorno dos dois lagos, sobre as características físicas estruturais (geológicas e hidrológicas), específicas e particulares da área em estudo.

O propósito era compreender os conteúdos culturais, econômicos e físicos das paisagens. Excetuando-se os conteúdos físico-naturais, os outros têm a característica da humanidade. Analisaram-se as relações e as práticas sociais que aconteciam nos lugares e como elas se expressavam no cotidiano, num momento em que grandes obras estavam transformando a paisagem e a vida nos lugares. No trabalho de campo, para além da observação, estabeleceram-se uma leitura e uma interpretação sobre a percepção que os camponeses começavam a ter do lugar e da própria história do lugar. Nas quatro comunidades, foram ouvidos os informantes chave, anciões e lideranças das comunidades rurais. A partir da memória expressada oralmente, obtiveram-se as informações necessárias para analisar os conteúdos desse espaço pretérito e compreender, naquilo que continuava existindo, os elementos culturais, éticos, morais, transpostos para um fazer turístico que se processava como possibilidade de diversificação de atividades.

No primeiro capítulo procurou-se, a partir do modo de vida, as substâncias intrincadas nas adaptações e flexibilizações da família camponesa, na relação com o turismo, para obter as condições de permanência no espaço rural. A organização dos empreendimentos, para a geração de energia elétrica, seguia, na sua objetividade, os conteúdos técnicos para se obter, o mais rápido

possível, a remuneração dos capitais investidos. Essa aceleração era percebida pelos camponeses, que se surpreenderam, mas logo compreenderam, no lugar, a complexidade do processo.

No segundo capítulo, estuda-se a condição sócio-cultural do camponês que vive na Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari. Esse sujeito social apresenta características produtivas e culturais profundamente flexíveis às mudanças; por isso, usa os lagos como matéria-prima e, de diversas maneiras, vive o lugar e realiza seus ganhos/lucros. Essas características começaram a ser percebidas, na área de estudo, quando esse camponês, juntamente com a sua família, passou, na propriedade, a diversificar as suas atividades. Essa mudança poderia ser pensada de várias formas e de diferentes perspectivas.

Neste segundo capítulo, há uma abordagem mais abrangente na comunidade Tenda do Moreno, no município de Uberlândia, MG, que apresenta um número importante de famílias desenvolvendo o turismo receptivo. Na comunidade Tenda do Moreno identificamos onze iniciativas turísticas que incluem, além de oito lotes dos assentados pelo Consórcio Capim Branco Energia (CCBE) mais três famílias que abriram as suas propriedades para receber visitantes. Nesses casos, a reprodução de aproximadamente cinquenta pessoas, membros da família, como força produtiva, não resulta, totalmente, do trabalho despendido para atender os visitantes. Os resultados econômicos conquistados com essas atividades entram como rendimento/lucro do camponês, mas não livram os camponeses do trabalho na produção de alguns produtos agropecuários.

O camponês, hoje assentado pelo Consórcio Capim Branco Energia, no assentamento “Vida Nova”, e que vivia como peão nas propriedades rurais atingidas pela formação do lago da Hidrelétrica Amador Aguiar I, percebe, nessa possibilidade de ter acesso à terra para trabalhar, também uma forma de usar o lago. Nessa condição anularam-se, em grande parte, reações ao processo de desapropriação ao qual foram submetidos.

Para esse camponês, o turismo tornou-se uma condição nascida de uma grande obra, que gerou possibilidades de reproduzir a família em seus próprios lotes de três hectares. Diversificando as atividades produtivas, poderia reproduzir-se como camponês. A avaliação econômica do camponês, sob essas condições, era trabalhar com o turismo receptivo, na intensidade necessária para reproduzir a família, a qual teria por compromisso avaliar sua plena absorção.

Desse modo, quando se avançou na análise do processo histórico dos camponeses assentados, observou-se o surgimento de novas relações sociais, que incluem o turismo e, em certos casos, o emprego em trabalho assalariado. Também nas propriedades rurais envolvidas com iniciativas de exploração turística, marcadas pelas relações sociais e mediadas pelo simbólico, apresentam-se, nos usos da paisagem, do espaço e na sua íntima relação com o vivido, flexibilizações e adaptações da propriedade e da família, bastante expressivas para se compreender a manifestação desse fenômeno.

Neste caso, o camponês se apresenta como um produtor familiar que não mais vivia apenas das atividades agropecuárias tradicionais, tais como produção de leite e plantações de roças de subsistência, com sobras direcionadas para o mercado, mas como um produtor familiar que recebe visitantes nas suas propriedades, oferecendo-lhes serviços e produtos, que envolviam, principalmente, a culinária/gastronomia camponesa. Tratava-se de uma oferta que continha uma relação imediata e mediada pelos valores humanos, mais especificamente dos saberes e fazeres, manifestados no lugar vivido e transformados em produtos para gerar renda e trabalho. Para orientar a compreensão do pensamento desse produtor familiar, foi relevante analisar a organização do trabalho, que é familiar, trazendo, à luz do debate, referências e informações, como uma maneira importante para a compreensão dos componentes do modo de vida camponês e das suas formas produtivas.

A partir de visitas às propriedades que apresentavam iniciativas turísticas, foi possível compreender em que condições esse produtor, nas relações com a família, com a propriedade e, em certa medida, com a comunidade, utilizou essa capacidade de se flexibilizar e se adaptar e de se (re)territorializar, dentro dessa manifestação sócio-espacial, fixa em um dado lugar.

No caso em estudo, na comunidade Tenda do Moreno, o camponês parece agir compartilhando identidades, pertencimentos, experiências, práticas sociais, que se apresentam como fundamentos da vida. As ações e reações do camponês assumem um sentido de defesa e de adaptação das imposições que vêm do mercado e do espaço. Assim, as formas de organização da propriedade se dão de maneira que esse camponês passa atender as demandas. Quase tudo que há na sua propriedade torna-se um atrativo que tende a se tornar uma mercadoria. A terra, como patrimônio, é repensada na perspectiva de ofertá-la. A represa é usada e apropriada pelo camponês sob a lógica de torná-la um recurso para o turismo.

No terceiro capítulo, estuda-se como ocorre a relação dos camponeses com os visitantes nas festas típicas desses camponeses e os diversos usos que ambos estabelecem com os lugares e com as festas, como patrimônio comunitário. Essa análise e essa reflexão remeteram ao tempo ou aos tempos em que foram criadas as festas, pelos sujeitos sociais. Neste capítulo, considerou-se, em cada uma das quatro comunidades, a festa de seu santo padroeiro e, eventualmente, a festa dos Santos Reis, por ser comum a todas elas. Aqui, dedica-se especial atenção à relação que as pessoas dos lugares mantêm com os de fora. Em cada comunidade foram informantes chave as pessoas envolvidas com a organização das festas. Foi identificada a doação relacionada ao ato de fazer a festa como uma questão importante para a construção dos territórios camponeses. Examinaram-se as razões de fazer a festa como doação, a permanência desse princípio e as práticas e representações sociais associadas a ela.

Na lógica da festa, observou-se a tolerância que os membros da comunidade têm, tanto para com aqueles que consomem a festa, que são visitas, como para aqueles que não conseguem realizar os festejos, só deles participam. O lugar se revela, a partir da festa, como resultado do cruzamento do tempo/espço de quem faz a festa e daquele que a recebe como doação, o visitante/turista e as outras pessoas da comunidade, mas dando-lhe valores diferentes.

Também a partir das festas, procurou-se, compreender a consciência territorial dos camponeses. As festas vêm sendo visitadas por milhares de pessoas, mas inicialmente eram eventos para as comunidades apenas. Então, a consciência territorial que elas criam poderia ser – e é – relativa e relacional às suas identidades, pertencimentos e enraizamentos ao lugar vivido. Foram encontradas e exploradas evidências dessa consciência nas falas de quem faz as festas, principalmente, quando se referem à história deles pelo destaque que dão à quantidade de tempo em que já as realizam ou de que participam dos eventos. Conta também o conhecimento que as pessoas detêm dos lugares sagrados e comunitários, dos preparativos, dos seus códigos, simbolismos e rituais. Tudo isso foi criando condições propícias para a crítica, a reflexão sobre as festas, suas contradições e as manifestações dos sujeitos sociais envolvidos, bem como sobre as formas de proteger a festa, o território e as territorialidades de quem faz a festa.

Um fato interessante é que a hospitalidade natural dos camponeses e o valor das festas como oportunidade de trocas sociais não permite ver nelas um produto a ser vendido. Elas se colocam na posição de quem recebe convidados e não pode recusá-los, porque iria contra a ética deles. Se há críticas e contradições é porque, de fato, eles sentem que suas festas estão sendo invadidas.

A consciência territorial dos sujeitos de pesquisa, na situação das festas, pode ser relacionada ao que Heidrich (2006) afirma, ao tratar de agricultores ecologistas:

As comunidades de agricultores ecologistas têm, por seu turno, um forte vínculo de consciência territorial, de compreensão de sua existência ligada à natureza e ao sentido da vida. Apresentam por sua vez, rupturas com a territorialidade moderna pela ressignificação de sua produção agrícola, de ser orientada por um valor ético ecológico-comunitário e não absolutamente mercantil (HEIDRICH 2006, p.11).

Além de se acompanhar a festa de Santos Reis e as dos santos padroeiros das quatro comunidades, durante um ano foi observado o fluxo de visitantes, seus comportamentos e usos dos lugares públicos das comunidades rurais. A partir de roteiros pré-estabelecidos, procuraram-se observar, nos espaços públicos das comunidades, comportamentos, comparados com os que ocorriam nas festas e quando as visitas ocorriam fora dos períodos dos festejos, principalmente aos finais de semana e feriados, nos bares e restaurantes.

Nas festas, percebe-se que a consciência territorial aparece e se manifesta, em cada camponês, com fortes conteúdos de subjetividades. São variadas nuances de valores humanos. Em defesa da festa, utiliza-se uma mescla de valores culturais, historicamente incorporados pelas práticas camponesas aos territórios, sendo que nem todas as motivações são exatamente religiosas ou identitárias. Há também interesses pessoais, importantes para se pensarem os vínculos territoriais e a própria defesa dos lugares e das suas festas. Também se questionou se a festa para a comunidade é possível quando ela atinge um número de 5.000 pessoas; como ficam os outros aspectos da festa, principalmente o mercado que fatura com a festa, prestígio político, quando gestores públicos, por exemplo, se apropriam das tradições dos festejos para se promover como candidatos, à cargos públicos, e, obtêm ganhos políticos.

No quarto capítulo, considera-se a criança como membro das famílias camponesas e comunidades rurais capaz de perceber as transformações espaciais no lugar vivido. Esse interesse pela criança e sua valorização, como sujeito de pesquisa, ocorre porque, tanto nas famílias como nas comunidades, a sua presença é marcante, desempenhando até mesmo atividades produtivas

e de liderança nos festejos; são os chamados “festeirinhos”, uma iniciação ao posto de festeiro. Talvez essa valorização das crianças, essa participação, seja um dos traços mais marcantes da identidade camponesa. Nessa observação, interessaram as representações que as crianças poderiam fazer do lugar vivido, tendo como tema o turismo. Essa iniciativa é resultado da experiência como educadora e por se confiar que há um conhecimento anterior do espaço vivido que, além de permitir ensinar Geografia, pode ajudar a compreender melhor os fatos e fenômenos sócio-espaciais, a partir da visão da criança. Em verdade, não se trata da visão da criança, mas do conhecimento que ela recebe, na família, e que a habilita a interpretar o mundo vivido, e no caso do turismo, reivindicar e defender certos espaços como sendo seus.

A ideia de também considerar a criança como informante prosperou quando, nas duas escolas que aceitaram participar da pesquisa, na área atingida pelas duas Hidrelétricas, solicitou-se, após expor os objetivos, a realização de desenhos sobre o lugar vivido. Antes de desenvolver os trabalhos, fez-se uma palestra para os professores e alunos, mostrando as transformações ocorridas na Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari e conceitos relacionados ao turismo, a partir de exemplos das iniciativas turísticas encontradas, na própria área de estudo. Apresentaram-se alguns temas relacionados ao turismo que poderiam estar vinculados ao espaço vivido pelas crianças e, de forma lúdica, os objetivos, destacando-se a importância, para a pesquisa, de se conhecer as técnicas de produção que a família praticava no espaço rural, como eles percebiam a natureza do Cerrado, os tipos de festas existentes na sua comunidade, as comidas típicas, as principais preocupações das crianças com as pessoas que vinham visitar as comunidades, a localização da comunidade, a existência de propriedades que desenvolviam algum tipo de atividade que não era agropecuária, tais como restaurante, *camping*, bares, pesca e passeios de barco, dentre outros.

Trabalhou-se com 32 desenhos, procurando observar, a partir da representação gráfica, a compreensão das crianças do espaço vivido. Além do

desenho, analisaram-se as falas, os pequenos textos que, por vezes, elas acabavam colocando, como complemento das suas representações.

A pesquisa foi realizada com alunos de 4^a e 5^a séries do Ensino Fundamental, nas escolas municipais de Uberlândia, MG: Antonio Martins da Silva, no Distrito de Martinésia (área de abrangência da Hidrelétrica Amador Aguiar I) e Escola Municipal do Moreno, na comunidade Tenda do Moreno (área de abrangência da Hidrelétrica Amador Aguiar II).

Justifica-se a utilização do desenho, segundo bibliografia consultada e indicada no quarto capítulo, em primeiro lugar, pelo fato de que as crianças, quando desenhavam, priorizam aquilo que tem maior relevância para elas. Conhecer e estudar o relevante para uma criança, a partir da Geografia, é uma forma de também compreender o espaço, em detalhes. Em segundo lugar, no desenho é possível verificar os envolvimento, sentimentos, conhecimentos que ela tem sobre o lugar vivido e as suas preocupações/implicações e cuidados em relação à presença de visitantes. Em terceiro lugar, pode-se verificar se tudo aquilo que havia sido observado, descrito e analisado, tendo por base o discurso do adulto, repetia-se ou confirmava-se no desenho da criança. Um dos principais objetivos foi verificar quais as noções que esse sujeito social infantil tem sobre o seu modo de vida, seu lugar vivido, e como eles são transmitidos, culturalmente, pela família.

Os desenhos reúnem possibilidades de conhecer a realidade concreta, fazem parte da metodologia do trabalho de campo. Na observação da família, ao se perceber que a criança se relacionava com as atividades agropecuárias e não agropecuárias, considerou-se que elas poderiam e deveriam participar da parte empírica do estudo e, a partir de bibliografia consultada, foi possível valorizar a criança, como sujeito de pesquisa.

Neste caminho metodológico, a ideia central é decifrar um processo de transformação sócio-espacial em que a comunidade e a família camponesa se encontram, de alguma forma, envolvidas e atuando no lugar vivido e, neste

caso, com o turismo. Procurou-se compreender, a partir do cotidiano e da cultura dos produtores camponeses, como as crianças se articulam com o turismo, com a família, e, ainda, como percebem os elementos envolvidos na reordenação do espaço e as suas consequências para as atividades produtivas, para a geração de renda e trabalho. Como percebem os usos que a família realiza dos recursos disponíveis, no lugar vivido, e como interpretam a presença dos visitantes, nas suas comunidades. Como a criança camponesa representa os elementos naturais, humanos e culturais constitutivos do lugar, usados no espaço pela família e pela comunidade, na formação de novos territórios.

1 - As mutações do espaço e as mudanças de interesse camponês

1. 1. Espaço, território e paisagem nos lugares vividos

Ao se considerar comunidade, como as comunidades diretamente afetadas pelas duas Hidrelétricas construídas a partir do ano de 2005, na Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, objeto desta pesquisa, como uma manifestação de territórios e territorialidades históricas, culturais e socialmente constituídas, ou seja, como espaço é necessário analisar, os processos produtivos que foram se materializando em suas paisagens, pois, segundo Santos (1982),

O espaço não pode ser estudado como se os objetos materiais que formam a paisagem trouxessem neles mesmos sua própria explicação. Isso seria adotar uma metodologia puramente formal, espacista, ignorando os processos que ocasionaram as formas. Como analisar essa relação entre a estrutura e a forma, a sociedade e a paisagem? [...] Para interpretar corretamente o espaço é preciso descobrir e afastar todos os símbolos destinados a fazer sombra à nossa capacidade de apreensão da realidade. Isto quer dizer que não é suficiente tentar interpretar diretamente a paisagem nos seus movimentos, nem trabalhar exclusivamente sobre os elementos que a compõem. A noção de tempo é fundamental (SANTOS, 1982, p.40 - 41).

As relações de grupos sociais com a natureza à sua volta e as interferências daqueles nesta determinam o lugar, uma fração do espaço em relação às demais. Para se analisar os lugares, precisa-se chegar aos modos de vida e à compreensão de como a memória das pessoas pode contribuir para o entendimento dos vínculos territoriais mais fundamentais da comunidade. Assim, deve-se alcançar os resultados das relações sociais projetadas no espaço. As comunidades rurais, enquanto lugares, indicam, com seus

conteúdos históricos, sociais e culturais, como elas foram se formando e adquirindo as condições para as pessoas nelas viverem. Segundo Gomes (1997),

A Geografia é, assim, o ato de estabelecer limites, colocar fronteiras, fundar objetos espaciais, orientá-los, ou, em poucas palavras, o ato de qualificar o espaço; mas é também simultaneamente a possibilidade de pensar estas ações dentro de um quadro lógico, de refletir sobre esta ordem e sobre seus sentidos. Chamamos a atenção para o fato de que este arranjo físico das coisas é o que vai permitir que determinadas ações se produzam, ou seja, as práticas sociais são dependentes de uma certa distribuição ou “arrumação” das coisas, Não há por assim dizer, uma determinação ou um simples reflexo da sociedade no espaço. (GOMES, 1997. p. 36)

As fazendas, as chácaras, os sítios rurais, as pastagens, os roçados são objetos espaciais que tiveram seus limites e dimensões, estabelecidos a partir dos sujeitos sociais e fazem parte das paisagens rurais, configurações mais ou menos “duráveis”. Na área de estudo decorrem de longos e ricos processos históricos, complexos que permitem compreender como os modos de vida propiciaram acumulações de “objetos sociais” a partir de suas gerações. São frutos de mudanças sociais, em sua totalidade e multiplicidade. Portanto, se as formas naturais e culturais se integram, também se metamorfoseiam pela ação humana sobre elas, ao longo do tempo.

Em suas argumentações sobre o estudo da paisagem, Sauer(1988) considera ser fundamental “compreender” os vínculos ao espaço e as associações com o tempo para se pensar na influência mútua entre os elementos naturais e culturais. Por isso para o autor:

Não podemos formar uma idéia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas ao espaço. Ela está em um processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição. [...] No sentido **corológico**, entretanto, a modificação da área pelo homem e sua apropriação para o seu uso são de importância fundamental. A área anterior à atividade humana é representada por um conjunto de fatos morfológicos. As formas que o homem introduziu são [...] outro conjunto. (SAUER, 1998, p.42).

Em Geografia, o estudo da paisagem, devido às suas características, tanto físicas quanto humanas propicia considerar diferentes processos. Para Troll (1996):

[...] as paisagens refletem também transformações temporais e conservam testemunhos de tempos passados. [...] O termo paisagem geográfica diz respeito a um setor da superfície terrestre definido por uma configuração espacial determinada, resultante de um aspecto exterior, do conjunto de seus elementos e de suas relações externas e internas, que estão enquadrados pelos limites naturais das outras paisagens de caráter distinto. (TROLL, 1996, p 3 - 4)

Por isso, quando se fala de paisagens geográficas, como a da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, é preciso considerar que elas resultam de um entrelaçamento dos conteúdos físicos e humanos e “é preciso frisar bem que não se trata somente da paisagem natural, mas da paisagem total integrando todas as implicações da ação antrópica.” (BERTRAND, 2004, p. 141).

As relações sociais no lugar e o processo social de formação de comunidades envolvem a memória e simbolismos que as paisagens desses espaços expressam na conexão com o contemporâneo e o porvir, em sendo assim, a Geografia deve considerá-los, com o que concorda Cosgrove (1999):

Nos estudos culturais, a história é substituída pelo passado, pela memória, e então é trazida para sua íntima conexão com o presente e o futuro. A memória e o desejo constituem a temporalidade através da qual os lugares emergem como fenômenos vividos e significativos. Uma série de estudos recentes, tanto na geografia cultural quanto na própria história, revelou o grau em que a memória é social, tanto quanto individual: as relações sociais da memória [são] a memória das relações sócias, e são poderosamente importantes na constituição da identidade e do lugar. (COSGROVE, 1999, p.97).¹⁶

Para interpretar as paisagens é importante explorar as suas várias “camadas de significados” e, também, abordar as questões de poder, porque ele é expresso e mantido na reprodução da cultura presente no processo de ocupação de uma área. Para Cosgrove (1999) existe uma íntima ligação entre cultura e poder. Assim,

¹⁶ O autor, em outro texto de 1999, alerta para as perdas de significado das paisagens assinalando que: [...] nossa geografia deixa escapar muito do significado contido na paisagem humana tendendo a reduzi-la a uma impressão impessoal de forças demográficas e econômicas (COSGROVE, 1998, p.97).

Um grupo dominante procurará impor sua própria experiência de mundo, suas próprias suposições tomadas como verdadeiras, como a objetiva e válida cultura para todas as pessoas. O poder é expresso e mantido na reprodução da cultura. Isto é melhor concretizado quando é menos visível, quando as suposições culturais do grupo dominante aparecem simplesmente como senso comum. Isto às vezes é chamado de *hegemonia cultural*. (COSGROVE, 1999, p.104 - 105).

Andrade (2007), referindo-se às marcas que os pioneiros deixavam na paisagem, indica a atuação do sesmeiro João Pereira da Rocha, cuja demarcação de terras devolutas, no município de Uberlândia, MG, no início do século XIX, se processava delimitando o território por meio de marcas e símbolos. Nessa descrição, o autor cita Teixeira (1970), para exemplificar o modo pelo qual os entrantes do chamado Sertão da Farinha Podre, hoje (2010) regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, deixavam suas marcas na paisagem, indicando apropriação do espaço¹⁷.

O significado das paisagens é elemento que fundamenta a identidade individual e coletiva dos sujeitos sociais que nela agiram e dos que nela agem e a Geografia, ao tratar disso, contribui decisivamente para a formação dos cidadãos. Para Cosgrove (1999) é fundamental que as paisagens sejam:

[...] tomadas como verdadeiras de nossas vidas cotidianas estão cheias de significado. Grande parte da Geografia mais interessante está em decodificá-las. [...] A recuperação do significado em nossas paisagens comuns nos diz muito sobre nós mesmos. Uma geografia efetivamente humana crítica e relevante, que pode contribuir para o próprio núcleo de uma educação humanista: melhor conhecimento e compreensão de nós mesmos, dos outros e do mundo que compartilhamos (COSGROVE, 1999, p. 121).

Os conteúdos humanos presentes no uso do espaço da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari se materializam na paisagem. As formas de organização dos espaços comunitários, as tensões que os afetam e as relações sociais pertinentes a eles estão diretamente relacionados com a forma de apropriação das áreas tomadas por posse.

¹⁷ Teixeira refere-se às marcas nas paisagens do Cerrado, deixadas pelos pioneiros, como sendo de emprego de trabalho humano na abertura e legitimação de suas posses.

De acordo com Andrade (2007), um pioneiro na ocupação da região, o sesmeiro João Pereira Rocha, no início do século XIX, demarcou terras devolutas no então Sertão da Farinha Podre, hoje Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. A maneira como se fez é descrita por Teixeira (1970):

Foi aberta uma clareira no mato à beira do rio *Uberabinha*, como demonstração de posse do terreno devoluto, segundo a praxe dos primeiros entrantes em zonas abandonadas (TEIXEIRA, 1970, *apud* Andrade, 2007, p. 47.).

Para Andrade (2007), as origens dos procedimentos dos pioneiros, na territorialização da comunidade Tenda do Moreno, na área de estudo, no município de Uberlândia, MG, no início do século XIX, “estavam ligadas às características do povoamento luso-brasileiro [...]”.

O autor descreve a região em que estavam as terras devolutas:

O Sertão da Farinha Podre abrangia o extremo oeste de Minas Gerais, que atualmente (2007) compõe as regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e era formado pelos julgados de Nossa Senhora do Desterro do Desemboque, criado em meados do século XVIII, e de Araxá, criado em 1811. As terras pertencentes à região do antigo sertão estiveram sob o domínio da capitania de São Paulo até o ano de 1736. Nesse mesmo ano a posse desta foi requerida pela capitania de Goiás e por último, em 1816, foi definitivamente incorporada à de Minas Gerais (ANDRADE, 2007, p.47).

Esclarece, ainda, como eram feitas as concessões de terra no Brasil:

As sesmarias eram concedidas por intermédio das capitanias hereditárias, que formavam o Brasil no período colonial. O sistema de concessão de terras devolutas vigorou até o ano de 1822, ano em que ocorreu a Independência do Brasil. No período de 1823 a 1850, vigorou o sistema de posse livre de terras devolutas, que foi extinto pela Lei de Terras de 1850, a qual instituiu a compra e venda de terras como único meio de acesso à propriedade rural. Segundo Cândido (1997, p.59): “A sesmaria foi a maior fonte de propriedade no regime colonial, consistindo, como se sabe, na concessão de terra a quem requeresse legalmente, com a condição de lavrá-la dentro de seis meses. (ANDRADE, 2007, p.48)

Entre os principais motivos que levaram pessoas a requerer terras devolutas na região, estava a possibilidade de reproduzirem-se como fazendeiros, praticando a pecuária extensiva, sem que para isso tivessem que

mobilizar seus recursos financeiros. A partir dos estudos de Andrade (2007) é possível compreender que depois da Independência do País, em 1822, nem era preciso fazer a requisição, o sistema era de posse livre. O esgotamento das minas dos sertões do Centro-Oeste brasileiro, bem como do ouro e diamante, das regiões de Ouro Preto e Diamantina, contribuiu para o incremento da pecuária no Sertão da Farinha Podre.

Migraram para a região (Andrade, 2007) fazendeiros, agregados, posseiros, dentre outros habitantes de áreas rurais. A região do Triângulo Mineiro, sobretudo nas áreas mais férteis, tornou-se lugar de experimentação de pecuária extensiva e de relações sociais de produção envolvendo donos de terra, por a terem requerido ou dela se apossado, e aqueles que tinham, destes, permissão para nela viver, submetiam-se, para isso, a relações que os caracterizavam como meeiros, parceiros, rendeiros e agregados.

Desse modo, vê-se que a “paisagem social” não pode ser pensada como algo entorpecido, sem movimento, mas como uma construção humana, ativa e articulada aos enredamentos das relações sociais que possibilitam a existência de grupos humanos, a constituição e a defesa de seus territórios; portanto, não de uma existência particular, mas em inclusão com o sistema socioeconômico mais amplo e abstruso. O processo de tomada de posse das terras da região, por grupos humanos social e economicamente heterogêneos, transformou a paisagem, criando, nas sesmarias, enormes fazendas de gado, as quais tinham, como trabalhadores, um contingente expressivo de despossuídos do patrimônio terra.

Com a ocupação da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguaia por esses sujeitos sociais, houve um processo de produção dos lugares em que ocorrem, ao mesmo tempo, construção e destruição de formas e funções sociais já existentes e a expulsão de populações indígenas do Cerrado.

1. 2 - A formação das comunidades rurais na área de estudo

Ao se analisar o processo de (re)ocupação da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari a incursão histórica e o recurso à memória oral dos produtores rurais tradicionais permitiram compreender que o território das comunidades rurais da área de estudo resulta de várias situações sociais que propiciaram a formação de latifúndios, na região. A noção de formação territorial impõe que se considere, ainda, a de localização dos espaços sagrados, que vai distinguir uma comunidade da outra, no espaço da Bacia Hidrográfica. No caso em estudo, os cruzeiros, símbolos maiores do catolicismo, nas comunidades rurais, indicavam um grupo de fazendas e era referência para as famílias, proprietárias ou não, que cada fazenda abrigava.

Foto 01 - Antigo cruzeiro da Fazenda Pau Furado, na comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia – MG. A cruz foi erguida em pagamento de promessa. Fonte: Kinn, 2010.

A nossa família ergueu o cruzeiro aqui foi pra *juntá* o povo. Tinha muita gente nessas *fazenda* por aí... Aqui a gente não tinha Capela... Então a gente ergueu o cruzeiro pra gente *rezá*... Daí o povo *começô* a vim pra cá... A gente topava aí pela estrada com uma família e perguntava pra onde vocês vão... A gente vai lá pro cruzeiro, daí o tempo foi passando e ficou aqui como Cruzeiro dos Peixotos... Essa é a história que sei *contá* e que ouvi *contá*...¹⁸

¹⁸ Entrevista obtida, pela autora, com descendente da família que ergueu o cruzeiro, o que possibilitou, em sua propriedade, as primeiras reuniões comunitárias de cunho religioso. Comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2010.

Essas mesmas comunidades foram erguendo as suas capelas nos lugares onde antes havia apenas cruzeiros e foram gerando seus vínculos com o território, fazendo surgir distintas paisagens.

Foto 02 – Dia de festa na comunidade Salto, município de Araguari, MG. O pátio da capela de São Sebastião fica tomado pelos carros dos moradores e visitantes. No momento da procissão, o festeiro, quando necessário, solicita aos proprietários que retirem os seus veículos, para que os devotos possam cumprir com o ritual religioso. Kinn, 2010.

A nossa Capela de São Sebastião do Salto foi construída pelo povo das *fazenda* por volta de 1955. Naquela época a gente se *juntô* com as pessoa mais forte do lugar, assim, fazendeiro, e prá cumprir promessa pelas graças recebidas *fizemô* a Capela do Salto pra São Sebastião. O nome da capela é São Sebastião do Salto... Por que do nome? Foi uma homenagem pro São Sebastião, ele é um santo muito poderoso, protege o gado... Ele é um santo da nossa comunidade desde quando a gente fazia as *oração* no pé do cruzeiro.¹⁹

Se as relações sociais tornaram a fazenda, na figura do proprietário, uma instituição poderosa, principalmente do ponto de vista político, dotada de poder de mando sobre o território e sobre as pessoas, com a edificação das capelas torna-se presente, também, o poder da Igreja Católica, na figura do padre. Conforme um entrevistado,

Quando a gente fez a capelinha preciso de junta o povo todo. Naquela época nem tinha máquina, mais a gente ficou muito satisfeito. A gente então pôde *juntá* mais ainda o povo. Por quê? Daí a gente conseguiu *tê* o padre pras missas e o povo *começô* a *confiá* mais nas coisas de Deus.²⁰

¹⁹ Entrevista obtida, pela autora, com um antigo morador da comunidade Salto, Araguari, MG. Maio de 2009.

²⁰ Entrevista obtida, pela autora, junto aos antigos moradores da comunidade Salto, Araguari, MG. Agosto de 2009.

A partir de doações de terra para a edificação das capelas, a Igreja Católica passa a se fazer, concretamente, presente nas comunidades rurais, pois antes as visitas de sacerdotes eram esporádicas e o próprio povo era quem se conduzia nos rituais, como na reza dos terços. Conforme a penúltima entrevista, na viabilização da construção de capelas foi importante o fazendeiro. Ele ampliou o seu poder de definir as relações sociais, formas de produção e de apropriação da riqueza socialmente produzida, a partir das grandes fazendas. Na perspectiva do território, das comunidades, as grandes fazendas funcionaram como:

[...] a base espacial onde estão dispostos objetos, formas e ações construídas pelos atores sociais e historicamente determinadas segundo as regras do modo de produção vigente em cada época, ou seja, pelas relações sociais de produção (BOLIGIAN; ALMEIDA, 2003, p.241).

Portanto, o poder sobre o território das comunidades rurais foi sendo redefinido a partir de ações sociais, motivadas por necessidades e interesses das pessoas ou grupo social. Nas comunidades rurais residem várias e deferentes temporalidades e lógicas sociais. No contexto das relações sociais, elas continuam ocorrendo e dinamizando os lugares e as suas territorialidades, pois no espaço estão relacionadas diferentes práticas sócio-culturais com diversas abrangências na vida dos seus moradores. Isso significa que no envolvimento com a realidade há de se considerar a heterogeneidade das relações sociais, seus ritmos desiguais, desencontros e descompassos. Martins (1996) assinala que na,

[...] realidade coexistem relações sociais que têm datas diferentes e que estão, portanto, numa relação de descompasso e desencontro. Nem todas as relações sociais têm a mesma origem. Todas sobrevivem de diferentes momentos e circunstâncias históricas (MARTINS, 1996, p.15).

A coexistência de diferentes relações sociais, modifica a condição, a posição de produtores tradicionais nas relações no interior da família e das comunidades rurais, principalmente hoje (2010), devido as iniciativas turísticas. No âmbito das comunidades, as relações e as suas territorialidades são sócio-

histórica e culturalmente estabelecidas e os lugares são partes concretas do espaço em que essas comunidades se realizam. No processo de (re)ocupação do baixo curso do Rio Araguari, a inclusão de iniciativas turísticas implica transformações nas estruturas e relações sociais, anteriormente determinadas pelas fazendas.

Que eu *alembro*, assim, como era, quando eu era criança... Bem aqui nesse córrego tinha bem umas dez família... O povo morava aqui e trabalhava nos cantinho de terra boa que o fazendeiro dava... A fazenda ficava mais lá embaixo perto daquela aguada, naquele chato. Lá vivia o fazendeiro com a família. Era assim separado, quando o fazendeiro precisava, ele mandava um vaqueiro *trazê* recado prá *fazê* tal serviço. A gente fazia a nossa obrigação tudo certinho e depois a gente ia atendendo o nosso serviço...²¹

A memória oral das pessoas mais antigas do lugar possibilita compreender como o fazendeiro organizava o espaço, determinando os papéis sociais de acordo com uma economia pautada na subsistência, com alguns vínculos com o mercado. Esse caminho teórico-metodológico permite pensar a formação das comunidades no entorno das duas Hidrelétricas (Amador Aguiar I e II) indicando a sua organização sócio-espacial, mas, atualmente, a multiplicidade de conteúdos sociais, coexistindo com as velhas formas, principalmente nas pequenas propriedades rurais de gado leiteiro, indica a necessidade de se fazerem algumas considerações epistemológicas sobre espaço e paisagem.

²¹ Entrevista obtida, pela autora, com um antigo morador da comunidade Salto, Araguari, MG. Junho de 2009.

Mapa 02. Área de Estudo: Bacia do Rio Araguaí

Para Milton Santos (2004), a interrelação entre as categorias paisagem e espaço é tão grande que ocorre a necessidade de se estabelecer uma reflexão epistemológica para fazer a distinção entre elas. Para o autor, entre espaço e paisagem há uma diferença fundamental, que se encontra no caráter concreto e transtemporal que a paisagem possui, enquanto o espaço é um fato do presente. Nesta perspectiva, o autor entende que:

A paisagem se dá como um conjunto de objetos reais-concretos. Nesse sentido a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. O espaço é sempre um presente, uma construção horizontal, uma situação única. Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico. Já o espaço resulta da intrusão da sociedade nessas formas-objetos. Por isso, esses objetos não mudam de lugar, mas mudam de função, isto é, de significação de valor sistêmico. A paisagem é, pois um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável. O espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente (SANTOS, 2004, p. 103 - 104).

Na área em estudo, ao se compararem as residências dos netos e bisnetos dos pioneiros com as edificações mais recentes, percebe-se, claramente, que as paisagens foram se modificando em função das ações dos produtores rurais, num período de, aproximadamente, um século. Essas modificações se intensificaram recentemente, com a construção de duas Hidrelétricas no rio Araguari, abrangendo áreas dos municípios de Araguari, Uberlândia e Indianópolis.

Mas, mesmo com a presença das Hidrelétricas, a forma de produzir e pensar, na propriedade camponesa, ainda se encontra relacionada ao saber-fazer camponês.

No Brasil, o debate teórico sobre a situação do campesinato é repleto de interpretações que indicam desde a sua existência/resistência até o seu completo desaparecimento. Devido às particularidades com que o capital invade a produção familiar camponesa, tem-se, em várias regiões do país, um amálgama em que se encontra envolvido o camponês; por isso é difícil diferenciar a população camponesa. Desse modo, neste trabalho não há preocupação em discutir a existência teórica do camponês. No campo, na área

de estudo, identificamo-los pelas suas práticas sociais, que envolvem a família, a comunidade, a propriedade familiar, a religiosidade, os saberes e os fazeres, que são manifestação das especificidades do campesinato da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari.

A análise histórica, cultural e sócio-espacial que se realiza sobre esse produtor, nesta pesquisa, considera as reflexões de Shanin (2005), que aborda e se posiciona a respeito do próprio debate sobre este produtor familiar sob as transformações capitalista da agricultura camponesa, para o autor:

Parece querer dizer que, sob certas condições, os camponeses não se dissolvem, nem se diferenciam em empresários capitalistas e trabalhadores assalariados, e tampouco são simplesmente pauperizados. Eles persistem, ao mesmo tempo em que se transformam e se vinculam gradualmente à economia capitalista circundante, que pervade suas vidas. Os camponeses continuam a existir, correspondendo a unidades agrícolas diferentes em estrutura e tamanho, do clássico estabelecimento rural familiar camponês, em maneiras já parcialmente exploradas por Kautsky. (Shanin, 2005 p. 9)

Foto 03 – Lado a lado, residências dos produtores rurais na Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, na comunidade Salto, município de Araguari, MG. À esquerda, a antiga sede da fazenda com o pomar e o curral. À direita, a nova residência, rodeada pela lavoura de café. Kinn - 2009.

Quando esse produtor incorpora áreas das margens dos lagos, como recurso, ainda que para desenvolver atividades não agropecuárias, essa situação tem a ver com a ideia de uso dos recursos existentes. São usos que se efetivam entre produtores rurais, e, devido ao dinamismo da vida, no

cotidiano, vão assumindo formas e conteúdos muito específicos, às vezes difíceis de ser claramente percebidos.²²

Foto 04 – Vista panorâmica do assentamento “Vida Nova”, município de Uberlândia, MG. O assentamento foi concebido pelo Consórcio Capim Branco Energia – CCBE para “alojar” as famílias dos peões das antigas propriedades rurais que tiveram as suas terras inundadas, quando da formação do lago da Hidrelétrica Amador Aguiar I (Capim Branco I). O assentamento é composto por nove lotes e apenas um não faz limite com o lago. Kinn – 2010.

Para o produtor rural que vive nas margens dos lagos, a quantidade de água desperta a memória de certas práticas envolvendo esse recurso que, de certo modo, vão justificando os outros usos que eles vão-lhe dando.

A água é tudo; então, antigamente, a casa tinha que sê na parte mais baixa (do terreno). Daí, se não tem água, a gente desviava o córrego e trazia o córrego na direção da casa. Lá ainda é assim, a água, ela vem pra cá. Daí a gente pode usar o monjolo pra *quebrá* o milho. Com a represa a gente não vai *desviá* a água, mais a gente pode *fazê* um jeito de *aproveitá* a água.²³

²² Para Michel de Certeau (1996): “O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este mundo memória, segundo a expressão de Péguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história irracional ou desta não-história, como o diz ainda A. Dupront. O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível... Não tão invisível assim” (CERTEAU, 1996, p.31).

²³ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno – Uberlândia – MG. Junho de 2009.

Foto 05 – Moradia de produtor de leite nas terras dobradas da Bacia Hidrográfica, no baixo curso do rio Araguari, Araguari, MG. Ao centro, a divisão de pasto e as edificações para dar sal ao gado. O lugar é parte de uma importante bacia leiteira no município de Uberlândia. Kinn, 2010.

As práticas e conhecimentos viabilizam/potencializam as formas de produção e estas possibilitam a apropriação dos recursos naturais em um processo histórico, social e cultural, com importantes repercussões na forma de viver no lugar, na paisagem.

Essa casa a gente construiu aqui perto da água. A gente viveu muito tempo por aqui. Antigamente, o povo quando ia *fazê* a casa já pensava na água. Sem água o povo recusava a permissão de *ficá* na fazenda... Tinha gente que tomava decisão de permanência em cima da água. Por quê? Porque a gente não pensava somente em água para o consumo, mas pra tudo. Tinha fazendeiro que deixava o povo *fazê* criação, daí tinha que *tê* mais água.²⁴

O objetivo maior do camponês era usar, a seu favor, os recursos disponíveis no espaço. Logo, a paisagem vai ficando marcada com os resultados dessas intervenções e, para decifrar os conteúdos desse modo de vida, ela, a paisagem, é o melhor “instrumento/categoria”, tanto para pesquisadores científicos como para qualquer observador.

Você chegava numa casa, você já via como aquela pessoa vivia... Se ela era de condição prá *vivê* bem. Como assim? Se tinha inteligência pra não *sofrê*... O povo que tinha condição (inteligência) arrumava tudo pra não *tê* muito trabalho. Aqui, o curral sempre ficou perto da casa pra gente não *perdê* tempo. Como a gente sempre mexeu com leite, o curral fica sempre perto da casa. Daí fica tudo perto e se a gente precisava de ajuda, qualquer um que tivesse em casa podia dá uma *demão*, uma ajuda.²⁵

²⁴ Entrevista obtida, pela autora, com produtores rurais tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2009.

²⁵ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2009.

O espaço vivido revela as práticas, a capacidade e a habilidade do camponês e sua relação com a natureza, ao delinear e organizar as suas formas e seus processos produtivos, ao agir no tempo presente. Porém, a separação entre paisagem e espaço e a definição e identificação de um e outro nem sempre é fácil, porque requer, sobretudo, que se saiba o quanto das transformações no presente são resultado da interferência da sociedade e o quanto dessa realidade é atemporal e fruto de decisões e ações em menor escala.

A gente foi mantendo muita coisa antiga, *coisa que funciona*, que dá resultado prá gente *vivê*. Assim, a gente foi se mantendo e manteve muita coisa do tempo do papai ... Essa moenda de cana é muito antiga e funciona até hoje, a gente usa roda d'água, não precisa de energia da CEMIG. Você abre essa portinha, a água entra e faz a roda *girá*... Agora, prá muita gente, já *chegô* o *resfriador* de leite, os remédio pras vacas, o asfalto, a televisão, o celular, o banco, essas coisas que a gente vai usando...²⁶

Foto 06 – Sede de fazenda de gado leiteiro e de corte na comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia, MG. A casa principal (ao centro da foto, na cor amarela) é habitada pelo proprietário. No primeiro plano da foto, as plantações de banana indicam que a propriedade vem passando por um processo de diversificação da produção. A proximidade das edificações, o curral (telhado à direita na foto) e a casa de queijo (edifício na cor branca, à esquerda na foto) foram preservados e compõem parte do patrimônio edificado da comunidade. Kinn, 2010.

²⁶ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno – Uberlândia – MG. A organização da propriedade permite ao seu proprietário e à família realizar a produção de pinga, melado e rapadura sem ter que consumir energia elétrica distribuída pela concessionária mineira CEMIG. Para esses produtores rurais, a propriedade é motivo de orgulho e de reconhecimento dos saberes transmitidos pelos pais e avós. Agosto de 2009.

Foto 07 - Engenho de cana-de-açúcar tocado por roda d'água. O mecanismo de conversão de energia hidráulica em energia mecânica para movimentar o engenho consiste em uma pequena roda d'água, que faz girar uma polia à qual acoplam-se as correias de transmissão. Kinn, 2010.

As mudanças ocorrem de forma heterogênea e descontínua, não há uma eliminação total das técnicas e saberes do passado e, tampouco, uma rejeição absoluta do moderno. Observam-se usos racionais daquilo que é passível de ser usado. Como resultado tem-se, nas propriedades camponesas, justaposições de técnicas ancestrais com modernos equipamentos, com conteúdos de alta tecnologia. Desse modo, se a energia obtida a partir da roda d'água é viável e permite ao camponês, em certas atividades, manter-se autônomo em relação à energia fornecida pela CEMIG, ele usa-a racionalmente, como pode usar a energia fornecida pela CEMIG para outras finalidades ou qualquer outro recurso. Isso tudo complexifica as formas de viver nos lugares, gerando construções espaciais e relações sociais que acabam carregando, com mais intensidade, os conteúdos, as substâncias das paisagens e do espaço camponeses.

A gente tem o touro, é uma segurança pra gente *cruzá* com as *vaca* e *fazê* uma melhora do nosso gado. Agora a gente também é sócio de um botijão de sêmen... A gente também tem que se *juntá* com quem tem um *resfriador* ou *comprá* um individual. O técnico agrícola tem na cooperativa, na EMATER... Hoje é assim, a gente convive com tudo isso, não tem jeito, não tem como *escapá*... Esse é um pedacinho da nossa vida de produtor rural... Então o jeito é *sabê usá*, assim com cuidado, bem balanceado essas coisa... Isso é uma coisa que tem que *tê* muita atenção, cuidado pra não se *afundá*.²⁷

²⁷ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Junho de 2009.

Foto 08 – Gado leiteiro. As estradas de terra que ligam uma propriedade rural à outra são comumente usadas pelos produtores rurais para transferir o gado de uma pastagem para outra. Kinn, 2010.

Para se compreender o camponês em estudo, hoje (2010), é preciso compreender também a relação que se estabelece entre o velho e o novo, pois as propriedades camponesas combinam, em distintas proporções, elementos de alta tecnologia com aqueles legados do passado. Saberes culturais, ancestrais, inerentes ao modo de vida são mantidos por serem ainda eficientes, em muitos casos.

Uma ordenha mecânica é *bom*, é caro e é prá quem tem bastante vaca. Daí isso compensa... Aqui, o leite a gente tira no manual... Vai lá no curral, deixa o bezerro dá uma mamada, tira o bichinho e começa a *tirá* o leite. A gente começa bem cedo... *apanhá* o bicho, faz a higiene das tetas da vaca como o técnico mostrou... Depois a gente ordenha, enche o *balde*, traz no *resfriador* e torna *fazê* de novo até esgotar todas as vaca... Daí larga de novo o bezerrinho e depois torna *apartá*...²⁸

Na ordenha, a higienização das tetas da vaca e a conservação do produto em resfriadores são indicadores de técnicas modernas associados a práticas antigas das comunidades, formas de saber fazer que, como partes das habilidades camponesas, não desapareceram, e estão combinadas com o novo, que é adotado em um grau de intensidade adequado a cada situação. Na propriedade familiar, são necessárias adaptações e flexibilizações, para a permanência de técnicas antigas.

²⁸ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG, julho 2009.

Foto 09 – Ordenha mecânica e tanque de resfriamento de leite. Essas tecnologias são empregadas pelos camponeses para melhorar o desempenho da produção de leite. Kinn, 2010.

Ali fica o reservatório d'água, ele fica enchendo prá gente *quebrá* milho pra dá pros bicho. Aqui a gente tem o monjolo, e ele não é pra enfeite, ele funciona. A gente usa *prá quebrá* milho até *pros vizinho*... Então eu tenho água pra fazê isso, mas não tenho água pra tocá um motor trifásico, então eu uso cada coisa em seu lugar pra *atendê* a minha precisão.²⁹

Foto 10 – Monjolo, uma forma de o camponês reduzir os custos de produção de sua propriedade. Na comunidade Tenda do Moreno, no município de Uberlândia, o monjolo é utilizado para quebrar o milho. Kinn, 2010.

O viver camponês usa recursos naturais e culturais, seja com técnicas antigas ou com técnicas modernas, para realizar-se com certa autonomia. Utiliza aquilo que oferece possibilidades de obtenção da produção das coisas materiais; no caso, milho quebrado sem custos econômicos derivados do

²⁹ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2009.

consumo de energia elétrica. O novo tanto pode representar a ordem distante quanto apenas um novo jeito de saber usar o velho.

Aqui a gente se vira, vai inventando e reinventando... Como? Assim, se eu sei usar as coisas da propriedade? A gente não tem noção de muita coisa, mais as *coisa* que a gente sabe *fazê*, acaba dando resultado... Daí isso é muito proveitoso... A gente então *tá* sempre usando as coisas que dá resultado, daí isso ajuda de toda a maneira... Agora nem tudo a gente consegue *usá*, tem coisa que não dá mais pra *usá*, é mais fácil *comprá*. Aqui a gente pra *fazê* o queijo, não usa mais o “coalho” caseiro, a gente vai e compra o produto na agropecuária.³⁰

Foto 11 - Queijo minas tipo frescal. Comumente, o queijo mais produzido pelos camponeses da Bacia Hidrográfica, no baixo curso do Rio Araguari, que é comercializado nos restaurantes e bares que se instalaram nas margens dos dois lagos e nas sedes distritais das comunidades rurais, especialmente do município de Uberlândia, MG. À direita, tábua onde os queijos são colocados para o soro escorrer. Kinn, 2010.

A concepção de uso cria diferenciações no saber fazer e nas formas como, na prática, as pessoas trabalham com o novo e com o tradicional, relacionados no lugar vivido, objetivando adaptações e flexibilizações nas formas de produzir.

A essência/aparência do modo de vida camponês relaciona-se ao espaço e cria, na paisagem, aparências, subsídios importantes para o estudo desse camponês. Quando, por exemplo, sua relação com o mercado não é satisfatória, inicia, em suas propriedades, outras atividades, como o turismo receptivo, sem perder sua essência.

Você planta aqui... *num* exemplo, quiabo... Daí o quiabo vai bem, vai muito bem, nem dá praga. Você fica satisfeito “demais da conta”... Daí você sai daqui, vai lá no CEASA, entrega umas caixa de quiabo... Daí eles te fala: é tanto... Uma mixaria, uma coisa que não paga nem o trabalho de *levá* lá. O que, *que* eu *tô* fazendo? Abri a propriedade e cobro dez (reais) por carro e daí eu vendo mandioca pro povo que vem pra *nadá* e mamão pro povo que faz doce... É isso que eu faço.³¹

³⁰ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Salto, Araguari, MG. Maio de 2009.

³¹ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2009.

Desse modo, da reflexão sobre espaço e paisagem resulta que as práticas camponesas são decorrência de um processo histórico em que se fixam na paisagem formas-objetos, reais-concretos, com suas especificidades, que guardam a essência da identidade camponesa e (re)criam espaço, juntamente com a sociedade.

O passado passou, e só o presente é real, mas a atualidade do espaço tem isto de singular: ela é formada de momentos que foram, estando agora cristalizados como objetos geográficos atuais, essas formas-objetos, tempo passado, são igualmente tempo presente, enquanto formas que abrigam uma essência dada pelo fracionamento da sociedade total. Por isso o momento passado está morto como tempo, não, porém, como espaço (SANTOS, 2007, p.10).

Foto 12 – Estacionamento de carros em propriedade rural, na comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia, MG. Na propriedade funciona restaurante e bar, uma pista de *motocross* e também é permitido, aos visitantes, pilotarem seus jet-skis. A iniciativa turística localiza-se nas margens do lago da Hidrelétrica Amador Aguiar I, (Capim Branco I). Kinn, julho de 2010.

Desse modo, o espaço é condição necessária na existência das pessoas e como base material e imaterial da vida, vai se transformando a partir das relações sociais e de processos produtivos. No caso das grandes fazendas, elas foram desaparecendo, pois receberam ações de vários agentes, por mais de uma vez. Como foram sendo fracionadas entre os descendentes dos pioneiros e/ou compradas e vendidas, restaram, nas comunidades rurais, algumas sedes. Nesse processo, não se produziram apenas bens e mercadorias, como, por exemplo, gado, mas também comunidades, costumes, religiosidade, festas, valores humanos, dentre outras manifestações. Nas comunidades rurais, portanto, criou-se esse hábito de reaproveitamento do mesmo espaço, de (re) criação³², que revela várias temporalidades, o que

³² Nas quatro comunidades rurais da área de estudo, até a metade do século XIX existiam grandes fazendas, todas de propriedade dos pioneiros e seus filhos homens. As grandes fazendas, originárias das sesmarias, eram formadas por áreas superiores a 3 mil alqueires.

permite rever as etapas desse processo, porque "A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais." (SANTOS, 2003, p. 107).

As contradições desse processo, como observado no baixo curso, do Rio Araguari, entre sociedade e espaço, aparecem nas formas de produzir e nas práticas sociais que envolvem o moderno e o antigo. O camponês se especifica e produz a partir das formas de que dispõe, em um dado momento, mas ao serem modificadas as condições concretas, são-lhes atribuídas novas funções e formas de produzir. O resultado das interações do camponês com o espaço transformado pode ser compreendido como uma geografização das comunidades rurais no espaço.

A sociedade se geografiza através das formas, atribuindo-lhes uma função que vai mudando ao longo da história. O espaço é a síntese sempre provisória entre o conteúdo social e as formas espaciais. A contradição é entre sociedade e espaço (SANTOS, 2002, p.109).

Desse modo, pode-se afirmar que, quando a sociedade atribui funções sociais às formas já existentes, cria, provisoriamente, no presente, papéis, porque essas funções mudam com o tempo, inclusive na contemporaneidade das ações.

1.3. Da paisagem ao espaço: usos, territórios e territorialidades

As comunidades da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari não existem simplesmente enquanto formas isoladas, ou decadentes, elas expressam um conteúdo social constituído em um longo processo histórico que foi marcado por relações de uso do espaço. Dessa associação de elementos Raffestin (1993. p.160) considera ainda a vida e compreende a territorialidade como "um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional

Em 2010, foi constatada, na pesquisa de campo, nas mesmas comunidades, além de algumas antigas sedes de fazendas, a existência de várias propriedades rurais de tamanho bem mais modesto que a área das primeiras fazendas, bem como condomínios de chácaras, sítios, propriedades camponesas e assentamentos.

sociedade – espaço - tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema”.

As relações sociais são também criadoras de sentimentos, simbolismos e identidades particulares, que não estão restritas, unicamente, às relações de poder e de produção. Por isso, território é, também,

[...] o espaço das experiências vividas, onde as relações entre os atores, e destes com a natureza, são relações permeadas pelos sentimentos e pelos simbolismos atribuídos aos lugares. São espaços apropriados por meio de práticas que lhes garantem uma certa identidade social/cultural (BOLIGIAN; ALMEIDA, 2003, p.241).

O território se encontra compartimentado por meio de características naturais e de conteúdos sociais, históricos e culturais. Pode-se considerar que territórios são espaços apropriados por determinados segmentos sociais. Na área da pesquisa, especialmente na comunidade Tenda do Moreno, atualmente (2010) os camponeses estão estabelecendo práticas sociais relacionadas ao turismo, nos seus territórios com novos usos dos recursos naturais para o trabalho. Na concepção de Woortmann, E. e Woortmann, K (1997), na relação do homem com a natureza,

O processo de trabalho faz-se, de um lado, a partir de uma idealização da natureza. Em outros termos, não existe uma natureza em si, mas uma natureza cognitiva e simbolicamente apreendida. De outro lado, ele se faz no interior de um processo de relações sociais que transforma a natureza. [...] não existe uma natureza independente dos homens: ao longo do tempo a natureza é transformada, inclusive pelo próprio processo de trabalho. Transforma-se também o acesso a ela e são criadas categorias sociais específicas. O processo de trabalho dá-se pela articulação de forças produtivas com relações sociais de produção (WOORTMANN, E.; WOORTMANN K., 1997, p. 10).

Desse ponto de vista e considerando o processo de formação dos lagos das duas Hidrelétricas, os camponeses das comunidades rurais acabam, na relação com o turismo, usando o novo espaço e promovendo novas opções de existir no lugar. Porém, nem todos trabalham com o turismo, ou exclusivamente com ele; ao mesmo tempo, ocorre um desenvolvimento da agropecuária camponesa (principalmente horticultura e leite) voltada, não especificamente, para o mercado local - CEASA – Centrais de Abastecimento de Minas Gerais - unidade de Uberlândia, MG, e laticínios dos dois municípios.

Como os produtores rurais não abandonaram certas técnicas e saberes, considerou-se que essa combinação entre o antigo e o novo sugere, além de habilidades, uma característica do campesinato que, na formação das comunidades, está intimamente ligada às formas pelas quais as propriedades rurais camponesas foram-se organizando.

Desse modo, os camponeses das comunidades rurais da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari que incorporaram o turismo em suas propriedades acabam, na relação com a atividade de receber pessoas, recriando seu território e a si mesmos. Nas territorialidades específicas, com atividades de trabalho variadas, nem todos trabalham unicamente com o turismo, mas mesmo assim vivem, nos seus novos usos da sua condição histórica de praticantes da pluriatividade, outras possibilidades de ganhos. Alguns produtores continuam diversificando a produção, ao mesmo tempo, ou em tempos diferentes, em que ocorre um desenvolvimento do turismo no entorno dos lagos das duas Hidrelétricas, não voltado, especificamente, para o grande mercado.

O não abandono de certas técnicas e saberes, combinação entre o velho e novo, e a adaptação a novas atividades indicam, além de habilidades próprias do campesinato, um dos modos de formação das comunidades rurais da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari.

A nossa família foi conseguindo *formá* essa gleba trabalhando de carreiro... Papai buscava produto (sal, arame, tecidos) lá no Araguari e no Uberlândia e vendia por aí nas *fazenda*... Daí também trabalhava na roça... Então, ele não ganhou nada de herança, ele foi trabalhado e juntando até *fazê* um pé de meia pra possuí uma terrinha.³³

As áreas dos sesmeiros, que foram sendo divididos por heranças, e a aquisição de pequenas áreas por pequenos produtores, que foram constituindo as suas propriedades por meio do trabalho e da economia familiar, deram a feição do espaço desse território, dessas comunidades. Segundo Raffestin (1993), um território,

³³ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2009.

[...] mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre, exprime a relação que um grupo mantém com uma porção do espaço. A ação desse grupo gera, de imediato, a delimitação. Caso isso não se desse, a ação se dissolveria pura e simplesmente. Sendo a ação sempre comandada por um objetivo, este é também uma delimitação em relação a outros objetivos possíveis (RAFFESTIN, 1993, p.161).

Os sesmeiros delimitaram o território fixando a sua posse sobre uma determinada área. Com os agregados, meeiros e parceiros, o poder sobre o território foi-se afirmando pela força de trabalho. As necessidades humanas de sociabilidade, principalmente entre vizinhos e a religiosidade também foram promovendo, a partir de seus símbolos e rituais, outras delimitações territoriais. Assim se formaram as comunidades rurais em estudo que, com o passar do tempo, foram sofrendo intervenções em suas formas, para continuar existindo no espaço.

1.4. As especificidades dos modos de vida nas comunidades rurais

Nas áreas de terras de fundo de vale do Cerrado mineiro, de maior fertilidade natural e de fartura de água, inclusive no período de seca, que vai de maio a novembro, surgiram as sedes das grandes fazendas que, até meados dos anos de 1960, viviam rodeadas por casas de meeiros e parceiros. Na Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, essas paisagens foram surgindo a partir do final do século XIX, com a presença de populações vindas de outras regiões, para ocupar grandes áreas denominadas sesmarias. Foi-se criando uma rede social a partir da existência de relações sociais de parentesco entre pessoas com diferentes habilidades e conhecimentos.

Vou falar aquilo que sei dos *nosso* tronco, do pessoal bem antigo, dos *nosso* parente, dos que fundaram a comunidade. Aqui, na Tenda, eles chegaram assim de caravana, depois iam chamando os *parente*... Então aqui eles foram chegando nas *beira* de rio, córrego e foram entrando... Eles viajavam com parente, com gente de ofício, gente que era ferreiro, prático que cuidava de doente e tinha gente com conhecimento até pra virá professor...³⁴

³⁴ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade, Salto Araguari, MG. Maio, 2009.

Os produtores rurais iam aprendendo a produzir os seus meios de vida em família, a partir dos ensinamentos dos pais e avós. Também mantinham relações de reciprocidade com familiares e vizinhos, que lhes proporcionavam cooperação no trabalho, no preparo da terra para as culturas de subsistência e também, em alguns casos, na criação de gado. Esse tipo de cooperação era chamado de mutirão e promovia a segurança alimentar da comunidade e situações de sociabilidade, encontros comunitários.

Que eu *alembro* a gente fazia de tudo... Assim da parte de alimentação a gente tinha de tudo mesmo. Também fazia pano pra vesti o povo e aqui mesmo na Tenda tinha a tenda do ferreiro que produzia as *ferramenta pró povo trabalhá* na roça... Também tinha muita festa de roça. Por quê? Pro povo se *diverti*, pra *recebê* a recompensa, o agrado de ter participado do mutirão.³⁵

Na área de estudo, o modo de ver e conceber o trabalho e o modo de vida ficavam impressos na paisagem e fortaleciam os laços entre as pessoas.

A gente trabalhava era um tanto bom, era de sol a sol, mas era divertido, tinha bastante gente na roça... Era, assim, vizinho, parente, gente simples que podia *confiá*, que a gente ajudava e recebia demão, nunca vou me *esquecê* de situação de aperto, de caso de urgência e, quando eu menos esperava o povo bateu lá em casa e socorreu a gente...³⁶

Seguramente, essa visão estava fundamentada em saberes que se objetivavam no grupo e garantiam uma sociabilidade fortemente ligada aos usos dos recursos necessários para garantir a vida. Daí surgiram territorialidades ímpares nas quais relações e práticas sociais estabeleciam regras de convivência, negociadas e fundamentalmente mediadas pelas necessidades e prazeres sociais das pessoas.

O povo se reunia pra *cardá* algodão... *fazê* do algodão fio e depois o pano, então vinha mulher, criança e ficava aqui no pátio cardando, cardando e cantando... *aí* depois sai o fio, saía o novelo e só *aí* sai o verso... Cada uma trazia trem pra *comê* e o povo da casa fazia um refresco... Isso então *era* trabalho e diversão.³⁷

³⁵ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Salto, Araguari, MG. Maio, 2009.

³⁶ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Maio, 2009.

³⁷ Entrevista obtida, pela autora, com produtora rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Junho, 2009.

Na maioria dos casos, o resultado do trabalho ficava para a família em cuja propriedade ocorria esse mutirão. Em outras situações não, o fruto do trabalho era individual, só era feito no mesmo lugar e só se visava o encontro e a sociabilidade entre vizinhos.

A pessoa vinha com um cesto de algodão, ela podia *fazê* lá na casa dela, mas ela vinha prá se *juntá* com a gente. Por quê? Porque era amizade, coisa de roça. Então não era só pra *trabalhá* que a gente se juntava. A gente vinha era pra *cantá*, daí era aquela cantoria, aquela coisa da gente *falá* dos problemas, da festa, de brincá, de se divertir entre mulher...³⁸

Estar junto, em determinados estágios produtivos, revela que a sociabilidade, construída historicamente, coloca as relações sociais de vizinhança e de parentesco como territorialidades das famílias.

Quando colhia o algodão a gente já sabia que as *mulher* ia *chegá*, daí era aquela fila de *fiadeira*, aquela alegria, então a gente se reunia pra *fazê* o fio... A gente fazia o fio e também falava de tudo, quando uma não podia *participá*, a gente ficava preocupada. Por quê? A gente preocupava, era tudo conhecido... procurava *sabê* o motivo, mais era sempre uma coisa de saúde, então a gente entendia e na medida da precisão dava uma *dimão*.³⁹

O trabalho, realizado coletivamente e sem o intermédio de moeda ou mercadoria, revela os valores morais e éticos das pessoas. Nesta concepção, o trabalho constrói identidade e dá dignidade aos grupos de famílias, bem como significado às pessoas e aos seus encontros.

Para o camponês, o trabalho não era meramente uma imposição, um fardo que podia ser interpretado como negação ou alienação. Tinha vários sentidos, seus resultados não eram para ser vendidos, não eram apenas para auferir lucro. Não era um trabalho para o patrão, era para vestir a família. O trabalho era uma forma de obter a satisfação das necessidades materiais do camponês, mas também ensejava conteúdos simbólicos, subjetivos, psicológicos; por isso, também, um ato de confraternização e de lazer que reabilita os indivíduos para a vida.

³⁸ Entrevista obtida, pela autora, com produtora rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho, 2010.

³⁹ Entrevista obtida, pela autora, com produtora rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho, 2010.

Você vinha aqui, sentava num banco, trazia a roca e *ficava* horas trabalhando. A gente sai daquela mesmice e não via o tempo *passá*. Daí a gente chegava *em* casa feliz pra *fazê* a outra parte da nossa obrigação.⁴⁰

No lugar, ocupado por fazendeiros, camponeses, meeiros e parceiros criou-se um modo de vida camponês em que estão presentes os fenômenos naturais, assim como os humanos, da economia, do trabalho, da cultura, das tradições e costumes. As relações sociais e a religião serviam para mediar e sedimentar esse modo de vida.

Depois do trabalho, nas *data* dos santo a gente fazia as oração no pé do Cruzeiro. Aqui não tinha capela. O povo fazia tudo no pé do Cruzeiro... O quê? A gente fazia reza, fazia procissão... Bem antigamente, quando não tinha nem cemitério por perto, tinha gente que enterrava os anjinho (recém-nascidos) lá...⁴¹

Foto 13 – Em cada comunidade, no pátio da capela existe um cruzeiro que remete às origens dos encontros religiosos. Da esquerda para a direita tem-se: o cruzeiro da Comunidade Tenda do Moreno, o cruzeiro da Comunidade Cruzeiro dos Peixotos, o cruzeiro da Comunidade de Martinésia, Uberlândia, MG., e o cruzeiro da comunidade Salto, Araguari, MG. Kinn, 2010.

A vida na roça era cheia de acordos entre vizinhos, que serviam para resolver os acasos, as indeterminações e os imprevistos da vida. Era como que uma elaboração política para promover ajuda mútua, confraternização e diversão, entre outras ações. Eram repletos de criatividade e habilidades. Os atendimentos das necessidades/precisões se viabilizavam por trocas pontuais e as regras sociais estabeleciam e permitiam confiança/reciprocidade entre os seus membros.

⁴⁰ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Junho, 2009.

⁴¹ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Salto, Araguari, MG. Maio, 2009.

Nem todas as famílias conseguiam produzir de tudo... Cada família tinha sua produção pra *fazê* a sua despesa, assim, *alimentá* e vesti o povo. Quando alguma coisa faltava, não muita coisa, o povo corria no vizinho e, se ele tivesse, ele prestava socorro... Daí quando aquele que foi socorrido melhorava, ele ia lá e fazia o acerto... Então, era assim, a gente se conhecia, sabia um do outro e daí a gente fazia essas coisa de se *ajudá*. Então, era assim, ajudava pra sê ajudado⁴².

Nessas relações foram-se estabelecendo, em comunidade, formas de aprender e ensinar a produzir, não só os gêneros de primeira necessidade, mas também o lazer, os espaços sagrados e de encontro e a confraternização.

Aqui no Cruzeiro o povo daqui *fincô* o primeiro cruzeiro em 1903. O povo se *juntô* aí nas fazendas, foi no alto e pegou um pau bem apumado e resolveu erguer um Cruzeiro, assim bem no alto, no lugar mais alto do Cruzeiro eles colocaram. Hoje tem, já tem, a capela e a nossa festa é de Santo Antônio...⁴³

Foto 14 – Capela de Santo Antônio, na comunidade Cruzeiro dos Peixotos em noite de festa, em homenagem ao santo padroeiro. A procissão com as imagens dos santos acontece no último dia de festejos, pelas ruas do distrito. Kinn, 2010.

As famílias que tinham limitações, quando recorriam ao mutirão, venciam-nas com a solidariedade do trabalho coletivo, extremamente importante, principalmente em uma época em que as comunidades rurais viviam isoladas dos grandes centros urbanos, sem acesso a qualquer tipo de ajuda do setor público.

O mutirão, ele existe até hoje, mais era uma coisa que a gente fazia mais pra *fazê* a festa. Então, era assim: a gente descobria que um companheiro tava em dificuldade... A gente avaliava o motivo da dificuldade dele... Porque na roça tinha vários motivos... Na maioria era por motivo de doença, ou morte, problema que a família não conseguia *resolvê* sozinha... Daí juntava uma *companheirada* e ia pra casa do vizinho e lá fazia aquela demão... Depois a gente dançava.⁴⁴

⁴² Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG, setembro de 2009.

⁴³ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG, setembro de 2008.

⁴⁴ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG, junho de 2009.

Em todas as atividades dos membros das comunidades, a família, com seus acordos tácitos, é que criava regras e princípios que orientavam os seus membros em suas práticas coletivas e também nas individuais. Essas práticas iam sendo registradas nos componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos da vida, na paisagem e vinculados ao ciclo da natureza, com uma maior produção nas águas para se ter reservas para consumi-la na seca.

Na área de estudo, as chuvas se concentram a partir do mês de outubro, chegando até abril/maio. Na Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, cerca de 90% das precipitações ocorrem nesses meses do ano. O período seco se caracteriza pela quase ausência de chuvas, sendo que ele ocorre normalmente de junho a setembro.

No espaço rural, os encontros sociais e religiosos criavam vínculos profundos das pessoas com os lugares e particularidades nas relações entre vizinhos, pois as famílias jamais estavam ausentes da vida comunitária; da mesma maneira, a vida em comunidade nunca era rejeitada pelos seus membros. Também as ações religiosas estavam relacionadas aos ciclos da natureza.

No pé do cruzeiro que eu *alembro*, o povo fazia também promessa pra vim chuva. O povo fazia muita procissão. Por quê? Quase que por qualquer motivo, mais tinha também quando dava seca braba. O povo ficava naquela agonia quando *chegava* setembro e nada da chuva... A gente, que era criança, seguia a procissão e o povo que era mais religioso trazia lata d'água na cabeça prá *jogá* no pé da cruz...⁴⁵

A orientação teórica e metodológica adotada para registrar, analisar e compreender o modo de vida dos produtores rurais que ocuparam a Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari considera importante a descrição de todos os eventos relacionados a esses sujeitos. Max Sorre (1984), ao abordar gênero de vida, considera não ser exagerado relacioná-lo, pelo menos inicialmente, com combinações técnicas que não estão dissociadas das práticas culturais e suas associações religiosas que tiveram seus conteúdos,

⁴⁵Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG, julho de 2009.

sentidos históricos metamorfoseados ao longo do tempo. A partir dessa formulação assume relevância a seguinte ponderação: “Teremos de citar esses rituais, procissões e preces pelos quais o camponês católico chama a chuva celeste sobre os seus campos ressequidos?” (Max Sorre, 1984, p.101).

A preocupação com a densidade dos fatos e fenômenos humanos, seus processos de transmissão e representação da vida fez com que esse geógrafo considerasse, em suas pesquisas, que:

[...] Todas essas ações ocupam lugar sob o mesmo título no gênero de vida. Quando o descrevemos, não devemos mutilá-lo. Os elementos espirituais contam tanto quanto os materiais, mais acessíveis. E, naturalmente, também contam os elementos sociais: a constituição do gênero de vida é inconcebível fora da atmosfera de uma sociedade organizada [...] A observação de gêneros de vida mais complexos sugere distinções [...]. Nem todos os traços têm a mesma significação, seja quanto ao papel, seja quanto à idade. Uns estão na própria base do gênero de vida; são criadores ou organizadores. Outros têm, principalmente, uma função de conservação, de fixação. (SORRE, 1984, p.101).

Também se consideraram importantes as contribuições da Fenomenologia, principalmente naquilo que se refere a compreensão da “experiência consciente”, ou seja: “[...] explicar isso em termos de significado e significância” (BUTTIMER, 1982, p.170). No caso em estudo, também relacionado aos modos de vida.

No campo do conhecimento das pessoas sobre o lugar, podemos enfatizar os hábitos, as atitudes, os costumes que existem radicados no saber, uma consciência erigida na relação com o lugar, originária de complexos processos de existir no espaço. “A experiência [...] seria descrita como a orquestração de vários ritmos têmporo-espaciais” (BUTTIMER, 1982, p.189).

A experiência humana deve ser também vista como processo que se faz no uso do espaço, mas necessita de tempo para se firmar como identificadora de um saber fazer na elaboração de estratégias para enfrentar a complexidade da vida. Para Thompson (2001) não basta afirmar que “sem produção não há história [...] devemos dizer também: que sem cultura não há produção.” A posição do autor é uma crítica à tradição marxista, sobretudo ao

economicismo. Assim a ideia da experiência humana pode ser capturada junto às argumentações do historiador quando ele analisa, compreende que o conceito de classe social;

[...] não é, como gostariam alguns sociólogos, uma categoria estática [...] na tradição marxista, é (ou deve ser) uma categoria histórica descritiva de pessoas numa relação no decurso do tempo e das maneiras pelas quais se tornam conscientes de suas relações [...]. Neste sentido, classe é uma formação tão econômica quanto cultural. Disso decorre em última instância que a determinação pode abrir caminho igualmente tanto por formas culturais quanto por econômicas. (Thompson, 2001, p.260).

Desse modo pode-se compreender que as estratégias e arranjos correntes no baixo curso, do Rio Araguari são sociais, são motivados também por interesses decorrentes de valores humanos constituídos historicamente e culturalmente no lugar vivido. No contexto das mudanças sócio-espaciais ocorridas nas comunidades rurais pode-se compreender, segundo Thompson, (2001) que:

O que muda, assim que [...] as relações produtivas mudam, é a experiência de homens e mulheres existentes. E essa experiência adquire feições classistas, na vida social e na consciência, no consenso, na resistência e nas escolhas de homens e mulheres. (*Idem*, 2001, p.260).

Como se trata de uma realidade em transformação com implicações na vida, nas experiências de homens, mulheres e crianças, torna-se necessário ampliar a reflexão e considerar que os resultados disso tudo não decorrem unicamente de imposições econômicas. Para Thompson (2001), a transformação

[...] acontece não por uma dada “base” ter dado vida a uma ‘superestrutura’ correspondente, mas pelo fato de as alterações nas relações produtivas serem vivenciadas na vida social e cultural, de repercutirem nas ideias e valores humanos e de serem questionadas nas ações e crenças humanas (*Ibidem*, 2001, p.260).

Nesse modo de vida camponês, ainda que pareça comum a várias coletividades, residem inquietas particularidades sociais, políticas, culturais, religiosas e econômicas, criadas ao longo do tempo nas comunidades rurais da área de estudo. Mesmo que as famílias, nas comunidades, formassem um

grupo aparentemente coeso, cada tronco trabalhava, na sua propriedade, a partir das suas condições técnicas e sociais e das condições naturais.

No começo a gente fazia roça de toco. Era assim num lugar de terra gorda, terra de cultura, de produção de fartura. Assim, quando a gente sentia que a produção minguava, a gente procurava outro lugar melhor... Como assim? Melhor... melhor de um tudo... era uma maravilha... Isso não volta mais... Por quê? Porque era tudo novo, ninguém tinha feito nada ali... Era uma certeza que a roça ia dá resultado. Como? A gente enchia o paiol de milho, ficava satisfeito. Por quê? A gente tinha condição de progredi, de *fazê* plano pra família ... Como? A gente tinha recurso de *engordá* porco, *criá* mais galinha, vinha mais ovo e tinha mais queijo pra *vendê*. Numa roça nova, você fazia e acontecia. Como? Derrubava o mato, queimava, mais daí ficava os toco, toco demora pra saí, daí a gente plantava entre os toco das árvores e plantava com essa máquina matraca, tudo assim no braçal...⁴⁶

Foto 15 – Concentração das moradias nas terras úmidas. À esquerda, a matraca, plantadeira manual muito usada pelos camponeses plantadores de lavouras. A paisagem é de uma área de terra de cultura, com fertilidade natural acima da média. A presença de lavoura (à esquerda da foto) também indica a presença de solos úmidos. Kinn, 2010.

No espaço comunitário, as relações se intensificavam quando chegavam as datas de homenagear os santos padroeiros e de se realizarem os rituais religiosos, depois de um ciclo de trabalho, e até para encerrá-lo.

⁴⁶ Neste caso o começo se refere à metade do século XX, momento em que a família conseguiu adquirir terras, na Bacia Hidrográfica, no baixo curso do Rio Araguari, e iniciar as atividades de plantio de lavouras de milho, feijão, arroz e algodão. Para facilitar o cultivo, os camponeses retiravam da nova área, destinada aos seus roçados, as árvores que lhes fornecessem as melhores madeiras para construção de casas, cercas e currais. Quando já haviam retirado toda a madeira, ateavam fogo na área. No primeiro plantio, alguns tocos permaneciam e a forma de cultivar a terra exigia muito trabalho manual; era quase impossível o uso de animais. Para melhorar o aproveitamento da área, a família, principalmente os homens, arrancavam os tocos de árvores com o uso do enxadão. Também se chegava a usar fogo para remover os maiores tocos. Informação obtida por entrevista, pela autora, com produtor rural tradicional das comunidades Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. e Salto, Araguari, MG. Julho, 2010.

Aqui o povo preparava o chão quando começava a *chovê*, lá pela segunda *chuvada*... O chão já tava macio e daí tudo ficava mais fácil... Daí tinha serviço de capina, de *cuidá* do gado... Lá por maio, junho, mais *tardá* julho, a gente já tava colhendo e dali uns dias a gente fazia a festa pro santo.⁴⁷

Preparar a terra, fazer a plantação, colher, agradecer e plantar esperanças de um novo ciclo. Até as homenagens para os padroeiros se baseavam no ciclo da natureza no Cerrado. A vida, nesses lugares, criou saberes e fazeres objetivos e subjetivos, transmitidos e apreendidos culturalmente.

Quando criança, a gente acompanhava os pais... A gente ia crescendo e a responsabilidade também... Então, quando eles já mandavam a gente *fazê* tal coisa era porque eles já *tinha* confiança na gente... Daí a gente procurava *fazê* direitinho pra não *quebrá* essa confiança. A gente aprendeu a *fazê* de um tudo vendo os nossos pais fazendo.⁴⁸

Foto 16 – Procissão na Festa de Santo Antônio. Os andores são enfeitados pelas mulheres da comunidade, mas a imagem do Santo é carregada por quatro homens, pelas ruas do distrito. Kinn, 2010.

O conteúdo transmitido do aprendizado cultural ainda se faz presente nas práticas e representações sociais das famílias camponesas da Bacia

⁴⁷ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Julho, 2010.

⁴⁸ Trata-se de confiança e autoconfiança que se conquista no cotidiano camponês, nas práticas sociais envolvendo a família nas atividades, inclusive produtivas. Para os meninos, acompanhar o pai na ordenha, mesmo que seja de madrugada, é uma forma de socialização camponesa pelo trabalho mais relevante na propriedade. No caso das meninas, ajudar a mãe na produção de queijos e doces é uma maneira de promover a transmissão dos saberes e habilidades camponesas necessárias para a vida no campo. Entrevista obtida, pela autora, com produtor tradicional de leite da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia – MG. Julho, 2009.

Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari. Como processo, essas práticas também podem ser reinventadas, de acordo com a capacidade de seus membros em usar esses saberes para se organizar num espaço em transformação. São práticas que vão, no convívio familiar e comunitário, ganhando flexibilidade, novos arranjos, recebendo influências do meio externo à família, à comunidade e, em consequência, podem sofrer perdas ou ganhos de técnicas, de conhecimentos, levando o grupo a ter que promover adaptações e ajustes que resultam, quase sempre, em novas experiências, mas raramente no abandono completo das antecessoras.

Se a gente for pensar bem, hoje a gente não precisa mais *fazê* promessa pros santo pra *protegê* o nosso gado... *você* vai ali na veterinária compra uma dose e aplica no bicho, no dia seguinte ele já tá bem bom, se for o caso você chama o veterinário e aplica uma segunda, mas o povo continua fazendo procissão, promessa para São Sebastião.⁴⁹

Foto 17 – Procissão em homenagem a São Sebastião, padroeiro da comunidade do Salto, município de Araguari, MG. No Salto, São Sebastião é considerado protetor do rebanho. Na procissão sua imagem é carregada pelos produtores de gado da comunidade. Kinn, 2010

Nos espaços rurais das famílias camponesas, o modo de vida acaba impondo regras e princípios que viram hábitos, costumes, talvez tradições de uma forma de se viver no Cerrado.

⁴⁹ Nas quatro comunidades rurais em estudo (Tenda do Moreno, Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia, no município de Uberlândia, MG, e a comunidade do Salto, no município de Araguari, MG.), a imagem de São Sebastião, santo católico, encontra-se nas capelas das comunidades e, como santidade tida como protetora dos rebanhos, ainda recebe, de seus devotos, várias homenagens. Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Salto, Araguari, MG. Julho, 2009.

Assim, os principais aspectos da diversidade paisagística na área de estudo representam as relações sociais e os modos de vida das pessoas, constituídos cultural e historicamente. Nas propriedades rurais, as áreas de pastagens, as lavouras de cana-de-açúcar - cujo uso é quase que exclusivamente para alimentar o gado leiteiro, mas com a qual produzem, também, melado e rapadura e, em alguns casos, pinga - e aquelas destinadas à produção de subsistência compõem as paisagens, que são bastante parecidas.

Foto 18 – Propriedade rural na comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia, MG. A moradia encontra-se localizada na calha de um córrego, o que garante à família água para o uso doméstico e para produção agrícola, bem como solos de maior fertilidade natural. As cercas indicam divisão de pastagem e a cana-de-açúcar (lado direito da foto) é o estoque de alimentos para sustentar o rebanho no período de estiagem. Kinn, agosto de 2010.

As atividades produtivas e as práticas sociais incorporam técnicas ancestrais, transmitidas e (re)inventadas dentro de uma lógica que combina saberes sobre o Cerrado, para se obter qualidade nos produtos que atenda as expectativas dos produtores e dos consumidores.

O destino da nossa produção é a feira lá no Araguari... Por quê? Porque é assim, a gente produz vários produtos.... Tem a farinha de mandioca e a de milho a gente faz aqui pro gasto e pra *vendê* na feira. Primeiro a gente colhe o milho, rala o milho e coloca neste saco de plástico, deixa *fermentá* e daí lava bem, passa na peneira e deixa *secá*... Depois leva pro tacho pra *torrá*... Depois de torrado, a gente leva na máquina pra *tirá* essas pelotinha... Daí tá pronto... *tempera* e ensaca e cedinho vai pra feira...⁵⁰

⁵⁰ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Salto, Araguari, MG. Julho, 2008.

Foto 19 – Produção de farinhas pelos produtores camponeses da Bacia Hidrográfica, no baixo curso do Rio Araguari. À esquerda farinha de mandioca em fécula, ao centro, farinha de milho temperada com pimenta e à direita farinha de mandioca triturada. Esses produtos são facilmente encontrados nos restaurantes e bares situados no entorno dos lagos das Hidrelétricas de Amador Aguiar I e II. Kinn, maio 2010.

As técnicas, as atitudes, os valores humanos e as condições em que a produção e os produtos foram e continuam sendo processados revelam-se como práticas que particularizam as comunidades rurais como lugares diferentes, num mundo cada vez mais determinado pelo processo de reprodução ampliada do capital.

Os camponeses, quase todos, praticamente, se mantêm como produtores de vários produtos. Mas, nos últimos anos, depois de 1980, no Cerrado, basicamente, eles incorporaram pouca ou nenhuma área de terra. No caso dos descendentes dos pioneiros, eles foram recebendo as heranças, fracionando as propriedades e passando-as para várias gerações, até os anos de 1980, quando os cerrados da região do Triângulo Mineiro passam a receber investimentos em projetos do Estado para desenvolver a agricultura, com várias implicações no crescimento das cidades da região, gerando vários empregos, inclusive para os filhos dos camponeses.

Teve uma época que a gente não tinha como *comprá* terra e nem como *vendê* terra... Então a gente recebia a herança e ficava com ela... Quando os *filho* casava tornava a dividi... Depois veio uma época que os filho *foram* prá cidade, mais daí a gente não dividiu e nem vendeu, ficou com a terra do jeito que é hoje.⁵¹

Obviamente essa situação não se estende a todos os produtores familiares, mas se efetiva, principalmente, entre os camponeses que até os

⁵¹ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Maio de 2010.

dias atuais mantêm, por completo, os seus canaviais, os alambiques, os cômodos destinados à produção de pinga, rapadura, melado, queijos, doces e às farinhas, de mandioca e de milho.

[...] sim, a gente consegue produzi queijo de vários tipo e maneira. Aqui tem queijo cabacinha, tem queijo do tipo *frescal*, queijo meia cura... Doce... *Faiz* também doces de tudo que é jeito... *Faiz* de queijo, de frutas, de leite, *faiz* pinga de engenho, faz rapadura, faz farinha, faz pimenta... Então faz muitas coisa...⁵²

Foto 20 – Alguns produtos produzidos por famílias camponesas moradoras da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari. Da direita para a esquerda, na primeira foto, rapadura, na segunda foto, pinga de engenho, na terceira foto, pimentas em conserva e na última foto, doces de frutas e de leite. Kinn, maio de 2010.

Da forma que lhes foi possível, os produtores familiares mantiveram e, em alguns casos, (re) inventaram os seus procedimentos produtivos, seus saberes, sua cultura. Conseguiram, até mesmo, apesar da pouca mão-de-obra que possuem, manter-se como produtores agrícolas, sem ceder suas propriedades para os capitais imobiliários, em expansão, principalmente nesse período em que a construção das duas Hidrelétricas elevou o preço das terras que fazem divisas com os lagos.

Hoje eu já ouvi *dizê* que tem proposta de *comprá* de terra perto da represa por metro. Então *mudô* muito o preço da terra... Por quê? Porque a gente sempre *midia* a terra por alqueire, agora eles tão querendo *comprá* pro metro, então *mudô* muito.⁵³

⁵² Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Salto, Araguari, MG. Julho, 2010.

⁵³ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho, 2010.

Os camponeses conseguem produzir vários produtos, e a relação de trabalho familiar ainda predomina. Entre os camponeses da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, o seu modo de vida acaba sendo produzido por seus meios de vida.

Hoje a gente precisa de energia elétrica, precisa de conforto pra família porque se não *tivé* essas coisa fica muito difícil ficar na roça... Então a gente precisa de muitas *coisa*... Aquilo que a gente não precisa... A gente não precisa de *comprá* comida, a gente tem o nosso lazer, tem as festas...⁵⁴

As paisagens criadas pela pecuária leiteira resultam de uma economia que tem boa parte dos seus rendimentos em dinheiro vinculados ao comércio que se estabelece com as cooperativas e os laticínios. A moradia camponesa, como forma espacial desse modo de vida camponês, registra seus conteúdos nas despensas cheias de doces, queijos, farinhas e utensílios necessários para atender às necessidades da família. Nos currais, estão os equipamentos e apetrechos para a ordenha. Geralmente, em um cômodo próximo ao curral, estão algumas ferramentas e equipamentos para a lida na roça, bem como o sal mineral, para dar ao gado.

Esse modo de ser contribuiu para que não se especializassem em apenas um produto, mas elegessem o leite como nexos com o mercado, para proporcionar-lhes renda em dinheiro. Essa liquidez permite-lhes pagar a conta de luz, fazer alguns investimentos e atender às necessidades dos seus membros. Apesar de o leite ter o seu preço determinado por empresas capitalistas, esses produtores se adaptaram a essas condições para criarem a família e, nesse processo, foram mantendo vivos os seus conhecimentos, para produzir vários produtos.

⁵⁴ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Junho, 2010.

Foto 21 – A cana-de-açúcar. Essa lavoura predomina nas paisagens próximas às propriedades familiares. Apesar da presença do gado leiteiro, a cana também é utilizada para a produção de pinga, melado e rapadura. A predominância do verde na paisagem indica que o período é de chuvas e que o gado é mantido apenas com pastagens. Kinn, fevereiro de 2010.

O conteúdo dessa economia de fartura cíclica permite, também, identificar e analisar como os camponeses realizam-se como produtores familiares. Compreender o dinamismo das relações concretas e por que e como elas são efetivadas permite uma leitura detalhada do modo de vida camponês, dá sentido aos saberes e fazeres criados secularmente, (re)inventados no movimento da vida, com implicações na forma como eles se organizam em seus territórios. Assim, pode-se alcançar a substância das relações estabelecidas entre os camponeses e o mercado, entre o lugar e os produtores, que têm, além disso, tempo e habilidade para lidar com o turismo.

1. 5. O tempo na vida e no modo de vida dos camponeses

Temporalidades sociais distintas possibilitam compreender a existência camponesa, identificar os seus ritmos de produção e as suas diferenças da produção capitalista. Para os camponeses da área de estudo, por mais de um século, o tempo se constituiu na sucessão das atividades de cuidar do rebanho, tirar o leite e produzir alimentos (cana-de-açúcar, milho, mandioca, frutas e verduras) e criar porcos e galinhas.

Para Thompson (1998), nas sociedades “pré-industriais” o tempo era organizado/determinado na “orientação pelas tarefas”. Embora não se esteja tratando os camponeses, aqui, como exemplos vivos de comunidades pré-industriais, a vida nesses lugares, pelo menos, até a década de 1970 eram aparelhadas a partir de relações sociais e de trabalho estreitamente ligadas ao ritmo da natureza, mesmo que nesta parte do Cerrado, o ritmo e o tempo das relações sociais tenham sofrido transformações e não sejam mais totalmente cíclicos, mesmo porque essas transformações não atingem todos e ao mesmo tempo. Quando os camponeses detêm tecnologias como energia elétrica, tanque de resfriamento, gado leiteiro com melhoramento genético, geralmente as atividades não obedecem totalmente aos ciclos dos dias, das noites, ao tempo da chuva, ao tempo da seca.

A produção de leite precisa de máquinas. Por quê? Porque a gente vai ficando sozinho e o jeito é *tê* ordenha mecânica. Quando a gente vai melhorando o gado, esse gado precisa de atenção redobrada. Por quê? Porque você vai lidando com coisas que exigem atenção e investimentos. Essas coisas são importantes para você *tê* produção e fica muito difícil ficar sem elas. Então a gente precisa cuidar dessas coisas... A gente precisa de comprar complemento para o gado, *fazê* tudo direitinho porque senão a gente fica sem ganho...⁵⁵

Embora seus ritmos de produção sejam diferentes do tempo linear imposto pela reprodução ampliada dos capitais investidos nos negócios, concebidos e objetivados na perspectiva do lucro, esse camponês não rejeita as possibilidades de ganhos que remunerem os seus investimentos.

Nosso ritmo de trabalho é bastante diversificado, não é uma coisa assim que nem numa firma. Hoje na seca, a gente trabalha mais, e acredito que bem mais do que antes da gente *começá* com essas vacas de raça e tanquinho de refrigeração... Por quê? Porque agora, na seca além da gente *cortá* a cana e dá pro gado no cocho, a gente tem que *fornecê* completo, remédio... Nas águas a gente trabalha menos, mas é um menos que exige mais atenção... Não precisa *tratá* o gado no cocho, mas esse gado não pode ficar somente com o pasto, a gente vai dá sal mineral e um pouquinho de ração (1quilo dia/cabeça) daí ele fica pronto pra ordenha e não decai na seca.⁵⁶

⁵⁵ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Junho, 2009.

⁵⁶ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Junho, 2009.

Já a divisão das tarefas entre homem (marido) e mulher (esposa), em cada propriedade, se dá conforme os investimentos em tecnologia e nem tanto pela força física de cada um, sendo que o trabalho de um complementa o do outro, sem uma hierarquia de importância.

No trabalho com o gado, aquilo lá mais pesado de *cortá* a cana e *levá* no *cocho* fica pros home. Se você tem ordenha mecânica, *tirá* leite pode ser do casal... No serviço de *fazê* melado, rapadura, também o mais pesado fica pros home... Daí o serviço de *sová* a massa do melado, de *informá* a rapadura fica meio a meio... *Fazê* queijo, requeijão já é um serviço mais da esposa, mais quando é muito queijo, o homem também ajuda... Na comunidade, nas festas a gente então já se prepara para *deixá* um *folgá* pra dá uma ajuda... Como não dá pra *deixá* a criação (principalmente as vacas de leite) sozinha vai um depois vai o outro, faz assim: um reveza o outro.⁵⁷

A família se flexibiliza, adapta-se às condições concretas existentes no lugar para realizar, a partir de seus saberes e habilidades, os seus projetos de vida.

Para *nóis* aqui o trabalho tem ciência... A gente procura *fazê* as tarefas de um jeito que a gente não fique por conta de uma coisa só... Então enquanto os meninos estão na escola, eu *dô* conta de ajudá com as *vaca* e da casa. Eles chegando, *dô* o almoço e já vão me ajudando a *deixá* a casa em ordem, daí a gente dá uma parada e de *tardinha* vamos *cuidá* do gado. A noite a gente janta, toma os tema das criança, e assiste a novela... Isso é o que acontece num dia normal. Durante o final de semana a gente tem outras atividade, como ir na missa, na festa, no baile...⁵⁸

Foto 22 – Baile na comunidade do Salto, Araguari, MG. No último sábado de cada mês a comunidade se reúne para rezar na capela e logo após é organizado o baile do terço. O salão tinha sido enfeitado para a festa de São Sebastião Padroeiro da Comunidade. Kinn, julho de 2010.

⁵⁷ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Julho, 2009.

⁵⁸ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Julho, 2009.

Projetos de vida dos camponeses são uma manifestação de possibilidades ou, como explicita Velho (1994) inspirado em A. Schutz (1979): Projeto:

[...] é a conduta organizada para atingir finalidades específicas. Para lidar com o possível viés racionalista, com ênfase na consciência individual, auxilia-nos a noção de campo de possibilidades como dimensão sócio-cultural, espaço para formulação e implementação de Projetos. Assim, evitando um voluntarismo individualista agonístico ou um determinismo sócio-cultural rígido, as noções de projeto e campo de possibilidades podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades (VELHO, 1994, p. 40).

O objetivo da família é o de ter tempo, não exclusivamente para ser usado na produção de produtos para vender no mercado, nem utilizado somente para ampliar a produção. No entanto, a família age também na perspectiva da realização de ganhos que remunerem os investimentos, do lucro.

A ideia central é melhorar a produção, promover uma organização do trabalho que permita, à família, ter tempo para cuidar da casa, da alimentação, do ensino e da aprendizagem das crianças, além do lazer.

Na administração do tempo pelo camponês há uma ou várias lógicas se manifestando e possibilitando compreender, mais finamente, o seu modo de vida, a partir do lugar vivido.

A gente vem trabalhando cada vez mais, mas a gente tem que *entendê* que a gente não vive pra *trabalhá*... A gente tem outras coisa pra *fazê*. Aqui a fé é importante, então *frequentá* a capela, as reunião de casal é uma coisa necessária... Aqui a gente dá conta de *fazê* um queijo, um biscoito, um requeijão pra família... Isso aí fica até pra *recebê* uma visita...⁵⁹

Ter tempo para trabalhar, para cuidar da família, para praticar a religião, para fazer a festa é uma possibilidade que se conquista, também, administrando-se o tempo. Nessa administração, separa-se o tempo para o trabalho familiar e o tempo para exercer a vida em comunidade. No modo de vida camponês, é muito importante ter tempo para a vida social, em comunidade.

⁵⁹ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho, 2010.

Se a gente fosse empregada daí a gente era uma pessoa sem solução pra *fazê* as coisa fora das nossa lida... Esses dia, o festeiro precisava de gente e nada do povo *aparecê*... O povo tava tudo ocupado... Foi o caso do compadre... ele trabalha e não pode *participá* todo o tempo, daí ele faz força pra *tá* lá, mas não pode *ficá* com dedicação, com força com os companheiro...⁶⁰

Foto 23 – Mulheres da comunidade Martinésia, Uberlândia, MG, preparando alimentos para serem comercializados na Festa de São João Batista, padroeiro da comunidade. Basicamente são preparados pasteis de carne, de queijo e o misto, coxinhas, quibes e caldos. Essas opções compõem o cardápio da festa. Kinn, junho de 2010.

Ter tempo para doar, na realização da festa, relaciona-se com ter a propriedade da terra de trabalho, para poder trabalhar de forma autônoma. Ter autonomia não quer dizer ter tempo sobrando para ser doado, mas condições de direcionar parte do tempo para o trabalho e para a vida que ocorre nas comunidades e precisa da efetiva participação de seus membros.

Quando tem festa na comunidade a gente já se prepara... Faz um esforço pra *começá* mais cedo a lida ou deixa tudo pronto pra não *precisá* tê que *fazê* tudo na correria. Como a festa é da gente e a família se comprometeu com o festeiro, a gente então se prepara pra *ajudá* a *fazê* a festa, isso então é uma coisa nossa, pode ser que os *vizinho* faça de outro jeito, mais aqui a gente faz assim...⁶¹

Assim como a administração do tempo é uma questão importante no projeto de vida dos camponeses, a administração da força de trabalho empregada, da mão-de-obra familiar disponível é também organizada na perspectiva de atender a todos os compromissos assumidos pela família. No horizonte de possibilidades do camponês, atualmente, estão inseridas as máquinas, além da força humana. Mas não é por “um voluntarismo

⁶⁰ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Julho, 2010.

⁶¹ Entrevista obtida, pela autora, com produtora rural tradicional da comunidade, Martinésia, Uberlândia, MG. Julho, 2009.

individualista ou por um determinismo sócio-cultural rígido” que se adota ou se deixa de adotar máquinas.

A fala a seguir não está relacionada a tempo, mas ao serviço, à troca, à substituição de mão-de-obra humana por máquinas.

Uma máquina boa, que a gente pode *usá*, ajuda no trabalho da gente, um *picadô* de cana economiza bastante serviço... Mas isso é bom pelo lado do trabalho, mais não é tão bom pelo lado das *despesa* que a gente tem que cobri. Uma máquina assim mais cara, um trator, por exemplo, ele substitui o trabalho de uns quantos home, mais se ele *estragá* ele vai comendo o nosso recurso e até a nossa terra e daí a gente corre risco de *ficá* sem nada... Então a gente pensa em *tê* as coisa, mais a gente não pode se *enfiá* naquilo que pode *deixá* a gente sem nada...⁶²

Neste caso, reconhecem-se as vantagens que a aquisição e a incorporação tecnológica oferecem, mas opta-se, por questões lógicas, pelo uso. Os custos de produção se relevam “ameaçadores”, com o uso de algumas máquinas e equipamentos, tanto devido ao custo de aquisição quanto ao custo de manutenção e durabilidade. É por meio desta lógica que esse sujeito social também expressa a substância do seu modo de vida.

Pensar e decidir em família a respeito de adicionar máquinas ao processo produtivo não se trata de uma decisão pueril, motivadas por impulsos de consumo. A decisão não envolve puramente uma única lógica, derivada de um cálculo econômico, mas também se avalia a possibilidade de perda da autonomia camponesa, da propriedade familiar. Portanto, não há uma rejeição à incorporação de tecnologia. Há também a lógica do não endividamento, da cautela e, subliminarmente, uma crítica contundente aos desdobramentos que a aquisição de certas máquinas ou equipamentos, sob as condições ofertadas pelo mercado, pode causar à vida camponesa e à falta de projetos/programas estatais que garantam preços subsidiados e compatíveis com as condições sócio-econômicas desse tipo de produtor rural.

⁶² Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Julho, 2009.

Embora a incorporação de novas tecnologias signifique economia de trabalho, para o camponês, isso não implica uma transição para outro estágio ou modo de produção, no caso o capitalista, ou para outra classe social.

A gente pensa em possuir outras *máquina* e equipamento, mais é como já lhe disse, isso pode ser uma coisa que a gente pode *perdê* o controle... Então a gente vai adquirindo aquilo que é muito necessário... Porque com trator ou sem trator, a gente vai *tê* que continuar trabalhando...⁶³

As interpretações camponesas no espaço vivido, sobre o plano da produção e da vida, são concebidas a partir de uma lógica pautada na manutenção da propriedade e na satisfação das necessidades sociais da família.

No estudo das comunidades rurais da Bacia Hidrográfica, no baixo curso do Rio Araguari pôde-se chegar ao

[...] entendimento do lugar nas práticas mais banais e familiares, o que incita pensar a vida cotidiana segundo a lógica que lhe é própria e que se instala no insignificante, no parcelar, no plural. [...] É preciso levar em conta que a história tem uma dimensão social que emerge no cotidiano das pessoas, no modo de vida, no relacionamento com o outro, entre estes e o lugar, no uso (CARLOS, 1996, p. 25 - 26).

Mas o lugar desses camponeses no Cerrado passou por processos de (re)ocupação, talvez de (des)construções sócio-espaciais dos seus territórios, tanto com a criação de grandes laticínios e cooperativas, quanto, mais recentemente, pela construção de hidrelétricas. Foram as relações de pertencimento, de identidade e enraizamento, o domínio de técnicas e de saberes, as histórias de vida que propiciaram fundamentos para esses camponeses continuarem existindo, vivendo e lutando, no baixo curso do Rio Araguari.

A gente vem mexendo com leite desde que me conheço por gente, meu pai, meu avô também já *mexia*, então a gente sabe é *mexê* com leite e *fazê* coisas com o leite. Então eu acho que a gente tem como se virá... Agora, eles, lá do governo, das cooperativa, dos laticínio, das técnica, têm que *melhorá* as condição da gente *melhorá* a produção e da gente *tê* um ganho melhor no nosso produto.⁶⁴

⁶³ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Julho, 2009.

⁶⁴ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Junho, 2009.

Esses camponeses devem ser vistos como o que são, sujeitos, preparados para enfrentar as mais variadas imposições do seu tempo, tanto com organização política, como com aquisições tecnológicas.

A relação desse camponês com o mercado, seja para a venda do que ele produz, ou até de sua força de trabalho, ou para a compra de algum bem que lhe é necessário, não representa uma ruptura radical com a identidade camponesa, mas pode trazer certa perda de autonomia.

1. 6. A autonomia das famílias camponesas

A maneira de trabalhar das famílias vai sofrendo modificações que podem torná-la mais complexa e na qual vão entrando outros elementos, mas continuam sendo importantes seus saberes.

Antes você tirava o leite e colocava num tonel lá na estrada. O leiteiro vinha, pegava e a gente retornava de tardinha pra *pegá* o tonel, *limpá* e *torná enchê* de leite e *torná levá* lá na estrada. Agora, você tira o leite, coloca no *resfriador* e dali dois, três dias o leiteiro passa pra *pegá*.⁶⁵

Neste caso, um elemento já utilizado na prática, o tonel, foi substituído por outro, o resfriador, que requer, para seu funcionamento, a energia elétrica, que antes não era necessária. O camponês se adapta e pode ir implantando as mudanças por fases e não em todo o seu processo de trabalho de uma só vez. Eles estão sempre aprendendo a conviver com variáveis novas, atualmente, principalmente aquelas advindas da formação dos lagos das duas hidrelétricas. Eles são sujeitos sociais que são capazes de reinventar-se para continuar existindo nos lugares.

⁶⁵ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Julho, 2009.

Essa reinvenção pode levar membros do grupo familiar para a cidade, tanto quanto pode trazê-los de volta, porque os camponeses sempre se organizam a partir da família.

A gente acredita que as coisas vão se ajeitando, mais a gente tem que se virá pra *continuá* produzindo... Agora o menino mais velho perdeu o emprego e daí ele veio cá prá roça *ajudá* a *fazê* farinha. Então a família vai se ajudado até ele conseguiu um emprego. Daí, como ele *tá* sem nada, ele venho e daí a gente resolveu *aumentá* a produção de farinha pra *gerá* renda também pra ele.⁶⁶

O movimento estrutural da família também pode traduzir-se, espacialmente, em novas formas e funções, para atender às necessidades geradas pelos arranjos sociais e produtivos. Isso tudo acontece em um espaço que continua sendo da família, inclusive daqueles que já partiram, mas que retornam em determinadas situações, no caso em discussão, quando ocorre o desemprego, ou para descansar ou ajudar em alguma tarefa específica.

A produção camponesa não pode ser vista apenas por sua conotação técnica e econômica. Ela é muito mais ampla; envolve formas sociais diferentes e de geração de estratégias que podem ser reeditadas no enfrentamento das dificuldades da vida.

Aqui acontece muito essa coisa da gente *tê* que *improvisá*. Não é assim comum a gente *ficá* doente, mais, quando acontece de um de nós (os pais) *ficá* doente, a gente vai e chama um filho, um parente. Daí ele só pode no final de semana, a gente então vai fazendo as coisa, pra quando *chegá* no dia que pode dá uma demão, a gente *terminá* o serviço.⁶⁷

A existência envolve uma rede familiar que, na produção, apresenta-se de forma bastante dinâmica. Desse modo, a produção ocorre segundo uma dada lógica social, temporal, não apenas econômica.

Henri Mendras (1978) considera a existência de uma lógica própria do campesinato, fundamental para se compreender como ele se relaciona com a

⁶⁶ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade, Salto, Araguari, MG. Junho, 2009.

⁶⁷ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade, Salto, Araguari, MG. Junho, 2009.

mudança. Também alerta para as possíveis falhas de interpretação dessa lógica, que não pode ser compreendida de fora da existência camponesa.

Na área de estudo, foi observado que os membros da família podem estar cumprindo papéis diferentes daqueles social e historicamente instituídos, mas estão sempre em sintonia com as demandas da família que, se em alguns casos, parece separada, junta-se para resolver imprevistos, acasos, indeterminações da vida.

As relações em família não são somente de produção e nem se resumem à divisão do trabalho: “A gente aprendeu, com os *nossos pais*, que tem coisas que não tem jeito fora da família”. Em família, os camponeses apresentam, como ponto de partida das suas ações, a satisfação das necessidades de seus membros e até mesmo, em certos casos, daqueles que não residem mais na mesma casa. Os membros da família contam com definições muito claras, rápidas e objetivas de seus papéis nos fazeres e afazeres do cotidiano, apesar de o camponês poder ter que mudar, eliminar, inventar ou reeditar práticas, uma vez que suas ações são circunstanciais, porque dependem também de situações externas a ele.

Esse ano a gente vai diminuí a produção de milho... Porque não tá compensando... Esse ano *ficô* mais em conta *comprá* o milho... Daí a gente também não vai *vendê* a nossa produção, vai *fazê* silagem... Daí, durante uns dois *ano* vai *ficá* bom pro leite... Por quê? Porque daí a gente tem estoque de comida pra dá pro gado.⁶⁸

O comportamento deste camponês, além de dinâmico, é criativo; ele tem que ter várias habilidades: “Daí o jeito é a gente dá um jeito... Assim, se o milho não tem preço, o jeito é *engordá* um porco. Se o leite não tem preço, o jeito é *fazê* um queijo... Assim sempre tem jeito”.⁶⁹

Esse modo de vida tem uma autonomia que se revela nas práticas, porém relativa, pois, se de um lado reúne concepções de mundo manifestado

⁶⁸ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Agosto, 2009.

⁶⁹ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Junho, 2009.

de acordo com uma lógica interna, assentada em uma dada razão, talvez vindas de varias temporalidade sociais, provavelmente residuais, de outro, se modifica conforme as influências que chegam pelo turismo. E essa lógica abrange o vivido, pois vai além dos pressupostos econômicos da sociedade capitalista. O mundo desses camponeses não é, unicamente/exclusivamente, o da mercadoria, das trocas complexas, das relações capitalistas de produção.

Alexander V. Chayanov, em seus estudos sobre o campesinato, chama a atenção para a especificidade, diferença e dinamismo da economia camponesa, bem como a sua relação com o modelo dominante. Nas palavras do autor,

Resulta my claro que para cada sistema económico, e incluso para cada fase de su desarrollo, hay grandes variaciones en el papel que desempeñan las unidades económicas campesinas en la economía nacional, en la interrelación de éstas con otros tipos de unidades económicas así como em las interrelaciones y en la lucha del campesinato como clase con otras clases coexistentes y, por fin, en el modo en que aquéllas participan en la distribución del ingreso nacional. No obstante, el modelo organizativo de la célula básica, la unidad de explotación agrícola familiar, permanecerá idéntico pues los cambios son referidos siempre a rasgos particulares, adaptándose a las circunstancias de la economía nacional en tanto la unidad económica campesina existía como tal, por supuesto, y no haya comentado a ser reconstruida según otras formas organizativas.(CHAYANOV, 1974, p 35)

A crítica de Chayanov (1981)⁷⁰ é voltada contra as análises que tentam elucidar o campesinato aceitando como base de compreensão a própria lógica da economia capitalista. A lógica própria dos camponeses e, de certa forma, metamorfoseadas, as outras lógicas geram especificidades, na medida em que se materializam como respostas que não envolvem apenas a produção, mas também se referem aos problemas imediatos da vida,

⁷⁰ Nos termos da crítica de Chayanov (1981) é necessário assinalar que: "[...] A teoria econômica da sociedade capitalista moderna é um complexo sistema de categorias econômicas inseparavelmente vinculadas entre si: preço, capital, salário, juros, renda, determinam-se uns aos outros e são funcionalmente interdependentes. Se um elemento desse sistema é retirado, todo o edifício desaba. Na ausência de qualquer destas categorias econômicas, todas as demais perdem seu caráter específico e seu conteúdo conceitual, e nem sequer podem ser definidas quantitativamente. Assim, por exemplo, não se pode aplicar em seu significado habitual qualquer das categorias econômicas acima mencionadas a uma estrutura econômica que não possua a categoria preço [...]. Numa economia natural, a atividade econômica humana é dominada pela exigência de satisfazer as necessidades de cada unidade de consumo [...]" (CHAYANOV, 1981, p. 136).

manifestados no lugar e nas relações com diversas instituições, inclusive o mercado.

A gente consegue produção, segura a produção de leite na seca porque tem silo e, se o mantimento do silo acaba, mesmo assim a gente tem cana... A gente então não vende todo o milho pra *tê* leite na seca. Na seca o leite costuma *valê* mais do que nas cheias... Em último caso, quando o leite não tá valendo nada, a gente pode *transformá* em queijo e *vendê* nos comércio.⁷¹

As formas de interpretar o mundo vivido, visando resolver suas contradições e desencontros, demonstram que o agir camponês é coerente e prioriza a família, a propriedade da terra, as relações comunitárias e a possibilidade de continuar sendo camponês.

A gente aprendeu que quando a gente tem um problema o melhor é encontrar uma solução... Às vezes a solução é *abandoná* o problema. Então, se eu tenho uma criação com problema e eu não *dô* conta de *resolvê*, e conforme a situação do bicho, é melhor *vendê*, até *fazê* sabão é melhor que *perdê*.⁷²

Assim, o modo de vida, a propriedade familiar e a comunidade revelam um sujeito social, o camponês. Na área de estudo, ele procura se organizar utilizando os seus saberes, para melhor usar os recursos naturais e sociais, acessíveis a ele, no espaço. Na condição de produtor de leite para o mercado, obteve a sua existência a partir de ações que ainda é capaz de articular, objetivando saídas concretas para a própria produção, pois o seu modo de pensar e agir tende a ressurgir diante das dificuldades e necessidades.

⁷¹ Compreender o ciclo da natureza do Cerrado e o funcionamento do mercado, especificamente o de leite, permitiram-lhes agir para manter os ganhos com esse produto. Isso significa estabelecer, na organização da propriedade e dos processos produtivos, várias combinações e estratégias de ganhos, inclusive econômicos. Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Julho, 2009.

⁷² As formas de transmissão de saberes e fazeres são sempre recorrentes para explicar o modo de agir da família camponesa. Seguramente, as dificuldades e os encaminhamentos para resolvê-las, sempre fizeram parte do cotidiano camponês. Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Junho, 2009.

1. 7. O turismo no cotidiano camponês

A construção do modo de vida se processa no cotidiano camponês quando a família produz sua existência prática, clivada pelas transformações sociais e espaciais, mas preservando costumes e tradições a partir dos quais é possível criar e recriar as suas humanidades.

Na Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, com a formação dos dois lagos, o turismo tornou-se uma possibilidade de geração de renda/lucro para a família camponesa que, por causa dele, passou a conviver com as mensagens simbólicas, os fetiches de uma sociedade que tende a vender e a comprar também a paisagem, o espaço, os lugares, penetrando fundo em seus territórios, transformando-os ou convertendo-os em produtos turísticos. Trabalhar com o turismo é uma situação que implica adaptações e flexibilizações da família camponesa, não somente em relação à produção, mas também em relação à preparação dos membros da família.

E, se as iniciativas turísticas tornam-se um meio de reprodução social, o incremento de novas habilidades constitui-se em uma necessidade inédita, implicando em profundas transformações na família. Assim, receber clientes passa a fazer parte da vida cotidiana que, conforme Heller (1982),

[...] é o conjunto das atividades que caracterizam as reproduções particulares criadoras da possibilidade global e permanente da reprodução social. Não há sociedade que possa existir sem reprodução particular. E não há homem particular que possa existir sem sua própria reprodução. Em toda sociedade há, pois, uma vida cotidiana: sem ela não há sociedade. O que nos obriga, simultaneamente, a sublinhar de modo conclusivo, que todo o homem – qualquer que seja o lugar que ocupe na divisão social do trabalho – tem uma vida cotidiana (HELLER, 1982, *apud* PEIXOTO, 2005. p.161).

As novas paisagens, decorrentes da construção dos dois lagos, têm, obviamente, promovido mudanças no modo de vida do camponês que estão lhe exigindo outras competências. Em alguns casos, as famílias vão se dedicar

a resgatar ou fortalecer, para a nova atividade, o turismo receptivo⁷³, elementos da cotidianidade da vida tradicional. Observemos o conteúdo da próxima entrevista:

De um tempo pra cá, a pinga que a gente faz *tomô* um melhor valor... vem gente de todo *lugá pegá* aqui em casa... Por quê? Porque sim, a gente faz do jeito tradicional, não adianta pedi de outro jeito, a gente aprendeu lá atrás e hoje faz do mesmo jeitinho, é coisa antiga... é coisa sem mistura...⁷⁴

Diante dessa situação, ocorrem novas possibilidades de leitura sobre o que o turismo, a partir das mudanças na paisagem, pode estar representando para o camponês, sobretudo na (re)organização das propriedades, nas adaptações e flexibilizações para continuar com a produção rural e incluir no cotidiano um conjunto de novas atividades. As interpretações das novas paisagens e das recentes oportunidades que surgem para atender às demandas da família vão dar novas características às práticas produtivas do camponês.

Aparece muita gente nessa beira de lago... Final de semana, feriado assim quando é quente, o povo enche o restaurante, o acampamento, o bar e assim vai enchendo... Então o povo vem mesmo... Se você ficô com uma área pequena perto do lago você pode *fazê* uma renda, é só *inventá* um meio pro povo se *diverti*, que eles vêm mesmo.⁷⁵

Foto 24 – Esporte náutico. Nos lagos das duas hidrelétricas, é comum a presença de jet-skis. Geralmente o proprietário rural, ao abrir a propriedade para o turismo, permite aos visitantes usarem o lago naquilo que lhe convier. Kinn, julho de 2010.

⁷³ Segundo SCHVEITZER, A. P. & SÉCCA, F. D. 2009, p.08: "O turismo receptivo é uma equipe que tem como objetivo atender as primeiras e as principais necessidades do turista, desenvolver metas em comum com todas as etapas do turismo, passa por reciclagem, se adapta, é um processo dinâmico, ágil e primordialmente coletivo [...]".

⁷⁴ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Junho, 2009.

⁷⁵ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Agosto, 2009.

Ligadas aos lugares, mas realizando uma apropriação diferente dos empreendimentos capitalistas, já presentes na área de estudo, as mudanças nas paisagens rurais são rapidamente absorvidas por alguns camponeses, como recursos disponíveis no espaço.

Essa beleza, o que parece... Parece um mar de tão grande que a gente só fica olhando e imaginando naquilo que a gente pode *fazê*... pode *nadá*, *pescá*, se diverti.... Mais, se a gente pensa bem, pode mais... pode *arrumá* um lugar pra *alugá* pro povo *pescá*...⁷⁶

Foto 25 – Vista parcial do lago da Hidrelétrica Amador Aguiar I, na comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Nesta parte do lago quase não há ocupação por atividades de lazer e turismo. Kinn, maio de 2010.

Se o acesso à água dos rios sofria restrições impostas pelos fazendeiros, no passado, mesmo assim os visitantes pagavam pelo acesso e o lazer existia.

O rio passava ali, mais tinha muita *corredera*, era um lugar chamado funil... Ali tinha um povo que gostava de *andá* de *boia* de caminhão (Câmara de ar)... Daí nas *prainha*, nos *luga* de areia, nos raso... Isso, nos melhor *luga* tinha cerca, tinha fazenda, tinha porteira...⁷⁷

Neste momento, a cerca continua, para atender aos propósitos da reprodução capitalista.

Agora a gente pode vê a água, antes a gente tinha que *pulá* a cerca... Daí se você tem condição de montar um negócio, vê o lago já é uma coisa que chama a atenção. Mas continua difícil *chegá* lá na água... Por quê?... Porque agora tem lei, tem a usina...⁷⁸

⁷⁶ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Junho, 2009.

⁷⁷ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho, 2008.

⁷⁸ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno – Uberlândia, MG. Junho, 2007.

Mesmo assim, os lagos podem significar ganhos, trabalho, fartura e podem suprir as necessidades de reprodução do próprio camponês.

Aqui a gente *tá* de frente pro lago. Daí eu fiz esse cômodo e aluguei pro rapaz da cidade. O povo que vem pro bar que ele montou, pra coisa de diversão de jogo, pode *descê* pra água, tem assim um carreiro que dá pra *chegá* lá no lago e *nadá*...⁷⁹

Para o camponês, a paisagem parece se constituir numa possibilidade nova para obter renda e, conseqüentemente, meios de ganhar a vida no lugar vivido, sem abandonar totalmente os meios anteriores.

A gente pode *oferecê* muita coisa *pras* pessoa da cidade. Aqui no restaurante, com essa visão que a gente tem do lago, a gente oferece *três* tipo de carne na chapa... Comida caseira.... Refrigerante, queijo e *doce* produzido aqui na redondeza. A gente *oferecê* cerveja bem gelada.⁸⁰

Por isso, são encontradas várias formas de utilizar a paisagem.

No nosso caso a gente não *tá* cobrando pelo banho... A pessoa vem no restaurante, consome as coisa do restaurante, daí ele tem direito de *tomá* banho, pilota o barco... Daí ele fica o tempo que ele *quisê*... Isso traz mais gente que gosta da água, dessa coisa bonita.⁸¹

Foto 26 – Área de lazer em propriedade rural na comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Além da apreciação da paisagem (à esquerda na foto), a propriedade oferece vários tipos de salgados (ao centro da foto) e bebidas (a direita da foto). Kinn, julho de 2010.

⁷⁹ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Junho, 2009.

⁸⁰ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho, 2008.

⁸¹ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho, 2009.

Esse camponês, do depoimento anterior, trata seu negócio dentro de uma visão de mercado. Sua fala já lhe identifica como um pequeno investidor, portanto, já está compatível com a lógica do capital. Seu projeto é transformar o espaço em um produto turístico e tudo se encaminha para definir as estratégias para conquistar o cliente. Quando ele fala em não cobrar pela entrada no lago ele não está cobrando diretamente, mas a permissão ocorre somente mediante o consumo em seu restaurante, demonstrando o desejo de reproduzir a lógica da propriedade privada enquanto espaço de obtenção de renda/lucro, neste sentido, há uma conotação diferenciada da propriedade camponesa. Como já foi alertado no início do texto, a terra e seus atributos se transformam em uma mercadoria. Contudo, nesta empreitada de atraírem clientes, os valores que estão, ainda, guiando essas famílias e as finalidades que elas têm podem ser expressos pela própria cultura. Claval (1999) compreende que:

A cultura não é vivenciada passivamente por aqueles que a recebem como herança: eles reagem àquilo que lhes é proposto ou que se lhes pretende impor. Interiorizam certos traços e rejeitam outros. Inventam, ao longo de suas existências, novas maneiras de fazer, atribuem cores novas aos seus sonhos e aos seus pesadelos, e criticam os valores usuais quando estes não correspondem às suas aparições profundas. [...] A cultura é constituída de realidades e signos que foram inventados para descrevê-la, dominá-la. Carrega-se, assim, de uma **dimensão simbólica**. Ao serem repetidos em público, certos gestos assumem novas significações. Transformam-se em rituais e criam, para aqueles que os praticam ou que os assistem, um sentimento de comunidade compartilhada. Na medida em que a lembrança das ações coletivas funde-se aos caprichos da topografia, às arquiteturas admiráveis ou aos monumentos criados para sustentar a memória de todos, o espaço torna-se território. (CLAVAL, 1999, p.13 – 14)

Os camponeses foram manifestando, nesse processo de incorporação do espaço, a recusa de eliminar, de suas propriedades, antigas técnicas de produção, mas não deixaram de agir no novo espaço, transformando a paisagem em produto de consumo, em mercadoria que eles vendem. Assim, a necessidade humana de preservar modos de ser, viver e existir diferentes leva ao desenvolvimento humano, conforme afirma, em sua reflexão sobre o futuro da Antropologia, Lévi-Strauss (1962):

[...] enquanto as maneiras de ser ou agir de certos homens forem problemas para outros homens, haverá lugar para uma reflexão sobre essas diferenças [...] Se um *optimum* de diversidade é condição permanente do desenvolvimento da humanidade, podemos estar certos que dessemelhanças e sociedades e grupos não desaparecerão senão para se reconstituir em outros planos (LÉVI-STRAUSS, 1962, *apud* MAGNANI, 1996. p. 2-3).

Na relação com os lagos, os camponeses estão se reconstruindo. Mesmo que seja possível perceber que o turismo já é uma realidade concreta para alguns produtores familiares, as modificações não são radicais, no sentido de negar aquilo que sempre os caracterizou como produtores familiares; por exemplo, as cozinhas amplas, com fogão à lenha - eles compreendem como atrativo e adaptam a casa para o turismo receptivo.

Aqui a gente tem tudo montado pra família *vivê*, então tem o fogão à lenha pra *cozinhá* de um tudo, tem os *banco* pras pessoa *sentá*. Daí a gente *comprô* umas mesa e cadeira e foi montando pro povo das *moto*... É o povo do *motocross*, mais daí também veio o pessoal dos jipe e das *bicicleta*.⁸²

Foto 27 – A prestação de serviços para os visitantes envolve a família, na preparação de eventos e refeições. Na comunidade Tenda do Moreno, os principais consumidores dos restaurantes são os motoqueiros, ciclistas e visitantes de finais de semana. À esquerda, motoqueiros se dirigindo para as trilhas de *motocross*. Na fazenda Pau Furado (foto à direita), o visitante pode degustar almôndegas com mandioca e participar da festa de Santos Reis. Kinn, maio de 2010.

A valorização do patrimônio camponês, pelo próprio camponês, leva-o a reproduzir, na propriedade, aquilo que ninguém tem ou que ninguém consegue

⁸² Trata-se de aproveitar ou reaproveitar a estrutura que a propriedade familiar já tinha. Nesse caso o fogão à lenha, os bancos de cimento, que serviam somente para a família, servem agora também para recepcionar o visitante. Como a família percebeu que a recepção de motoqueiros e ciclistas estava dando certo, gerando ganhos, seus membros foram adquirindo novos móveis para garantir a recepção de um contingente em expansão, que procurava a propriedade para fazer as suas refeições. A família também reconhece que a propriedade se organizou para recepcionar alguns tipos de visitantes. Isso significa que, na propriedade, seus membros optaram por recepcionar desportistas e se organizaram para oferecer os seus serviços somente nos finais de semana e feriados. Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que já iniciaram atividades de recepção aos visitantes. Comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Junho, 2009.

fazer igual. Desse modo, sob o princípio da adaptação e da flexibilidade criam, também, o da exclusividade. A transformação do trabalho e outra relação com a propriedade estão postos e criam, para o grupo, a possibilidade de obter lucro com essas condições.

A família, enquanto uma forte instituição da vida camponesa, continua construindo relações entre um mundo externo, estruturado pela cultura e pelas condições históricas, e seu próprio mundo interno, não somente no aspecto produtivo, mas também no do saber, que envolve técnicas, sentimentos e emoções. Portanto, para compreender o turismo, na propriedade camponesa, é extremamente importante analisar essas relações no cotidiano.

A vida cotidiana é a vida de todo homem [...] é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se 'em funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas [...] seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias (HELLER, 1992, p.17).

No cotidiano, integram-se relações afetivas das pessoas com o lugar, emoção e sentimentos inerentes à construção da vida e ao processo de produção.

Segundo Damiani (1999), de modo geral, existem relações intrínsecas e fundamentais, entre o modo de produção e o cotidiano,

A lei do desenvolvimento desigual é primordial no exame do cotidiano. A cotidianidade é criada também pelo modo de produção, não lhe é alheia nem marginal, embora seja desigual a outros setores, momentos e situações dessa forma de produzir. O cotidiano, como simulacro da vida plena, assim modelado, permite ao modo de produção funcionar. Só é possível compreendê-lo dessa forma se admitirmos que o avanço do processo produtivo atinge inúmeros momentos da vida social [...] (DAMIANI, 1999, p.163).

A propriedade camponesa, entendida a partir da própria lógica e com as transformações da paisagem, (re)organiza-se para abrir-se para os visitantes e o trabalho, a família e, em certa medida, a comunidade sofrem adaptações e redefinem a vida cotidiana.

A gente consegue *fazê* tudo, mais a gente já não tem mais toda aquela folga que a gente tinha no final de semana. Agora já tem mais coisa pra *fazê*... Continua a ordenha das *vaca*, mais tem também que *atendê* o povo das *moto*, dos *jipe*, e das *bicicleta*..⁸³

Para esse camponês, as transformações na paisagem impuseram-lhe outro tipo de atividade, que, embora dentro de suas habilidades, muda o ritmo da vida.

A gente passou de um trabalho, assim mais voltado para o leite, pra *oferecê* pros visitante aquilo que a gente sabe *fazê*... Então isso *mudô* o ritmo das *coisa*, *ficô* diferente....⁸⁴

Os resultados do trabalho agora são mais rapidamente colhidos, porque suas atividades não são mais puramente sazonais.

Não acho que a gente trabalha mais, eu acho que a gente trabalha melhor, dá mais resultado *pra* família... Então eu sempre comparo aquilo que tinha com o que eu tenho hoje...⁸⁵

Nesse processo, acaba existindo e conseguindo usar, aparentemente a seu favor, aquilo que aparentemente não lhe pertencia.

A gente já tinha começado com esse negócio de *oferecê* refeição para o povo das *moto*, daí veio, com a usina, veio o asfalto e *ficô* mais fácil para o povo *chegá* até aqui...⁸⁶

A diversificação das atividades, na maioria das vezes, leva os produtores rurais a ter atividades externas à propriedade.

Tem vez que é uma correria que a gente fica meio tonto... A gente não tem tempo nem pra *pará*, por que às vezes a gente tem que ir no cervejeiro, no mercado, na cooperativa, tem que ir na agropecuária e daí não sobra tempo pra mais nada.⁸⁷

Mas, ainda que desenvolvendo novas atividades, em certos casos, alguns produtores, além disso, se encontram em estágios ou processos de

⁸³ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que já iniciou atividades de recepção aos visitantes - Comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio, 2010.

⁸⁴ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que já iniciou atividades de recepção aos visitantes - Comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Junho, 2010.

⁸⁵ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que já iniciou atividades de recepção aos visitantes - Comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho, 2010.

⁸⁶ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que já iniciou atividades de recepção aos visitantes - Comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Junho, 2010.

⁸⁷ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que já iniciou atividades de recepção aos visitantes - Comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio, 2010.

produção anteriores aos de outros pequenos produtores ou daqueles cuja produção é voltada para o mercado.

Aqui a gente *faiz* muita coisa do jeito bem antigo, a gente cria porco ainda caipira, galinha caipira, vaca caipira, então se a gente for *fazê* qualquer coisa para melhorar a produção tinha que parti quase do zero.⁸⁸

A manutenção de práticas produtivas envolvendo saberes ancestrais não é tomada como definitiva. Não se negam outras possibilidades de transformação, da propriedade e do próprio camponês. No cotidiano camponês, seu modo de produzir e de se relacionar com o mundo tem métodos e procedimentos, uma lógica que contempla, também, nesta parte do Cerrado, a Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, um processo de adaptações, de mudanças, as quais se traduzem, na vida prática, como uma continua reconstituição desses produtores rurais, mesmo que em outros planos, usando o próprio espaço.

Esse modo de vida, que não se desfaz do tradicional e aceita o novo, mostra que é possível uma reestruturação das práticas sociais sem perda de identidade, funcionalidade e dinamismo em sua estrutura básica familiar.

Neste capítulo, ficou evidenciado que o camponês continua sua vida, adaptando-se e flexibilizando as suas atividades dentro de uma lógica própria. Há que se evitar, todavia, concepções românticas, por exemplo, imaginar que o camponês não sofre alienações ou se desinteressa de realizar, a partir do turismo, a remuneração dos seus patrimônios culturais e naturais, dos seus investimentos, bem como da possibilidade de ganhar/lucrar com a nova atividade.

⁸⁸ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que já iniciou atividades de recepção aos visitantes. Comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho, 2010.

2. A Territorialização do Espaço e as Iniciativas Turísticas

2. 1. Espaço, usos e território

Neste capítulo, visa-se analisar como os camponeses, sob as transformações ocorridas no espaço, estão agindo para usar os recursos disponíveis. Apesar das transformações ocorridas pela construção de duas Hidrelétricas no baixo curso, do Rio Araguari, os moradores das comunidades permaneceram nas áreas afetadas, mas não ficaram somente assistindo à segregação dos seus lugares vividos, ao empobrecimento de suas relações de vizinhanças e à banalização do território pelo consumo turístico que se anunciava. Mesmo diante de estranhamentos, ocorre a existência e permanência do camponês. Uma situação que reúne tempos indissociáveis e contraditórios, que aparecem nos lugares que ganharam em relação às novas formas espaciais. No entanto, é possível uma adaptação do homem ao espaço.

Segundo Santos (1993),

[...] Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação. Mas o homem, um ser dotado de sensibilidade, busca reaprender o que nunca lhe foi ensinado, e vai pouco a pouco substituindo a sua ignorância do entorno pelo conhecimento, ainda que fragmentado. O entorno vivido é lugar de uma troca, matriz de um processo intelectual (SANTOS, 1993, p. 61).

Org. Marli Graniel Kinn (2010)
 Digitalizadora Laís Naiara Gonçalves dos Reis (2010)

Projeção: Latlong/ Sad 69
 Fonte: Málhas Digitais: IBGE(2010)

Mapa 3. Localização das comunidades estudadas ao longo do Rio Araguari-MG

Com o represamento do rio, também surgiu a possibilidade de usar o lago formado como meio para ganhar a vida. Como os camponeses, a partir do espaço transformado, se articulam, se adaptam, para existir como camponeses, mas fazendo outras coisas, com outro cotidiano? A partir do modo de vida camponês existente na área de estudo as pessoas do lugar que tiveram e têm uma participação ativa na história das comunidades, como as suas práticas sociais e representações, criaram meios para usar o espaço; conceber de novo e defender o seu território.

Mesmo não sendo objetivo deste trabalho promover um debate sobre as representações sociais, é importante reconhecer, aqui, as contribuições de Moscovici (1995), para o entendimento das manifestações das comunidades rurais em estudo. Segundo o autor:

[...] se no sentido clássico as representações coletivas se constituem em um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de ideias e crenças (ciência, mito, religião etc.), para nós, são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar, um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. [...] o que nos interessa aqui é o lugar que as representações ocupam em uma sociedade pensante (MOSCOVICI, 1995, p.49).

A (re)ocupação daquela parte da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari por agentes de grande poder econômico não criou apenas imposições e exclusões sociais, também revelou possibilidades de outras ocupações que se deram silenciosamente, com a mobilização dos camponeses, concretizada nos usos dos recursos dos lagos. De um modo de vida rural, cuja principal atividade geradora de renda era a pecuária leiteira que, nos diversos lugares, se articulava com o mercado e com o espaço, vão fazer surgir também, nas suas propriedades, atividades não agropecuárias. As adaptações e as flexibilizações da família camponesa, expõe um sujeito social articulado com o espaço e ao mesmo tempo pensante, que dentro de suas práticas sócio-espaciais de produtores rurais, tornaram-se possibilidade concreta de uso e de exercício de poder sobre parte dessas áreas.

A partir das práticas e representações camponesas, alocadas no tempo e no espaço, a (re)ocupação da área em estudo não se concretizou apenas pelos agentes de grande poder econômico, quando houve a formação dos lagos. Os camponeses delimitaram territorialidades distintas no uso do espaço; as margens dos lagos não foram produtos de uma padronização ou de uma estratégia deliberada e, sim, obra da criatividade dos camponeses, principalmente, dos pequenos produtores rurais assentados no lugar denominado “Vida Nova”, na comunidade Tenda do Moreno, desafiados pela modernidade.

No reordenamento sócio-produtivo das propriedades rurais, as relações entre o antigo, tradicional, e as recentes obras/invenções da sociedade propiciaram novas paisagens e intervenções sociais, descortinando uma densidade de inclusões sociais. Trata-se de compreender as transformações do espaço e os resultados delas para os camponeses e as comunidades rurais, manifestados na interação entre diferentes tempos históricos e diferentes lógicas sociais, nas tradições e nas invenções, adaptações e reinvenções vivenciadas nos lugares, cujas implicações, na sua existência futura, não poderão ser bem compreendidas depois, se não forem estudados agora.

Nas reflexões de Santos (1988):

Cada lugar combina variáveis de tempos diferentes. Não existe um lugar onde tudo seja novo ou onde tudo seja velho. A situação é uma combinação de elementos com idades diferentes. O arranjo de um lugar, através da aceitação ou rejeição do novo, vai depender da ação dos fatores de organização existentes nesse lugar, quais sejam, o espaço, a política, a economia, o social, o cultural [...] Tanto o novo quanto o velho são dados permanentes da história (SANTOS, 1988, p. 98).

Um dos fatores de organização existentes no baixo curso, do Rio Araguaia que, conforme Santos (1988), interfere no arranjo do lugar, diante do novo, é a capacidade que têm os sujeitos sociais de se organizarem. É por meio dessa habilidade que os camponeses vão propondo e executando a continuação de projetos de vida que se vinculam ao espaço já vivido e em vivência, fazendo surgir uma nova identidade territorial. Desse modo, as suas interpretações desse espaço, que advêm das novas relações com as paisagens, fazem surgir

conteúdos subjetivos, utilizados para defender a apropriação dos novos recursos, materiais e simbólicos, que, logo, vão se juntar às suas subjetividades.

Pensar a subjetividade dos camponeses, relacionada ao novo, pressupõe compreender o modo de vida e forma de pensar anteriores e a sua capacidade de articulação com o espaço, que os leva a reconhecer a sua singularidade, a sua flexibilidade, a integração entre seus elementos.

Quanto à subjetividade, Rey (1998) afirma que:

A subjetividade é a expressão qualitativa diferenciada do aparelho psíquico do ser humano frente às condições culturais em que este vive, a qual pressupõe que o sujeito humano tem que produzir respostas e construções que não estão contidas fora dele, senão que são parte de uma produção criativa de sua história social e cultural (REY, 1998, *apud* ROCHA 2001. p.4).

Essas argumentações sobre a subjetividade indicam que, por detrás das decisões dos camponeses, há uma trajetória reflexiva relacionada à cultura que os habilita a agir sem ancorar as suas decisões tão somente em torno das imposições sociais externas. A lógica e a razão camponesas, quando da incorporação de “outro” espaço, na prática, (re)criam representações e reconhecimentos de si mesmos como sujeitos sociais.

Um sujeito social que pensa e age propositivamente, no espaço, se reinventa na relação com as coisas, com as pessoas e com as instituições, no lugar vivido, constituindo sua territorialidade.

Segundo Raffestin (1993),

[...] a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens ‘vivem’, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. Os atores sem se darem conta disso, se automodificam também. O poder é inevitável e, de modo algum, inocente. Enfim, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele (RAFFESTIN, 1993, p. 158-159).

Se a territorialidade e a identidade social são atravessadas pelas relações de poder, as do camponês, sobre esse espaço transformado pelo capital monopolista e oligopolista não se dão em detrimento ao uso do espaço, ou com perda do seu território. Nas especificidades das iniciativas turísticas, nas suas ações para permanecer no lugar, acaba desenvolvendo influência mútua entre o velho e o novo e é dessa condição de poder criar que resulta o uso dos recursos disponíveis no espaço, como uma forma de trocar coisas e saberes para se defender. Desse modo, “tudo reside na relação concebida como processo de troca e/ou de comunicação, processo que permite aos **atores (no caso em estudo, sujeitos sociais)** satisfazerem suas necessidades, ou seja, proporcionar a eles um ganho, mas também um custo [...]” (RAFFESTIN, 1993, p. 161).

Para sistematizar o entendimento da territorialidade enquanto categoria de análise, Raffestin (1993) compreende que:

A territorialidade aparece [...] como constituída de relações mediatizadas, simétricas ou dissimétricas com as exterioridades [...]. A territorialidade se inscreve no quadro da produção, da troca e do consumo das coisas. Conceber a territorialidade como uma simples ligação com o espaço seria fazer nascer um determinismo sem interesse. É sempre uma relação, mesmo que diferenciada, com os outros [...] (*idem*. p. 161).

A territorialidade, como uma complexa relação dos sujeitos sociais entre si e com o espaço, é rica, específica, muito própria, particular, única. No caso da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, a territorialidade é composta por um conjunto de relações estabelecidas e dinamizadas diariamente, abarcando práticas e relações sociais como o lazer, o ócio, o trabalho camponês, o trabalho não camponês, e as Instituições sociais como a família, a comunidade, os vários tipos de ajuda mutua. Com o turismo, as territorialidades incluem também os turistas, as hidrelétricas, as leis ambientais, as autoridades municipais, sejam elas jurídicas, políticas, policiais, econômicas, dentre outros elementos do lugar vivido.

Desse modo, a análise geográfica da condição do camponês que desenvolve atividade turística deve examinar dentre outros aspectos, as suas territorialidades, pois: “cada sistema territorial segrega sua própria territorialidade, que os indivíduos e as sociedades vivem. A territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais; ela é consubstancial de todas as relações [...]” (RAFFESTIN, 1993, p. 161 – 162)

A territorialidade também abriga oposições, contradições como é na vida cotidiana, sendo que “[...] a análise da territorialidade só é possível pela apreensão das relações reais recolocadas no seu contexto sócio-histórico e espaço-temporal.” (RAFFESTIN, 1993, p. 162)⁸⁹

Desta maneira, ao usar o espaço criado por outros agentes, o camponês vai redefinindo suas relações e práticas sociais, indicando várias possibilidades de permanência e continuação da vida no lugar.

Mesmo não tratando, em específico, do camponês, Raffestin (1993) compreende o território como uma categoria relacional, como

'Local' de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar. Evidentemente, o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle, portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento. (RAFFESTIN, 1993, p.144).

O território reúne as possibilidades de o camponês agir incorporando, igualmente, recursos espaciais, aquilo que o espaço reúne e representa enquanto matéria-prima, e as suas relações, a sua subjetividade, a sua lógica e

⁸⁹ Ao tomar como exemplo a territorialidade de um siciliano, Raffestin (1993, p. 162) enfatiza que ela “[...] é bem constituída pelo conjunto daquilo que ele vive cotidianamente: relações com o trabalho com o não trabalho, com a família, a mulher, a autoridade política etc. Entretanto, não é possível compreender essa territorialidade se não se considerar aquilo que a construiu, os lugares em que ela se desenvolve e os ritmos que ela implica.” Para esse autor também é necessário considerar os elementos internos e externos a identidade: “Há a parte interna da territorialidade, o núcleo denso, em certo sentido, e a parte externa, aquela imposta [...]”

a sua razão, a sua percepção de sujeito social. O território revela a substância e a riqueza das práticas sócio-espaciais e suas singularidades.

Ao expor comparativamente o espaço com uma **prisão original** e o território com uma **prisão que os homens constroem para si**, Raffestin (1993, p.144) compreende que: “O espaço é, de certa forma, dado como se fosse uma matéria-prima. Pré-existe a qualquer ação”. Os lagos formados pelas duas hidrelétricas, no baixo curso do Rio Araguari, ao serem usados pelos camponeses, enquanto parte do espaço não são alcançados por um único sujeito social (os donos das hidrelétricas) e, muito menos, esse sujeito se torna capaz de monopolizar os usos dos lagos, impedindo outros usos, instituindo relações de poder incontestáveis, inclusive pelo próprio camponês.

Para Haesbaert (1997),

O território envolve sempre, ao mesmo tempo, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de “controle simbólico” sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos (HAESBAERT, 1997, p. 42).

No caso em análise, os usos dos camponeses convertem o espaço em território no qual o poder simbólico daqueles que se sentem parte dele os tornam capazes de usá-lo e dele se apropriarem de forma concreta, numa relação direta de poder com o capital, numa disputa. O uso por diferentes sujeitos sociais (as Hidrelétricas, os camponeses, os turistas) pode indicar “múltiplas territorialidades” (HAESBAERT, 2004, 2005). Isso também sugere que, a partir de usos diferentes (da paisagem, dos seus patrimônios culturais, da infra-estrutura...) os camponeses podem vivenciar, mesmo que de forma desigual, diferentes territórios.

Na interação entre os lagos e as propriedades camponesas, não se pode esquecer o enorme poder das instituições que legitimaram a construção das represas e disciplinam os usos dos lagos, o capital e o Governo. Regras, normas, leis, acordos tácitos podem sofrer mudanças, de acordo com os interesses dessas instituições. Por isso, essa territorialidade que hoje se

apresenta deve ser entendida como uma relação social mutável e que provavelmente se redefinirá conforme as motivações dos sujeitos envolvidos, sejam elas por interesses econômicos ou de valores humanos constituídos histórica e culturalmente onde se vive.

Desse modo é necessário levar em conta que,

[...] a vida é tecida por relações, e daí a territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade – espaço - tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema [...] (RAFFESTIN, 1993, p.161).

Como as hidrelétricas que formaram os lagos não foram obras construídas pelo trabalho do camponês, “uso” seria o melhor termo para analisar a relação dele com o espaço criado, mas não totalmente absorvido pelo capital. Como propriedades dos camponeses, especialmente no assentamento “Vida Nova”, fazem divisa com a área de preservação permanente, esta também é uma condição que os habilita a usá-la. Esse uso tem, para o camponês, o objetivo de manutenção da propriedade familiar e geração de renda para a família, que nela trabalha, usando os lagos e as terras para garantir os intercâmbios materiais e imateriais imprescindíveis à sua existência.

Foto 28 – Tablado para pesca no lago da Hidrelétrica Amador Aguiar I, assentamento “Vida Nova”, comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia. MG. Trata-se de uma iniciativa de baixo custo de diversificação das atividades nas propriedades rurais. Geralmente, o camponês adquire as madeiras e ele mesmo realiza o trabalho de carpintaria. O tablado gera renda para a propriedade, na medida em que a família aluga para os visitantes. Kinn, maio de 2010.

Não há conflito ético ou moral para o camponês que utiliza, concretamente, do espaço que outro construiu, pois nessa relação, o que está sendo praticado é o uso daquilo que já foi seu, simbólica e concretamente, e não a conversão em propriedade particular daquilo que não é seu. O uso não é algo estranho à moralidade camponesa. Ao contrário, é legitimada pelo trabalho, por aquilo que lhe atribui direitos de uso. No entanto, como tanto a consciência do espaço quanto sua incorporação ao território não ocorrem imediatamente, implicam tempo, e tempo de uso, é o fato de aquele já ter sido território deles que o habilita à utilização.

Desse modo, a pequena propriedade de terra, privada, camponesa, passa a regular os acessos aos lagos. Nisso, há redefinições e reordenamentos de atividades dentro da família camponesa. Portanto, o uso dos lagos amplia, redefine a exploração da propriedade camponesa, como também suscita um conjunto de práticas que se acentua e se manifesta na apropriação do espaço, enquanto matéria-prima, para potencializar o fazer turismo nas propriedades camponesas.

Assim, o espaço criado comporta os usos específicos e aqueles criados pelos camponeses e torna-se o local de interações complexas que envolvem aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais da vida que se realiza na área de estudo. Essas interações vão modelando o entorno das represas, os tempos e os espaços de sujeitos sociais, os camponeses e as comunidades rurais.

Nessas práticas sociais camponesas de apropriação, não se domina o espaço para se fazer nele aquilo para o que ele foi concebido pelos agentes que o manipularam. Esses usos dão multifuncionalidades ao espaço, que vai-se prestando, também, aos objetivos dos camponeses de se manterem no lugar, por lá terem estado como tal, mesmo que agora não mais possam ser, exclusivamente, camponeses.

O camponês, ao se apropriar do espaço criado pelo outro em cima do espaço que era seu, coloca-o, novamente, dentro do tempo vivido por ele, do

seu modo de vida e, assim, torna-se capaz de reorganizar a sua propriedade a partir das suas competências e habilidades. Não há, necessariamente, limitações técnicas que inviabilizem ou que não permitam que o camponês se reterritorialize, ao mesmo tempo em que, se tiver que abrir mão da produção de certas atividades tradicionais que caracterizavam a sua propriedade, ele o fará sem que isso o descaracterize.

Os camponeses que ficaram com menos terra para produzir não conseguem, por exemplo, produzir leite em escala que atenda aos interesses dos laticínios. Desse modo, para continuar na terra é fundamental ter acesso a esse espaço, mesmo que apenas a fragmentos, nos termos da apropriação descrita. Essa possibilidade de permanência no lugar parece motivá-los a continuar organizando a vida a partir de uma nova atividade que esteja articulada à produção anterior e ao trabalho familiar.

Neste contexto de trabalho, com menos terra e mais água, a melhor e talvez única forma de o camponês assegurar a produção dos bens de que necessita e gerar renda é trabalhar usando o lago, com atividades agropecuárias e/ou não agropecuárias.

Com o advento dos lagos e da infraestrutura, que inclui asfalto e sinalização, as atividades do camponês deixaram de depender das imposições de ordem bruta. O trabalho sofreu modificações em quantidade e qualidade e os rendimentos dos camponeses não vêm mais de uma única fonte.

Foto 29 – Visitantes dos lagos. Com a instalação das duas usinas hidrelétricas e formação dos lagos, também chegaram o asfalto, a sinalização e os turistas. Na Rodovia Municipal 030, próximo ao barramento da hidroelétrica Amador Aguiar I é comum avistar motoqueiros circulando pelos lugares e barqueiros no lago. Kinn, março de 2010.

Na diversificação das atividades, é preciso criatividade, há invenções e reinvenções, e é importante o envolvimento da família. O camponês não pressupõe a padronização das atividades, uma produção em ritmo capitalista, como forma de potencializar a renda da família, além de auferir rendas/lucros, a partir da receptividade. Eles pensam as novas atividades a partir da relação espaço-tempo; através de combinações e estratégias sociais, os camponeses vão expressando seus modos diferentes de oferecer produtos não agropecuários aos visitantes. A produção do lugar turístico, a partir dos lagos e da propriedade camponesa, baseia-se, de um lado, nas possibilidades de articulação entre diferentes formas de uso do espaço e, de outro, nos interesses que orientam as ações da família camponesa.

Essas mudanças sócio-espaciais não redundaram, porém, em disseminação indiscriminada das atividades turísticas. O entorno dos lagos, embora não especificamente, já era um território vivido. Por isso, em algumas comunidades existe uma diferenciação de uso do espaço, que mantêm, com mais preponderância, os conteúdos anteriores da vida social e cultural local.

Assim, os patrimônios camponeses, terra, edificações, saberes, espaço vivido, sociabilidade e redes de vizinhanças servem de orientação para o desenvolvimento de atividades turísticas e são incorporados a elas para serem oferecidos. Não se descuidava das relações com a comunidade e daquilo que ela representa como força política. O camponês estava mais ou menos ciente das novas contradições que teria que enfrentar.

Quando se transforma a propriedade em atração turística, a família, mesmo promovendo o consumo da propriedade, não a concebe como mercadoria e nem aceita, permanentemente, as imposições decorrentes da nova atividade. Na contramão das exigências de conforto do visitante, os camponeses, mesmo tendo recursos para atendê-lo, compreenderam que isso ia além dos seus propósitos e resolveram manter aquilo que eles entendiam como razoável para a atividade continuar sendo praticada. Perceberam, também, que aquilo que tinham no espaço vivido era um atrativo para atrair turistas.

Desse modo, não há homogeneização de hábitos e costumes, as características identitárias foram mantidas e servem agora para atender aos visitantes. As relações e práticas sociais, no espaço e no tempo, são um campo de ação para que o camponês continue existindo. Em sua maioria, acabaram se recusando a se enredar na lógica de mercado, ganhando, ao mesmo tempo, possibilidades de resgatarem e introduzirem, na nova atividade, saberes e técnicas específicas e, com isso, a própria paisagem camponesa foi mantida e usada para desenvolver o seu novo negócio.

Analisar as particularidades desse fazer turístico, principalmente quanto ao caráter sócio-econômico-cultural do território, é ter a possibilidade de compreender as permanências e transformações da sua existência. Assim sendo, o território não é constituído apenas por relações históricas de identidade e vínculo com o espaço; o ritmo das relações, as reações às imposições sociais e a recusa em atender a necessidades supérfluas, entre outros elementos, também o constroem. As mudanças do espaço, na primeira década do século XXI na Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguaia, possibilitaram aos camponeses entenderem-se, respeitarem-se, valorizarem-se e mostrarem-se como sujeitos sociais capazes de se reorganizarem no lugar.

2. 2. Território e territorialidades camponesas no uso e na produção do espaço turístico

O camponês da área de estudo, integrado ao novo mercado pela modernidade, vive um mundo carregado, abarrotado de inovações tecnológicas e rico em significados, embora contenha e vivencie territórios e territorialidades decorrentes do seu próprio processo histórico e cultural. Saquet (2005), ao analisar o território, mostra que o movimento está no espaço e no tempo; destaca a necessidade de se descrever, analisar e compreender as articulações vivenciadas no interior do território. Isto é, fazer a abordagem das multiterritorialidades, das descontinuidades contidas na continuidade das

relações sociais, das dimensões material e simbólica. O autor, também enfatiza a importância de se perceber que o material e o imaterial estão agindo reciprocamente na constituição/desarticulação dos territórios a partir das relações entre o sujeito e o espaço. A partir dessas exposições, consideraram-se, também, no caso em estudo, as relações entre o camponês e o espaço que sofre transformações estéticas, políticas, econômicas, culturais e sociais.

As preferências camponesas não são isoladas de seu meio. Ao contrário, em um espaço e tempo específicos, estão relacionadas a diversos elementos: sejam eles religiosos, culturais, sociais ou individuais e, por isso, são portadoras de significado.

É preciso compreender as ações desse sujeito social com o espaço a partir de um uso próprio, característico dele e, no caso do assentamento “Vida Nova”, com a incorporação de iniciativas turísticas, suscetíveis à mercantilização da terra de trabalho e do trabalho.

Nas práticas e representações sociais do camponês, há uma valorização do espaço, do meio. Os camponeses, a partir das possibilidades de uso dos recursos sócio-espaciais, trabalham, (re)criam, (re)inventam, não param para existirem como sujeitos no lugar. No entorno dos lagos, não basta morar, há que serem sujeitos sociais hábeis, conscientes, capazes de aproveitar os recursos neles contidos para usá-los, transformá-los e delimitá-los como seus territórios. Suas práticas e relações sociais no lugar, embora simples, pelo menos na aparência, são “territorializantes”, estabelecem algum tipo de apropriação, não importando o grau de “correspondência e intensividade” entre o domínio simbólico e o de “caráter político-disciplinar” (HAESBAERT, 1997).

Colocar um tablado na represa é uma coisa mais simples, é uma coisa que todo mundo *faiz*... Esse tablado é muito importante... Por quê? Porque chega a pessoa, assim, por exemplo, um pescador... Daí ele vai e fica fazendo aquilo que ele gosta, fica lá satisfeito... Ele vai se *interessá* pelo tablado... É nesse lugar que ele vai *ficá*, vai *passá* o tempo aqui e depois ele pode *chamá* um amigo, *indicá* aqui...⁹⁰

⁹⁰ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural do assentamento “Vida Nova” que já iniciou atividades de recepção aos visitantes. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG, maio, 2010.

Essa apropriação ocorre na prática cotidiana, no seu suporte social, que permite a apreensão da essência do espaço através da experiência vivida, adquirida, transformada (Thompson, 2001) e aplicada no lugar. Nos territórios camponeses alterados por grandes projetos de produção de energia elétrica, como no baixo curso, do Rio Araguari, os recursos hídricos são inscrições espaciais com limites flexíveis e negociáveis, embora não no seu todo.

Foto 30 – Tablado e barco nas margens da Represa Amador Aguiar I. Além dos tablados no assentamento criado pelo Consórcio Capim Branco Energia, os passeios de barcos são um atrativo para visitantes, principalmente nos finais de semana. Kinn, maio de 2010.

O problema era *chegá* até a água lá na represa... Não tinha estrada pro povo *passá* com o carro. Daí eu fui entrando (na área de preservação permanente) e montando o negócio. Como não tem lógica *tirá* a despesa em *treis* hectare, resolvi *entrá* mesmo nessa coisa de turismo... Pra isso a gente não tá construído, mais *tá* lutando, *tá* limpando, *tá* criando caminho, lugar pro povo *ficá* e *voltá* sempre... Hoje a gente tá vivendo com as entrada de carro e aluguel na beira da represa.⁹¹

Foto 31 - Turismo receptivo. Em uma das propriedades que trabalham com turismo receptivo, na comunidade Tenda do Moreno, a placa indica o horário de funcionamento e alerta aos visitantes que “fora destes horários a porteira estará trancada”. Kinn, maio de 2010.

⁹¹ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que já iniciou atividades de recepção aos visitantes. Comunidade da Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio, 2010.

Suas ações são manifestações dos direitos de poder usar o espaço, marcadas por singulares experiências vividas no processo de transformação do lugar. Neste caso, a identidade é formada por enraizamentos, valores e sentimentos. Contudo, o depoimento anterior individualiza um pensamento que revela um camponês que já vê e discorre suas iniciativas como um investimento que se torna negócio. No próximo depoimento, o produtor rural, enquanto proprietário é novo no lugar e percebe que o fazer turismo depende também de se estabelecer e manter relações de cordialidade entre a vizinhança.

A gente vive aqui já faz um pouco tempo, tem uma coisa que a gente sempre *gostô* daqui foi essa tranquilidade, essa coisa da gente *podê* *vivê* em paz... Por quê?... Porque a gente conhece todo mundo, já foi na casa do povo, na festa, na missa... Então eu acho que eu já sou daqui...⁹²

Ser do lugar assume contornos específicos, pois as relações sociais envolvem a comunidade de vizinhos e é uma ação manifestada e representada na esfera das instituições comunitárias; Igreja, escola, por exemplo, são espaços de formação da moral e da ética camponesa. Estas, apesar de exercerem controle social, também foram sendo usadas e apropriadas pelos camponeses para atender às demandas da vida e atingem, no espaço rural, graus de complexidade crescente, pois a própria vida vai-se transformando na relação com o espaço social em mutação.

Considerou-se, também, a espacialização do camponês – “espacializar é registrar no espaço social um processo de luta” (FERNANDES, 1996). Fernandes, ao pensar a formação e territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, compreende que:

[...] esse sujeito coletivo se espacializa pela sua *praxis*, por meio da (re)produção por suas experiências de luta. Este processo é desenvolvido pelo trabalho, pela ação criativa, reconstruindo o espaço de socialização política. Espacializar, portanto, é conquistar novos espaços, novos lugares, novas experiências, [...] É o multidimensionamento do espaço de socialização política. [...] (FERNANDES, 1996, p. 136).

⁹² Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que já iniciou atividades de recepção aos visitantes. Comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia. MG. Maio, 2010.

No caso em estudo, talvez o termo que propicie maior adjacência e adequação para entendermos a espacialização do produtor rural seja a construção de estratégias de adaptação. Contudo as práticas sociais delimitam o território e isso ocorre, na relação entre os de dentro e os de fora da comunidade. Compreende-se as manifestações políticas nos vários espaços sociais e não apenas aqueles de formação da moral e da ética camponesas. Apesar de exercerem controle social, há um sentimento de defesa, de proteção dos espaços em que se encontram as capelas e as escolas. Essas instituições são apropriadas pelos camponeses para atender às demandas das suas vidas que vão-se transformando, no espaço e no tempo.

A igreja e a escola? Sim, eu acho muito importante. A criançada daqui estuda lá na escola da Tenda... Fica lá aprendendo as *coisa*... Eles *gosta* da escola, mais eu acho que tinha que *tê* mais coisa pra eles *aprendê*... Por quê? A gente *tá* mexendo com muita coisa nova... A Igreja? A gente quase não vai *lá*, mais ela é importante pro povo... Por quê? O povo gosta de se *encontrá*, de *conversá*, de *participá* da festa... Daí a gente fica sabendo de tudo que acontece na nossa comunidade⁹³.

Em verdade, o tempo de convivência nos lugares, com as pessoas e instituições, fez desse camponês, na relação com o espaço, um sujeito social capaz de interpretar e representar a vida comunitária como um todo complexo cheio de possibilidades. Nos lugares, as instituições aparecem, socialmente, indissociáveis da vida prática dos produtores rurais e, como vão sendo constituídas historicamente, precisam acompanhar o movimento que transforma a vida nos lugares. De certo modo os camponeses percebem o lado positivo das instituições, pois as concebem como algo carregado de possibilidades, inclusive para o uso do espaço. O camponês, como qualquer outro ser humano, vai assimilando e, conseqüentemente, incorporando os valores humanos dos lugares, formando as suas pertenças e identidades.

As pertenças e as identidades decorrem de envolvimento com o lugar ao longo do tempo, na formação de tradições.

⁹³ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que já iniciou atividades de recepção aos visitantes. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2010.

A festa de Santo Reis *tá* aqui nessa região desde 1948... O vizinho que tinha aí foi lá do outro lado do rio *buscá* a bandeira... Foi lá naquela comunidade... trouxe a bandeira e *tá* aí até hoje.... Então não é brincadeira, é coisa muito séria... Por quê? Porque ela tem tempo de existência no *lugá*...⁹⁴

Foto 32 – Folia de Reis na propriedade rural Pau Furado, comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia, MG. À esquerda, a chegada da bandeira e dos foliões na casa do devoto, que desenvolve atividades de recepção aos visitantes. No centro da foto, os instrumentos dos foliões, que destacam-se pelos adereços. À direita, a bandeira dos três Reis, santos que ficam juntos com as imagens de São Pedro e Nossa Senhora Aparecida. A justaposição das imagens das santidades se explica pelo fato de a Folia de Reis ter chegado à casa do devoto de Nossa Senhora Aparecida no dia de São Pedro. Kinn, Junho de 2010.

Na abordagem da formação do território, a partir dos usos, consideram-se as ações, as percepções e as simbologias que transformam os espaços em vários territórios. O território expressa-se na tradição, mas também no cotidiano, no modo de vida, na relação do local (o camponês) com o global.

Quando o território camponês se abre para o turismo, envolvendo a família e a propriedade em novas relações sociais que rearticulam o particular ao geral ou o local ao global⁹⁵, tem-se também desenhada a possibilidade de existência de várias territorialidades ou mesmo territórios superpostos no baixo curso, do Rio Araguari. Essas outras territorialidades estão associadas à flexibilização da produção e ao fato de que as relações

⁹⁴ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional de leite. Martinésia, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

⁹⁵ Mesmo não tratando do campesinato, mas do território, Odette (2005) argumenta que “[...] pode-se dizer que, de um ponto de vista estritamente teórico, o território articula o particular ao geral ou o local ao global e que, revelando o modo de vida, eleva o cotidiano enquanto expressão da vida cotidiana na modernidade à teoria e ao conceito. No cotidiano urbano realizam-se todas as abstrações. Inclusive, o processo de valorização do espaço enquanto abstração da forma mercadoria realiza-se como abstração concreta, delimitando territórios”. (p.185).

sociais, nos lugares, estão em movimento. Sobreposição territorialidades, algumas estáveis outras instáveis, em um substrato espacial em parte modificado e em parte não modificado. Conforme mostra Souza (2006),

Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos (os quais são apenas substratos materiais das territorialidades [...], podem [...] formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (ao invés de uma escala temporal de séculos, décadas, podem ser simplesmente anos ou mesmo meses, semanas ou dias), ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular, mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos – e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo (SOUZA, 2006, p.87).

Analisando-se esses acontecimentos da primeira década do século XXI na área de estudo, bem como os de outros tempos, percebem-se habilidades e flexibilidades do camponês para adaptar-se ao espaço e elaborar novas formas de existência, sem deixar de ser camponês.

Para Shanin (2008), o camponês é diverso, complexo e em cada lugar pode-se encontrá-lo expressando-se de um jeito próprio. Segundo o autor:

Em alguns lugares, há comunidades de camponeses que vivem principalmente do turismo. Há lugares onde as comunidades camponesas ganham a vida com novos métodos de produção e, entre outros, os camponeses ganham a vida por meio da combinação do trabalho camponês e do trabalho não-camponês (SHANIN, 2008, p.25).

Isso significa que o camponês tem uma enorme capacidade de se territorializar e de combinar e (re)inventar as suas práticas sociais. Diante disso, optou-se por valorizar, no camponês, a sua capacidade de desenvolver e elaborar a sua permanência produtiva, inclusive abarcando o turismo receptivo. A incorporação dos lagos formados a partir das hidrelétricas poderia revelar novos territórios e territorialidades derivadas de formas de interpretar as mudanças, anunciando ações, decisões do que fazer para existir no lugar afetado por grandes projetos.

O ato ou mesmo a capacidade dos camponeses usarem os recursos materiais e imateriais do lugar a partir de um espaço em mutação envolve esses sujeitos sociais num conjunto de ações que vão sendo propostas no cotidiano.

Nos usos do espaço pelo camponês, enquanto atividade, a família ou a comunidade desenvolve um conjunto de ações que redefinem o mundo vivido. Nessa condição há ampla e complexa criação de nexos sociais que assume uma dimensão territorial que envolve valores humanos. Há, ao mesmo tempo, objetivação e subjetivação das relações sociais que interfere na ordem espacial dos homens e das coisas.

A mutação do espaço, das relações indica que o camponês vive um continuo processo de produção das coisas, ao mesmo tempo em que agem redefinindo sentidos e ações para diversificar as suas atividades produtivas. Elas envolvem ações daqueles que vivem no lugar e se manifestam no espaço com usos específicos, particulares, criativos e reativos, também diferenciados no tempo, no espaço e nas suas representações decorrentes das suas práticas sociais.

Nos termos em que se discute as transformações das coisas e dos homens, no entorno dos dois lagos e considerando-se a abrangência do espaço e da Geografia, tem-se que:

A análise geográfica deve examinar o espaço como um texto, onde formas são portadoras de significados e sentidos, Há, por assim dizer, uma “escrita” nesta distribuição das coisas no espaço. Em outros termos, o arranjo espacial das coisas é uma linguagem. Comunica, revela e organiza sentidos, utiliza metáforas, metonímias, anacolutos, elipses e hipérboles. Há como linguagem na maneira pela qual as coisas estão postas no espaço, no fluxo de coerência que as une espacialmente, no sentido que as atravessa nas diferentes seqüências de elementos. (GOMES, 1997. p. 38 – 39).

Contudo, no arranjo sócio-espacial, proporcionado pelo uso, a questão territorial torna-se relativa e processual aos seus tempos ou temporalidades sociais. Neste sentido, Saquet (2003) escreve que:

Para entender o território em movimento e este no território, a relação tempo-espaço é central, como já mencionamos, pois esta relação, em-si, é movimento. As mudanças e permanências, conjugadas, relacionadas, estão em constante movimento; são processuais e relacionais; estruturais e conjunturais. O território é relacional e processual. É produto e condição da articulação existente entre o tempo histórico e os coexistentes (pluriescalaridade). (SAQUET, 2005, p. 13887).

Como as relações sociais especificam, particularizam o território e as territorialidades, compreende-se que não é somente de conflito que vive o homem. Heidrich (2006) amplia essa compreensão considerando que o território também se faz, se cria, se inventa, no caso em estudo, se reinventa estabelecendo vínculos sociais:

Por meio do estabelecimento de vínculos, por criações ou invenções humanas, através de práticas sociais, é que se produz território, que se constitui uma territorialidade. Nesse sentido, a perda de vínculos, econômicos, culturais, políticos ou sociais, implica em algum afastamento do indivíduo ou coletividade, da condição territorial presente naquele momento. Como se sabe, a re-territorialização está diretamente implicada nesta dinâmica e, isto deve significar que alguma condição territorial permanece. (HEIDRICH, 2006, p. 27).

Contudo, para se conjecturar sobre as ideias de vínculos territórios, também é necessário considerar a viabilização da inclusão dos camponeses no espaço em mutação e em conquista. Heidrich (2004) considera que:

[...] Os vínculos territoriais são resultantes das ações ou práticas sociais de condução e representação da vida. Dependem, portanto, de uma relação com as externalidades, com os vários âmbitos de integração socioespacial, que nos dirá sobre a sujeição a tais, que implique em desterritorialização e re-territorialização dominantes ou construção de territorialidades auto centradas. (HEIDRICH, 2004, p. 63.)

Retomando Raffestin (1993), vê-se que o território deverá ser sempre analisado como uma construção envolvendo sujeitos sociais, dentro de processos estabelecidos historicamente e que se nutrem de relações de poder balizadas por necessidades/interesses em perpétuo movimento, no nosso caso, uma dialética, uma dinâmica de relações impositivas e propositivas envolvendo, as Hidroelétricas, os turistas e também as temporalidades sociais camponesas.

O território não poderia ser nada mais que o produto dos atores sociais. São eles que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço. Há, portanto, um processo do território, quando se manifestam todas as espécies de relações de poder que se traduzem por malhas, redes e centralidades cuja permanência é variável, mas que constituem invariáveis nas qualidades das categorias obrigatórias. (RAFFESTIN, 1993, p. 7-8).

O camponês da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, incorporou ao seu território os lagos formados pela construção das usinas Hidrelétricas. Em alguns casos, o camponês parece perceber as mudanças e, de certo modo, se organiza, faz projeto para se adaptar às transformações.

Para a nossa família, foi assim: a gente foi vendo que a usina ia saí e então a gente foi pensando naquilo que a gente podia *fazê*. A gente sabia *fazê* serviço de roça... *aí* a gente também foi pensando que a gente também sabia *fazê* comida de roça. Então a gente foi procurada pra *fornecê* comida... Foi assim, fornecendo comida pros pião da obra que a gente *começo*⁹⁶.

Foto 33 – Restaurante Recanto Paraíso. Fornece comida caseira, salgados e bebidas. Quem almoça no restaurante tem direito de banhar-se no lago da Hidrelétrica Amador Aguiar I. Diariamente, o estabelecimento atende 150 pessoas, mas aos sábados, domingos e feriados chega a receber até 600 pessoas. Kinn, maio de 2010.

Nessas articulações, esse sujeito social vai-se apresentando como pertencente a um lugar que está sendo incorporado por processos mais amplos, envolvendo a reprodução capitalista, pois

Um ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, ou seja, ocasionada automaticamente pelo lugar, nascimento, profissão, meio. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber a quase totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios dos quais faz parte [...] (WEILL, 2001. p. 43)

A condição de ser e estar no espaço e poder usá-lo vem de valores humanos, culturais e ancestrais que são utilizados para defender o território, portanto, para territorializar-se assume, segundo a entrevista a seguir, vínculos sócio-espaciais que são representados pelo discurso do enraizamentos:

⁹⁶ Entrevista obtida, pela autora, com uma família assentada pelo Consórcio Capim Branco Energia, assentamento “Vida Nova”. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2009.

A gente *tá* aqui porque esse chão é nosso... Faz tempo que a gente vive aqui, é um pedaço de chão que venho do patrimônio do nosso pai... Isso aqui era muito grande, agora é menor... Teve repartição e o jeito é *arrumá* um jeito de *fazê* renda e *ficá*.⁹⁷

A condição de pertencer historicamente a um lugar, além da identidade, parece justificar o seu uso em outra situação sócio-espacial. Para Tuan (1980), o *lugar/território* é construído pelo ser humano, por isso pode-se entendê-lo como um espaço repleto de emoções, racionalidades e em certa medida, expectativas, frustrações, sonhos, negações e proposições de projetos de vida. No caso em estudo, o território, a partir do lugar vivido é concebido como presença humana, racionalidade e emoção, um conceito constituído pelos usos, neste caso, pelas humanidades dos camponeses. Conforme Santos (2006),

O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 2007, p. 14).

Certamente as relações e práticas sociais camponesas, por sua diversidade e riqueza, criaram vários tipos de territórios. Dificilmente contínuos, pois não detêm áreas extensas, e no lugar há vários territórios estabelecidos por outros agentes sociais, principalmente aqueles vinculados à produção de energia elétrica. Contudo, se considerarmos as relações e as práticas sociais, é possível que elas remetam à relevância das redes sociais para se compreender as iniciativas turísticas que as envolvem em outros territórios, de diferentes escalas e dimensões.

Os significados, concretos ou simbólicos, o aspecto físico material, os valores humanos, os sentimentos de vinculação, os comportamentos individuais ou comunitários viabilizam a ação do camponês num espaço concebido na sua origem como mercadoria ou para produzir coisas e não homens. O camponês se (re)organiza na relação com esse espaço para poder dominá-lo e fazer dele, novamente, seu território, lugar de sua (re)produção. Conforme a entrevista a seguir, também, envolve oportunidade de se usar o espaço para ganhar a vida.

⁹⁷ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional de leite. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2009.

Quando a gente viu que *oferecê* apoio para as pessoas que visitava o lugar pra *fazê* esporte era uma coisa boa, *nóis* aqui não queria muita gente, queria um pouco... Assim, um tanto que desse ganho... Dai o pouco viro bastante... Assim, uma coisa que a gente vai levando.⁹⁸

Foto 34 – Trilha para a prática de *motocross*. A propriedade se localiza nas margens do lago da Hidrelétrica Amador Aguiar I, próxima do assentamento “Vida Nova”, na comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Seus proprietários oferecem uma trilha para a prática do *motocross*, acesso ao lago, inclusive para jet-ski, além de serviços de bar e restaurante. Kinn. Julho de 2010.

A autonomia e a ordem moral camponesa se entrelaçam com as questões econômicas e passam a guiar o uso do espaço no processo de constituição de territórios.

Não é bem um negócio... Se você *pensá* bem, é um jeito da gente consegui uma ganho... Então *tá* tudo montado pra *melhorá* a nossa atividade... Então é mais um jeito da gente *mexê* mais com a propriedade, dá um rumo diferente... Uma coisa nova...⁹⁹

No caso em estudo, os camponeses, nos lugares vividos, agem preservando identidades, pertencimentos, por ligações materiais e imateriais aos lugares, experiências, práticas sociais como fundamentos da vida no lugar, mas também compartilham esses elementos do outro com esse outro que vem ao seu lugar e reagem, assumindo um sentido de defesa do seu jeito, do seu lugar. Basicamente, defendem aquilo que é seu território.

Com a represa aqui, tem bem mais gente andando por aqui. A gente não tem nada contra ninguém... De jeito nenhum, todo mundo tem direito... Agora, eu fico olhando *pro* jeito que os *motoqueiro* anda... É uma coisa descompensada... Vai lá e vê, o povo anda voando...¹⁰⁰

⁹⁸ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional que foi um dos pioneiros em abrir a propriedade para o turismo. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Abril de 2009.

⁹⁹ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional da Comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Como a propriedade rural passou por transformações recentes, o proprietário procura enfatizar a ideia de que as atividades de recepção aos visitantes, sobretudo de oferecer refeições e bebidas, não negou ou eliminou, da propriedade a produção de alguns produtos agrícolas. Abril de 2009.

¹⁰⁰ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural tradicional, na Comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Aqui é importante destacar o estranhamento que o produtor rural

Foto 35 – Visitantes de finais de semana. Neste dias, o fluxo de motoqueiros, ciclistas e pescadores, dentre outros visitantes aumenta consideravelmente na região do Pau-furado. Tenda do Moreno, criando certo desconforto para quem vive no lugar. Kinn, junho de 2010.

Em se tratando de transformação do espaço vivido em território e ao pensar no uso, na apropriação, Seabra (1996, p.46), mesmo não tratando do camponês, compreende a existência de alguns nexos que dimensionam definem “[...] a territorialidade que se liga ao vivido, sem o que não há vida; trata-se de uma escala demarcável do espaço”. É no espaço habitado que se estabelecem estratégias, arranjos anunciando possibilidades de um existir social objetivado e subjetivado pelos seus sujeitos, nos quais estão fundamentados os conteúdos e propósitos de vida. É no lugar onde há a vida camponesa que o camponês pode passar a ganhar a vida também a partir de suas iniciativas turísticas.

As próprias práticas sociais camponesas e suas representações do cotidiano tornam-se força/energia suficiente para os camponeses conseguirem responder às imposições, as crises, sejam elas sociais, culturais, econômicas, criando novidades na forma de agir, na propriedade camponesa, fazendo surgir novas atividades.

A nossa lida era com roça, trabalho pesado. Daí a gente *mudô*, não de um tudo, mais *mudô*... Daí a gente foi vendo que tinha outras *dificuldade*.... Quais? Não é fácil *mexê* com gente... Por quê?... Cada um tem um costume, um jeito... Daí a gente vai se virando e pegando o jeito... Também não é uma coisa muito custosa... A gente vai pegando as *mania* e tem também na família uma força pra *fazê* bem feito, por que aqui a gente tem que *inventá*... Daí a gente vai encontrando um jeito de *chegá* nas pessoas.¹⁰¹

manifesta sobre a presença do outro. Com o asfalto ligando a comunidade à cidade, o lugar que até bem pouco tempo convivia, basicamente com os de dentro, passa a receber, nos finais de semana e feriados, um contingente expressivo de visitantes. Maio de 2009.

¹⁰¹ Entrevista obtida, pela autora, com uma família assentada pelo Consórcio Capim Branco Energia, assentamento “Vida Nova”. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2009.

Os camponeses e suas famílias vão agindo sobre o espaço e, ao mesmo tempo, vão-se habilitando para poder continuar agindo. Assim, o camponês está, de novo, criando seu território. Essa afirmação pode ser comprovada pela observação e análise de suas práticas sociais, seus rituais e seu comportamento frente ao espaço modificado pelo capital.

Conforme Raffestin (1980),

Espaço e território não são termos equivalentes [...] É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível (RAFFESTIN, 1980, p.143).

No caso em estudo a ação é conduzida pelo camponês. Desse modo, dependendo das habilidades, dos interesses e das vontades do camponês, a apropriação do espaço oferece várias possibilidades de diversificar as atividades produtivas. Mesmo que o camponês não tenha a propriedade privada dos lagos ou das suas margens, quando ele e sua família usam esse espaço tornam-no próprio e se colocam novamente como sujeitos sociais. Essa apropriação decorre do fato de o direito de uso ou que se estabelece pelo uso, ser socialmente estabelecido e aceito. Mesmo inconscientemente, isso é se opor e reagir concretamente à propriedade privada. Conforme Smolka (2000), o conceito,

[...] o termo apropriação está permeado por outras significações importantes, que trazem outras implicações conceituais. O termo adquire relevância teórica especialmente quando embasado no materialismo histórico-dialético. O termo apropriação refere-se a modos de tornar próprio, de tornar seu; também, tornar adequado, pertinente, aos valores e normas socialmente estabelecidos. (Smolka, 2000, p.4)

Em uma abordagem relacional, o conceito representação, envolvendo transformações sociais, assinalado por Smolka (2000), revelam também tensões e mutações de caráter recíproco entre sujeitos e objetos constituídos nos diferentes modos de trabalhar e produzir. Nesta perspectiva, a autora, também, indica que essa situação condicionada socialmente pode ser encontrada nas reflexões e entendimentos de Marx e Engels (1984), sobre o sistema social de produção capitalista. Segundo os autores:

Chegamos, pois ao ponto de os indivíduos se verem obrigados a apropriarem-se da totalidade das forças produtivas existentes, não apenas para conseguirem manifestar o seu eu, mas sobretudo para assegurar a sua existência. Esta apropriação é, antes de tudo, condicionada pelo objeto a apropriar, neste caso as forças produtivas desenvolvidas ao ponto de constituírem uma totalidade e existindo unicamente no âmbito das trocas mundiais. Sob este ângulo, esta apropriação deve necessariamente apresentar um caráter universal correspondente às forças produtivas e às trocas. A apropriação destas forças consiste no desenvolvimento das faculdades individuais que de algum modo correspondem aos instrumentos materiais de produção. Por isso mesmo, a apropriação de uma totalidade dos instrumentos de produção constitui já o desenvolvimento de uma totalidade de faculdades nos próprios indivíduos. Esta apropriação é ainda condicionada pelos indivíduos que se apropriam (MARX; ENGELS, 1984, p.56-57).

Nas possibilidades que o espaço oferece ao camponês, sob a perspectiva da sua apropriação, as suas ações podem-se viabilizar pelas práticas sociais e pela proximidade que mantém com o lago. Nessa condição, que inclui localização privilegiada em relação ao lago, ele e sua família se tornam aptos a capturar essa possibilidade de constituir modos de usar o espaço enquanto recurso para diversificar a sua atividade produtiva. Desse modo, pelo uso camponês, o espaço torna-se território.

As atividades que se apresentam e se potencializam, na inclusão das bordas e dos próprios lagos, são o resultado das possibilidades anunciadas e contidas no espaço que o camponês conseguiu “ler”. Na ação do camponês, é também o resultado prático e concreto da inclusão da família camponesa, o que significa o desdobramento de um processo dinâmico, criativo e criador de novas situações que propiciam, à existência camponesa, novas situações e opções de reprodução; portanto está distante do seu fim. Nos usos do espaço o camponês apresenta várias interpretações e justificativas, por exemplo:

Aqui fica o limite dos cem *metro*... Isso aqui é área de proteção, é lá do pessoal do *Ibama*... Então se você tem *três* hectare, um pedaço desse é uma boa tira, (uma área) bom até... Aqui a gente não pode construí, *desmatá, fazê qualquer* coisa... Isso então de *fazê* banheiro, não pode *fazê*... Nada de construção... Mais, pode *usá*, se a gente não construí.¹⁰²

¹⁰² Entrevista obtida, pela autora, com um assentado pelo Consórcio Capim Branco Energia, assentamento “Vida Nova”. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2009.

Foto 36 – Área de Preservação Permanente. A churrasqueira é parte da infra-estrutura montada para receber visitantes. Na propriedade localizada no assentamento “Vida Nova”, na comunidade Tenda do Moreno, o proprietário construiu várias churrasqueiras e disponibiliza uma delas para cada carro que paga para permanecer na propriedade. Kinn, maio de 2010.

Desse modo, usar o espaço e criar o território é também torná-los um trunfo. Assim, é possível retirar daquilo que é “dado”, portanto, do espaço, recursos, territorializá-lo e preservar a sua natureza.

Desde o começo eu já dizia que não vô *desmatá*, não vô *colocá* fogo, vô *cuidá* desse lugar... Você vê, é um lugar bonito até... A gente fez assim e daí o povo respeita, daí eles tem respeito... Aqui eles lá da fiscalização sabe que aqui tem gente zelando...¹⁰³

Foto 37 – Pescaria em tablado. Os tablados nas margens do lago da Hidrelétrica Amador Aguiar I, nas proximidades da Rodovia, MG, 365 foram construídos por chacareiros e proporcionam, nos finais de semana, lazer aos seus familiares. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Kinn, novembro de 2009.

¹⁰³ Entrevista obtida, pela autora, com um assentado pelo Consórcio Capim Branco Energia, assentamento “Vida Nova”. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2009.

O uso representa responsabilidade que, neste caso, é evocado como respeito à legislação ambiental. Na apropriação do espaço, cuidar da área, zelar do ambiente assume um significado de posse, tal como quando, em séculos anteriores, houve a ocupação da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, quando se compreendia e se respeitava o direito à posse para aquele que chegou primeiro. É a legitimação do trabalho que se projetou no espaço, é o direito que se dá pelo uso.

Esse pedaço não tá dentro do meu chão... Isso a gente nem discute... Por quê? Porque é lei. Só que tem uma coisa, tá na divisa do nosso chão... Daí você vê, tem dedicação, tem a mão da gente, então é um pouco da gente, não tem como não sê desse jeito...¹⁰⁴

No uso do espaço pelo camponês, ele privilegia, em suas interpretações, aquilo que é a essência material e simbólica dos territórios, destacando seus aspectos temporais e espaciais. De acordo com Saquet (2007),

As temporalidades e os territórios são múltiplos e sobrepostos, determinados pelas forças do local e por forças externas ligadas à dinâmica econômica, política e cultural nos níveis nacional e internacional. Se o mundo é o que somos, somos o que o mundo é; a história dos lugares é a história do mundo [...] o estudo do território ou dos territórios pode ser centrado no processo histórico [...] conjugado ao tempo coexistente [...], pois essa relação está presente em nossa vida diária e faz parte do processo de apropriação e produção do território [...] (SAQUET, 2007, p.130 -131).

A integração entre a propriedade privada camponesa, as Áreas de Proteção Permanente e os lagos, pelo uso destes dois últimos, produz um *lôcus* de organização e existência camponesa que apresenta contradições.

Não coloquei nem cerca nem nada... Também nem posso, isso fica caro... Até quem tem que *fazê* é lá o pessoal da usina... Então *ficô* assim, sem uma divisão, *ficô* tudo junto... Daí o povo *vai* na água, vai pra *pescá*, *nadá* faz a diversão deles... Então a gente zela, cuida como se fosse da gente... Então é uma coisa que é e não é, mais acaba sendo...¹⁰⁵

¹⁰⁴ Entrevista obtida, pela autora, com um assentado pelo Consórcio Capim Branco Energia, assentamento "Vida Nova". Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2009.

¹⁰⁵ Entrevista obtida, pela autora, Assentamento "Vida Nova", comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Abril de 2009.

Foto 38 – Banhistas. Os visitantes, ao pagarem para entrar nas propriedades rurais que desenvolvem atividades receptivas, já garantem o direito ao banho. Neste ponto do lago, o lugar é raso e permite aos banhistas andarem no corpo d'água formado pela Hidrelétrica Amador Aguiar I. Assentamento “Vida Nova”. Tenda do Moreno, Uberlândia – MG. Kinn, maio de 2010.

Assim, é a noção de territorialidade, com suas várias temporalidades e lógicas sociais, que deve ser utilizada para compreender as ações dos camponeses. De acordo com Raffestin (1980),

[...] a territorialidade assume um valor bem particular, pois reflete o multidimensionamento do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pela sociedade em geral. Os homens vivem ao mesmo tempo o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas (RAFFESTIN, 1980, p. 158).

O camponês dá ao território uma identidade criada e “legitimada” diante das possibilidades com que ele, a família, os outros camponeses, vizinhos, portanto, o grupo social que vive no lugar, criam as condições de existência, presença, conhecimento, experiência e domínio.

Mas, como as relações sociais e as atividades humanas podem apresentar contradições, recriam o lugar, mas ele pode apresentar múltiplas contradições, negações, superações

O movimento *augmentô* bastante por aqui... Aqui passa gente que a gente nem conhece, vem o povo da cidade, vem das outra comunidade... Ali no campo da comunidade quando é fim de semana tá assim de gente jogando, passeando se divertindo... Aí acaba ficando cheio de gente. Tem dias que fica assim abarrotado... *demais* da conta... Daí, a gente fica sem *lugá*...¹⁰⁶

¹⁰⁶ Entrevista obtida, pela autora, com um produtor rural de hortifrutigranjeiros que frequenta, aos finais de semana e feriados, a venda localizada na comunidades da Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Junho de 2008.

A apropriação do espaço também é feita por outros sujeitos, ainda que não seja de forma permanente e isso, de certa forma, desterritorializa o camponês em seu próprio lugar. As mudanças nas atividades podem ser duradouras e permanentes ou não, o que pode, também, trazer certa insegurança.

Foto 39 – Ônibus de turismo e jogo de futebol. O centro comunitário Tenda do Moreno reúne a Capela São José do Moreno, a Escola Municipal do Moreno, uma venda que fornece bebidas, salgados, refeições e mesas de sinuca. Os proprietários da venda cuidam de dois campos de futebol. O fluxo de visitantes no lugar pode ser evidenciado pela presença de ônibus de turismo. Kinn, maio de 2010.

A gente *montô* esse restaurante pensando em muitas coisa... Alguma coisa foi pra frente, outras a gente *abandonô*, mais aquilo que deu certo continua... Por quê? Porque sim... A gente continua porque a gente vê futuro...¹⁰⁷

Evidentemente, o fato de se necessitar obter renda também pode levar à realização de lucros com a atividade turística. Mas suas práticas, as suas formas de agir têm uma lógica própria. Neste caso, dentro do projeto deste camponês, somente se mantém aquilo que tem futuro, aquilo que lhe permite obter ganhos, que lhe permite manter-se na atividade.

A gente até *pensô* em produzi tudo que a gente usa no restaurante, mais não tem jeito, é muita gente... Daí a gente *pensô* e *começô* a *comprá* quase tudo... A gente tinha pensado como uma coisa pra *ocupá* a produção da família... Hoje a gente *tá* comprando queijo dos vizinho ...¹⁰⁸

¹⁰⁷ Entrevista obtida, pela autora, com uma família assentada pelo Consórcio Capim Branco Energia. Assentamento “Vida Nova”. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2009.

¹⁰⁸ Entrevista obtida, pela autora, com um produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2009.

Foto 40 – Produção artesanal de queijo minas tipo *frescal*. Nas propriedades rurais, associado à produção de queijos, há a produção de polvilho e de ovos caipira. Como resultado dessa combinação, em algumas propriedades rurais da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari é possível consumir pães de queijo, acompanhados por doces e café preto. Kinn, julho de 2010.

A metamorfose espaço-território, na vida desse camponês, revela a capacidade dele e de sua família de superar as determinações da sociedade capitalista e de decidir sobre a produção/sustentação da vida. Isso implica em considerar, na pesquisa, a perspectiva (objetiva, subjetiva, material e imaterial) do sujeito e não apenas ou somente a do sistema. Nestes termos, o território expressa a produção do modo de vida camponês, a partir do uso dos recursos presentes no espaço. Por isso, é importante compreender como e por que o camponês domina o espaço e expressa esse domínio simbólica e concretamente.

2. 3. A dimensão e o alcance do território camponês

Como se dá a objetividade dos usos, realizada pela família camponesa sobre o espaço social no baixo curso, do Rio Araguari? Esta é uma preocupação que vai perseguir a análise nesta parte do capítulo. Desse modo, a análise do agir camponês foi direcionada para que se chegasse a uma “descrição densa”, próxima ou muito próxima da abordagem “microscópica” dos fatos (GEERTZ, 1989. p. 31).

O uso que se faz do espaço que se ocupa como lugar pertencido e ao qual se pertence depende dos conceitos e percepções que se tem e das ações

que se efetua; por isso, as ligações com os lugares muitas vezes são afetadas. Segundo Certeau (1994),

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas entre si, dos passados, roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim, simbolizações conquistadas na dor ou no prazer do corpo (CERTEAU, 1994, p.189).

O camponês, no uso do espaço que se faz território, considera a sua existência, para além da sua simples subsistência e da sua família, a um modo de produção familiar recheado de heterogêneas possibilidades de existência. Segundo Saquet (2006),

Na produção familiar, como o próprio Marx verificara em artesãos urbanos, o objetivo principal desta atividade era a subsistência como artesão e não o enriquecimento. A subsistência familiar parece-nos a lógica predominante, ainda. Chayanov (1974) ratifica nosso pensamento ao afirmar que o objetivo principal da unidade econômica campesina não é o lucro. Há, atualmente, novas formas de produção familiar, com geração de produtos com exclusivo valor de troca, por exemplo. Novas formas mais complexas, com produtos de subsistência e para o mercado; há uma heterogeneidade mais clara, mais visível e presente. Há temporalidades e múltiplas territorialidades (SAQUET, 2006, p.15).

Na área de estudo, apesar das transformações espaciais promovidas pela economia de mercado, a existência do camponês é um fato que pode ser observado no modo de vida dos sujeitos que lá continuam vivendo e na essência da economia camponesa. Segundo Shanin (2008):

A flexibilidade de adaptação, o objetivo de reproduzir o seu modo de vida e não o de acumulação, o apoio e a ajuda mútua encontrados nas famílias e fora das famílias em comunidades camponesas, bem como a multiplicidade de soluções encontradas para o problema de como ganhar a vida são qualidades encontradas em todos os camponeses que sobrevivem às crises. E, no centro dessas particularidades camponesas, está a natureza da economia familiar (SHANIN, 2008, p. 25-26).

Os camponeses, ao usarem os lagos, estão exercitando diversas e complexas táticas de permanência no lugar. A capacidade do camponês de produzir e reproduzir as suas relações sociais tem implicações diretas na reorganização da sua existência. Neste sentido, a entrevista a seguir exemplifica essa qualidade.

No começo foi meio de improviso... Acho que continua meio no improviso... Por quê? Porque a gente não é profissional... A gente vai fazendo assim, meio inventando. Então a gente faz aquilo que a gente sabe *fazê* e que o pessoal gosta... É isso: almôndega com mandioca....¹⁰⁹

Foto 41 – Comidas típicas das festas juninas. Na propriedade rural do Pau Furado, a família prepara a festa junina e comercializa alguns produtos. À esquerda da foto, pamonha doce e salgada. Ao centro, caldo de frango e, à direita curau de milho verde. A família também prepara uma mesa com bolos, broas, pipocas, canjica e quentão. Esses produtos são doados aos visitantes. Comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Kinn, julho de 2010.

O trabalho, e principalmente as suas concepções de trabalho, então, se constituem em uma categoria central da análise. Realizado em família, ou não, explica a existência camponesa nas iniciativas turísticas, pois o trabalho ocorre e decorre daquilo que o camponês projeta para existir se reproduzindo. Os saberes e fazeres da cultura camponesa são tanto seu trabalho quanto seu patrimônio e não podem ser generalizados, tendo por referência a relação trabalho assalariado/capital¹¹⁰. O fato de enxergar no espaço uma forma de trabalhar o credencia como sujeito social, porque trabalho:

É uma categoria que não é pensada independentemente de outras, como terra, família e gênero. À diferença do que ocorre no universo de representações da produção moderna, trabalho não pode ser pensado em si, visto que é uma categoria moral (WOORTMANN. E. WOORTMANN. K. 1997, p.134).

É como camponês, com seus saberes e fazeres, com seu patrimônio e com seu trabalho, que esse sujeito se territorializa, também, nas suas iniciativas de receber turistas. A fala a seguir, também indica adaptações e opções, que a família foi fazendo, na nova atividade.

¹⁰⁹ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural que diversificou as suas atividades e incorporou o turismo receptivo a propriedade rural, comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

¹¹⁰ Como se trata do trabalho camponês como processo complexo, compreende-se também que o: “Trabalho é uma categoria cultural ou ideológica e tem múltiplos significados. É, de fato, uma categoria central da teia de significados que constitui a cultura camponesa aqui estudada, e expressa uma ética”. (Woortmann E.; Woortmann, K. 1997, p.134).

Tudo que a gente fez foi *mantê* o que tinha antes. Não manteve de um tudo, mais ficô algumas coisas bem importante. O que? A casa, a família... Daí a gente foi montando e foi vendo que o lugar foi ficando movimentado e que as pessoas *precisava* era mesmo de um apoio... Então o povo das *moto* vinha pra *fazê* trilha e não tinha uma refeição, uma água, um banheiro... Então é isso que a gente procura *atendê*...¹¹¹

Foto 42 – Motocross. Na região do Pau Furado, entre as comunidades Tenda do Moreno, no município de Uberlândia, MG, e Salto, no município de Araguari, MG. Os praticantes desse esporte necessitam de áreas acidentadas e de alguns serviços. Na região foram eles que acabaram por suscitar, entre os camponeses, no entorno do lago de Amador Aguiar I, algumas iniciativas turísticas. Kinn, junho de 2010.

Ao interpretar as possibilidades de obter ganhos, a partir de outras atividades, o camponês considera a probabilidade de fazer dinheiro, e passa a realizar algumas acumulações, reservas, para se afirmar na nova atividade, bem como uma forma de manter a si e sua família e de marcar a sua territorialidade.

Bom, isso de *oferecê* refeição dá renda, é uma coisa importante, mas a gente *não fica rico com essa renda*. Então, *recebê* gente é *uma outra renda*, que desaperta a gente... Então é uma coisa que desaperta e que a gente continua com ela mesmo *desapertado*... É melhor que o leite, ela pinga toda a semana... No sábado, no domingo e no feriado sempre tem gente.¹¹²

¹¹¹ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que incorporou o turismo receptivo a partir daquilo que ele tinha na propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

¹¹² Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que incorporou o turismo como mais uma opção de renda sem, contudo abandonar as atividades agrícolas. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

Foto 43 – Bares e visitantes no assentamento “Vida Nova”. Na Rodovia Municipal 030, na área em que se encontra o assentamento, funcionam três bares que, nos finais de semana, ficam cheios de visitantes. Comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Kinn, julho de 2010.

O território camponês assume significado individual e social e, por isso, está onde o camponês está, sendo que a identidade imprimida é camponesa. Aqui, na perspectiva de se compreender as particularidades das formas e das complexidades sócio-territoriais desse produtor rural e de trabalhar mais claramente com a heterogeneidade do presente, recorre-se a Mesquita (1995), naquilo que se refere a uma relação envolvendo a tríade território, territorialidade e identidade.

O território é o que é próximo; é o mais próximo de nós. É o que nos liga ao mundo. Tem a ver com a proximidade tal como existe no espaço concreto, mas não se fixa a ordens de grandeza para estabelecer a sua dimensão ou o seu perímetro. É o espaço que tem significado individual e social. Por isso ele se estende até onde vai a territorialidade. Esta é aqui entendida como projeção de nossa identidade sobre o território. Assim me sinto diante do território. Portanto, tomando território enquanto o que nos liga ao mundo por ter significação individual e social e se aceitarmos uma história humana que se faz e recria no cotidiano [...] (MESQUITA, 1995, p. 83).

A territorialidade camponesa, enquanto “projeção de nossa identidade sobre o território”, depende também do reconhecimento disso pelo outro. Na fala a seguir, isso ocorre, principalmente, a partir do produto e do serviço oferecido no estabelecimento.

Agora a gente já tá bem conhecido por aí. Então quando alguém fala que vai lá no restaurante do lago já sabe o que tem lá. Quando você ouve *falá* que a comida é boa, a gente sente um orgulho. Por quê? Porque a gente é da roça e o povo falando que a comida é boa a gente sente uma coisa boa... Então depois que a gente *iniciô*, a gente *ficô* mais conhecido, o povo reconhece a gente na rua e quando um amigo indica a gente já fala do jeito que é o nosso serviço, o nosso lugar.¹¹³

¹¹³ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou um restaurante a propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

A identidade com o lugar, com aquilo que permite o reconhecimento, tanto do sujeito quanto do lugar, é uma forma de o camponês existir territorialmente. Os usos do espaço podem ajudar a compreender a identidade também como aquilo que o sujeito captura do espaço e nele procura o reconhecimento.

A legitimidade pelo e para o uso, o poder sobre o que está sendo usado é também uma condição para o existir social do camponês, principalmente naquilo que se refere ao reconhecimento das suas pertencas ao território. A demarcação e a delimitação do território, pelo camponês, dependem também da sua capacidade de se representar e do reconhecimento que obtém.

O território camponês não é somente uma forma espacial de projeção de identidades. Nele estão também as substâncias camponesas (culturais, por exemplo) que tornam o camponês capaz de agir enquanto tal e enquanto sujeito social, opondo-se à subordinação a quem impõe poder no espaço. Importa aos camponeses não apenas os usos de elementos do espaço, mas, a partir deles, obter afirmação e reconhecimento dos seus vínculos com o território, tanto individual quanto coletivamente. Heidrich (1998) compreende que o território,

[...] passará a existir tão somente quando definirem-se: (1) uma relação de apropriação (mais que domínio) das condições naturais e físicas, por uma determinada coletividade e (2) uma organização das relações, de modo a particularizar a coletividade humana como uma comunidade. (HEIDRICH, 1998, p.11)

A existência do território como processo que envolve valores humanos é também repleta de flexibilidades sociais que são possibilidades criadas nas relações sociais que integram o modo de vida camponês, uma vez que territorialidades camponesas são ativas, dinâmicas, assim como é a própria vida.

Práticas e relações sociais que se estabelecem no cotidiano nem sempre se fixam na vida das pessoas como conquista real, pois o poder da propriedade, assim como as leis ambientais, existe como impedimento ou

negação daquilo que se almeja usar para se realizar como território. No caso do uso do espaço no entorno dos lagos, a possibilidade de que ele torne-se território demanda práticas sócio-culturais e de legitimações que se conquistam naquilo que é socialmente aceito.

O camponês, no lugar vivido, concebe o seu território dotando-o de elementos simbólicos da sua cultura, entre eles sua noção de tempo. Ao usar o espaço para desenvolver uma atividade que não é somente vinculada à agropecuária, suas práticas sociais se dão conforme sua noção de tempo.

Desse modo, a formação do território para esse camponês, é histórica e se redefine a partir dos conteúdos sociais e culturais de suas práticas e, como tal, constantemente se modifica. Para os camponeses, é também o resultado de um processo de uso e apropriação do espaço que demanda algum tempo. Na fala a seguir, o tempo, se traduz, se quantifica em trabalho camponês.

Se você não se dedicasse a *arrumá* as *estrada*, as *prainha* (lugares geralmente planos, por vezes recobertos com areia e em certos casos com grama), os tablado pro povo *chegá*, *nadá* e *pescá*, tudo ia ficando sem *podê usá*. Ficava assim cheio de mato, sem condição... Então tudo que *tá* aí *levô* tempo e muito suor. Trabalho muito duro, mais a gente não construiu nada na área de preservação... a gente só *limpô* os caminho. Não fez assim um empréstimo... Não investiu recurso... A gente *colocô* trabalho e nesse prazo a gente foi tomando conta, assim zelando.¹¹⁴

O espaço se transforma pelos usos que fundamentam o território camponês numa dimensão material e cultural que emprega trabalho e tempo. Como tudo isso ocorre no lugar, na propriedade, a noção de território parece passível de ser utilizada em várias escalas de análise da vida desse camponês.

¹¹⁴ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo a propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

Foto 44 – Bar e restaurante. A família com o objetivo de organizar a propriedade para receber visitantes, preocupou-se com a entrada da propriedade e com a sinalização. Comunidade Tenda do Moreno. Kinn, julho de 2010.

Desse modo, a atividade turística é uma forma de (re)territorialização materializada nas relações e nas práticas camponesas na Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari. Esse processo, o campones descreve indicando o antes e o depois.

Antes desse lago, a gente mexia com leite, com galinha, porco e coisinha de horta. Daí com o lago, a gente *passô* a *oferecê* refeição e daí a gente foi se envolvendo e envolvendo os outros vizinhos... Porque a gente teve que *buscá* no vizinho um fornecimento daquele produto que a gente não tinha ou já não consegue produzi...¹¹⁵

Foto 45 – Carnes e sobremesa. Nos restaurantes e bares as opções de refeição, geralmente, são compostas por quatro tipos de carnes (frango, gado, porco e peixe) À esquerda um pernil de assado de porco, ao centro, lombo de porco fatiado e, à direita, doce de figo. Kinn, julho de 2010.

A condição de usar o espaço define o território e, desse processo de territorialização, participam a família, a comunidade e o próprio visitante, que consome vários serviços. É um processo dinâmico que é, segundo Haesbaert (2004),

¹¹⁵Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo a propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2010.

[...] fruto da interação entre relações sociais e controle de/pelo espaço, relações de poder em sentido amplo, ao mesmo tempo de forma mais concreta (dominação) e mais simbólica [...]. Numa visão tradicional, esse “controle” é feito, sobretudo, como um controle de áreas ou zonas, áreas estas que são demarcadas através de um limite ou fronteira, sejam eles mais ou menos definidos. “Desterritorializar” poderia significar, então, diminuir ou enfraquecer o controle dessas fronteiras [...] aumentando assim a dinâmica, a fluidez, em suma, a mobilidade, seja ela de pessoas, bens materiais, capital ou informações. (HAESBAERT, 2004, p.235).

No caso dos camponeses em estudo, já havia identidades, enraizamentos, domínios, vínculos territoriais que, conforme Haesbaert (2004) e Saquet (2006), devem ser investigadas em conjunto, integrando, as questões econômicas, políticas, sociais, históricas, bem como as manifestações simbólicas do lugar, da cultura, das suas materialidades e imaterialidades. No entanto, usar do espaço para um fazer turístico é algo novo e faz parte de um movimento continuado que envolve opções, modos de vida, práticas e relações sociais e de produção. Para usar do espaço, o camponês é capaz de inventar uma nova atividade em que, aparentemente, não tinha tradição a partir do seu saber-fazer anterior.

Sim, a gente nunca tinha mexido com essa coisa de *recebê* gente estranha na nossa propriedade... No começo *foi fornecê* comida para estranho foi uma coisa diferente. Foi aí que a gente *diciu oferecê* aquilo que dava menos trabalho, uma coisa trivial... O quê? Almôndega com mandioca. Daí o pessoal foi gostando... foi pedindo e a gente foi entrando nessa...¹¹⁶

A nova atividade pode superar a atividade anterior, mas é ligada à terra, e aquelas mais diretamente ligadas às pessoas não são esquecidas.

Agora a gente diminuiu bastante a produção agrícola na propriedade Engraçado a gente *pensá* no passado... Aqui ninguém pensava em abri restaurante, mas veio a necessidade e veio também a oportunidade e daí foi seguindo...¹¹⁷

Dentro da cultura camponesa a adaptação da propriedade viabiliza as novas formas de gerar renda, envolvendo uma mudança de comportamento, no qual a relação de trabalho com a terra continua, organizado como trabalho familiar, mas com novos significados.

¹¹⁶ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo a propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2010.

¹¹⁷ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo a propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

Trabalhando a gente *continua*, a gente não sai daqui, continua no mesmo canto, mas é uma coisa diferente, agora a gente não lida só com a terra... Então, é assim, a gente continua na propriedade, vai trabalhando em família, mas não tira a nossa despesa só das *vaca* e da *roça*...¹¹⁸

A propriedade, a família, o trabalho, a comunidade e a própria terra têm um caráter cultural. O camponês não produz, pelo trabalho familiar, somente coisas materiais.

Mas o processo de trabalho não produz apenas alimentos; ao longo dele são também “re-produzidas” ideias. Ele pode ser visto como um processo ritual. Além disso, ele evoca ideias, não só para nós, mas para os próprios sitiantes. Quando falam do trabalho, falam também, literalmente de outras coisas [...] (WOORTMANN, E., WOORTMANN, K. 1995, p.133-134).

O desenvolvimento de atividades receptivas, na propriedade, leva à utilização de espaços antes ocupados por práticas agropecuárias e/ou de espaços antes subutilizados.

Na festa junina aqui da fazenda fica tão cheio que na festa passada a gente resolveu abri a cerca dessa parte aqui de cima, nesse pasto, pro povo *colocá* os carro... A gente *ocupô* como estacionamento e esse ano *vamo usá* de novo. Uns ano aí, mais ou menos em 2005, o vizinho aproveitou um morro que ele tinha com umas vaquinha e deixô o povo das *moto brincá* naquele lugar. Por quê? Ele *montô* um bar...¹¹⁹

Desse modo, a relação com o espaço mudou, mas valores camponeses continuaram vinculados ao trabalho nesse espaço. Na fala anterior e a seguir, a permissão, possibilita usar partes da propriedade, gerando para a família outro tipo de trabalho.

O nome daquele lugar é Buracão... é um lugar de muito morro, não tem condição de *fazê* lavora, e *roça* era mais difícil ainda, gado era complicado, então ficava aí parado... Daí o dono resolveu permiti que o povo das *moto* viesse aí *fazê* trilha... daí, lá funcionava um barzinho.¹²⁰

¹¹⁸Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo a propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

¹¹⁹Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo a propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

¹²⁰Entrevista obtida, pela autora, com motoqueiros que praticam o *motocross* na região do Pau Furado. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2010.

Foto 46 – Reunião de motoqueiros na propriedade Buracão. Esse esporte era praticado, até o ano de 2005, em várias propriedades rurais. Na propriedade denominada Buracão, na comunidade Tenda do Moreno, por exemplo, a prática do *motocross* costumava reunir, aproximadamente, cinquenta motoqueiros. Hoje esse esporte é praticado, na região do Pau-furado, em outras trilhas e em uma propriedade rural. Foto: acervo do laboratório de Geografia Cultural e Turismo da Universidade Federal de Uberlândia.

O lugar para o camponês não tem só as características físicas, tem também o valor do conhecimento do camponês sobre ele, que pode, inclusive, ganhar outro valor.

A gente vai vendo que até a nossa lembrança é importante, esses dias *lembrei* de um muro de pedra feito por escravo, um dia, mais tarde, tinha gente querendo vê... Então pra gente que *tá* mexendo com o turismo, a gente vai observando que as coisas antiga vai ganha valor... Aquilo que não tinha serventia passa a ter importância, curiosidade... *aderência* pro turismo.¹²¹

O lugar, neste caso, é também constituído de memórias que se revelam na nova atividade (Thompson, 2001) como experiência. A história do muro de pedra foi, seguramente, passada de geração em geração; adquire nova importância, novo valor, que eleva a consciência do camponês sobre a complexidade da nova atividade.

O morro quase improdutivo, em um momento, em outro apresenta outras possibilidades, diante das imposições à vida camponesa.

¹²¹ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo a propriedade rural. Tenda do Moreno. Uberlândia, MG. Julho de 2008. A mesma informação foi obtida na comunidade cruzeiro dos peixotos, Uberlândia, MG.

Foto 47 – Muro de pedra. A informação do produtor rural nos levou a procurar o lugar ou referências desse muro e de quem construiu. No laboratório de Geografia Cultural e Turismo da Universidade Federal de Uberlândia obteve-se a foto do muro e indicações da existência antiga de uma comunidade rural denominada Quilombo. Foto: acervo do Laboratório de Geografia Cultural e Turismo da Universidade Federal de Uberlândia.

O conhecimento dos recursos naturais e sociais, materiais e imateriais constitui-se em um trunfo para quem vive no lugar transformar tudo isso em potencial turístico. Nesse sentido, o movimento de uso do espaço conquista esse trunfo, ou seja, essa fração do espaço, protegida pela propriedade, não possibilitava o acesso e outros consumos do espaço.

Conforme Raffestin (1993),

Os recursos, enfim determinam os horizontes possíveis da ação. Os recursos condicionam o alcance da ação. [...] Uma ação pode privilegiar um dos trunfos: a população, o território ou os recursos [...] O território é o espaço político por excelência, campo de ação dos trunfos. (Raffestin, 1993, p. 59, 58 e 60)

Com a formação dos lagos, a área passa a ser um atrativo e, quando usada para o desenvolvimento das iniciativas turísticas, possibilita novas territorialidades, nas quais vai-se concretizando a existência dos territórios e da vida, em novas bases.

2. 4. As relações sociais no território camponês

Esse camponês pertence a um lugar no qual há instituições, relações, práticas e representações sociais, em suma, uma comunidade. Apenas na comunidade Salto, no Município de Araguari, MG, não há escola, bares, campo de futebol. Nas comunidades Tenda do Moreno, Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia, distantes cerca de 20 quilômetros da sede do município de Uberlândia, MG, há escola, capela, bares, restaurantes, *camping*. Nas quatro comunidades, a maioria dos moradores se declara católica, mas nem todos frequentam a missa aos domingos¹²².

Se você *pergunta* pro povo, eles vão *respondê* que 99% são católicos... Você pode ir aqui, ali nas casas, lá você vai *encontrá* oratório... Até capelinha tem... O povo é assim, eles fazem muita oração em casa... *Têm* em casa uns santo; mas, se você for à missa, somente uns poucos por cento frequentam. Agora, na festa, a coisa muda bastante.¹²³

Foto 48 – Missa em louvor a Santo Antônio. O santo é padroeiro da comunidade Cruzeiro dos Peixotos. A festa ocorre no mês de junho e a capela fica cheia de fiéis. Grande parte desse público se desloca da cidade de Uberlândia para cumprir com seus compromissos religiosos e comunitários. Kinn, Junho de 2010.

Ser religioso não significa, necessariamente, frequentar os eventos de uma dada religião. A religiosidade pode existir sem a mediação de nenhum templo. E quem não frequenta templos não quer dizer que esteja distanciado

¹²² Essas declarações espontâneas nos levaram a considerar aquilo que a minoria estava fazendo em termos de religiosidade. Nos últimos trabalhos de campo observamos, somente, nos distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos em Uberlândia, MG, outras manifestações religiosas.

¹²³ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

ou rejeitando a vida em comunidade, mesmo porque há outras relações comunitárias, como as relações de vizinhança, de compadrio e de parentesco. Há que se verificar como essas relações se processam, nos atuais territórios, e se estendem até o turismo.

Instala-se, com o turismo, uma diversificação de atividades, em algumas propriedades rurais. Contudo, na área em estudo, as iniciativas mais expressivas, envolvendo o camponês, estão na comunidade Tenda do Moreno, em Uberlândia, MG. Nesta comunidade, além do bar, que fica próximo à Capela de São José do Moreno, no campo, ao longo da Rodovia Municipal Neuza Rezende, antiga Estrada Pau Furado, onze propriedades rurais desenvolvem algum tipo de atividade receptiva: dois *campings*, três restaurantes, quatro bares e dois tablados. Por meio de iniciativas individuais, em um curto período, não mais que cinco anos, alguns camponeses passaram a se dedicar à atividade receptiva. Mas, como um vizinho observa o que outro está fazendo, provavelmente alguns estão se decidindo muito em função daquilo que gera mais ganho, supostamente, com menos trabalho. Em um dos restaurantes, na beira do lago, em um único final de semana, foram comercializadas seiscentas (600) refeições. É possível que situações como esta influenciem outras propriedades e acabem se espalhando.

Nos distritos Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos, nas margens da represa da usina Hidrelétrica Amador Aguiar II, há, sobretudo, vários tablados para a pesca, alguns restaurantes e uma pousada. Há também, na sede dos dois distritos, vários bares e dois restaurantes. Para Santos (org. 2007), na área das duas hidrelétricas há várias possibilidades para o desenvolvimento da atividade turística.

Na perspectiva do turismo, outras interações espaciais podem ocorrer, advindas do fluxo de visitantes, e acabar reinventando os lugares. Na busca pelo lazer, pelas paisagens e outros elementos naturais e culturais de que se compõem os lugares, as atividades turísticas poderão promover uma verdadeira (re)organização do espaço comunitário e dos lugares onde acontece o processo reprodutivo das pessoas. Isso ocorre, pois, concomitantemente com as visitas, vão-se introduzindo novos valores, novos hábitos ou até mesmo novos comportamentos (SANTOS, at al, 2007, p.23 - 24).

Foto 49 – Bar e restaurante na comunidade Cruzeiro dos Peixotos. Lá existem dois restaurantes e oito bares que funcionam, basicamente, nos finais de semana e feriados. Kinn, Junho de 2010.

Para esses camponeses, o turismo receptivo promove o surgimento de experiências um tanto particulares e específicas, nos seus territórios. Descobrir que o visitante é, também, um cliente, e que se gostar dos seus produtos e comprá-los pode ocorrer um acréscimo na renda tem atraído algumas famílias camponesas para a prática do turismo.

Na comunidade Tenda do Moreno, em Uberlândia, os produtores rurais, para iniciarem atividades receptivas, não construíram, em suas propriedades, empreendimentos turísticos¹²⁴. Eles adaptaram a propriedade e fizeram, da atividade, mais uma fonte de renda. Observa-se, na fala a seguir que o turismo, neste caso, surge quase por acaso, por necessidade de uma clientela que já usava o espaço.

Os *motoqueiro* vieram aqui e perguntaram se a gente se interessava em *montá* um bar pra eles. Era uma coisa simples, um freezer, umas mesas, uns salgados. A família então decidiu *fazê* a experiência.... No começo era só uma experiência. A gente não queria investi nada...¹²⁵

¹²⁴ Registra-se aqui que no assentamento “Vida Nova”, as famílias obtiveram no processo indenizatório, auxílios técnicos e monetários que se converteram, para a maioria, em iniciativas turísticas. Fonte: Trabalho de campo.

¹²⁵ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo a propriedade rural. A preocupação da família era fazer uma experiência sem ter que investir, ou seja, tirar ou transferir recursos da atividade agropecuária para outra, não agropecuária. Aceitar participar de uma experiência somente foi possível no momento em que ficou assegurado à família que ela não correria nenhum risco. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

Foto 50 – Iniciativas turísticas. Aproveitar a própria residência, investir pouco para desenvolver o turismo receptivo é uma medida que tem seduzido alguns produtores rurais a abrir a sua propriedade para os visitantes. Basicamente o que se vê, na foto, são aquisições de cadeiras e mesas de plástico. No caso de oferecer refeições, investe-se em fogões a gás, louças, panelas e talheres. Kinn, julho de 2010.

Desse modo, as iniciativas turísticas, na comunidade Tenda do Moreno, foram acontecendo de várias formas, inclusive de forma espontânea. Os visitantes não exigem qualquer tipo de sofisticação. A falta de padronização, a naturalidade, a espontaneidade e a simplicidade parecem ser o atrativo principal. A atividade é organizada com aquilo que se tem, na propriedade. Em alguns casos, por exemplo, não há cozinha para o visitante, é a da família que serve também para ele.

Também não há uma preocupação, por parte do camponês, em promover equilíbrio entre as ações produtivas ou favorecer uma ou outra. As iniciativas turísticas, no espaço rural, ocorrem em propriedades que já existiam e nelas há, ainda, a produção de produtos para comercialização como pinga, rapadura, melado, pimentas, farinhas (de mandioca e de milho), doces e queijos. Desse modo, as mudanças, as metamorfoses, para os produtores rurais, servem para eles exercerem suas habilidades, fazendo turismo. No contexto dessas mudanças, o modo de trabalho na propriedade continua familiar para poder receber visitantes.

Foto 51 – A cozinha camponesa. A família utiliza o fogão à lenha para o preparo dos alimentos a serem servidos para os visitantes. Geralmente o fogão fica aquecido durante todo o final de semana. Kinn, julho de 2010.

Na perspectiva da família e da propriedade, as iniciativas turísticas são formas de esses camponeses continuarem desenvolvendo a diversificação das suas atividades. Na base das mudanças está o improviso e a capacidade de reinventar, na criação de espaços atraentes. Essa experiência também indica que, na falta de recursos financeiros, os investimentos não deixam de existir, mas ocorrem como sendo de outra ordem, o que envolve criatividade. Essa experiência ensina que o turismo também se reproduz, na modernidade, evitando a criação de cenários artificiais específicos, porque os lagos foram criados com outra finalidade e, de certo modo, evitando mais prejuízos aos territórios e às identidades das pessoas que neles vivem.

Segundo Tulik (1990),

O turismo contemporâneo vem sendo marcado pela profusão de formas alternativas que são oferecidas em oposição ao chamado turismo convencional. As novas estruturas econômicas, o desenvolvimento da urbanização e os efeitos decorrentes desse fenômeno, bem como os valores captados do ambientalismo, entre muitos outros fatores, se alinham para explicar a proliferação destas formas alternativas de praticar e de entender o turismo. Embora existentes há muito tempo, algumas dessas modalidades ressurgem renovadas por iniciativas públicas e particulares e vêm garantindo a revitalização de áreas decadentes e estagnadas (TULIK, 1990, p.136).

Nas falas dos produtores rurais, os relatos sobre a presença dos lagos foram evidenciando ao mesmo tempo, rupturas e adaptações a uma territorialidade ancestral desses camponeses, delimitada pela presença do rio e

das relações que se tornaram realizáveis. Assim, para os que praticam o turismo receptivo, os lagos passam a ser uma referência para as mudanças. Para compreender os significados das atividades receptivas, foi-se percebendo que os pioneiros em receber visitantes, muitas vezes, são identificados por essas iniciativas.

Você, descendo aqui você vai *encontrá* a fazenda Pau Furado... Lá você vai encontra trem pra *comê* e bebê. Depois tem a fazenda Buracão, lá tem ou tinha também coisa pra *comê*... depois você vai *encontrá* um restaurante, depois um *camping*, mais na frente sem sair do asfalto tem outro restaurante, depois tem uns bar, depois tem uns chalés...¹²⁶

Foto 52 – Chalés. Na propriedade rural foram construídos cinco chalés, todos em placas de concreto. Comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Kinn, Julho de 2010.

A nova atividade, na área de estudo, de fato, funciona a partir de conhecimento e práticas camponesas. Os camponeses se identificam, se representam e até mesmo se reconhecem nas suas iniciativas, conforme o seguinte comentário:

No nosso restaurante oferece vários *prato*, coisa simples, mais é produto de primeira... Então a gente serve uma comida de roça, assim, bem temperada... Vem gente da cidade, gente bem de vida, vê o povo *comê* aqui e vê esse nosso lago... Vem um povo bem variado a gente vê isso pelos *carro* diferente.¹²⁷

O sucesso das iniciativas é medido pela vinda de consumidores da cidade, com poderes de compra diferentes, observáveis, pelo tipo de carro. No

¹²⁶ Entrevista obtida, pela autora, com um frequentador da venda que se localiza próxima a Capela São José do Moreno. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

¹²⁷ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2010.

confronto com o outro, o camponês se reconhece. Mas, também quer conhecer esse consumidor que ele recebe. Quando possível, a família especula o visitante. Como ficaram sabendo do lugar, por que o escolheram e, conforme as respostas, sentem-se honrados. É um momento de troca e também um reconhecimento, que reforça a confiança no próprio serviço.

A gente veio esperando uma coisa e encontrou uma outra, completamente diferente. Eu gostei muito das almôndegas com mandioca e pão de queijo. O filezinho de peixe também é muito bom [...] Com esse sabor, a gente não tem na cidade. Também gostei demais do pudim de creme, uma delícia. Outra coisa foi o atendimento, a mulher foi tratando a gente como se fosse de casa, o pudim, por exemplo, peguei direto da geladeira dela.¹²⁸

Foto 53 – Culinária/Gastronomia local – À esquerda, uma refeição com pão de queijo, preparado com ovos caipiras, mandioca e almôndegas de lata. Ao centro, filé de peixe frito e, à direita, pudim de leite. Kinn, julho de 2010.

O reconhecimento, por parte do camponês, da importância da sua sociabilidade para receber turistas vai tornando-a um atrativo. Há intimidade com o visitante, ele não é tratado apenas como consumidor. É tratado como visita, com hospitalidade e camaradagem que, nesse caso, os camponeses chamam de “confiança”. Isso não é estratégia de marketing. É o jeito camponês de ser, usado habilmente como atrativo.

O camponês se coloca nessa atividade com sua identidade. Se antes ele saía da propriedade para comercializar o excedente da produção, agora ele o vende na própria propriedade, com o seu saber fazer culinário/gastronômico agregado, o que aumenta o valor do seu trabalho. Na fala a seguir, há uma contabilidade camponesa sobre a nova atividade.

¹²⁸ Entrevista obtida, pela autora, com um grupo de pessoas que estavam visitando uma propriedade na região do Pau Furado. Os visitantes, na oportunidade consumiram basicamente almôndegas, mandioca, pão de queijo e farinha de mandioca. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

Quando a gente vende uma galinha é um preço, mas quando a gente faz uma galinha caipira no fogão à lenha é outro preço. Daí a gente pensa que é mais importante produzi galinha caipira pra *oferecê* um almoço com galinha caipira... ¹²⁹

A família usa aquilo de que ela dispõe para gerar e ampliar a renda. Desse modo, ela somente consegue produzir comida caipira se continuar produzindo frango caipira ou tendo para comprar dos vizinhos. Continuando camponesa, garante e aumenta a renda. Como sempre foram policultores, o que muda é o envolvimento com produtos e serviços, aos quais se acrescentam, agora, habilidades e conhecimentos que ficavam restritos aos familiares. Antes das atividades receptivas, o frango produzido era só frango e, como tal, a família recebia uma remuneração, agora inclui os seus conhecimentos culinário-gastronômicos e a própria propriedade como um atrativo.

E ainda outra característica do modo de ser camponês se mantém e é ressaltada: trabalha-se em casa, na própria propriedade. O local de trabalho não é desvinculado do local de moradia, como na maioria das atividades capitalistas. Neste caso, o mercado vem na casa do camponês.

Sendo assim, na propriedade, uma atividade que era em pequena escala, só pra família, é inserida no contexto das iniciativas turísticas, seja por opção ou por necessidade; reordena-se a produção e o trabalho na propriedade familiar, sem perder suas características. Assim, o camponês é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto das novas atividades do campo, exercendo sua capacidade de criar e recriar soluções para as suas dificuldades cotidianas.

2. 5. As sociabilidades camponesas nas novas atividades

Na convivência com os turistas, os consumidores, as sociabilidades do camponês são as mesmas que ele pratica com as visitas, não só porque percebe nisso um atrativo. Cumprimenta o turista pegando na mão, leva até a

¹²⁹ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo a propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

cozinha para servir a refeição, conta histórias do lugar. Naturais, são modos de ser, frutos de sua identidade.

Também permanecem e se reforçam as relações de vizinhanças.

Se você consegue produzi um queijo, um doce, uma fruta, você já consegue *colocá* no restaurante, então é aí que pode *entrá* o vizinho, ele pode *fornecê* pra gente... Como o crescimento *tá* acontecendo, a gente não dá conta de produzi de um tudo...¹³⁰

A vizinhança é quem mora perto ou com quem, de algum modo, se mantém relações. As relações sociais que se projetam no espaço, criando territorialidades, não se estabelecem como únicas, nem comprimem, esmagam, homogeneízam o camponês, nem antes nem agora, com a integração ao turismo. As várias possibilidades, as diferenças, na unidade, fazem parte.

A gente entende que não é possível viver de uma única coisa, então o povo continua com suas vaca de leite, algumas galinhas e porcos... *vai* na missa, leva as crianças na escola. Joga futebol e faz as festas entre as *vizinhança*. Agora a gente *entrô* nessa de *fornecê* comida e bebidas porque viu resultado.¹³¹

Foto 54 – A produção dos meios de vida. À esquerda gado leiteiro rústico, ao centro porcos caipiras e, à direita, dois tipos de banana. O cacho mais verde, banana de fritar, e o outro cacho, banana prata. Comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Kinn, julho de 2010.

No caso dos camponeses, as diferenças resultam em adaptações. Em não submissão às imposições padronizantes do mercado, mesmo o turístico. Suas diferenças, individualidades são incompatíveis com o mercado homogeneizador.

O envolvimento com o turismo, a (re)organização da propriedade, a diversificação são novos e importantes valores e práticas para o camponês e

¹³⁰ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo a propriedade. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2010.

¹³¹ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo a propriedade. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

sua família. Por isso, preocupam-se com a qualidade do serviço oferecido; estão sempre preocupados em agradar ao visitante e em não depender, exclusivamente, da nova atividade, em ter uma “carta na manga”.

A renda do restaurante é uma coisa importante, mas a gente tem que servi bem o cliente, porque ele pode não *voltá*; se a gente não *tratá* bem ele é isso mesmo que vai *acontecê*... Por quê? Assim, você sai de casa não é pra *passá* trabalho. Então você procura fazê esse tratamento, *deixá* ele bem à vontade. Daí a gente não corre esse risco e não vai *perdê* o cliente. Também a gente tem que *variá* as coisas, porque ele também desaparece.¹³²

O camponês tende a manter um ambiente tradicional, com criações e plantações domésticas, ainda que elas não sejam suficientes para fomentar as atividades turísticas, são atrativos, valorizam a identidade local. Contudo, é necessário considerar algumas mudanças na racionalidade deste camponês. Embora essa família dona do restaurante esteja morando em uma área rural já não usa mais sua propriedade para produzir diretamente para si, mas estão “miniaturizando” a prática da agropecuária para se inserirem numa nova atividade econômica, que é externa ao que estava acostumado. Nessa situação é necessário reconhecer que é o mercado/turístico quem define o seu ritmo de vida.

A gente manteve as *noossa* vaquinha, o frango e o porco caipira... Nossa produção não é suficiente para *atendê* o restaurante, mas eu acho que o povo só de vê os nossos bichos fica mais animado com as *coisa* da roça.¹³³

As ofertas de produtos, pelos vizinhos, para as propriedades que recebem turistas, nem sempre são suficientes e, em determinadas épocas do ano, é preciso recorrer aos supermercados e atacadistas da cidade.

Aqui produz na comunidade algum queijo, doce, porco, frango, mas já não é suficiente... Daí tem que *recorrê* mais longe. Como cresceu muito, tem *veiz* que não dá nem com o mais longe... Daí você não pode *ficá* na dependência, você tem que *buscá* uma solução. Qual? O supermercado, o CEASA...¹³⁴

¹³² Entrevista obtida, pela autora, com um produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Março de 2010.

¹³³ Entrevista obtida, pela autora, com um produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

¹³⁴ Entrevista obtida, pela autora, com um produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2010.

Nessas diferentes pressões, exercidas pelos fluxos de visitantes, nem sempre ganham somente os camponeses e seus vizinhos. Criam-se novas racionalidades. Forma-se, também, uma rede de fornecedores urbanos. No entanto, é importante assinalar que as famílias também reagem a essas pressões externas e criam outras situações.

A coisa, parece sê simples, mas não é não; na falta de coisas para a cozinha, a gente tem que *pulá* que nem pipoca, então o jeito é a gente *criá* uma coisa que a família consiga *fazê* bem feito...¹³⁵

Quando a escala de produção é familiar, o raciocínio é diferente daquele aplicado em empresas capitalistas. Por exemplo, não é costume e não se pensa em contratar mão-de-obra. Em alguns casos, os camponeses têm, a seu favor, uma teia de relações, que possibilita resolver o problema quando a demanda aumenta.

Esses *dia*, a coisa *apertô*; daí fui lá na cidade *buscá* uma cunhada, um primo e um irmão pra me *ajudá*, mesmo assim, foi um sufoco. Então a coisa vai ficando apertada e o jeito é *fazê* a coisa de outro jeito... Daí a gente vai vendo se dá certo.¹³⁶

Ganha a identidade camponesa, porque essas redes sociais são portadoras de um enorme conteúdo cultural endógeno, completamente familiar. O saber, das ações cotidianas, na comunidade, no trato com as lavouras e criações, nos hábitos, costumes e tradições também está sendo preservado. Desse modo, os saberes proporcionam produtos tradicionais, como as almôndegas, em alguns casos, ainda conservadas em gordura de porco. Em suma, são saberes estabelecidos e vivenciados pela prática camponesa. A forma de fazer almôndegas, tendo sido preservada, passa a fazer, da atividade camponesa, uma forma para gerar renda na atividade de receber visitantes.

Vende bem a nossa almôndega, a gente sabe *fazê* de um jeito que o povo gosta. Essas bolinha de carne, a gente aprendeu bem, achava até que tinha esquecido... Agora a gente *faz* do jeito antigo, assim bem *temperada* e na manteiga do porco...¹³⁷

¹³⁵ Entrevista obtida, pela autora, junto a produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2010.

¹³⁶ Entrevista obtida, pela autora, junto a produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Março de 2010.

¹³⁷ Entrevista obtida, pela autora, com um produtor rural que diversificou as suas atividades e incorporou o turismo receptivo a propriedade rural. Comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

Foto 55 – Almôndegas. O cozimento é feito no fogão a lenha e servido aos clientes pelos proprietários. Na foto registra-se desde o cozimento até o serviço de servir o visitante. Kinn, maio de 2010.

Para o camponês, é um prazer retomar um conhecimento sedimentado na família, que se traduz e se expressa no ato de produzir coisas. A prática revivida, revalorizada, assume um aspecto de ritual, manifesta valor histórico-cultural. Mas também assume vários outros significados que reforçam a capacidade do camponês de conservar seu modo de vida.

A culinária/gastronomia, como indica a própria prática do camponês, fixa traços do passado, lembranças dos modos de produzir; tem valor simbólico e concreto. Comer e comemorar eram ações que marcaram a sua existência nesta parte do Cerrado mineiro, garantidas ou não pela disciplina e momentos de fartura.

As almôndegas? Elas *representa* hoje um jeito da gente *atendê* o pessoal que vem *fazê* as refeições. Antigamente era uma coisa, um acontecimento. Por quê? Porque mistura, carne, na roça não era uma coisa que tinha todo dia, era mais de pouquinho... Você matava um capado e aquela carne tinha que *rendê*, daí o povo fazia as *carne* e colocava na manteiga do porco, na banha, pra *conservá*... O povo tinha o costume de *fazê* a almôndega e *deixá* na manteiga pra *comê* mais quando chegava o fim de semana, um aniversário, uma visita importante. A gente tinha uma vida, assim, bem controlada e a almôndega era um alimento especial...¹³⁸

O camponês relata a essência de um modo de vida e acaba ressignificando parte de sua história para, neste momento, se realizar, incluindo-se no turismo. Nesse momento, existem outros recursos, e aquele hábito já tem outros significados maiores, contêm prazeres, gosto, cheiros, lembranças, esperanças, dentre outros conteúdos da vida que se desenvolve

¹³⁸ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

nos lugares. Na fala a seguir, fica evidenciado que o velho de novo ou o novo do velho atrai, seduz os visitantes e tende a atrair mais pessoas para a propriedade e a comunidade.

Almôndega é uma coisa interessante... Por quê? Porque o povo gosta mesmo dessa bolinha de carne... O povo que faz trilha gosta... O povo que participa das festas da Igreja também gosta... Chega vim gente de longe só pra *comê* a almôndega...¹³⁹

Outra forma de atração, como atender os visitantes em um ambiente aconchegante, íntimo, de família, tem sido possível graças ao envolvimento mútuo dos familiares. Desde a produção/aquisição dos produtos até o preparo dos alimentos, são os membros da família que acompanham, cotidianamente, as atividades, o que lhes permite avaliar, escolher e definir o que a propriedade possui que pode ser disponibilizado para os visitantes.

Há também o uso do patrimônio arquitetônico, representado pela própria casa do camponês. No conjunto, eles possibilitam, a partir do uso camponês, oferecer, no atendimento aos visitantes, autenticidades, o que inclui uma composição de técnicas, habilidades e conhecimentos que aparecem, na atividade, como uma manifestação da sociabilidade camponesa que, usada no receptivo, torna-se um diferencial, um diferente atrativo.

A almôndega de lata é um costume do povo... na festa de Santo Reis era uma tradição, o povo ficava esperado... Então ela vem desde o tempo que eu era menina e até antes. Vem de muito longe e continua até hoje e se *dependê* do povo que vem aqui, vai *tê* prosseguimento.¹⁴⁰

Como eram usadas no cotidiano camponês, já estão como atração, as almôndegas são ressignificadas como atrativos, são disponibilizadas como produto desse turismo, para serem consumidas pelos visitantes. A técnica e os conhecimentos têm a mesma finalidade e uso, mas em outra atividade, o turismo. Com o turismo, o cotidiano familiar, principalmente aquele que se processava no ambiente da cozinha, potencializa atrativos que, por sua vez,

¹³⁹Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

¹⁴⁰Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo a sua propriedade. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Março de 2010.

redefinem o trabalho familiar, retomam as técnicas disponíveis, os equipamentos e a infraestrutura da casa camponesa; aquilo que fazia parte de um modo de vida de uns e que parecia não ter importância para os outros assume o *status* de produto turístico.

O nosso dia a dia era de uma vida de roça. *Levantá cedo, cuidá do gado, fazê as obrigação da casa, na época das frutas fazê um doce, quando abatia um capado (porco que se retira os testículos com a finalidade de engorda e abate) fazia almôndega, também queijo, pão de queijo, com o jeito da roça, com as coisa da roça...* A gente vivendo nesse ritmo, nunca pensava que alguém quisesse *sabê* disso... Então quando surgiu essa oportunidade de *fazê* essas coisas para *vendê*, tudo foi voltando e a gente foi fazendo do jeito que dava... Então tava tudo dentro da gente, foi só *tê* a ideia e pronto, elas voltaram.¹⁴¹

A diversificação, na produção e geração de renda, não se viabiliza apenas com mais trabalho. Certas atividades se viabilizam ocupando pouco trabalho. É necessário que as técnicas e os saberes ainda não tenham desaparecido do jeito de ser camponês. É fundamental saber fazer. A família camponesa vai tornando possível operar o turismo fornecendo o diferente para o outro, mas autêntico para si.

Os saberes ancestrais que cada família tem permite-lhe oferecer, ao visitante, o que de melhor sabe fazer, quase uma exclusividade. Em uma das propriedades envolvidas com o turismo receptivo, a escolha do cardápio, submetido ao visitante, recaiu sobre um prato tradicional, cuja característica mais marcante eram os saberes que a família detinha sobre a preparação: frango caipira com quiabo, feito no fogão à lenha. O prato reúne particularidades de um saber camponês que permitiu, à família, ser uma referência, em termos de culinária/gastronomia.

Esse frango com quiabo a gente tem uma ciência. Primeiro o óleo, ou a manteiga do porco tem que *ficá* bem quente, daí deixa *fritá* bem e não pode *ficá* tombando ele dentro da panela. Você tem que *deixá* ele corá bem de um lado, deixa ele fica bem sequinho e depois você vai *tombá* ele, daí a carne não descola do osso, fica preso, fica saboroso. O gosto sai do osso, fica na carne e não sai do frango. Daí o quiabo você afoga e ele dá aquele gostinho todo especial.¹⁴²

¹⁴¹ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

¹⁴² Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

Foto 56 – Frango com quiabo. Da esquerda para direita tem-se o quiabo picado, ao centro, pedaços de frango sendo fritos em fogão à lenha. À direita, frango caipira preparado para receber o quiabo. Kinn, Março de 2009.

Além da renda obtida, quem cozinha espera o reconhecimento, a satisfação de quem come e o prazer de fazer bem feito. A família administra o seu negócio preocupada com a sua capacidade e competência em servir aquilo que lhe proporcionou reconhecimento.

Se a pessoa vem aqui pra *comê* e pede um prato que você sabe *fazê*, você precisa *fazê* bem feito. Por quê? Porque a gente já *ficô* conhecida por aquilo que a gente oferece. Então eu sei *fazê* uma almôndega ou um frango, eu tenho obrigação de *oferecê* o melhor. Então é assim: um fala pro outro, e daí, se não sai bom, a gente fica numa situação que a gente não *qué*...¹⁴³

Na memória que se tem das práticas, das técnicas e dos saberes envolvidos, o camponês contempla parte da história do lugar e descreve a sua condição no tempo e no espaço. Lembrar e descrever os significados, os simbolismos de um modo de vida para o ser humano é, conforme Souza (2006), poder ver-se em tempos e espaços diferentes.

A arte de lembrar remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e a memória narrativa marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar as experiências (SOUZA, 2006, p.102).

No caso dos pratos da culinária/gastronomia camponesa, ter tempo para executá-los é um fator importante. E tempo, na lógica camponesa, é uma coisa, e na lógica capitalista, é outra. Na medida em que os serviços oferecidos se afirmam como uma referência e, como consequência, acabam atraindo mais

¹⁴³ Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2009.

consumidores, os fluxos e o ritmo das atividades modificam-se. O tempo que constituía o vivido, que era, também, vínculo entre o território o sujeito que vivia nele, que era medida de ciclos naturais, pode ganhar outro sentido.

A maior e mais provável consequência disso é a probabilidade de os restaurantes terem que empregar mão-de-obra assalariada para suprir a necessidade de aplicação de mais trabalho, para fazer mais, no mesmo tempo.

O nosso comércio cresceu bastante. A gente já *pensô* em *tê* mais uma pessoa, assim de fora da família... A gente *tá* pensando se isso é importante... Por quê? Porque a gente tem que *pensá* em *fazê* um compromisso com uma pessoa que pode não dá certo... Um empregado vai *tê* que *tê* salário, ele vai *trabalhá* e se os *cliente desaparecê* do restaurante? Então tem que *pesá* se vale a pena...¹⁴⁴

A família percebe o crescimento como problema; aparentemente, a solução seria contratar um trabalhador. Porém, essa solução precisa ser bem avaliada pela família, que ainda opera o negócio na perspectiva da lógica camponesa.

Quando a gente pensa em *pagá* um salário, isso é um problema, porque a gente vai *tê* que *tê* essa reserva sempre... Então é mais despesa, que pode sê que a gente não *tá* preparado para *cobri* ... Por isso que eu coloco na balança se não é melhor *ficá* desse tamanho e pronto...¹⁴⁵

As possibilidades de crescer estão dadas pelo próprio mercado. No entanto, a contratação de um trabalhador causa estranhamento e preocupação à família, tanto com pagamento de salários quanto com o estabelecimento de relações sociais com alguém de fora da família.

Uma pessoa de confiança não é assim muito fácil de *encontrá*. A gente preocupa, tem que encontra alguém que dê conta do serviço e de confiança.¹⁴⁶

O conhecimento, o saber camponês, construído no fazer cotidiano, empregado nas decisões, recebe ajuizamentos da família, ou seja, é dessa avaliação que sai uma ação prática, racional e objetiva que procura proteger e

¹⁴⁴Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2009.

¹⁴⁵Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Abril de 2009.

¹⁴⁶Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2009.

satisfazer as necessidades da família. A lógica camponesa resulta dessas metamorfoses e desafios e envolve convivência, cumplicidade e somente conjuntamente, com o aval, o apoio da família, decide-se qual será o encaminhamento a ser dado para se enfrentar as novas problemáticas do seu cotidiano.

A gente, pra decidi, vai ouvindo, mais tem momento que não dá prá *ficá* pensando... Você sabe que precisa... Daí o que vai pra balança é tudo isso que a gente já possui...¹⁴⁷

Ainda que a partir de parâmetros de avaliação distintos daqueles da economia capitalista, a família camponesa, mesmo envolvida com o novo, de certa forma com o recém conhecido, vai agir para manter a propriedade familiar.

Embora o tempo das pessoas não tenha sido totalmente convertido em tempo de trabalho, torna-se evidente a preocupação com a perda da autonomia que se tinha antes. Com o crescimento da atividade, quase não há tempo para direcionar as suas forças para uma jornada de trabalho que inclua a produção agropecuária.

Muito pouco a gente se dedica à produção de roça. A gente não tem prazo nem pra *pará*... A gente tem alguma coisa, mais não tem tempo pra tudo. A gente viu que *oferecê* comida, era um ramo bom, a gente foi diminuindo com o resto, mais não para de um tudo. Por quê? Porque o povo que vem *acampá* pega mandioca com a gente...¹⁴⁸

Aparentemente, o raciocínio é não dedicar trabalho às atividades que não proporcionem renda suficiente para reproduzir a família. O camponês mantém as atividades ancestrais ligadas às suas novas atividades e reafirma-se nas novas atividades.

A avaliação que orienta as práticas camponesas, mesmo sem abdicar da mensuração econômica, é aquela baseada em parâmetros que envolvem aquilo que é possível para a família e que, nem sempre, é coerente com

¹⁴⁷Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

¹⁴⁸Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2010.

critérios formais da contabilidade capitalista. Nesta forma de agir, o importante é fazer com que o tempo dedicado a uma determinada atividade seja revisto. No entanto, quando o camponês que trabalha com o receptivo compreende que manter o mandioccal é uma possibilidade de obter renda, a administração do tempo do trabalho é racionalizada e destinada não apenas para aquela atividade em que as imposições de ordem bruta são menores.

A minha ideia é *cuidá* disso tudo que tenho aqui. No meu sistema dá muito certo... Por quê? O chão é pequeno, não tem jeito de sê de outra maneira. Então fica desse jeito, a gente não perde e nem deixa de *ganhá*...¹⁴⁹

A posição, com a nova atividade, em relação a manter mais, menos, todas ou nenhuma atividade camponesa depende do tamanho de cada propriedade e do alcance de ambas as atividades.

Aqui tem gente mesmo (é) nos feriados e final de semana... Outra coisa muito importante, precisa *fazê* calor. Daí isso aqui enche até; eu acho que *tá* bom. Por quê? Porque muita gente, a gente perde o controle... Daí eu regulo pelos *carro*, *chegô* uns vinte, eu fecho o portão e deu... No resto da semana você vai *cuidá* do resto...¹⁵⁰

Os camponeses já aprenderam o ciclo do turismo, ou seja, feriados, finais de semana e com clima favorável para o banho, e também quantos visitantes a propriedade tem capacidade de receber.

Essas situações indicam que há uma orientação camponesa no fazer turístico. O sentido dado às atividades remete ao entendimento da lógica camponesa. As atividades turísticas do camponês têm limites, estabelecidos e legitimados a partir da sua capacidade de receber turistas, de manter a propriedade familiar e de satisfação das necessidades sociais da família. Desse modo, a família aceita diversificar as atividades produtivas, pois, no seu entendimento, a diversificação é importante para mantê-la na propriedade. Como muitas outras atividades ligadas à natureza – o próprio fazer camponês – o turismo receptivo nas propriedades camponesas é sazonal.

¹⁴⁹Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Junho de 2010.

¹⁵⁰Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2010.

Qualquer coisa que a gente pensa em *fazê*, a gente tem que *experimentá* pra vê se dá resultado. Por quê? Por que, daí você não perde... Se a gente fosse um pouco *afobado*, ficasse entusiasmado com o dinheiro que a gente *ganhô* no verão, assim, por exemplo, ia lá e acabava com tudo, ficava só com a entrada dos carro. Daí você precisa *entendê* que o negócio não é bem assim...¹⁵¹

A atividade surge e permanece no seio da família, que reconhece a sua importância, mas também se prepara para não ficar na sua total dependência. Diversificar, mantendo-se na agropecuária, é uma medida compatível com seus conhecimentos, habilidades e potencialidades produtivas. Com relação a receber visitantes, as atividades, na propriedade, não atendem a padrões consumistas do turismo.

Portanto, em sua estratégia de diversificação, a família camponesa vive o território territorializando-se nas relações que estabelece no lugar vivido, com os visitantes e até mesmo com o mercado, e, nesse processo, é importante não perder de vista as várias lógicas e temporalidades sociais que habitam e se relacionam, nesse mesmo território, inclusive para se analisar como eles reagem quando suas festas são invadidas pelas multidões.

¹⁵¹Entrevista obtida, pela autora, com produtor rural que diversificou as atividades e incorporou o turismo receptivo à propriedade rural. Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Maio de 2010.

3. Festas, território e territorialidades das comunidades camponesas

3. 1. Territórios camponeses: as festas das comunidades rurais¹⁵²

Nas transformações do espaço, na área de estudo, além da inclusão do turismo receptivo como atividade não agropecuária, embora rural, ocorre também a presença de um contingente expressivo de visitantes, nas comunidades rurais, especialmente nas festas de caráter religioso. Essa presença causa vários estranhamentos, não só pelo número de visitantes que, em certos eventos, chega a cinco mil pessoas, mas também porque eles não têm os mesmos costumes que as pessoas do lugar e a festa, para eles, tem outros significados. São festas cuja origem é camponesa e que se realizavam, até a pouco tempo, basicamente, entre vizinhos, entre pessoas da comunidade ou de comunidades próximas.

Segundo Agnes Heller (2000)

A comunidade é uma unidade estruturada, organizada, de grupos, dispondo de uma hierarquia homogênea de valores e à qual o indivíduo pertence necessariamente; essa necessidade pode decorrer do fato de se 'estar lançado' nela ao nascer, caso em que a comunidade promove posteriormente a formação da individualidade, ou de uma escolha relativamente autônoma do indivíduo já desenvolvido (HELLER, 2000, p. 70-71).

¹⁵² Considerou-se, na área de estudo, cinco festas, quatro delas em homenagem a santos padroeiros e/ou de grande devoção das comunidades atingidas pelas Hidrelétricas: A Festa de São Sebastião, na comunidade do Salto, no município de Araguari-MG; a Festa de São José do Moreno, na comunidade Tenda do Moreno, no município de Uberlândia – MG; a festa de Santo Antônio, na comunidade Cruzeiro dos Peixotos e a Festa de São João, na comunidade Martinésia, ambas também no município de Uberlândia – MG. Por ser uma Festa presente em todas as comunidades, a quinta festa considerada foi a Festa de Santo Reis.

O fato de as festas das comunidades rurais terem passado a receber muitos visitantes, e as reações dos moradores das comunidades da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguaia, a esse fato devem ser analisados, como as iniciativas turísticas ocorrem, a partir da noção de territorialidade. Para tanto, propõe-se algumas questões. Como compreender, a partir das festas, os estranhamentos, no âmbito da vida que acontece nos lugares? Quais são as temporalidades e lógicas sociais que orientam e estruturam os territórios camponeses, para existirem aos usos turísticos dos festejos comunitários? Como as pessoas que vivem no lugar se relacionam com os visitantes e tendem a encontrar formas de se relacionar ou aceitar a presença do outro, do estranho, nos seus eventos comunitários?

Pode-se dizer que, dos lagos e seus entornos os camponeses se apropriaram ou estão se apropriando, porque estão conseguindo, na presença deles e dos turistas reinventarem-se e assegurar suas existências. Mas, das festas parece ser os de fora que, estão se apropriando.

Conforme Max e Engels (1984), já citados no capítulo anterior, a apropriação é condicionada tanto pelo objetivo à apropriar quanto pelos indivíduos que se apropriam. Isso coloca questões como: quem é esse outro, esse de “fora”, que está se apropriando das festas dos camponeses? Por que se apropriar das festas de outrem?

Para Santos (2008), a festa pode ser operada, metodologicamente como categoria do conhecimento, pois:

A festa abriga dimensões de tempo, tem duração. Tem o antes, o durante e o depois. Nas sociedades mais simples, a centralidade da festa, manifestando-se como direção e sentido de atos, relações, decisões, em suma, de práticas, de políticas, deriva do fato de que tais comunidades administram seu tempo. Fazem-no, certamente, conforme prescrições do mundo ao qual pertencem guardando uma certa institucionalidade, seja religiosa, seja estatal, mas a comunidade enquanto tal é dona do seu tempo. O tempo é presente – prático; é disto que deriva a centralidade da festa. Por tais razões é que se pode operar metodologicamente a festa como categoria do conhecimento; que é possível operar a noção de festa para conhecer o mundo movendo a forma e a substância implicada na festa pelo tempo e pelo espaço (SANTOS, 2008, p.28).

Parafraseando-se quando falam do trabalho camponês, Woortmann e Woortmann (1997), também já citados no capítulo anterior, e considerando-se as afirmações de Santos (2008), acima, pode-se dizer que as festas camponesas são uma categoria moral (não podendo, por isso, ser pensadas apenas em si mesmas) e cultural ou ideológica que expressa um jeito de ser, estar e existir. Por isso, para se compreender, reflexiva e criticamente a grande presença de visitantes nas festas camponesas há que se desenvolver uma leitura sócio-espacial desse fenômeno. Nessa forma de pensar a produção do espaço e o surgimento de novos territórios, como em qualquer outra situação da vida cotidiana, foi imprescindível partir do lugar para entender, nas localidades, as formas com que as comunidades rurais estavam concebendo as festas e recebendo, nos seus eventos, os visitantes urbanos.

As atrações que mobilizam tão grande quantidade de pessoas para as festas tradicionais, certamente, estão relacionadas aos seus conteúdos sócio-culturais. As composições das festas rurais das comunidades da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, envolvem, além do tempo de existência delas nas comunidades, a cultura tradicional, bem como as clivagens sociais que sofreram, ao longo do tempo, e, em maior velocidade, na modernidade. Isso tudo requer verificar, na festa, os acontecimentos que a definem como atributo do lugar; como elas foram-se fazendo, baseadas em formas de sociabilidades muito simples, que proporcionavam aos homens soluções práticas para viverem no/do Cerrado.

O povo se ajudava porque precisava e precisava dos *vizinho* porque a gente nunca *tava* seguro de um tudo... A gente tinha precisão de uma *dimão*, então tinha que *contá* como o vizinho. Daí ele me serviu, daí quando chegava a *veiz* dele já tinha a minha *dimão*. Daí o povo pra *agradecê* fazia uma festa, não era uma coisa exagerada, mais era pra se *diverti* depois do serviço.¹⁵³

Foto 57 – Festa de São Sebastião do Salto, comunidade rural Salto, município de Araguari, MG. Na decoração do espaço da festa predominavam o vermelho e o branco, cores que simbolizam o padroeiro São Sebastião. As fitas, nas cores verde e amarelo, se devem à participação da seleção brasileira na copa do mundo de futebol de 2010. Na festa de 2010, no momento do baile, não havia mais lugar para estacionar os carros. Kinn, julho de 2010.

¹⁵³ Entrevista obtida, pela autora, junto a produtor rural tradicional, na comunidade Salto, Araguari, MG. Junho de 2010.

A festa, como momento de reunião, de retribuição de favores e doações, funciona como instituição; nesta parte do Cerrado, a festa simboliza e materializa uma coletividade que se mantém de modo a oferecer opções para se viver individualmente e em comunidade. Como representação de um modo de vida rural, cria encontros e minimiza tensões sociais e desempenha o papel de humanização das pessoas que vivem no lugar.

Na área de estudo, é preciso considerar que esses eventos proporcionam manifestações ligadas a anseios, emoções e sentimentos de pertencimento, baseados em quadros morais atrelados ao catolicismo rústico, que, para Monteiro, trata-se de um ramo do catolicismo que foi assumido nos lugares onde a Igreja Católica não estava presente, em uma configuração de coalizão e de afeição ao sagrado. Para Monteiro (1978),

A variante do catolicismo comumente designada como catolicismo rústico é, com frequência, vista apenas como a expressão de um empobrecimento com relação às fontes originais, ou como o resultado de sincretismos espúrios. [...] minimizando a sua especificidade e originalidade [...] implica em ignorar o papel desempenhado universalmente pelo sincretismo em todas as grandes religiões [...], em sua modalidade rústica, em particular, tem suas raízes mais importantes plantadas no solo da grande tradição judaico-cristã, onde sobressaem, às vezes contraditoriamente, a esperança messiânica no Reino de Deus numa terra renovada, e as expectativas de uma expiação individual. Apresenta, por isto mesmo, características que estão presentes no cristianismo europeu mediterrâneo (tanto de influência romana, como Greco-ortodoxa), e, com maior razão, nas manifestações populares do catolicismo em toda a América Latina. (MONTEIRO, 1978, p.4).

Como, em cada lugar, as pessoas conseguem existir combinando aquilo que lhes é próprio e essencial em relação ao lugar e às determinações sociais, também são capazes, em comunidades, de contemplarem os seus interesses, sem desagradar, hoje, a Igreja Católica. A festa tem um sentido de permanência frente aos desafios da vida, aos problemas do presente e do futuro.

Neste contexto, as festas das comunidades rurais, não considerando a grande incursão de visitantes acabam promovendo o uso pelos próprios camponeses de

costumes e tradições, construídos pelo coletivo, no lugar vivido. Afinal, as comunidades desenvolveram seus conteúdos sócio-culturais estabelecendo relações sociais que lhes permitiram certa autonomia em relação às instituições.

A gente tem a nossa comunidade, uma sede social pra *fazê* a diversão do povo, tem o nosso padroeiro, a nossa festa, o nosso baile e tudo funciona com o povo daqui... Na festa a gente tira o leilão pra *arrecadá* recurso e depois tem o baile... Funciona assim, aqui a gente tem *três leiloeiro* que grita as *prenda* e o povo dá o lance. A gente faz a doação, pode ser um prato especial, um leitão assado, uma galinha, uma novilha, um cacho de banana, um saco de milho, e depois tira o dinheiro no leilão.¹⁵⁴

Foto 58 – Capela de São José do Moreno em dia de festa. À esquerda, o pátio da capela na semana que antecede a Festa em Homenagem a São José, padroeiro da comunidade. Ao centro, em frente à capela, faixa com a programação detalhada da festa. À direita, a capela em noite de festa. Kinn, março de 2010.

Na amplitude das relações sociais que fazem, da comunidade, um espaço que propicia momentos de encontros, o que os camponeses conseguem fazer, em geral, é promover uma reedição daquilo que se manteve dos rituais. No geral, os leilões e os bailes compõem, historicamente, partes importantes das festas. O leilão é um costume que exerce forte sedução nos camponeses.

¹⁵⁴ Entrevista obtida, pela autora, junto a um dos leiloeiros das prendas na Festa de Santo Antônio, na comunidade Cruzeiro dos Peixotos. A doação de prendas para o padroeiro é também uma forma de a família participar, efetivamente, da festa e demonstrar a sua devoção para com o santo e envolvimento com a comunidade. Comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Junho de 2010.

Os *leilão* é uma coisa que prende a atenção da gente, o povo participa... é um jogo, a gente vai dando lance pra *provocá* o povo. Daí a pessoa vai e *faiz* o seu, daí outro dá um maior. Daí a gente vai vendo o limite do outro. Não demora um leva a prenda... porque é tudo doação... Depois o outro leva e tudo vira uma diversão.... No fim do leilão quem sai ganhando, é a capela é a comunidade.¹⁵⁵

Foto 59 – Prendas oferecidas pelos devotos a São João Batista na comunidade de Martinésia, Uberlândia, MG. São produtos elaborados pelas famílias e geralmente consistem em alimentos, tais como bolos, broas, queijos, licores, carne assada e frutas, dentre outros. Contudo, as prendas mais vultosas e de maior interesse são as criações, sobretudo os bezerros. Kinn, junho de 2010.

O elemento principal da organização do leilão é a doação de produtos produzidos pelas pessoas da comunidade. O leilão também envolve relações sociais que podem reverter em prestígio político para o doador e para o arrematador. O que parece mais significativo nos leilões é a sua característica lúdica.

O leilão é um costume que envolve aqueles que não realizam diretamente a festa, mas participam fazendo suas doações. Participar dos leilões fazendo lances

¹⁵⁵ Entrevista obtida, pela autora, junto a um dos leiloeiros das prendas na Festa de São João Batista, na comunidade de Martinésia. Os lances dados pelos participantes do leilão para arremate das prendas nunca correspondem ao valor de mercado. O objetivo é estabelecer uma disputa e, nela, a possibilidade de as famílias, doadora e compradora, aparecerem como doadoras de recursos para a Capela. Para exemplificar esse envolvimento das pessoas com os leilões, na festa do padroeiro, realizada em junho de 2010, um dos leiloeiros, ao leiloar um pacote de mexerica (uma dúzia da fruta), obteve, ao final, um lance de 100 reais, enquanto em uma frutaria, na cidade de Uberlândia, a mesma quantidade da fruta poderia ser adquirida por menos de 10 reais. Comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Junho de 2010.

e arrematando as prendas, além de diversão é participação de um ritual de arrecadar recursos monetários para manter a capela e a estrutura comunitária.

Se a prenda me interessa eu vou dando lance. Se o povo do leilão sabe *levá*, vai recebendo lance e pode dá um bom dinheiro. Daí a gente vai até onde dá. E funciona. Cada pessoa participa com aquilo que tem.¹⁵⁶

Foto 60 – Leilão na comunidade do Salto no município de Araguari, MG. Os leiloeiros se revezam no espaço destinado a eles. Na comunidade os leilões ocorrem conjuntamente com o baile. Para agradar a todos, de meia em meia hora interrompe-se o baile para se ter o leilão. Kinn, junho, 2010.

Como os rituais de doação, nos lugares, são partes importantes dos festejos, eles acabam desempenhando o papel de promover o ajuntamento das pessoas que mantêm relações com o lugar. A festa, como fato social, precisa, em primeiro lugar, dos festeiros. Em segundo lugar, das doações. Assim, as festas, como resultado de diversos tipos de doações, materiais e/ou imateriais atraem as pessoas do lugar e tornam-se espaço de manifestações lastreadas pelas identidades, pertencimentos e enraizamentos que são praticados como, representação de um modo de viver. Mas as festas vão tendo que enfrentar, porque são dinâmicas e, principalmente devido às facilidades de propagação e transporte, os novos desafios sócio-espaciais relacionados ao aumento expressivo

¹⁵⁶ Entrevista obtida, pela autora, junto a um dos leiloeiros das prendas na festa de São Sebastião do Salto, na comunidade do Salto, município de Araguari, MG. Julho de 2010.

de visitantes, dos interesses políticos e econômicos que se fazem presentes no entorno das festas, por exemplo, de santos padroeiros.

A gente *faiz* o leilão pra *ajudá* a capela... Ela precisa de renda porque a gente tem despesa com água, energia, pintura, manutenção. *Faiz* o baile pro povo se *diverti*... daí tem dança, tem alegria... Daí a gente não cobra nada, mais o povo tem que *trazê* a prenda e *participá* do leilão. Então o povo de fora vai entendê que ele ajuda participando do leilão...Mais daí também tem aquele que monta a sua barraquinha pra *vendê* coisas...¹⁵⁷

Com o aumento do número de participantes/visitantes, as festas também são vistas como possibilidades de gerar ganhos econômicos para aqueles que não participam diretamente delas. A participação, nos festejos, é livre; não se paga pela entrada nos bailes dos terços, nem nos das festas dos padroeiros, mas, em contrapartida, espera-se que o público se envolva com os leilões, doando e arrematando prendas. Esse código, esse acordo tácito precisa ser decifrado pelos visitantes, pois se não houver adesão, isso pode implicar dificuldades para arrecadar os fundos a que se propõe a festa e para cobrir as despesas que se tem com ela. A participação e o envolvimento impõem, às pessoas, reciprocidades.

A gente *traiz* a prenda, ela é uma doação da família... Um quarto, uma paleta de leitão assado é uma prenda que chama a atenção, *faiz* o povo *ficá* interessado em *fazê* lance... a gente faz a doação por que daí a gente vai criando entusiasmo no povo *participá* do leilão.¹⁵⁸

Embora haja esse mecanismo de troca, necessário, ele não intenciona, em si, selecionar os participantes da festa. Não é necessário que, todos doem e arrematem prendas ou que uma parte doe e a outra arremate. Quem não tem condições para participar assim, participa com sua presença; quem não pode doar prenda doa trabalho, tempo; quem não pode arrematar, doa alegria.

¹⁵⁷ Entrevista obtida, pela autora, junto a um dos participantes do leilão de prendas na festa de São Sebastião do Salto, na comunidade do Salto, município de Araguari, MG. Julho de 2010.

¹⁵⁸ Entrevista obtida, pela autora, junto a um dos doadores das prendas para a Festa de Santo Antônio, na comunidade Cruzeiros dos Peixotos, Uberlândia, MG. Junho de 2010.

Leilão tem em toda capela, em *qualqué lugá* tem leilão; então é uma tradição... O povo daqui sabe como funciona, até o povo das *outra* capela que a gente participa também sabe, então a gente não tem problema... Agora o povo que não é daqui e nem das *capela* da redondeza não sabe, não participa e fica olhando, fazendo outras coisas...¹⁵⁹

As prendas que são doadas para os leilões não são arrematadas pelo preço de mercado daqueles produtos; o preço é sempre acima. É a forma de transformar as doações em recursos. Para alcançar esses resultados, a estratégia é provocar os participantes dos bailes a fazer seus lances, ingressando numa contenda entusiasmada. Assim cria-se além dos fundos para custear as despesas do evento, promove-se lazer, entretenimento para os participantes.

As comunidades rurais pesquisadas ao fazerem as suas festas, criam seus momentos de lazer e geram a manutenção dos seus patrimônios materiais/imateriais e de suas sociabilidades, quando, por exemplo, observam os preceitos do comportamento social, inscritos nas práticas culturais e religiosas.

No modo de vida camponês a fartura, abundancia, principalmente nas festas quando se está na condição de anfitrião, tem um significado especial. É mais do que o provimento dos alimentos necessário para todos, para come- morar. É estar no lugar vivido como alguém responsável, sério, dedicado, alguém que tem uma liderança que desperta confiança, segurança e que, portanto, sintetiza, nos seus atos práticos, a presença de uma moral e de uma ética camponesa que se toma como referência para todos.

É muita responsabilidade, é uma coisa enorme que a gente assume e tem que *dá* conta. A gente foi escolhido, a gente aceita, daí vira compromisso, não pode *desisti* porque todo mundo sabe quem é o festeiro, a gente é coroado na frente de todos.¹⁶⁰

¹⁵⁹Entrevista obtida, pela autora, junto a um dos participantes do leilão de prendas na Festa de São Sebastião do Salto, na comunidade Salto, município de Araguari, MG. Julho de 2010.

¹⁶⁰ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, município de Uberlândia, MG. Maio de 2008.

As relações e práticas sociais, as territorialidades derivadas das relações sociais dão vida aos lugares criam territorialidades e assumem formas complexas de sociabilidade e reciprocidade. Para os camponeses as festas reeditam os compromissos com a comunidade e definem certas responsabilidades, principalmente para com as tradições. Desse modo, a festa, como tradição, também pressupõe respeito aos códigos sociais e uma conduta moral e ética que se traduz como forma de ter acesso ao lugar territorializado, pelas práticas sociais e suas representações.

O imaginário social do camponês, conforme o momento e o lugar onde foi criado, manifesta-se nas festas e vai determinar a realidade vivida. Conforme Castoriadis (1993),

[...] é necessário que (este mundo) seja imagem de alguma coisa. O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos (CASTORIADIS, 1993, p.13).

Aqueles que assumem funções na realização da festa são líderes para os quais os que participam de outra forma se dirigem.

A gente pede... Pede não, a gente escolhe já no começo aqueles que pode *ajudá*... Como esse povo já sabe da festa é só *ligá* que eles traiz as coisa... Quando é assim mais chegado, é da roça já entrega na casa a prenda e também quando tem os *leilão*, o povo já entrega as *prenda* no baile do terço...¹⁶¹

A festa ocorre uma vez por ano, mas sua preparação se estende ao longo do ano e conta com eventos que são momentos importantes de reforço dos laços comunitários e para a vida cotidiana das comunidades.

¹⁶¹ O baile do terço, na comunidade do Salto é realizado mensalmente e reúne os devotos para as orações, bem como para os bailes e os leilões. Entrevista obtida, pela autora, junto aos membros da comunidade do Salto que frequenta o baile do terço. Araguari, MG. Junho de 2008.

A gente tem o terço todo mês... Assim, todo o mês a gente se reúne, reza, *faiz* leilão e depois um forró. Daí a gente tem o nosso lazer e aproveita pra *fazê* a despesa da capela.. Pra festa, a gente tem novena, daí a gente tem nove dia de preparação só pra festa...¹⁶²

Esses fatos lembram que as comunidades não existem somente nas festas, mas o ano todo. Seus membros se encontram, uma vez por mês, para ter, nesses momentos, uma forma de cumprir com os rituais religiosos e obter lazer. Nos preparativos para os festejos e nas festas em si, as comunidades vivem ao mesmo tempo dois momentos: o sagrado caracterizado pelas rezas de terços e novenas; os rituais religiosos e o profano caracterizado pela dança, pelo leilão, pela oportunidade de lazer.

Para os camponeses as festas são oportunidade de relacionar-se, realizar-se como membro da comunidade, viver os costumes e aceitá-los, mesmo tendo que aceitar modificações, o que indica “consciência territorial” dos seus eventos festivos.

Isso vem dos *antigo* e sempre foi assim... No tempo do papai até hoje a gente manteve o costume de se *ajudá* na festa. É uma coisa de tradição nas *família*... Se a gente não fosse *dá* uma *dimão* ficava muito difícil pra uma família *fazê* a festa. Desde que eu me conheço por gente, a gente tinha que participá... Só quando a gente não podia *participá* mesmo que a gente não ajudava... *Mais* aqui é assim, mesmo não podendo, mesmo se arrastando a gente vai lá e dá uma *dimão*... Por quê? Porque sempre foi assim, quando a gente menos esperava podia *precisá* dos *companheiro*.¹⁶³

Assim, as diversas práticas de integração social, expressam junções importantes com o lugar e são apreendidas e transmitidas, fundamentalmente, como costumes. A quantidade de tempo de prática das festas também é importante para que ela seja vista como costume, e um costume em uso, nos lugares pesquisados, que, de tão importante, toma feições de ritual.

¹⁶² Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Junho de 2008.

¹⁶³ Entrevista obtida, pela autora, junto aos produtores rurais da comunidade Salto, município de Araguari, MG. Julho de 2008.

Desse modo, este camponês se constitui como um sujeito social habilidoso politicamente e capaz de defender o seu território a partir do costume de fazer a festa. Inicialmente, as festas eram o marco da criação das condições para existir e coroava as relações de vizinhança e fundamentavam a presença do indivíduo como sujeito social, proporcionando vida ao território.

O povo vivia do seu chão, tirava o de *comê* dele, *mais* se não respeitasse a vizinhança, se não participava do mutirão ficava queimado, ficava numa situação complicada, assim, nos *último, di* não *tê* com que *pedi* ajuda... Você vivia com muita dificuldade e um vizinho era aquela pessoa que podia *socorrê*... Então isso de *participa*, de *ajudá veio* seguindo o povo daqui e *chegô* até na festa.¹⁶⁴

O pertencimento ao lugar não significa rejeição ao de fora, mas refere-se a um modo de ser que chegou ao presente histórico e veio, nessa longa caminhada constituindo e fortalecendo as amarrações sociais entre gerações e o território. E continua a formar esses vínculos. A família, a vizinhança, a religiosidade, o costume, a tradição para as pessoas que fazem as festas são também reforçados nesse estabelecimento de vínculos territoriais através da festa, de forma simbólica. Na realização e na participação das festas as pessoas demonstram e reforçam seus sentimentos de pertencimento ao lugar e de respeito e de consideração por aquilo que veio de outros contextos históricos e sócio-espaciais.

Acho que a gente não *criô* a festa que a gente tem... Ela *vei* vindo com os *antigo*... *Chegô* aqui na Mata dos Dias porque um antigo trouxe ela pra cá... Então a gente agora tem uma missão de *fazê* ela *continúa* nos *nosso filho* e depois nos *nosso neto*...¹⁶⁵

As festas de Santo, nesses lugares, têm um papel revelador sobre o mundo que existe nas comunidades rurais no baixo curso, do Rio Araguari. Trata-se de um conjunto de afinidades, fundamentadas em lógicas e temporalidades sociais, que

¹⁶⁴ Entrevista obtida, pela autora, junto aos produtores rurais da comunidade Martinésia, município de Uberlândia, MG. Julho de 2008.

¹⁶⁵ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural, comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Julho de 2008.

significa uma condição pretérita de enraizamento, pertencimento ao lugar e identidade social que permanece entre seus moradores.

A nossa comunidade é antiga, muito antiga; foi fundada por portugueses... Então, a história desse cruzeiro começa com esse povo. *Foi* eles que *fincou* o cruzeiro aqui e depois, bem depois que *veio* a capela. A gente tem amor a isso aí... Agora tudo muda... Antigamente, era tudo perto um do outro, daí, da festa, participava somente o povo das *fazenda*, vinha gente da beira do rio, desses *corguinho*... Era gente que trazia as *coisa* pra festa... vinha de carro de boi, a cavalo e ficava todo mundo acampado. A festa de hoje vem desse povo e continua sendo uma coisa feita na base da doação.¹⁶⁶

O lugar a que se pertence comporta, memórias de um tempo e de um espaço dinâmico e carregado de vida, em que as relações e práticas sociais se traduzem em coletividade. Assim, a representação temporal, é memória coletiva de um grupo social. Segundo Moscovici (2007),

[...] Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. Como consequência disso, para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu. Não é suficiente começar diretamente de tal ou tal aspecto, seja do comportamento, seja da estrutura social. Longe de refletir, seja o comportamento ou a estrutura social, uma representação muitas vezes condiciona ou até mesmo responde a elas. Isso é assim, não porque ela possui uma origem coletiva, ou porque ela se refere a um objeto coletivo, mas porque, como tal, sendo compartilhada por todos e reforçada pela tradição, ela constitui uma realidade *sui generis*. Quanto mais a sua origem é esquecida e sua natureza convencional é ignorada, mais *fossilizada* ela se torna. O que é ideal, gradualmente torna-se materializado. Cessa de ser efêmero, mutável e mortal e torna-se, em vez disso, duradouro, permanente, quase imortal (MOSCOVICI, 2007. p. 41.)

Nas comunidades rurais no baixo curso, do Rio Araguari, para estudar o lugar, e, nele, as suas festas, há que se considerar, portanto, as representações das pessoas, dos seus grupos sociais, e os significados que essas memórias atribuem aos fatos presentes e do dia a dia. Observando-se com cuidado os

¹⁶⁶ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural da comunidade Salto, Araguari, MG. Junho de 2008.

preparativos para as festas dos padroeiros, verificou-se que se dá uma especial atenção e importância às relações de vizinhança, no processo de viver em comunidade. As festas são símbolos, representações, desse modo de viver e são um modo de defendê-lo diante de um mundo metamorfoseado pelas prescrições da modernidade. As festas permitem que as pessoas prossigam levando a vida e se representando de maneira específica.

A partir da década de 1960, nesta parte do Cerrado, com a modernização conservadora da agricultura instituída pela Revolução Verde, ocorre um grande êxodo rural e as comunidades rurais da área de pesquisa perdem vários de seus membros para a cidade. No entanto, muitas dessas pessoas mantiveram os vínculos identitários e continuaram retornando às comunidades rurais e contribuindo para que as festas tivessem continuidade. Esse fluxo de pessoas é muito importante para a manutenção do costume de fazer as festas e acaba por incorporar nessas festas para homenagear os padroeiros outros recursos, sobretudo econômicos.

A festa é da comunidade, só que tem que a comunidade tem gente morando na cidade, *ficô* aqui os *parentes* e tem gente que conhece outro povo que gosta do nosso tipo de festa... A gente então conta com esse pessoal pra *fazê* a festa... Por quê? Por que daí aumenta o recurso... A gente vai tendo mais doativo...¹⁶⁷

Sair das comunidades rurais para exercer outras atividades laborais e retornar a elas para fazer e participar das festas é uma imposição sócio-econômica, mas o vínculo com o território, com o lugar é forte e significativo o suficiente para proporcionar o retorno para fazer a festa, que assim não perde as pessoas que migraram para as cidades da região do Triângulo Mineiro, sobretudo para as cidades de Araguari e Uberlândia, no estado de Minas Gerais.

¹⁶⁷ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural da comunidade Salto, Araguari, MG. Junho de 2008.

A festa continua, e conta com aqueles que, mesmo não vivendo mais no lugar, alimentam suas amarrações/vínculos territoriais e identitários com a festa e voltam às comunidades, nos períodos de preparação dos festejos.

Uma parte desse povo ajuda na festa. Eles são *parente* do povo que *ficô* aqui. Então eles não saíram ainda daqui, eles *foi morá* na cidade e *tão* sempre voltando pra *ajudá* na festa... Então eles são da comunidade, o povo é gente nossa... É tudo companheiro, nem precisa *avisá*, *tão* sempre sabendo de tudo da festa. Então esse não é o povo que visita a festa. Quem visita são o povo que vêm pra *comê*... Daí sim é um número muito grande...¹⁶⁸

Foto 61 – As cozinhas e os envolvimento com as festas de padroeiros. À esquerda, coxinhas, ao centro pratos de comida e à direita os visitantes e visitados no salão de festas da comunidade Cruzeiro dos Peixotos. Kinn, 2010.

A festa, como instituição das comunidades tradicionais, continua, agora, tecendo redes sociais, através da reprodução de antigos vínculos dos que estão fora com o lugar e estes produzem novos vínculos entre outros sujeitos que lhes estão próximos e a festa. Nessas redes sociais, os envolvidos operam incorporando rituais, símbolos e práticas sociais que se distanciam da homogeneização do mundo. As conexões são cíclicas, estão atreladas aos tempos dos eventos e se manifestam, concretamente, nos períodos e nos lugares de fazer a festa, apesar disso, para os camponeses, essas relações são importantes na

¹⁶⁸ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Junho de 2008.

defesa do lugar vivido, criando, na doação da festa, as possibilidades e as oportunidades para ele ser visto como um lugar de manifestação cultural, diferente dos espaços mercantilizados pelo turismo. Já a presença de visitantes, que não têm nada a ver com o lugar, que vão às festas para consumi-las como diversão, causa tensões.

No modo de vida rural, quando os camponeses fazem referência às suas festas, as imagens e representações mentais são evocadas a partir das suas afinidades com o lugar. Essa circunstância também lembra que há capitalização de experiências que vão servindo como referências para atuações vindouras. Se não há mais necessidade de fazer um mutirão para cumprir determinada atividade do ciclo produtivo, como carpir a roça, bater (limpar) o pasto, passa-se a utilizar a mesma prática social, o mutirão, para realizar outras tarefas, que são coisas da modernidade, como fazer silo com o trator. O tempo ganho pode ser empregado em outras práticas sociais importantes para a comunidade, como as festas.

Na seca o gado vai murchando, emagrece mesmo. Quase tudo seca... Tudo fica diminuído, fica assim fraquinho, não tem *sustância* e daí a gente parte pra cana com *ureia* e pra silagem. Daí a gente volta pro mutirão. Mais daí é um mutirão pra *fazê* silagem. Um mutirão que vai usá trator... Daí a gente vai se dedicando as *coisa* da roça de um jeito que não vai depender só da força da pessoa... A gente vai *usá* mais máquinas pra *sobrá* tempo pra *fazê* as coisa que não são só da produção... Uma reunião das famílias, uma festa, um mutirão, vai *funcioná* pra gente *juntá* o povo.¹⁶⁹

Santos (2008), ao analisar a festa e os modos de concebê-la, questiona a sua existência e a sua continuação em comunidades camponesas do Cerrado, afirma que:

¹⁶⁹ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural de Martinésia, Uberlândia, MG. Junho de 2008.

A festa não seria também uma necessidade desses homens? Certamente a festa era algo endógeno às pessoas desta(s) comunidade(s). Entretanto a sua organização, capturada pela Igreja Católica e instituída com ganhos políticos, também revelava a presença e o domínio do Estado e, neste caso, Estado do Papa. Não obstante as contradições que esse domínio possa conter, as festas aparecem em todos os momentos de maior fartura e em alguns de menor fartura. Revelam um homem que trabalha, mas que também dança, faz música, que brinca. Um homem que tinha o seu tempo totalmente relacionado ao ciclo da natureza e para reproduzir-se nele necessitava da festa, das relações que produziam a comunidade, seus acordos, valores e suas humanidades. [...] O ciclo da natureza e o ciclo da festa estabeleciam as humanidades desta parte do Cerrado. Revela-se em cada pessoa, nos interstícios do trabalho [...] o caráter natural da festa e as necessidades de reproduzir a comunidade, os homens, a partir das festas (SANTOS, 2008, p.18).

Assim, as festas camponesas têm especificidades que as fazem necessárias à existência do modo de vida camponês, às identidades desses sujeitos e desses lugares. O ciclo de vida continua sendo relacionado ao ciclo da festa. No entanto, o número expressivo de visitantes de fora das comunidades exerce pressão para torná-las mercadorias e/ou espetáculos, o que coloca em risco a festa. No momento elas permanecem, prosseguem e continuam nutrindo a existência daqueles que as concebem.

O povo daqui se encontrava na festa, era uma coisa simples, *mais* só da gente... Daí a gente conhecia todo mundo... Quando chegava gente diferente, a gente sabia quem trazia, sabia de que família era. Então a gente não ficava nem cismado com o povo de fora...¹⁷⁰

Apesar disso, a permanência dos camponeses compõe circunstâncias de existência do tradicional, o qual fornece condições de experimento com o novo.

¹⁷⁰ Entrevista obtida, pela autora, junto aos moradores da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

3. 2. O lugar e as festas camponesas

As festas camponesas são um forte símbolo para os sujeitos que a fazem. Segundo Jung (1964),

O símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga desconhecida ou oculta para nós [...] conhecemos o objeto, mas ignoramos suas implicações simbólicas. [...] O que simbolizam exatamente ainda é motivo de controvérsia suposições. Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu manifesto e imediato. (JUNG, 2008, p 18-19).

Considerando a afirmação de Jung (1964), pode-se compreender melhor o significado das festas. Os significados especiais que as festas têm para os camponeses estão relacionados às suas condições de existência no lugar.

Nas festas, constata-se que as práticas e relações sociais de quem de fato a realiza, produzem a defesa do lugar, recriam territorialidades com uma importante carga subjetiva, a partir dos objetivos de um sujeito social preocupado com os efeitos e rebatimentos das transformações sócio-espaciais que chegam até as suas comunidades, principalmente nas suas festas.

Considerando esse tempo de enraizamento, é que se pode aproximar do significado espacial das festas para os camponeses, que são traduzidos em sentimentos e emoções.

Eu me emociono com a festa, choro com as cantorias, fico de um jeito que parece que *vô virá* uma *ôtra* pessoa... Assim a festa é quase tudo, faz a gente *pensá*, faz a gente se *emocioná*... Então é por isso que a gente continua fazendo a nossa festa.¹⁷¹

O poder simbólico das festas, também é elemento importante na constituição do território camponês. Para os objetivos do capítulo considera-se, conforme Bourdieu (1989),

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto, poder quase mágico que permite o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. (BOURDIEU, 2002, p. 14).

Do ponto de vista da representação social, os símbolos estão intrinsecamente relacionados à vida cotidiana, às afinidades sociais que dão substância identitária aos lugares. Como componentes geográficos e culturais do lugar, os símbolos apareceram como (re)invenções sensíveis às imposições de várias ordens, até mesmo naturais e se tornam parte da vida das pessoas. É como parte da história do lugar, como conjunto de práticas e representações sociais, como expressão de um modo de vida, da produção dos meios de vida, material e imaterial de um grupo social que os símbolos ganham e (re)definem seus significados. Sendo assim, o lugar não é unicamente um mote, um dado palpável do ambiente, ele acolhe a experiência, a existência camponesa em complexas dimensões, inclusive a imaginária. Assim, passamos a considerar,

[...] que todo imaginário social é também um imaginário geográfico, porque, embora fruto de um atributo humano – a imaginação – é alimentado pelos atributos espaciais não havendo como dissociá-los [...] os objetos geográficos fazem parte do cotidiano individual e coletivo participam da prática social que lhes confere valor simbólico. [...] Existe, pois, uma relação, que não pode ser ignorada, entre a *geograficidade* da experiência humana e a elaboração de um discurso que não é neutro, mas, ao contrário, qualifica o espaço e seus objetos, tornando-os significantes, produtores de significados nas representações sociais (CASTRO, 1997, p.178 - 179).

¹⁷¹ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros da comunidade de Martinésia, município de Uberlândia - MG. Julho de 2008.

Nas residências, os moradores, na relação com o lugar, fazem, (re) interpretações dos seus símbolos, até mesmo os religiosos.

Não! Nem tudo que a gente tem aqui é pra *protegê* o gado, a lavoura. Aqui a gente usa muitas *coisa*, usa ferradura na porta, santo no oratório, cabeça de gado na porteira... Então a gente da roça tem um pouco de superstição... *Mais* tudo tem uma explicação... A ferradura é proteção e fartura, do santo a gente não desgruda, porque santo é superior... Nas *coisa* mais *difícil* ele é nossa salvação... Se ele não dá jeito quem vai dá então?... Agora a cabeça de boi é pra *espantá* inveja, mau agouro... Isso tudo protege a gente e todo mundo acredita... Daí todo mundo tem...¹⁷²

Foto 62 – Simbolismos presentes nas propriedades rurais da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari. À esquerda e à direita oratórios com imagens de santos. Ao centro da foto, cabeça de gado. Kinn, 2010.

No contexto dos lugares a vida, a condição de pertencer ao lugar não estão prendidas apenas ao ato de nele residir ou morar. As pessoas se envolvem e se preocupam com o lugar e essa inquietação pode ser alcançada nos episódios comunitários, sobretudo nos liames afetivos com os santos, com as capelas que, nos dias de festa, acabam por propagar, em profundez, individual e coletivamente, também as amarrações/vínculos de pertencimento aos territórios camponeses.

¹⁷² Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural da comunidade, Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Junho de 2008.

O santo de devoção é importante, é da gente, é tradição... Então, é assim, a gente não *feiz* toda a nossa devoção de *onte* pra hoje, a gente *pegô* já dos mais *antigo* e deu prosseguimento. A gente nasceu e cresceu aqui, daí a gente acredita na força que ele teve e vai *continúa*, com a nossa fé... Nossa fé também vem das *coisa* que já aconteceu com a gente... Aqui a gente cresceu ouvindo as *história* do poder que o santo tem de *protegê* o devoto...¹⁷³

Felipe (2001) compreende que a “constituição” do imaginário de uma sociedade ocorre,

[...] apoiada no mundo vivido e na concretude colocada pelas condições reais de sua existência. O imaginário não se reproduz no vazio das ideias, por vezes, confunde-se a uma ideologia, podendo ser gerenciado, manipulado na canalização de suas energias por interesses específicos, os quais se apropriam dessa força normatizadora de condutas e reguladora da vida coletiva. A pluralidade de abordagens, que objetivam investigar as relações do homem com o seu espaço de vida e de relações, permite pensar a possibilidade de identificar as representações simbólicas e o seu imaginário [...] (FELIPE, 2001, p.26).

A “realidade” e a “racionalidade” produto do imaginário social, conforme Castoriadis (1993) e Felipe (2001) podem ser tomadas como o território, desde que se considere que, de acordo com Haesbaert (1999),

[...] o território não é apenas um “ter” mediador de relações de poder (político-econômico) onde o domínio sobre parcelas concretas do espaço é sua dimensão mais visível. O território compõe também o “ser” de cada grupo social, por mais que a sua cartografia seja reticulada, sobreposta e/ou descontínua. Ao mesmo tempo prisão e liberdade, lugar e rede, fronteira e coração, o território de identidade pode ser uma prisão que esconde e que oprime ou uma rede que se abre e se conecta e um coração que emana poesia e novos significados” (HAESBAERT, 1999, p. 185 - 186).

Desse modo, a territorialidade das comunidades, leva à produção de identidade, segundo expõe Haesbaert (2006).

¹⁷³ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural da comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Na casa, as imagens de santos católicos não são simplesmente a adição de elementos decorativos separados da vida e das práticas sociais. São no conjunto da casa e em alguns cômodos, representa pelos de uma dada devoção. No caso da cozinha, espaço da moradia mais frequentado pelos visitantes e familiares, a imagem de São Benedito é a manifestação das expectativas camponesas de sempre perseverar a fartura de alimentos. Junho de 2008.

[...] toda relação de poder espacialmente mediada é também produtora de identidade, pois controla, distingue, separa e, ao separar, de alguma forma, nomeia e classifica os indivíduos e os grupos sociais. E vice-versa: todo processo de identificação social é também uma relação política, acionada como estratégia em momentos de conflito e/ou negociação (HAESBAERT, 2006, p.89).

O “cultivo” de identidade através das relações de poder espacialmente mediadas, conforme Haesbaert, para Carlos se dá no lugar.

[...] a análise do lugar envolve a ideia de uma construção, tecida por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a constituição de uma rede de significações e sentido que são tecidos pela história e cultura civilizatória que produz a identidade homem lugar, que no plano do vivido se vincula ao conhecido-reconhecido (CARLOS, 1996, p. 30).

As relações de poder que se dão no uso e na apropriação do espaço têm, em comum, os acontecimentos, os fenômenos sociais e, sobretudo o fato de serem partes de um movimento da vida que pressupõe a ação humana; história de conquistas e perdas que ocorreram/ocorrem nos lugares onde se encontram as comunidades. Segundo Santos (1993),

Cada lugar é aqui definido por sua própria história, ou seja, pela soma das influências acumuladas, provenientes do passado, e dos resultados daquelas que mantêm maior relação com as forças presentes. [...] Desse modo, só uma abordagem que leve em conta a totalidade social pode permitir uma interpretação multilateral das realidades locais (SANTOS, 1993, p.86 - 87).

As comunidades rurais, enquanto lugares vividos, podem ser vistas como a expressão do particular, do resultado da ação combinada de processos complexos, que foram ocorrendo a partir de densas imposições sociais e de abrangência contingenciais. Nesses lugares, a criação de animais, por exemplo, permitiu aos camponeses desencadearem ações materiais e representações simbólicas, que acabaram chegando até os dias atuais provenientes de distintas temporalidades sociais.

Segundo Carlos (2001), “Cada lugar, embora ligado a uma totalidade que se *autoconstrói* ao longo da história, tem sua especificidade relacionada ao entrecruzamento dos tempos diferenciados” (CARLOS, 2001, p.46).

Segundo Santos (2000), os sujeitos reproduzem os lugares de modos específicos por isso os lugares dos sujeitos clivados pelo mundo são, pra eles, o mundo – e o “mundo deles”.

Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas também são globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares (SANTOS, 2000, p. 112).

Por isso, o sujeito defende o seu lugar a partir de seus valores sociais, da sua ética e moral camponesas. Para essa defesa do seu lugar é necessário recriá-lo como o espaço lhe permitir.

Aqui na roça a gente resolveu *mudá* um pouco no barracão. Esse ano a gente descobriu que a prefeitura tinha lona e podia *emprestá*; *mais*, a gente tinha que se *adiantá*, daí a gente fez isso, *consegui* a lona. Outra coisa que a gente *modificô* foi a forma de *distribui* a comida, agora o povo *faiz* fila organizada... Como é muita gente, tava passando gente na frente, daí *fizemo* esse piquete *aí*, só é servido quem *entrá* na fila.¹⁷⁴

Foto 63 – Distribuição de comida na festa “temporona” de Santos Reis. Comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. A comunidade preocupada em organizar as pessoas no momento da janta, construiu um corredor, feito de fios de arame (piquete) para evitar concentrações e facilitar o trabalho dos festeiros. M.G. Kinn, junho de 2010.

¹⁷⁴ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros da comunidade Martinésia, município de Uberlândia, MG. Maio de 2008.

Criar e inventar, no lugar, estratégias para que a festa não desapareça, é uma forma de existir e pertencer a ele. E, se de alguma forma, a ampliação do público que visita a festa induz ao tumulto e à descaracterização dos costumes e das tradições e pode prejudicar a sua manutenção, a festa se adapta, se adéqua para poder continuar demarcando o território comunitário.

A gente *faiz* o que pode pra que a festa não acabe, que ela continue com os *nostros filho*... Agora a gente criou os *festeirinho*... Então a gente continua tendo os *festeiro*, mais agora tem também os *festeirinho*... Eles não tem a responsabilidade dos *adulto*, mais aí eles já vão sentido como é lá na frente.¹⁷⁵

Ao montar estratégias, em um determinado espaço, a comunidade se reorganiza para enfrentar os usos e tornar o seu lugar um espaço delimitado e apto à coexistência com a multidão. Nesse processo, estabelecer relações que lhe permitem alguma forma de poder sobre o lugar. A defesa do lugar passa, então, a ser mediada pelas práticas e relações sociais; elas não estabelecem apenas controle, nem exercem unicamente um papel gerenciador do espaço, pois sobre o lugar delimitado, protegido, talvez (re)territorializado ante a ameaça do espetáculo, há dimensões subjetivas, que propiciam outros significados.

Nas festas, constata-se que as práticas e relações sociais de quem de fato a realiza, produzem a defesa do lugar, recriam territorialidades com uma importante carga subjetiva, a partir dos objetivos de um sujeito social preocupado com os efeitos e rebatimentos das transformações sócio-espaciais que chegam até as suas comunidades, principalmente nas suas festas.

Para os propósitos e fundamentos da cultura camponesa, que nesta parte do Cerrado continua obedecendo às especificidades locais, relacionadas à estrutura das famílias e comunidades, o turismo que se inicia preocupa as pessoas, ameaça as identidades e estruturas comunitárias. Contudo, esse enorme fluxo de visitantes

¹⁷⁵ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, município de Uberlândia, MG. Julho de 2008.

nas festas ainda não interferiu nos modos de vida e nem passou a fundamentar as práticas sociais responsáveis pela sociabilidade entre as pessoas, principalmente na continuação/cultivo de suas festas.

Foto 64 – Cantorias em frente a bandeira dos três Reis Santos. Os foliões cantam para as imagens da bandeira e ao final do ritual, fazem os agradecimentos para os donos da casa. Comunidade Tenda do Moreno, Fazenda Pau Furado, Uberlândia, MG. Kinn, julho de 2010.

Desse modo, é importante compreender bem as contradições, os desencontros e os estranhamentos que as festas apresentam, quando usadas pelos visitantes. Embora, no texto do qual foi retirada a citação seguinte de Martins (1996), o autor não trate especificamente de festas, suas considerações sociais são aplicáveis à situação atual das festas camponesas no baixo curso, do Rio Araguari. Para o autor as contradições sociais são:

[...] históricas e não se reduzem aos confrontos de interesses entre diferentes categorias sociais. Ao contrário, na concepção lefebvriana de contradição, os desencontros são também desencontros de tempos e, portanto, de possibilidades” (MARTINS, 1996, p.22).

No lugar da pesquisa está havendo, portanto, com o aumento exagerado de visitantes, um desencontro de tempos e possibilidades. Para as pessoas do lugar a festa é possibilidade de representação social e reprodução de modo de vida, para os de fora é produto de lazer a ser consumido.

A festa é nossa, continua nossa, então ela tem que tê aquele andamento normal, assim, com visita na casa das *pessoa* da comunidade, com cantoria e tudo. A Folia fica andando desde a noite de Natal até o dia 6 de janeiro. Nessa época, *nois* anda de casa em casa. A gente bate, se a gente é recebido a gente pede licença, entra e canta, saúda as *pessoa*, recebe as doação... e assim vai, de casa em casa.¹⁷⁶

A festa não tem se dobrado aos usos do turismo. Ela se adapta, nos lugares estudados, mas continua envolvendo concepções e valorizações das vizinhanças e parentelas, afirmando valores culturais por meio dos encontros e rituais sagrados e profanos. Nela, as gerações se sucedem e a assumem como evento que lhes é legado e, assim, ela aparece, para o camponês, como criação de um tempo que renasce, no lugar, como uma tradição constantemente (re) inventada.

Quanto tempo tem essa festa... Ela foi trazida pra fazenda em 1947 por um fazendeiro e aqui *ficô* até hoje. Todo o ano ela sai e vai andando durante nove dia, daí ela pára de *andá* prá *cantá* na festa. *Mais* hoje ela não anda pelo pasto caminhando de casa em casa, ela vai de camioneta, de *van*, de outro jeito mais rápido...¹⁷⁷

Claro está que as pessoas das comunidades percebem nos visitantes e neles a intenção de usar as festas comunitárias. Diante da presença de visitantes, pessoas diferentes, cultural e socialmente, frutos da sociedade de consumo e identificados com ela, no caso, as pessoas do lugar revêem e reafirmam as relações que a festa tem com o seu território, para controlar o acesso desse público. Ciente das diferenças entre ele e o público que visita o lugar, o camponês mantém uma flexibilidade na organização das festas, ao mesmo tempo em que (re)cria, na festa, várias práticas sociais e assim permite a presença do visitante. Mas, a presença de uma quantidade tão grande de visitantes é um fato social novo que cria desconforto para aqueles que fazem da festa um evento só para a comunidade.

¹⁷⁶. Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros da comunidade, Martinésia, município de Uberlândia, MG. Junho de 2010.

¹⁷⁷ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros da comunidade Martinésia, município de Uberlândia, MG. Julho de 2008.

Foto 65 – Salão de festa. Comunidade do Salto, Araguari, MG, em dia de festa. O salão de festa da Capela de São Sebastião do Salto fica tomado por visitantes e moradores. Kinn, julho de 2010.

Parece que no dia da festa a gente também não é daqui... É uma coisa estranha, mas parece mesmo que venho um outro povo e *tomô* conta daqui... A festa é pra sê nossa, a gente até faz um esforço, mais tem no meio desse povo aquele que faz um recaso que a gente demora pra *entendê* e quando *entendê* vai querer *fazê* uma festa diferente... Agora a gente *tá* começando a *servi* mais cedo, no final da tarde e fazendo fila com senha e com divisória pro povo *respeitá* na hora de *servi* a janta...¹⁷⁸

Foto 66 – Fila de convidados para o jantar na Festa de Santos Reis. A janta começa a ser servida no final da tarde, sendo o cardápio composto por arroz com frango, feijão tropeiro, almôndegas, macarrão, salada e como sobremesa, doces de leite e de frutas. Mata dos Dias, área rural da comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Kinn. 2008/2010.

¹⁷⁸ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros de Santos Reis, na comunidade Martinésia, município de Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

Essa situação ganha sentido geográfico, pois indica autoconsciência de um movimento de desterritorialização, ainda que ele possa ser revertido em reterritorialização, posto que existem, na festa, descolamentos sociais e territoriais dos camponeses, em relação a suas situações e condições originais.

Foto 67 – Procissão em homenagem a Santo Antonio, comunidade de Cruzeiro dos Peixotos. A comunidade prefere fazer à noite, nas ruas do entorno da capela, evitando os lugares onde estão instalados os bares. Kinn, junho de 2010.

Os estranhamentos provocados pelos visitantes leva a ter que se considerar tanto uma possível desterritorialização sentida pelos moradores, quanto a reafirmação e defesa, dos seus hábitos e costumes locais. Com a perda momentânea daquilo que se entendia como festa comunitária, as reações se apresentam. O maior descontentamento, talvez, seja não se reconhecer nas festividades do presente. “Quero dizer que a gente tá aqui, mais não se sente daqui, sempre tem gente chegando e é gente que ninguém viu antes.”¹⁷⁹

Mas, essas mesmas pessoas reagem reivindicando e criando motivações políticas para estabelecerem uma organização do espaço para que a festa continue sob o domínio da comunidade.

¹⁷⁹ Entrevista obtida, pela autora, junto ao morador da comunidade Martinésia, município de Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

Aqui então tinha que *tê* estacionamento pra esse povo deixa lá os carro... Daí evita de *ficá* tudo cheio e misturado... Se você coloca os *carro* separado do povo e coloca alguém pra *cuidá*, você fica com espaço pra *manobrá* o povo...¹⁸⁰

Desse modo, o lugar representa, a possibilidade de existência das pessoas, dos valores humanos estabelecidos no cotidiano, da subjetividade daqueles que o criaram. Por isso, quando o lugar e a festa são ameaçados de se tornarem o espetáculo, mercadoria, as pessoas do lugar saem em sua defesa e de seus patrimônios.

Eu tenho já idade e a gente não é respeitado, gosto daqui e vivo andando pra lá e pra cá, assim, todo dia... Esses *día* tinha uma pessoa dormindo lá na praça, assim, meio “desajeitado”... Daí eu falei lá pra *falá* com a autoridade que aquilo lá é uma coisa nossa e precisa de zelo, tem que *zelá* direitinho senão perde, vira nada...¹⁸¹

Foto 68 – Capela de São João Batista - Comunidade Martinésia, município de Uberlândia, MG. A cerca é recente e foi uma decisão tomada pela comunidade no sentido de proteger o seu patrimônio. Kinn, junho de 2010.

¹⁸⁰ Entrevista obtida, pela autora, junto ao morador da comunidade, Martinésia, município de Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

¹⁸¹ Entrevista obtida, pela autora, junto aos moradores da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, município de Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

O morador, o camponês defende seu lugar e o território para manter a festa como uma manifestação das pessoas do lugar e defende a festa para manter seu lugar, seu território. Não é qualquer defesa, pois ela vem associada aos valores morais e éticos, seguramente originários dos costumes adotados pelas comunidades rurais, com interesses abrangentes e de significações para a vida.

Tive que *colocá* uns *aviso* pra não *estacioná* no pátio da Capela. O povo mexe em tudo, o pátio é pra gente *circulá* e eles tão mexendo, invadindo... A gente fornece o campo pra eles *jogá*, ninguém paga nada... Então tem que *chamá* a atenção do povo... A gente tem que *mostrá* que não é assim... que não pode *fazê* *qualqué* coisa... Daí a gente se envolve, pede socorro pra policia, daí as coisas vão entrando na linha.¹⁸²

É muito clara, entre os camponeses, a distinção entre o certo e o errado, naquilo que se refere aos comportamentos observados na festa, tanto em sua parte profana, quanto em sua parte religiosa. Para eles, os rituais envolvendo o sagrado, como as missas, as rezas, as passagens dos personagens bíblicos pelos arcos, no caso da folia de Santos Reis, são partes de um conjunto de costumes em que é necessário um ambiente respeitoso.

3. 3. As festas camponesas: território da religiosidade

As festas de santo nas comunidades rurais, do Baixo Curso, do Rio Araguari acompanham um calendário instituído pelas tradições camponesas, com base no calendário da Igreja Católica Apostólica Romana.

¹⁸² Entrevista obtida, pela autora, junto aos moradores da comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

Como a gente escolhe a data da festa? Acho que a gente nunca escolheu... A gente nunca falou esse ano vai sê em tal dia... Acho que é costume *fazê* ela naquele dia e pronto... Essa de Santo Reis é feita nessa data desde que eu me *alembro* dela aqui... A festa é do dia do santo, seis de janeiro... Então só tem graça de sê na data dele... Agora de uns tempo prá cá essa festa tem juntado gente que não tem nenhuma devoção.¹⁸³

As comunidades homenageiam seus santos padroeiros por meio de diversos rituais em que se destacam seus sentimentos, sua devoção e seu respeito aos santos. Em uma comunidade pode haver mais de um santo de devoção, mas as comemorações mais relevantes são para o santo padroeiro, cuja festa, geralmente, se encerra ou tem mais importância no dia dedicado a este santo. Nas comunidades do baixo curso, do Rio Araguari, as maiores festas são de Santos Reis (folia de Reis), São Sebastião, São José, Santo Antônio e São João.

Cada comunidade tem a sua festa... Daí, se o povo de outra comunidade *quisê participá*, não tem problema, pra *nóis*, tá tudo bom... Então tem época que aqui a gente tem bem umas cinco *festa*... Daí, na seca, a gente fica um par de mês envolvido com as *festa*, *mais* cada comunidade *faiz* a sua festa...¹⁸⁴

A tradição católica dedica a data de seis de janeiro aos Santos Reis, ou três Reis santos (Baltazar, Gaspar e Melchior), alguns dias após o natal. Esses são os reis magos que visitaram o menino Jesus logo após seu nascimento. Vinte de janeiro é dia de São Sebastião. O dia do São José é dezanove de março. Santo Antônio tem o dia treze de junho dedicado a ele e São João (Batista) é homenageado com o dia vinte e quatro de junho.

Os rituais eram delimitados, territorialmente, pelas áreas de abrangência de uma capela, mas foram, aos poucos, contando com a participação de membros de comunidades vizinhas. Os preparativos, a responsabilidade pela organização de

¹⁸³ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural, Martinésia, Uberlândia, MG. Junho de 2008.

¹⁸⁴ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural da comunidade Salto, Araguari, MG. Junho de 2008.

cada festa continuam sendo desempenhados pela comunidade promotora dos eventos. Em geral, as festas duram nove dias, por isso também são chamadas de “novenas” simplesmente.

Embora em alguns casos, não se abra mão das datas tradicionais como a de Santos Reis, em tempos pretéritos as dificuldades de se realizar uma festa em tempo de chuva (nas águas) inclusive porque é o período de mais trabalho na agricultura (preparação da terra, plantação e colheita) e pecuárias camponesas (período de maior lactação das vacas), fizeram com que algumas datas fossem deslocadas para o tempo da seca, quando há mais tempo disponível e mais facilidades, por exemplo, para o deslocamento das pessoas de suas casas para o local das festas. Recentemente, na área da pesquisa, talvez pelos mesmos motivos, surgiu uma Folia de Reis temporã/temporona. Isto é, fora do tempo considerado certo no início de janeiro.

A gente tinha que *fazê* uma reserva de mantimento... *Mais* não era só pra família, era também pro gado... Daí a gente trabalhava um tanto a mais nas *água* pra *tê* o que *comê* na seca... Mais não era assim uma fartura, era uma coisa bem controlada pra a gente *ficá* com manitimento, daí também a gente não fazia tanta gastança, a gente se divertia, rezava, *mais* não deixava de *tê* festa...¹⁸⁵

Embora não se separe totalmente o sagrado do profano é nas festas de padroeiros que o profano assume espaços e tempos específicos: são os leilões, os bailes ou os forrós (que antigamente também eram chamados de pagodes) e os jogos comunitários, sempre depois da reza do terço (e/ou missa) por nove dias: novena, que também tem um significado importante nas relações sociais.

¹⁸⁵ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural da comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Julho de 2008.

A gente precisa da novena pra *fazê* o nosso compromisso com o santo. A reza é uma devoção pro santo... Também é um momento que a gente se encontra, se envolve com os *vizinho*... Por quê? Porque aqui é assim, a reza é um dia em cada casa... Daí são nove *casa*, nove *família* que vai *recebê* a imagem e o povo pra *rezá*... Isso é importante pra *reuni* as *pessoa* e *deixá* a gente mais unido...¹⁸⁶

As atividades profanas podem ocorrer todos os dias da novena ou não e a novena pode ser na capela ou nas casas dos devotos. As danças e leilões ocorrem em salões de centros comunitários, nos lugares que os tem ou em lugares adaptados para isso ou em ranchos (tendas) construídos especialmente para a festa e depois desmanchados.

Nesta parte do Cerrado, as festividades implicam toda uma preparação; elas perduram e se mantêm porque há envolvimento, devoção e empenho das pessoas. Afora o aspecto da religiosidade, essas festas também são uma manifestação cultural própria característica do lugar, associada ao modo de vida dos camponeses da área estudada.

O povo que aceita *participá* das *novena* tem que ter compromisso, tem que *tê* tempo pra *prepará* a casa, pra *recebê* a imagem do padroeiro ou da bandeira da folia... Daí a gente procura *fazê* com os vizinhos, mais tem gente que vem da cidade, daí a gente faz tudo aqui e a família que *tá* na cidade vem pra casa daqui... Então é tudo combinado, organizado pra gente *participá* das *reza*...¹⁸⁷

Mas, os visitantes que não tem nenhuma relação com as festas e com o lugar a vêem como produto de diversão a ser consumido, o que causa nas pessoas do lugar a sensação de invasão.

Os valores humanos e as significações dados à festa por aqueles que dela fazem parte agem em contraposição às imposições sociais decorrentes da

¹⁸⁶ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural da comunidade, Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Junho de 2008.

¹⁸⁷ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural da comunidade, Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Junho de 2008.

enormidade do público que usa a festa. A festa comunitária, ao mesmo tempo invadida e consumida pelos visitantes, ainda não se constitui em produto turístico e se assim fosse, não teria sentido por si mesma, ou seja, fora do contexto cultural que promove sua valorização. Neste caso, estaria também fora dos interesses camponeses, porque não corresponderia à sua religiosidade, cultura e costumes.

Neste contexto, é necessário reconhecer que a presença da moral e da ética camponesa, no lugar e no território é, uma possibilidade de oposição à espetacularização¹⁸⁸ das suas manifestações culturais, indicando as possibilidades de adaptação e manutenção desse território.

A gente sabe que a festa tem os *festeiro*, tem então as *família*, tem também ajudante, tem o povo da folia, que vai *cantá* nos arco, que vai *saudá* a bandeira... Então a gente é responsável por tudo que acontece na festa. Daí o visitante é quem vem pra *participá* da festa.¹⁸⁹

Para os camponeses, os sentidos de festar estão presentes nos hábitos, nos costumes, na elaboração dos rituais e em sua realização, no lugar, e por intermédio deles.

¹⁸⁸ Embora o objetivo deste capítulo não seja discutir o espetáculo ou a espetacularização das festas comunitárias é importante considerar que as pessoas dos lugares estudados percebem a presença daqueles que usam e lucram com os festejos comunitários indicando que a presença do estranho transforma o espaço dos festejos. Neste sentido foi relevante na pesquisa considerar os escritos de Guy Debord (1997), em que o autor afirma que: “Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento ao mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares - informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos -, o espetáculo constitui o *modelo* atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e o consumo que decorre dessa escolha. Forma e conteúdo do espetáculo são, de modo idêntico, a justificativa total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo também é a *presença permanente* dessa justificativa, como ocupação da maior parte do tempo vivido fora da produção moderna”. (Debord, 1997, p.14).

¹⁸⁹ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros da comunidade Martinésia, município de Uberlândia, MG. Junho de 2008.

O povo daqui ainda *faiz* tudo por conta do compromisso religioso... Uma coisa de fé mesmo... Aqui o povo não fica balançando, quando pega é prá *valê* e daí as *coisa* acontece. Pro povo daqui é coisa séria, de tradição *fazê* a festa... Teve uma *vez* que o de *comê* foi se acabando e daí a gente correu ali, acudiu daqui e foi servindo jiló com carne... Deu susto, *mais* no final deu tudo certo. Então, o povo de roça é assim, sempre vai *fazê* do jeito que dá pra *fazê*...¹⁹⁰

O lugar se mostra, se revela, também como parte daquilo que permaneceu como reminiscência. Nas relações sociais, de algum modo continua a nutrir essa memória, essa consciência de que a fé tem duração que vem da história do lugar, sugerindo que o lugar vivido se propaga, ainda, na inquietação com as suas raízes. Mas interessa, aqui, frisar que as memórias sobre os lugares constituem, também, vínculos com o território, que podem apresentar mutações na forma de exercitá-la, e neste caso, da comunidade rural, poder-se-ia interpretá-los como sendo:

A condição humana de estar no espaço pressupõe ter acesso a um lugar, relacionar-se, realizar a transformação e ter a consciência disto. Assim, se levarmos em consideração as mais amplas referências das integrações sociais, tais vínculos podem ser apreendidos, fundamentalmente, por meio de três expressões: apropriação, valorização e consciência (HEIDRICH, 2006, p. 3).

A apropriação de um lugar como seu ou a condição de pertencer a um lugar não é dada apenas pelo o ato de nele residir ou morar. As pessoas têm que se envolver e se preocupar com o lugar, com os eventos comunitários, com as festas. O vínculo que se cria pela apropriação, pela valorização e pela consciência da festa religiosa parece mais forte que outros que podem ser estabelecidos porque se nutrem da fé, ao mesmo tempo em que nutrem a fé.

¹⁹⁰ Entrevista obtida, pela autora, junto aos produtores rurais da comunidade Salto, Araguari, MG. Julho de 2008.

O santo de devoção é importante, é da gente, é tradição... Então, é assim, a gente não *feiz* toda a nossa devoção de *ontem* pra hoje, a gente *pegô* já dos mais *antigo* e deu prosseguimento. A gente nasceu e cresceu aqui, daí a gente acredita na força que ele teve e vai *continúa*, com a nossa fé... Nossa fé também vem das *coisa* que já aconteceu com a gente... Aqui a gente cresceu ouvindo as *história* do poder que o santo tem de *protegê* o devoto...¹⁹¹

Foto 69 – Imagens dos santos padroeiros das quatro comunidades rurais da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari. Da esquerda para a direita, a primeira imagem é de Santo Antônio, padroeiro da comunidade Cruzeiro dos Peixotos. A segunda é de São José, padroeiro da comunidade Tenda do Moreno. A terceira é de São João Batista, padroeiro da comunidade de Martinésia. Essas três comunidades estão localizadas no município de Uberlândia-MG. A quarta imagem é de São Sebastião, padroeiro da comunidade do Salto, município de Araguari, MG. Kinn, 2010.

Nesta forma de se relacionar com o religioso, também se manifesta uma forma de agir no lugar, de formar essa consciência e essa valorização da festa são também expressões das representações das práticas sociais sobre o uso dos legados culturais e do próprio espaço.

Valorização do lugar, consciência e apropriação também se dão na doação de trabalho, de tempo de dedicação na preparação dos rituais religiosos ou nas ações de ajuda mútua.

¹⁹¹ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural da comunidade de Martinésia, Uberlândia, MG. Na casa, as imagens de santos católicos não são simplesmente a adição de elementos decorativos separados da vida e das práticas sociais. São no conjunto da casa e em alguns cômodos, representação de uma dada devoção. No caso da cozinha, espaço da moradia mais frequentado pelos visitantes e familiares, a imagem de São Benedito é a manifestação das expectativas camponesas de sempre perseverar a fartura de alimentos. Junho de 2008.

Tenho pra mim que o povo participa da procissão, ajuda na festa, alguma bateção de pasto, pra que as *coisa* não se *acabe*, então a gente quando vai chegando o tempo da festa, a gente já vai se apresentando, vai vendo se o povo precisa de ajuda.¹⁹²

As relações sociais, no espaço, envolvem o mundo vivido e a sua permanência inicia-se quando elas são tomadas como práticas cotidianas, a partir da totalidade de experiências, de habilidades. Quando, nessas relações, são incluídas as práticas religiosas, elas ficam ainda mais fortes. O trabalhar para o santo, nessas comunidades do Cerrado e, seguramente, em outros lugares do interior do país não é ação importante apenas para a religião e/ou para a pessoa que trabalha; o envolvimento com as festas significa que tudo que se faz, no lugar, vai suscitando possibilidades para que as ações e inclusões comunitárias criem as condições imperativas para nutrir a vida nesses lugares.

Fico satisfeito quando vem *pedi* pra *trabalhá* na festa... Pra mim é uma coisa das mais *importante ajudá*... A gente participa das *coisa* que a gente sabe *fazê*... Não me importo de *ficá* um, dois, *treis* dia trabalhando de graça... Por quê?... Porque não é pra ninguém, é pro santo...¹⁹³

A consciência do espaço, nas praticas sociais, revela-se como território de pertencimento, como defesa de seus conteúdos, considerados importantes para a vida, e suscita sentimentos que, perpassados pela religiosidade, impregnados dela, representam o prazer, a alegria, a satisfação de viver ali.

O meu trabalho, o meu trabalho não, o meu prazer foi enfeitá o andor pro nosso santinho andá na nossa comunidade. Então eu trouxe fita, flor das mais bonita e daí as pessoa fizeram ele andá. Daí a gente sente uma coisa boa com o santo todo enfeitado, arrumado, bonito, vistoso...¹⁹⁴

¹⁹² Entrevista obtida, pela autora, junto aos produtores rurais da comunidade Salto, município de Araguari, MG. Julho de 2008.

¹⁹³ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural, comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

¹⁹⁴ Entrevista obtida, pela autora, junto a uma moradora da comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Junho de 2008.

Foto 70 – As imagens das santidades que compõem a procissão em homenagem a São João Batista. Todos os andores foram enfeitados com flores artificiais nas cores que simbolizam os Santos. Da esquerda para a direita, a primeira imagem é de São Sebastião. A segunda é de Nossa Senhora Aparecida e a terceira é de São João Batista, padroeiro da Comunidade de Martinésia, município de Uberlândia, MG. Kinn, junho de 2010.

De acordo com Heidrich (2006),

Vínculos com o território se fazem por esse intermédio, por aquilo que se consegue realizar externamente, no espaço que é por onde cada um pode relacionar-se com o outro. São vínculos com os quais a humanidade se desnatura, criando o espaço humanizado – o território e as formações sócio-espaciais (HEIDRICH, 2006, p. 03).

Assim, a festa consegue existir como doação e como especificidade dos lugares rurais que, mesmo atingidos pelas Hidrelétricas, têm, na continuidade da festa, o seu espaço humano.

No entanto, cada situação de envolvimento, de doação, de inclusão é parte de um intrincado processo que relaciona fatos de devoção, comprometimento com os santos e com amigos, parentes e vizinhos.

Eu tô na festa há mais de 20 ano, gosto de *fazê* parte dela, me sinto bem é uma coisa das melhor... O festeiro me *chamô* por que eu já tenho tempo... eu sei *fazê* as coisa e faço com amor, com devoção... Faço de um tudo, feijão, carne com batatinha, macarrão, frango, jiló... Então quando *tá* chegando a festa eles vão na minha casa e me convidam... Eles sabem que eu não vou *falhá*, porque é tudo pros *Treis Reis*... Eu vou e faço tudo direitinho como sempre foi... Então o povo que mexe com a festa tem que ter experiência, não pode ser qualquer um...¹⁹⁵

Os santos prosseguem existindo como protetores/autoridades espirituais incontestes. Em tempos anteriores situações da vida fizeram as pessoas tomá-los como protetores, destes homens, tornando-os competentes para desempenhar poder sobre o vivido das pessoas.

Sou devoto de São Sebastião. Minha família sempre foi e já passei por situação muito difícil e ele nunca me *faltô*... Então eu nem peço mais nada, não tenho direito de *fazê* pedido, ele já me atendeu *demais* ... Então a minha fé é assim muito forte... Uma devoção.¹⁹⁶

Portanto, a religiosidade, nas comunidades tradicionais da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, advém de experiências do camponês, acontecidas nas suas relações com a natureza para provimento da vida.

Na afinidade com os outros, iam-se fundado os costumes, inclusive os rituais religiosos, como comunhão entre os sujeitos de uma mesma comunidade. A crença no poder dos santos elabora relações sociais entre proprietários de terras, não proprietários, parentes e vizinhos. Ter devoção pelos mesmos santos leva a se ter uma vida social abalizada nos mesmos princípios morais.

São Sebastião é um santo dos mais *importante* pra nossa comunidade... Na época dele, ele tinha sido soldado romano que *virô* cristão... Foi então um homem que teve muita coragem... Aqui ele é nosso padroeiro por que ele é que *protegê* o gado... Aqui a gente tira um *leitinho* e São Sebastião sempre foi um santo protetor... Então a gente vai acreditando nele...¹⁹⁷

¹⁹⁵ Entrevista obtida, pela autora, junto aos colaboradores dos festeiros da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

¹⁹⁶ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural da comunidade Salto, Araguari, MG. Junho de 2008.

¹⁹⁷ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural da comunidade Salto, Araguari, MG. Junho de 2008.

Considerando o conjunto das falas camponesas, percebe-se, claramente, que não há, nenhuma forma de negação ou aversão aos santos padroeiros das comunidades rurais. Ao contrário, o corriqueiro é que as devoções aos santos, fundamentadas na cultura própria, sejam amparo espiritual para os camponeses devotos, em situações de flagelos, o que fornece elucidações, conforto e esperança nos múltiplos episódios traumáticos da vida.

A fé nos santos, que se atrela às práticas sociais, em grande parte relacionadas aos ciclos da natureza, sempre exigiu interpretações dos camponeses; pode-se mesmo dizer vigilância, na condução de seus rituais.

Assim, as pessoas do lugar, mesmo tendo como fundamento a religiosidade, no ato de doar a festa como evento comunitário agem como se já soubessem sobre os desencontros entre o ato de cumprir os seus votos de fé para com os padroeiros e de se relacionar com a multidão.

A nossa família fez um voto pro santo há muito tempo e agora a gente *renovô* o voto e vai fazer a festa de novo... A gente faz pra cumpri o voto... Daí a gente *faiz* com satisfação... O povo vem pra festa por que sabe que vai *tê* festa... Por quê? Porque é tradição... O povo nem sabe que é um voto, nem quem *feiz* e que é tudo devoção. Pra maioria, o que importa é a comida, é o doce e só... Daí você que *faiz* o voto tem que saber lidar com isso... A festa então tem tudo isso...¹⁹⁸

Para as pessoas do lugar, portanto, os visitantes estabelecem usos específicos, próprios e momentâneos da festa e as pessoas do lugar compreendem que o ciclo das extravagâncias por eles cometidas, no lugar, se encerra com o fim da festa.

A adaptação às novas formas de que a vida vai tomando ao longo do tempo não nega totalmente as outras desde que não haja substituição, negação incondicional daquilo que se apresentava. O que tem ocorrido nas comunidades

¹⁹⁸ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros da festa de Santo Reis, comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Junho de 2008.

rurais da área pesquisada, são modificações paulatinas, na prática da religiosidade, no caso das festas comunitárias, de acordo com as novidades que a vida vai apresentando, pois os lugares abrigam pessoas que vão sofrendo naturalmente pequenas transformações nos seus modos de vida. A permanência dos camponeses compõe circunstâncias de existência do tradicional, o qual fornece condições de experimento com o novo que se relacione ou possa se relacionar, a esse.

A fé que a gente tinha e tem no nosso padroeiro continua... Só que tem uma coisa, não é para atender só as *coisa* da produção. A gente vai rezando, fazendo promessa pro filho passa no vestibular, pra *arrumá* um emprego melhor. Então a gente renova a nossa fé, mais não abandona... Esses dias a gente se reuniu e foi até o cruzeiro. Foi em setembro, tava uma seca braba. Daí a gente *levô* umas lata de água e molhou o pé da cruz... Não é que depois da reza, já tava chovendo...¹⁹⁹

Ao se considerar a festa e os seus rituais, doar-se à festa, por exemplo, é um costume, faz parte da moral camponesa, portanto, aquele que não se doa, no momento da festa, está agindo de forma errada perante a comunidade. Mas também há outras questões a serem observadas para que o veredicto seja estabelecido; o camponês somente estará agindo errado quando não apresentar uma justificativa plausível aos seus pares. A pressão, por parte dos seus pares, é enorme, para que haja participação de todos os membros da comunidade. Assim, para que a festa ocorra, tem que haver doação. Portanto, esse é o princípio que fomenta a festa. As ausências não justificadas, em que se retiram doações importantes, tornam-se inaceitáveis. Sob esses princípios, a ética e a moral camponesa defendem a festa e o lugar da festa.

Aqui a gente começa a festa no final desta. A gente escolhe o festeiro, o responsável pela festa e a detrás dele tem toda uma equipe... Como aqui é fazenda a gente já vai recebendo as *doação*... então se recebo uma novilha já coloco no pasto...²⁰⁰

¹⁹⁹ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural de Martinésia, Uberlândia, MG. Junho de 2008.

²⁰⁰ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros da comunidade de Martinésia, município de Uberlândia, MG. Julho de 2008.

Os vínculos com o lugar tornam-se históricos. A festa como manifestação de relações sociais, tem algumas ações estendidas para o cotidiano, interno e externo à propriedade familiar e possibilitam aos camponeses relacionarem-se com a vizinhança.

Assim, o camponês amplia as suas sociabilidades, criando, no espaço da comunidade, manifestações de pertencimento, sociabilidade e reciprocidade, nas relações do grupo com o lugar, com a comunidade e com a natureza do Cerrado.

Então a gente vai recebendo doação. Nessa festa eu fui recebendo bezerro, porco, galinha no ano todo... Foi bastante coisa... Como a gente não tem tanta condição de *apartá* as *doação*, fui criando tudo junto com as minha, então o resultado é esse... Muita fartura...²⁰¹

Portanto, o que se vê, das festas, não desvenda todo o processo de fazer a festa. Quem faz a festa, de alguma maneira vive o lugar e possui, sobre o território, certos controles, expressos antes mesmos dos eventos, nos preparativos dos seus rituais e nas estratégias para doar a festa e se doar à festa.

O que mais chama a atenção é o acordo, é o pacto para fazer a festa estabelecido tacitamente entre os camponeses, de acordo com suas identidades, pertencimentos e enraizamentos ao lugar vivido, e para a sua preservação. No caso das festas, consciência do território aparece nos seus falares, quando se referem à história dos festejos, destacando a quanto tempo cumprem ou tomam parte dos eventos, e também no conhecimento que as pessoas apresentam dos lugares sagrados e comunitários, dos preparativos, dos seus códigos, simbolismos e rituais. Tudo isso cria condições favoráveis a um uso político do território, a partir das festas. Também é relevante enfatizar que a consciência territorial aparece e se manifesta, em cada camponês, com

²⁰¹ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, município de Uberlândia, MG. Julho de 2008.

fortes conteúdos de subjetividades, marcados por nuances de valores humanos. Apesar disso ou por isso mesmo, há uma mescla de apegos culturais, historicamente congregados a partir de aprendizados camponeses que se fixam nos territórios, sendo que nem todas as motivações religiosas, políticas, identitárias e de empenhos pessoais aparecem, sempre, abertamente acentuadas nos seus discursos.

3. 4. Conflitos, mudanças e continuidades

Nas comunidades rurais do Baixo Curso, do Rio Araguari, as festas de santo foram ganhando, ao longo do tempo, os seus formatos, os seus conteúdos sociais e culturais que derivam das suas relações internas e com o mundo.

Contudo, são lugares que surgiram e se estruturaram tendo, neles, pessoas que viveram administrando o seu tempo. Esse predicado permitiu-lhes certa autonomia, para agirem criando as suas festas e fazendo delas uma doação para a comunidade e fazendo as festas a partir de doações recebidas. Consideradas as condições de vida de cada lugar, as doações devem ser examinadas como manifestações palpáveis das especificidades de um modo de vida.

O modo de vida camponês, nesses lugares, baseia-se em valores humanos, como reciprocidade, característica camponesa marcante. Assim, as especificidades, as identidades, os costumes, por intermédio da prática social ações e reações, individuais e coletivas, encetadas no cotidiano para o atendimento de suas necessidades, das representações, fornecem várias possibilidades de defesa do lugar, ante a qualquer ameaça.

Os vínculos de pertencimento assumem sentido político e dão condições ao sujeito de fazer crítica àquilo que lhe desagrada nas situações que vão ocorrendo ao seu redor, na sua comunidade e, portanto, também lhe dão possibilidades de agir, de defender o que acredita ser certo.

Uma coisa que eu acho errado é que a festa não é tão nossa como antigamente... A gente vai fazê a procissão, lá tem gente com o som alto...²⁰²
Daí a gente vai andá na comunidade, lá tem carro prá todo o lado...

Na valorização do seu lugar os camponeses infringem aos de fora as mudanças negativas. Como os hábitos, as formas e os estilos de vida dos camponeses manifestam no lugar, no uso que eles fazem dos seus espaços, a presença de estranhos, com estranhos hábitos quebra a “harmonia” que eles imprimem às suas vidas.

Aqui no Cruzeiro (dos Peixotos) o povo dorme cedo, frequenta a missa, tem um quintal com as suas plantinhas, vive assim bem simples. Então essa tranquilidade muda muito quando tem a festa...²⁰³

As pessoas dos lugares onde ocorrem as festas, aquelas que vivem ali, tentam existir frente aos usos do seu espaço vivido pelos estranhos/visitantes.

A gente fica triste com o povo estacionando carro, moto, camionete em *qualqué* lugar... Isso tudo vai bagunçando as *nossas coisas*... Daí a gente pensa: amanhã é outro dia... *Mais* não é, fica tudo *bagunçado*... Como não tem mais jeito, já aconteceu de tudo... a gente vai e procura o responsável pela festa e pede pra que no ano que vem não volte tudo de novo.²⁰⁴

A invasão das festas pelos visitantes é um fato que não se vincula à reprodução da vida nas comunidades rurais. Por isso, as pessoas criam formas de rejeição dos fatos, posicionam-se, e, desse modo, o lugar, além da moradia, do

²⁰² Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros de Santos Reis, comunidade do Cruzeiro dos Peixotos, município de Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

²⁰³ Entrevista obtida, pela autora, junto aos moradores do pequeno núcleo urbano, Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

²⁰⁴ Entrevista obtida, pela autora, junto aos moradores do pequeno núcleo urbano, Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Agosto de 2008.

trabalho, do lazer e do sagrado, é também o espaço da consciência, do reconhecimento e das representações, cujo significado vai emergindo da vida e se arrumando como reação àquilo que está ocorrendo no lugar e no território.

Se a gente não fala, não reclama, quem vai *fazê* isso? Acho que a gente tem que *sê* pelas coisa da gente... Providência? O jeito é *pedi* meio junto... Sozinho parece que é só a gente é do contra, que só a gente que é enjoado...²⁰⁵

Nessa condição há negações e superações. Como resultado da ação, particular e singular, de determinações contingenciais, o lugar se redefine, se impõe e se retrai. Nos lugares em que ocorrem as festas, condensam-se, ampliam-se distintas temporalidades e lógicas sociais.

O que está posto não é uma oposição à festa, mas aos problemas relacionados aos usos dos lugares, pelos estranhos/visitantes, onde elas ocorrem. Nas comunidades, no baixo curso, do Rio Araguari, o lugar vivido não se estrutura, apenas, no plano das relações e práticas sociais, ele se apresenta, também, no plano das manifestações e no posicionamento do sujeito social. Os lugares se renovam quando as pessoas que pertencem a eles agem criando as possibilidades de superações dos problemas.

Os problemas que as comunidades rurais vêm enfrentando na realização de suas festas são mudanças, que ocorreram decorrentes, principalmente, do aumento do número de visitantes.

Tá bastante demudada a nossa festa... Não é mais a mesma coisa. Por quê? Porque a gente *faiz* a festa com pouca gente daqui, quem trabalha é um pouco daqui e daqueles que já *tão* morando em Uberlândia... Daí esse povo vai *fazê* uma festa pra muita gente. Antigamente quem participava da festa era somente os conhecidos, agora vem gente de todo canto... *Pra* essa festa, a gente espera *recebê*, na janta, 2, 3, 4 até 5 mil pessoas.²⁰⁶

²⁰⁵ Entrevista obtida, pela autora, junto aos moradores da parte urbana do distrito Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Junho de 2008.

²⁰⁶ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Junho de 2008.

Até agora as festas têm resistido, mesmo estando mudadas. Mas, o risco de elas acabarem é real.

Acho que a festa vai *crescê*, vai *ficá* gigante, não vai *tê lugá* pro povo *colocá* os *carro*... Então a festa já não é só nossa. Daí não vai dá pra *fazê* por aqui, o povo vai ter que ir pra esse pasto que tem ali... Mas se a festa *crescê* para além disso? ... Daí o jeito é *mudá* tudo. Por quê? Porque daí o povo acaba desacostumando...²⁰⁷

Todavia, o risco de extinção que as festas correm hoje (2010) fazem parte de um processo que se iniciou com a modernização da agricultura e o êxodo rural provocado no fim dos anos de 1960 e início dos anos de 1970

Aqui, lá por 1965, até um pouco, depois, era cheio de lavoura de *arroiz*, tinha muito gado e muita gente por essas *fazenda*... Daí tinha muita festa e muito feriado pro povo *homenageá* o padroeiro da comunidade e os santo da vez. Por quê? Porque o povo era muito religioso e tinha quase que um santo por mês... No mês de junho tinha três santo pra homenagear... Era São Pedro, São João e Santo Antônio...²⁰⁸

As comunidades rurais, não são estáticas, são obra de seu tempo e, nelas, acabam por ser impressas novas formas de se viver.

Tudo *demudô* demais da conta. Hoje a gente tem mais recurso, a gente consegue *resolvê* - demais da conta pelo telefone... Eu moro aqui e ali... Moro no distrito, mas tenho as *minha terrinha* ali... Então, eu vô todo o dia lá, tiro um leitinho, cuido dos bicho, faço tudo e volto... Daí, o meu canto é dois, então a gente se sente vivendo aqui, mais de olho nas *outra coisa* que tão lá...²⁰⁹

²⁰⁷ Entrevista obtida, pela autora, junto aos moradores da parte urbana do distrito de Martinésia, Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

²⁰⁸ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Junho de 2008.

²⁰⁹ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural da comunidade, Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia – MG. Junho de 2008.

Foto 71 – Festa de Santos Reis. Momento em que o dono da casa, junto com seus colaboradores, servem o jantar aos convidados. Fazenda Mata dos Dias, Martinésia, Uberlândia, MG. Kinn, Janeiro de 2004.

A presença de grande número de visitantes, que é um público bastante heterogêneo, gera ações de se proteger a festa principalmente dos que dela querem tirar algum proveito individual, político e/ou financeiro.

Hoje a gente observa que as *pessoa que vem* pra festa são *variada*... Assim, vem de tudo um pouco... Vem o pobre que tem condições de *chegá* até aqui, vem o mais ou menos e vem o rico que gosta da comida, dos doces e dos *santo*... Mais vem também o político, o comerciante com outras *intenção*.²¹⁰

Outra estratégia criada, que aproveita as facilidades da vida moderna é o uso de veículos para os foliões (Festa de Santos Reis, Folia de Reis) fazerem seu percurso, que antes era feito a cavalo e/ou a pé.

Pra a gente *continúa* com a festa, a gente vai nas *casa dos devoto* de camioneta. A gente sai cedo, leva os *folião* na carroceria da camioneta e passa andando o dia todo, de casa em casa fazendo as *cantoria*. Daí no final, a gente retorna pra casa onde vai *sê* a festa. Com o recurso da camioneta, a gente faz mais visita e cansa menos, gasta menos tempo e visita todo mundo.²¹¹

²¹⁰ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros de Santos Reis, na comunidade de Martinésia, município de Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

²¹¹ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural de Martinésia – Uberlândia – MG. Junho de 2008.

Os visitantes não participam de todas as ações, situações da festa, do que acontece durante os preparativos da produção da festa em si, nem da parte religiosa. Eles estão em busca da parte profana da festa, que os camponeses não separam da sagrada. Por isso é que a festa não está à venda. Mas os conflitos decorrentes desta situação levam o camponês a remarcar as festas como territórios seus.

Nessa festa a gente sempre organiza tudo pra *fazê* a nossa tradição... É um costume muito antigo *agradecê* tudo aquilo que a gente conseguiu no ano... Então é uma homenagem muito antiga que vem acontecendo pra gente *mantê* a amizade e a nossa Capela... Então tudo isso *tá* na nossa fé, na nossa tradição... Isso que a gente tem no santo, a gente não abre mão... Isso então *veí* dos *antigo* e hoje ele *tá* na revelação pra aqueles que *vive* aqui e que tem os *pedido atendido*. Então aquele que vem pra festa nem sempre vai *vê* essas *coisa*... Então se eles vêm *visitá* a comunidade... muitos nem sabe disso que expliquei... Daí eles, na procissão, na reza, nem participa... Fica lá no canto deles esperando a parte dele (a comida ser servida)... Então a festa é nossa... *tá* na força do santo... Quem acredita *faiz* a festa... É tudo pro santo *protegê* e se a pessoa é devota, ele nunca falha.²¹²

Como os de fora não conseguem decifrar os códigos e símbolos sociais das festas e dos lugares, usam o espaço sem referências sócio-culturais e, nessas condições, não conseguem estabelecer sociabilidades. Assim ocorrem na visitação, no uso da festa, vários estranhamentos e, no lugar se sucedem desencontros entre visitantes e visitados, com repercussões importantes para a vida que nele acontece.

O povo (os visitantes) fica lá e a gente cá... O povo vai se cruzando, mas não se olha, não se cumprimenta, é uma coisa muito engraçada, difícil de *entendê*, a gente é de *cumprimentá* as pessoas... Você quando passa por uma pessoa você olha pra ela, você saúda ela... Na Festa de *Santo Reis*, aqui quando tem muita gente, isso não dá pra *fazê*... Daí a gente fica matutando se isso não pode *ficá* na gente?²¹³

²¹² Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros. Comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

²¹³ Entrevista obtida, pela autora, junto aos moradores do pequeno núcleo urbano do Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

No lugar da festa, a multidão se separa das pessoas do lugar. As pessoas do lugar se protegem da multidão. Em cada comunidade, no lugar vivido, as reações existem, mas se apresentam como uma manifestação subjetiva e, desse modo, os estranhamentos podem ser compreendidos a partir das suas identidades com o lugar vivido e seus valores humanos.

Fica todo mundo sem *sabê* quem é esse povo que vem pra nossa festa. Como eles são? Não dá pra *dizê* nada, a gente só sabe que são bastante. As *peessoas* nem *olha* pra gente, eles vão chegando, vão ficando e ficam andando, bebendo, colocando música que a gente não entende... Daí o som no volume lá em cima atrapalha tudo...²¹⁴

Segundo um festeiro da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, na festa de Santos Reis o número de visitantes chega a cinco mil.

Aqui no Cruzeiro junta até cinco mil pessoa. Na festa de Santo Reis, isso aqui fica coalhado de gente e de carro. A gente sabe porque a gente compra esse número de pratinho descartável para servir a janta e não sobra um pra contá.²¹⁵

Um tão grande número de visitantes impede que haja silêncio para se ouvir as cantorias e as homenagens aos santos. E o bom senso recomenda que todos possam ouvir aquilo que está sendo dito em forma de cantoria. Mas os visitantes usam os sons de seus carros para abafar a manifestação religiosa. Geralmente, o ambiente torna-se barulhento, inviabilizando a realização do ritual, nos termos que envolvem a tradição. O comportamento moral esperado pelos festeiros possui um caráter prático, ou seja, o não comprometimento dos rituais, o respeito àquilo que, para os do lugar é sagrado. Para as comunidades, os visitantes apresentam comportamentos errados, contrários aos costumes ali vigentes. Mesmo que a ética camponesa, não tem um caráter universal, pois assim como a moral, ela também

²¹⁴ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros da comunidade do Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

²¹⁵ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros da comunidade do Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

está relacionada aos costumes camponeses, o que chega no território camponês tem que respeitá-la minimamente.

A gente vê a festa *crescê* e daí não tem como *impedi* essa quantidade de gente, o povo descobre e vem mesmo... Daí a gente fica orgulhoso, *mais* se preocupa com a festa... É muita gente, é um povo que vem de todo o *lugá* e vem com muita vontade de *conhecê* a nossa festa... Mas é muita gente, daí teve que construí isso aqui, um barracão pra *fazê* a comida, assim, uma coisa mais organizada... No dia que a gente serve a comida de graça, teve que *pedi* policiamento, teve que *pedi* banheiro (banheiro químico, para a Prefeitura Municipal de Uberlândia)²¹⁶

Essas novas necessidades estruturais impostas pelas multidões que invadem e usam as festas rurais, tendem a se repetir nas comunidades rurais da área de estudo e vêm a agregar, a elas, várias novas funções e atividades organizativas, ligadas ao processo de fazer e oferecer a festa.

Foto 72 – Festa em louvor a Santo Antônio. No pátio da Capela, além das pessoas a presença do policiamento – Comunidade do Cruzeiro dos Peixotos – Uberlândia – MG. Kinn, Junho de 2010.

A festa tem o seu ponto máximo numa parte profana, da qual a multidão de visitantes participa sem saber da importância, da grandeza da outra parte, a sagrada, para as pessoas do lugar. As partes que se separam, mas se relacionam. A festa é uma feição que o grupo arranja de si mesmo que, como parte realiza o sagrado,

²¹⁶ Entrevista obtida, pela autora, junto aos moradores da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia MG. Janeiro de 2008.

estabelece relações de poder que delimitam, admitem e determinam as interações possíveis entre os visitantes e as identidades, representações e ações da festa.

Isso aqui é o final da festa. Assim, a comilança é uma coisa do momento final... Aqui o que *tá* acontecendo são as *coisa* que a gente já *feiz*... Antes disso tudo, tem a preparação da festa... Daí então é uma coisa da gente, só da gente, uma coisa que é tradição... Então o povo que vem pra parte da comida, vem depois de tudo pronto... Participa do final da folia... Isso aqui não é nada daquilo do povo que sai pedindo esmola de casa em casa e cantando a folia ... Tudo isso é uma partizinha da outra parte.²¹⁷

Nos lugares em que ocorrem as festas, vivem pessoas com seus liames territoriais, cujos conteúdos culturais, religiosos, psicológicos, dentre outros, afloram, ao mesmo tempo, como defesa do território.

A gente fica preocupado e orgulhoso com o povo que vem pra parte da comilança da festa, *mais* a gente *qué continuá* fazendo as *coisa* do jeito da gente... Santo Reis é uma festa importante, é feito no nosso sistema... A gente já *tá* fazendo a passagem dos *arco* num horário que tem pouca gente... Daí só o povo que é devoto mesmo... Quase só aquele daqui participa. Isso é uma coisa importante pra gente. Então o povo de fora não pode *ficá* colocando som alto no horário que a gente faz a passagem pelos arcos... Isso não pode *acontecê*... A gente pede pra não *colocá*... Então o povo tem que *vê* isso, porque é costume, é coisa nossa, é religião... É coisa nossa que vem de geração... Assim, é tudo muito antigo e o povo que visita a festa tem que *respeitá*...²¹⁸

Na relação com o visitante, o morador dos lugares rurais, ao mesmo tempo em que se mostra crítico, vai reagindo e nessa reação, pode vir a encontrar formas de adaptação – ou não.

A gente recebe bem o povo, gosta que as *pessoa venha* pra nossa comunidade... Agora, gente demais sempre cria coisas que a gente não gosta... Ali na praça quase não dá pra *passá*... No outro dia, bem cedinho, fica um cheiro pavoroso... Então o povo tem que *respeitá*... aqui é tudo nosso. Amanhã quem vai *ficá* é a gente e a gente dá a festa e não pode *ficá* com essa situação...²¹⁹

²¹⁷ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros da comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Junho de 2008.

²¹⁸ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros da comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Janeiro de 2007.

²¹⁹ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

Esse momento de reflexão crítica mostra que, na relação com os de fora, a tolerância tem limites. O tempo da festa é o tempo de certas tolerâncias, que permitem certos usos do espaço da comunidade, mas está havendo incoerências nos usos do espaço que se chocam com os valores humanos locais. As reações robustecem a continuidade da existência dos territórios comunitários, mas, por enquanto, elas ainda não se traduziram em ações efetivas, mesmo porque não se cogita quais poderiam ser essas ações.

A gente é muito simples, tudo aqui é coisa caseira, *mais* tudo é da gente...
Então se a gente é simples, humilde, por que o povo vem *visitá* a gente?
Então aqui a festa tem importância *pro* povo de fora e a gente precisa *valorizá* tudo que a gente é...²²⁰

Outro tipo de reação que ocorre com a grande quantidade de visitantes nas festas de Santos na área pesquisada é entender essa visitaço como um reconhecimento da importncia do lugar, seus costumes e suas pessoas para os de fora.

Foto 73 – Capelas das comunidades atingidas pela Hidreltrica de Amador Aguiar I. esquerda, Capela So Jos na comunidade da Tenda do Moreno, municpio de Uberlndia, MG. direita, Capela So Sebasto do Salto, na comunidade do Salto, municpio de Araguari, MG, em dia de festa. Kinn, 2010.

²²⁰ Entrevista obtida, pela autora, junto a um dos produtores rurais tradicionais na festa de So Jo Batista, na comunidade de Martinsia, municpio de Uberlndia, MG. Julho de 2010.

Foto 74 - Capelas das comunidades atingidas pela Hidrelétrica de Amador Aguiar II. À esquerda Capela São João Batista, comunidade de Martinésia em dia de festa, município de Uberlândia, MG. À esquerda, Capela de Santo Antonio na comunidade do Cruzeiro dos Peixotos, em dia de festa, município de Uberlândia, MG. Kinn, Junho de 2010.

A gente passa um tempão arrumando as coisas... Corre daqui, pede ajuda ali, pra fazê uma festa das *melhor*... Daí a gente *faiz* de um tudo prá não falta nada, pra que o povo saia bem servido... Mais aí o que acontece? A gente já *feiz* a nossa parte e também quer *qué* todo mundo faça a sua...²²¹

Os visitantes que vão ao lugar, por ensejo das festas, criam perturbações momentâneas, mas não penetram na essência dos espaços locais; se conseguem promover outros significados, talvez antagônicos aos dos moradores, no lugar, existem pessoas que revelam, com sua presença física, formas de existir, pois: “É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo” (CARLOS, 1996, p.20).

O povo que vem só pra festa é muito bem- vindo... A gente não tem nada contra, é bom que eles venham pra *conhecê* as *nossa tradição*... Então no dia da festa, quando enche a praça, a gente toma mais cuidado, a gente fica dentro de casa, fecha a casa e depois da festa volta tudo como era antes, fica tudo normal de novo.²²²

²²¹ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, município de Uberlândia, MG. Junho de 2009.

²²² Entrevista obtida, pela autora, junto aos moradores do distrito Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

O lugar, ao ser visitado, pode se abrir e/ou se fechar para o visitante. Algumas situações são toleradas pelos residentes, outras, não, porque, o lugar, como espaço vivido, importante para eles, enquanto que os visitantes, seduzidos pelo diferente, nas festas camponesas, não estão festejando o mesmo que eles, estão consumindo, usando, das festas, aquilo que lhes é possível.

O festeiro vai *recebê* todo mundo com respeito. Isso, é costume... *Mais*, se a gente vai *recebê* com respeito, a gente vai *esperá* que respeite a nossa festa. A gente sabe que no meio sempre vai *tê* aquele que não vai se *importá*, daí tem que *tolerá* pra *evitá* problema... *Mais* tudo tem limite...²²³

Foto 75 – Mensagens de boas vindas e agradecimentos. A participação da Igreja Católica e da comunidade na organização dos festejos fica evidenciada, bem como a forma de se receber os visitantes. Kinn, 2008/2010.

Considerando o que foi dito antes e o que está dito a seguir, grosso modo, se poderia concluir que pelo menos, uns poucos visitantes estariam aliando o uso da festa para o lazer com um uso religioso, algo mais próximo das práticas camponesas.

O que a gente *tá* festejando? A gente *veio* aqui pra *conhecer* a festa. É um lazer... Não posso *responder* pelos outros. No meu caso, acho que festejo a amizade com as pessoas, essa coisa de poder participar da festa já é uma coisa boa e, junto da minha família, quero participar da melhor forma possível. Também é uma forma de ficar mais perto de Deus... A gente fixa ali na imagem do santo e lembra de Deus...²²⁴

²²³ Entrevista obtida, pela autora, junto aos moradores da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

²²⁴ Entrevista realizada, pela autora com os visitantes da comunidade de Martinésia, no período da festa de Santos Reis. Comunidade Martinésia, Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

Os visitantes, em geral desconhecem as festas como resultados de costumes e tradições associados às práticas sociais das pessoas que vivem nos lugares. Desse modo, a aceitação do visitante pode ser entendida como uma situação momentânea, uma estratégia estabelecida pelo grupo de moradores das localidades que fazem as festas.

Os moradores dessa parte do Cerrado mineiro sempre agiram compreendendo para seu proveito as relações que instituíram os lugares, que foram sendo sociabilizados ao longo do tempo, para se ganhar a vida. Desse modo, não se está diante, apenas, de identidades, mas de práticas e representações sociais que ainda influenciam, sustentam e fomentam a elaboração das festas em comunidade. E receber bem o outro, no lugar que se vive, é um princípio, dos camponeses, de sociabilidade.

Como vem muita gente, a gente não consegue *servi* as pessoas como se fosse pra pouca gente... *Mais, recebê* bem as *pessoa* que vem de fora é muito importante. Por quê? Porque eles vão *vê* que a gente *tá* fazendo a nossa festa pro santo... Isso é uma coisa antiga, é de religião... Se o povo que visita tem religião não fica difícil *entendê* a nossa tradição.²²⁵

Para se analisar as festas como patrimônios culturais dos lugares, e como seus simbolismos, pertencimentos e enraizamentos seduzem e atraem visitantes, há que se levar em consideração a possibilidade de tudo isso estar sendo usado pelos residentes para defender o lugar. As pessoas das comunidades do baixo curso, do Rio Araguari com suas diversas apropriações, materiais e simbólicas, das festas que continuam muito fortes, mesmo que nelas estejam presentes outros sujeitos que, no lugar, acabam estabelecendo, na medida do possível, outros usos desses patrimônios culturais, podem em algum momento e em algumas pessoas inculcar-lhes seus valores.

²²⁵ Entrevista obtida, pela autora, junto aos festeiros da comunidade Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

Quanto às pessoas das comunidades ou próximas a elas continuarem se reunindo, a continuidade da festa parece garantida.

A gente acredita que o povo gosta daquilo que é bem feito... A gente aqui nas *coisa* da festa, *faiz* com amor, com dedicação e compromisso... A gente coloca sentimento nessas *coisa* de devoção... Daí eu acho que isso não vai *acabá*, vai *ficá*... Hoje mesmo eu fiquei emocionado vendo os meus neto ajudando, participando... Isso é uma coisa que emociona e deixa a gente muito satisfeito, muito esperançoso. Por quê? Porque a festa, desse jeito, não vai *acabá*...²²⁶Continua...

Isso também quer dizer que, nos lugares, há sentimentos, que neles habitam pessoas decididas, as quais, nas suas relações afetivas com os seus patrimônios materiais e simbólicos, agem acreditando no envolvimento das gerações mais novas, para que a festa continue aparecendo nas suas práticas sociais como uma instituição capaz de manter, criar e (re)criar os vínculos, as conexões territoriais, a partir dos lugares vividos.

Na permanência da festa, as comunidades não perdem a autonomia de organizá-las, mas há convivências, no mesmo espaço, com o conflito, além da presença de um grande número de visitantes causar vários tipos de preocupação.

Quando era somente o povo daqui a gente não tinha essa preocupação se a comida dava, se era o bastante.... Por quê? Porque a gente improvisava e tinha certeza que o povo não ia *fazê* pouco caso do esforço da gente. Agora não, a gente se preocupa e muito em *fazê* pra não *faltá*... Por quê? Porque se *faltá* vai dá falação...*Mais* o que mais preocupa a gente é o povo que vem só *prá lucrá* com a festa.²²⁷

As visitas são uma manifestação intrincada, motivadas pelas sedução que representam o modo de vida nos lugares e pela percepção de que a festa comporta elementos de originalidade e características comunitárias.

²²⁶ Entrevista obtida, pela autora, junto a um produtor rural, comunidade de Martinésia, município de Uberlândia, MG. Julho de 2008.

²²⁷ Entrevista obtida, pela autora, junto ao festeiro de Santos Reis, comunidade de Martinésia, município de Uberlândia, MG. Janeiro de 2008.

Venho nessa festa porque gosto da comida; é uma comida da roça, e feita no fogão à lenha, na fomalha à lenha. Venho então porque tem muita coisa antiga que a gente não vê mais por aí... Então, eu acho que é somente aqui que tem isso...²²⁸

Foto 76 – Fogão à lenha. Jantar sendo preparado para os foliões e convidados na festa de Santos Reis, comunidade da Tenda do Moreno, Uberlândia, MG. Kinn, 2008/2010.

Os visitantes carentes de espaço para o lazer, seduzidos pelo modo de vida camponês, vão usando os espaços das comunidades, no caso a seguir, fora das festas, mas tendo descoberto o lugar pela propagação/divulgação da festa.

O lugar é muito tranquilo, é ótimo para passear, trazer as crianças e brincar. A gente nem sabia desse lugar, *veio* pra festa de santos Reis e aí a gente resolveu voltar... Como a gente gostou foi convidando os amigos e continuou vindo mais gente... Aqui a gente costuma ficar o dia inteiro, aproveita pra passear... Porque é perto da cidade, tem bar, tem restaurante, tem banheiro, tem lugar pra gente comer e se quiser pode trazer as coisas de casa e comer na praça.²²⁹

Além da identificação com o lugar, enquanto uma formação vinculada à religiosidade, construída e transmitida culturalmente, há, ainda, os elementos

²²⁸ Essa entrevista foi obtida em 2008, junto aos visitantes da Festa de Santo Reis, comunidade Martinésia, Uberlândia, MG, e indica que essas pessoas consomem os atrativos da festa naquilo que lhes interessa e naquilo que elas têm condições de consumir.

²²⁹ Entrevista obtida, pela autora, na festa de Santos Reis de 2008, com uma família que fazia da praça de Cruzeiro dos Peixotos um espaço de lazer. Janeiro de 2008

materiais e simbólicos, que constituem os patrimônios culturais das comunidades rurais do baixo curso, do Rio Araguari. A festa é um desses patrimônios, guardados pelas pessoas, principalmente naquilo que se refere ao fazer, como compromisso social tacitamente assumido, de passar, para as futuras gerações, seus conteúdos e sentidos, criados a partir do lugar.

Acho que não dá pra gente *ficá* sem a festa... *Mais* a gente *faiz* com sentimento, com coisa que a gente não sabe *explicá*, *mais* a gente continua fazendo isso aqui pra também *deixá* pros *filho* e pra netaiada (netos), pra eles *dá* prosseguimento...²³⁰

Ainda que se arrisque afirmar a total natureza simbólica das festas, percebe-se uma decomposição dos seus fundamentos. As festas já não alcançam a condição de atender, as aspirações da comunidade. A quantidade de pessoas que vêm de fora usam as festas e seus espaços como mercadoria que se adquire ou da qual se apropria. A festa deixa de ter o sentido que a comunidade ambiciona e que tem referência no seu processo histórico.

Se por um lado, a relação com o outro condiciona, por outro, ela proporciona opções, novas oportunidades para o sujeito existir como diferente, o que o leva a desenvolver posicionamentos mais críticos sobre os usos que se fazem das ruas, da praça, de sua comunidade. As relações que os moradores criam com os lugares e que se sustentam nos costumes, como referência moral e ética, vão estabelecendo, no cotidiano, as possibilidades de existir do sujeito, que levam-no a posicionar-se, politicamente, em relação aos usos turísticos da sua comunidade

De fato, as conexões, as amarrações e vínculos territoriais passam a existir e se sustentam por intermédio das práticas sociais individuais e coletivas. No caso dos moradores dos lugares, que estão vinculados às festas e aos rituais religiosos, é importante que as práticas comunitárias, festivas ou não, envolvendo os ritos da

²³⁰ Entrevista obtida, pela autora, junto a uma produtora rural, comunidade do Salto, Araguari – MG. Junho de 2008.

vida e da morte, sejam mantidas. Os vários rituais cerimoniais reforçam os laços afetivos entre as pessoas e demonstram que o lugar, enquanto pertencimento, enraizamento da vida, não se volatiliza, nem completamente e nem parcialmente, diante das forças da multidão que, na procura do turismo ou do lazer, enfim, do consumo dos lugares, banaliza o vivido que neles ocorre. Neste caso, a comunidade se organiza e passa a se afirmar por intermédio das suas práticas e representações sociais cotidianas.

Procurou-se compreender a existência dos lugares, que mesmo transformados e usados pelo turismo, continuam diferentes, sedutores, criativos, irreverentes e capazes de se adaptar às novas situações.

Neste contexto de transformações, a vida e o modo de vida divergem dos novos usos do espaço, e as pessoas dos lugares, ao mesmo tempo, em que sofrem as imposições vão se opondo, do seu jeito, às formas com que o mercado age, fundamentalmente desconsiderando os pertencimentos humanos e se apropriando de espaços que não criou.

Nessa coletividade, considerou-se que as crianças, ao terem seus lugares (re) ocupados pelos de fora, também poderiam interpretar as manifestações das iniciativas turísticas na sua comunidade. O próximo capítulo será dedicado à criança e a como ela percebe o turismo, nos seus lugares vividos.

4. Crianças camponesas: representações das mutações sócio-espaciais

4. 1. O desenho da criança camponesa: saberes e lugares

As meninas e os meninos camponeses associam a formação dos lagos exclusivamente com atividades não agropecuárias? Fizemo-nos essa pergunta quando observamos, nas escolas das comunidades afetadas pelos lagos das Hidrelétricas Amador Aguiar I e II, preocupações sobre aquilo que as famílias poderiam fazer, depois de as paisagens terem sido transformadas. Essa pergunta foi sendo tornando problema de pesquisa e nos fez buscar, nas crianças, as suas representações do lugar em desenhos. Os conteúdos dos desenhos poderiam indicar como o turismo, presente, nas unidades de produção familiar e nos lugares onde a comunidade, historicamente, havia-se constituído, estava afetando as noções de territorialidade delas.

No entanto, este capítulo não é um estudo profundo e específico sobre a criança camponesa, mas, sim, sobre as acanhadas e/ou graúdas demandas da vida cotidiana que invadem os lugares, em que elas vivem, na sua experiência com o turismo no espaço rural do entorno das duas represas, nas comunidades Tenda do Moreno e Martinésia, no município de Uberlândia e que, seguramente, podem ocorrer também em outros municípios do Brasil.

O trabalho de campo que rendeu este capítulo foi feito em duas escolas da área de estudo: Escola municipal da Tenda do Moreno, na comunidade de mesmo nome e a Escola Municipal Antônio Martins da Silva, no distrito de Martinésia - envolvendo trinta e duas crianças, alunos de 4ª e 5ª séries do ensino fundamental, como idade entre 10 e 12 anos.

Propôs-se considerar o conceito de Paulo Freire (1999; 2001a) de “leitura do mundo”²³¹ para se pensar a respeito das representações que as crianças fariam das paisagens, dos lugares, dos seus conteúdos afetivos, visuais, táteis, olfativos, sonoros, conteúdos a partir de uma experiência específica e particular: a experiência de crianças camponesas convivendo com atividades não agropecuárias.

Para Paulo Freire (1991), a “leitura do mundo” é aprendida e exercitada já antes da aprendizagem da leitura e da escrita que, quando dominadas, serão utilizadas para expressar a “leitura do mundo”. Nas palavras do autor:

Sempre repeti que é impossível conceber a alfabetização como leitura da palavra sem admitir que ela é necessariamente precedida de uma leitura do mundo. A aprendizagem da leitura e da escrita equivale a uma “releitura” do mundo. É preciso não esquecer essa evidência: as crianças pequenas, bem antes de desenharem e traçarem letras, aprendem a falar, a manipular a linguagem oral. Por intermédio da família, lêem a realidade do mundo antes de poderem escrever. Em seguida, apenas escrevem o que já aprenderam a dizer. Qualquer processo de alfabetização deve integrar essa realidade histórica e social, utilizá-la metodicamente para incitar os alunos a exercerem, tão sistematicamente quanto possível, sua oralidade, que está infalivelmente ligada ao que chamo de “leitura do mundo”. Essa primeira leitura do mundo leva a criança a exprimir, mediante signos e sons, o que ela aprendeu do universo que a cerca. (FREIRE, 1991, p.1)

Considerou-se válido para a linguagem visual, no caso, desenhos, o que Freire afirmou em relação à linguagem verbal escrita. Ao desenhar as crianças fazem uma “releitura” do mundo.

²³¹ As concepções sobre a leitura de mundo estão presentes nas seguintes obras: FREIRE, Paulo. Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. FREIRE, Paulo. e BETTO, Frei. Essa escola chamada vida. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1994. FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 4.ed. São Paulo: Editora Moraes, 1980. FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 5ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança. 3ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997. FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. FREIRE, Paulo. Educação e atualidade brasileira. São Paulo: Cortez, 2001.

Esperava-se que nessa releitura estivessem presentes as experiências das crianças e de suas famílias no lugar vivido, que agora apresentava uma paisagem resultante da construção dos lagos e constituía um território (re)concebido nas relações com o visitante.

Para Callai (2005),

Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos). (CALLAI, 2005, p.3)

À criança no cotidiano da família camponesa, são dadas tarefas para cumprir e, assim, ocorre a sua aprendizagem e a sua socialização, na relação com o outro e com o meio. Portanto, a noção de espaço que a criança desenvolve é construída socialmente.

Ainda que o cientista social não “possa compreender a fala do outro sempre”, leia-se, ainda que nós não pudéssemos compreender a fala das crianças, elas podem, sim, ser informantes de uma pesquisa, pelo que falassem ou pelo que calassem. Conscientizou-se dessa situação Martins (1997),

É falso que o cientista social possa compreender a fala do outro sempre, como é falso que só é socialmente eficaz a fala que pode ser compreendida e explicada pelo cientista social. Em suma, há outra diferenciação social cuja relevância não é pequena: há os que falam e há os que silenciam e falam por meio do silêncio. São os que foram calados, excluídos e marginalizados das tribunas da vida, obrigados a dissimular o seu dizer no gesto e na metáfora. As ciências humanas, com possível exceção da Antropologia, não têm sido capazes de decifrar o silêncio daqueles que não foram eleitos pelo saber acadêmico como informantes, com efeito, válidos dos pesquisadores. (MARTINS, 1997, p. 119).

Assim é que torna-se possível analisar as transformações sofridas nos lugares e as novas relações estabelecidas com os visitantes não apenas como uma representação simbólica, mas também como uma interpretação, uma “releitura do mundo” através dos desenhos das crianças, nem sempre consideradas capazes de expressar ou informar os conteúdos da vida dos lugares.

Do ponto de vista da identidade, a criança camponesa, desde de cedo, já apresenta enraizamentos importantes, pois desde que nasce há uma participação real, ativa, na existência da sua família e da comunidade. No convívio com os outros, a criança aprende e pratica certas habilidades do passado e do presente e de certo modo avalia as possibilidades de se efetivarem no futuro.

A gente cria um filho, assim bem do lado da gente... A gente procura *levá* os filhos (homens) prá lida... Então ele vai aprendendo de tudo... Vai vendo a dificuldade do trabalho na roça e da vida... Daí então a gente qué o melhor pra ele. Daí eu não sei do melhor, será que sempre tá aqui... Então ele tem que *caçá* (escolhe) uma coisa melhor pra ele.²³²

A participação na vida da família e da comunidade, no lugar vivido, começa bem cedo para as crianças camponesas. Essa inclusão é prática e se apresenta como aprendizagem do modo de vida e da produção dos meios de vida. Como uma orientação para ganhar a vida, são ensinadas, às crianças, técnicas de produção praticadas, desde as idades mais tenras, que vão se complexificando nas atividades e nos ambientes dos quais ela participa. Na convivência diária com essas atividades, a criança, fazendo, aprende a lidar com as coisas do seu meio, a se posicionar diante das conquistas e das dificuldades e vai criando sua identidade cultural e a possibilidade de permanências e existências particulares – e também de rupturas. Esse modo de ser camponês, em que se encontra implicado a transmissão de saberes e expectativas da família sobre o futuro, pode ser percebido no conteúdo da seguinte entrevista:

²³² Entrevista de campo, realizada pela autora, com os pais das crianças camponesas da Escola municipal da Tenda do Moreno, na comunidade de mesmo nome, na festa junina, no ano de 2010.

Criança é futuro... Sem os *menino* tudo pode *acabá*... Então eles têm que *participá*, *continuá* com as coisas que a gente deixá... Uma criança imita a gente e aqui em casa a gente vai vendo a influência da gente... Cada um fazendo uma coisa, querendo aprender é muito emocionante é uma continuação... Na folia de Reis, fico emocionado quando os neto *qué aprendê* aquilo que a família *iniciô*...²³³

Para Brandão (1983),

Em todos os grupos humanos mais simples, os diversos tipos de treinamento através das trocas sociais, que socializam crianças e adolescentes, incluem, entre outras, estas situações pedagógicas: o treinamento direto de habilidades corporais, por meio da prática direta dos atos que conduzem o corpo ao hábito; a estimulação dirigida, para que o aprendiz faça e repita, até o acerto, os atos de saber e habilidade que ignora; a observação livre e dirigida, do educando, dos procedimentos daqueles que sabem; a correção interpessoal, familiar ou comunitária, das práticas ou das condutas erradas, por meio do castigo, do ridículo ou da admoestação; a assistência convocada para cerimônias rituais e, aos poucos (ou depois de uma iniciação), o direito à participação nestas cerimônias (solenidades religiosas, danças, rituais de passagem); a inculcação dirigida em situações de quase-ensino, como o uso da palavra e turmas de ouvintes, dos valores morais, dos mitos histórico-religiosos da tribo, das regras dos códigos de conduta. Assim, tudo o que é importante para a comunidade, e existe como algum tipo de saber, existe também como algum modo de ensinar. Mesmo onde ainda não criaram a escola, ou nos intervalos dos lugares onde ela existe, cada tipo de grupo humano cria e desenvolve situações, recursos e métodos empregados para ensinar às crianças [...] (BRANDÃO, 1983, p.21-22).

Portanto, é necessário compreender as várias atividades e os elementos que determinam o jeito de ser e o modo de vida da família camponesa para só então, analisar a inserção de atividades não agropecuárias em seu cotidiano, porque o envolvimento com o novo requer a segurança de saber quem se é e de suas capacidades de aprender - ensinar. Isso significa considerar na lógica camponesa, para conseguir a sustentação da família a diversidade produtiva que pode até incluir o uso dos seus costumes e tradições para ganhar a vida, para manter e ampliar as possibilidades produtivas da propriedade;

²³³ Entrevista de campo, realizada pela autora, com os pais das crianças camponesas, na comunidade da Tenda do Moreno, no município de Uberlândia, na festa junina, no ano de 2009.

As atividades sócio-produtiva, realizadas nas propriedades familiares, não se revelam isolados das concepções sociais e culturais próprias, nem das do mundo em que se vive. Contudo, nas crianças camponesas existe ainda um forte alcance das ideias dos pais e dos professores. Os lugares das ideias, de onde elas nascem, remetem sempre ao cotidiano, geram afetos, códigos, apegos, modos de viver e de decifrar a vida. Nessa perspectiva, a relação com a terra é importantíssima, mas não foi aqui considerada, porque os objetivos do capítulo são as análises dos desenhos infantis para se verificar neles as repercussões das mutações do espaço na vida camponesa

Entre os desígnios da família camponesa, podem-se contar a busca pela compreensão do momento que se vive, dos modos como podem ser operadas as diferentes atividades e possibilidades de obter a satisfação das necessidades sociais dos seus membros. Mas para que isso seja verificado é necessária uma observação direta, criteriosa e acautelada do modo de vida e das relações sociais que, no cotidiano ocorrem de maneiras bastante ricas. Por isso é preciso prestar atenção, principalmente em detalhes da vida.

Essas observações permitem o acesso ao não-dito, ao não-dado, ao fetichizado e àquilo que existe, mas fica oculto, não é revelado, mas nem sempre também é abordada, investigado. Entretanto, essa riqueza do mundo vivido pode aumentar as chances de se cometer equívocos nas interpretações, conclusões e análises.

Assim, as representações do espaço em transformação feitas pelas crianças nos seus desenhos passaram a requerer a análise dos lugares onde acontecem as relações mais banais, como brincarem de esconde – esconde, banhar-se repetidas vezes nos córregos, imitar animais, correr e jogar futebol, amarelinha, domino e damas; em alguns casos jogos eletrônicos. É importante abordar os pormenores da vida diária, pois eles se apresentam modelados por processos

culturais que vêm do seu cotidiano e têm, como propósito, transmitir e garantir determinados tipos de saberes, dentre outros, aqueles que funcionam como lastro para desenvolver os mecanismos de transmissão da cultura, de convivência social, de permanência no lugar, de alargamento de seus modos de vida e da diversificação da produção.

Se na observação do cotidiano os conteúdos são, em especial, o modo de vida dos sujeitos envolvidos, é preciso reconhecer a relevância da história de cada um e da história do grupo, das quais faz parte o imaginário social, bem como um mundo em transformação que também se (re)territorializa no imaginário. Em que medida as representações das crianças, do lugar vivido, cuja paisagem tinha sido recentemente transformada, cogitaram isso?

Para estudar, nas representações das crianças, metamorfoses, generalidades e peculiaridades do espaço em transformação, a base era a valorização do conhecimento prévio das crianças, na leitura que elas faziam do mundo vivido e da redefinição dos territórios camponeses ante a presença constante e numerosa de visitantes.

Desse modo, a pesquisa para este capítulo foi sendo concebida no contato e na relação com as crianças camponesas, no espaço vivido por elas, que é mediado pela complexidade cultural e enredamento das territorialidades do - sujeito social – camponês e que sofria enormes transformações. Nesta conjuntura, privilegiaram-se os dados provenientes da inserção da pesquisadora no cotidiano dos sujeitos pesquisados. Na relação com a realidade das crianças, a pesquisadora pôde assumir o papel, vital para as interpretações, de apreciar o outro no movimento de territorialização do capital que afeta os projetos de vida das pessoas, apreendendo as suas ações peculiares, suas coerências na estruturação da vida no dia a dia, de forma ininterrupta, como é o vivido nestes lugares.

Surpresas, acasos também ocorreram no cotidiano da pesquisa e contribuíram para as reflexões teórico-metodológicas do fazer investigativo, tanto quanto para a correção do seu curso.

Nos desenhos emergiram temas que são características históricas do lugar, como a natureza, o modo de vida, os saberes e fazeres, mas perpassados por atividades não agropecuárias

Nas representações das crianças, aparecem as possibilidades de os camponeses continuarem a sua vida, num mundo em transformação, os simbolismos e concretudes do espaço vivido, as afinidades sociais materializadas, os novos contornos.

Para Callai, (2005):

Do ponto de vista da geografia, esta é a perspectiva para se estudar o espaço: olhando em volta, percebendo o que existe, sabendo analisar as paisagens como o momento instantâneo de uma história que vai acontecendo. Essa é a leitura do mundo da vida, mas que não se esgota metodologicamente nas características de uma geografia viva e atual, assentada em categorias de análise que supõem a história em si, o movimento dos grupos sociais e a sua interligação por meio da ação ou até de interesses envolvidos. (CALLAI, 2005, p.9)

A pesquisa indica conteúdos que animaram a pensar na condição e na situação da criança camponesa em territórios concretos, constituídos de práticas sociais. Na análise das representações do território dos camponeses e sua construção pelas crianças, podê-se perceber que elas tinham, na cultura e nos jeitos de reproduzir certos valores sociais, familiares e comunitários, uma forte relação com a construção, manutenção/superação dos seus costumes e tradições.

A reflexão sobre os modos de ser foi trazendo luz às representações das crianças camponesas que capturavam informações, revelavam os usos do espaço, cada vez mais tornava-se fundamental compreender os valores sociais e culturais,

cultivados historicamente, e diretamente relacionados à permanência na terra, ao espaço, ao lugar, e como eles apresentam tudo isso como afirmativa das suas territorialidades no espaço rural, que se reordenava para, também, desenvolver atividades não agropecuárias.

4. 2. O desenho da criança e o espaço metamorfoseado

As crianças que vivem nas comunidades rurais afetadas pelas represas e que apresentam alguma atividade turística são sim parte desse processo e sujeitos que poderiam apresentar informações e interpretações relevantes sobre as transformações do lugar em que vivem.

A fim de examinar se o desenho da criança poderia ser utilizado como instrumento de pesquisa, capaz de favorecer a compreensão sobre o fenômeno pesquisado, procurou-se explorá-lo como uma atividade reveladora de conhecimentos, de manifestações afetivas, sociais, culturais e críticas da criança e das comunidades, em relação ao uso e à apropriação de vários elementos constituintes do espaço em mutação.

Nesta interpretação buscou-se, além de informações sobre as mudanças vivenciadas e percebidas por elas e suas famílias, conteúdos sócio-espaciais sobre entretenimento, sedução, conscientização, formação do senso crítico, compreensão dos aspectos físicos, históricos e culturais do lugar no qual se inserem, e o seu posicionamento em relação a essas transformações.

O uso do desenho, para obter informações, fundamentou-se, basicamente, na capacidade que as crianças têm de representar a sua percepção do espaço. Segundo Smole, *et al*, 2003, *apud* Silva, (2004, p. 21) “[...] a percepção do espaço na criança avança em uma direção marcada por três etapas essenciais: a do vivido, a do percebido e a do concebido.”

O recurso ao desenho das crianças tornou-se uma técnica de pesquisa com crianças ou mesmo um método de investigação capaz de revelar outras possibilidades de leitura do espaço, pois esse tipo de manifestação também expõe ligações que a criança vive, representa e simboliza na relação com o mundo. Segundo Madalena Freire (1983)

Quando uma criança brinca, joga ou desenha, ela está desenvolvendo a capacidade de representar, de simbolizar. É reconstruindo suas representações que as crianças se apropriam da realidade. É através do jogo simbólico, do “fazer de conta” que a criança assimila a realidade externa – adulta - à sua realidade interna (Madalena Freire, 1983, p.23).

Ainda para explicar os desenhos das crianças como fonte de informação, considerando-se os objetivos deste capítulo, concorda-se com Pillar (1996) que afirma ser

[...] importante estudar os desenhos das crianças identificando, em suas representações, o que é construção, invenção; o que é apreendido culturalmente; e o que é uma reprodução padronizada. É também significativo realizar outras leituras do processo de desenho, enfocando os aspectos culturais, o tempo e o lugar em que os trabalhos foram criados [...] (PILLAR, 1996. p. 222)

Considerando a experiência concreta da criança com o lugar e suas transformações, buscou-se, com os seus desenhos, separando deles o que é invenção e reprodução padronizada, ampliar os conhecimentos dos elementos que estão dispostos nos lugares e fazer a análise/interpretação/compreensão daquilo que poderia ser empregado, pelas famílias, para fazer produtos e oferecer serviços não agropecuários, em suas propriedades sem que isso implique transformações extremas no seu modo de vida.

Desse modo, a utilização dos desenhos, como recurso de pesquisa, desenvolve-se como possibilidade de aprender a pensar a representação das crianças como substância profundamente relacionada às práticas sociais e culturais das famílias e nas comunidades rurais. Entretanto, tornou-se necessário avaliar a

possibilidade de se estar diante de “culturas infantis”. Essa preocupação foi sanada pelas afirmações de Pinto e Sarmiento (1997) para quem as culturas infantis

[...] não nascem no universo simbólico exclusivo da infância, este universo não é fechado, pelo contrário, é mais do que qualquer outro, extremamente permeável - nem lhes é alheia a reflexividade social global (PINTO; SARMENTO, 1997, p. 22).

Assim, o uso dos desenhos, da “expressão gráfica”, como linguagem representativa dos fatos da vida, abrangendo as mutações do espaço e a relação da criança com o lugar, pode revelar aspectos do modo de vida e de seus próprios posicionamentos e pontos de vista.

Na obtenção e análise dos desenhos, considerou-se que a família camponesa inclui a criança, não apenas como força de trabalho, mas também como sujeito capaz de opinar.

Criança sempre *qué sê* importante, querem imitar a gente, elas querem participa, elas querem recebe elogio... Como pai a gente vai dando oportunidade prá elas, estão a gente coloca elas com responsabilidade, dá coisa prá elas fazê, prá elas cuidá, prá elas dá valor, pegá amor, assim interesse... Na festa elas já vão *representá* os santo e já tem criança que é festeirinho...²³⁴

Os membros adultos desenvolvem uma pedagogia da insistência, da paciência, da tolerância e das opções. Assim, entende-se que a capacidade de representação das crianças também está relacionada e associada, diretamente, à aptidão das famílias na transmissão, fixação e socialização de conhecimentos.

Brandão (1983) compreende a educação como sendo:

²³⁴ Entrevista de campo realizada, pela autora, com os pais das crianças camponesas na Escola municipal Antonio Martins da Silva, na comunidade de Martinésia, na festa de São João Batista, no ano de 2010.

[...] uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar - às vezes a ocultar, às vezes a inculcar - de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem" (BRANDÃO 1983, p.10-11).

Assim, se, conforme Brandão (1983), essa educação não escolar, produz os sujeitos e a vida em grupo, na pesquisa, foi vital considerar essa educação como ponte da cultura camponesa e está implícito, nesse ato, o reconhecimento da criança como sujeito, portanto, capaz de revelar processos que dizem respeito a todos, do grupo familiar e comunitário. Desse modo, a habilidade que se traduz em competência de perceber o lugar é, também, capacidade de interpretar e representar o mundo vivido, uma aptidão que existe na criança e que pode ser captada, no caso desta pesquisa, através de desenhos, que expressam a representação do mundo vivido.

A literatura consultada sobre a importância do desenho o torna enquanto atividade inteligente, perspicaz, uma forma de expressão da criança que poderia indicar, na representação gráfica, práticas expressivas do seu cotidiano, uma valorização social dos espaços vividos e seus conteúdos, seus significados, suas pertencas, entre outros aspectos da vida. A reflexão baseia-se em autores que estudaram a capacidade de representação das crianças, como Piaget (1971), Freinet (1977); (Luquet (1979), Iavelberg (1993); Derdyk (1994), Sans (1994), Pillar (1996), Sarmiento; Pinto (1997), Smole (2003), Vigotski (2005), dentre outros.

Os desenhos das crianças consentiram, como linguagem própria, aprofundar, revelar e fundamentar o estudo das transformações ocorridas, recentemente, no espaço vivido, pois, para autores como Sarmiento e Pinto (1997),

O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. Assim, interpretar as representações sociais das crianças pode ser não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são desocultadas no discurso das crianças. (SARMENTO; PINTO, 1997, p.25).

Os desenhos têm a capacidade de revelar inúmeros atributos dos lugares, entre os quais a natureza, as práticas sociais, os saberes e fazeres, a localização das comunidades, das propriedades, as festas, as visitas e a culinária/gastronomia camponesa, e, por isso propiciam melhor interpretação e explicação dos fatos estudados porque constituem, além de outro ponto de vista, a reprodução/representação da vida prática. A habilidade das crianças de ilustrar o cotidiano, através da arte de representação gráfica, expõe, também, criatividade desse sujeito, bem como a heterogeneidade de conhecimento.

Organizou-se a produção dos desenhos solicitando às professoras espaços nas aulas para que os alunos fossem representando, pelo desenho e texto escrito, aquilo que eles tinham na sua casa/propriedade e comunidade, e que poderia ser oferecido aos visitantes, ou que já estivesse sendo oferecido. Nas duas escolas da área de estudo foram concedidas algumas horas para que os alunos se envolvessem na tarefa. Também houve a preocupação de que essa atividade lhes proporcionasse momentos de lazer, de prazer, como um espaço lúdico para que o desenvolvimento dos desenhos explorasse ao máximo aspectos culturais, emocionais e sociais, das mudanças sofridas no espaço pela construção das duas Hidrelétricas, Amador Aguiar I e II, na Bacia Hidrográfica do Rio Araguari em seu baixo curso, no Triângulo Mineiro.

Mapa 5. Escolas Municipais de Uberlândia de área de estudo, Bacia Hidrográfica do Rio Araguaçu-MG.

Os desenhos representam largas possibilidades de converter as representações em conteúdos de pesquisa, o que uma vez feito leva-se a descobrir feitos, experiências e compreender as iniciativas turísticas nos lugares rurais. Assim, por intermédio do desenho, procurou-se coligir e avaliar as ações arranjadas por sujeitos sociais que recebem visitantes e suas consequências em espaços e tempos variados, além de conhecer as substâncias do modo de vida camponês e a eficácia dos seus saberes e fazeres nas novas práticas. Também se buscou, nos desenhos, subsídios para a compreensão em profundidade do papel da família camponesa no uso, construção e na alteração do espaço, para receber visitantes. Nesse contexto, a propriedade camponesa é um elemento necessário, essencial, à vida das famílias, às relações sociais em comunidade e, no lugar, age influenciando aspectos culturais e servindo de recurso para suprir precisões/necessidades.

Segundo Callai (2005),

[...] a noção de espaço que a criança desenvolve não é um processo natural e aleatório. A noção de espaço é construída socialmente e a criança vai ampliando e complexificando o seu espaço vivido concretamente. A capacidade de percepção e a possibilidade de sua representação é um desafio que motiva a criança a desencadear a procura, a aprender a ser curiosa, para entender o que acontece ao seu redor, e não ser simplesmente espectadora da vida. (CALLAI, 2005, p.7-8)

É precisamente para ler esse processo de alterações que se empregou os desenhos das crianças.

4. 3. A representação dos usos turísticos nos lugares do cotidiano

Apreciam-se os desenhos das crianças como uma possível representação de aspectos sociais diretamente associadas à prática cotidiana à vivência nos lugares em elas estão sendo submetidas à convivência com transformações significativas do espaço. Os conteúdos dos seus desenhos, na medida em que se procurou compreender as relações entre a criança e o espaço, são consistentes elaborações sobre o lugar vivido. Os desenhos das paisagens, em síntese, procuram apontar para a relação entre os elementos naturais e a ação das pessoas sobre eles que resultam em espaços construídos, capturados e transformados em tempos diferentes.

Na representação do espaço vivido são colocadas, entre outros aspectos, as reações à ocupação desse espaço por outros sujeitos, que pode acabar interferindo na cultura do lugar. Os saberes próprios de quem vive em determinado lugar dão sentido à vida e se manifestam como identidade e patrimônio comunitário, que precisa ser defendido em caso de ameaça. Trata-se de uma posição política da criança que, vivendo no lugar, envolve-se e manifesta satisfações e insatisfações com os usos que lhe são impostos, no contexto dos eventos.

Nesta proposta de usar o desenho para compreender a prática do turismo no lugar reconhece-se que é meio da representação do seu cotidiano, vivido no seu tempo e no seu espaço, que as crianças expressam interpretações, consciências do lugar vivido, ideias, e as socializam, usando linguagens que, aparentemente, dominam. O desenho pode ajudar a pensar os usos desses mesmos espaços pelos visitantes, bem como as críticas, os sentidos e as dissensões sobre a presença de visitantes.

Compreender a observação dos infantes sobre o espaço pode aumentar o entendimento, nas comunidades rurais do baixo curso, do Rio Araguari, das estratégias desenvolvidas pelos camponeses para, por meio delas, continuarem existindo como grupo social, principalmente enquanto criadores/geradores de práticas sociais próprias, às quais estão sendo acrescentadas as atividades turísticas.

A representação da festa junina em dois momentos, durante e depois, por exemplo, serviu para registrar, identificar e estudar, como, nessa situação ocorrem os usos dos lugares comunitários pelos visitantes e como a criança percebe e interpreta essa situação, quais conhecimentos adquiriu e se enxerga no mundo que a circunda.

Também foram representadas cenas do dia-a-dia familiar, técnicas de produção, objetos de trabalho, projetos de vida, organização dos eventos e “mapas mentais” do espaço vivido. Os acontecimentos inerentes ao cotidiano familiar e comunitário divulgam afetividades, especificam alguns conteúdos do mundo vivido, possibilitando o entendimento da (re)organização do espaço e como a presença de atividades turísticas é percebida, compreendida e, de certa forma, incorporada pela criança.

A festa junina aqui representada e, apresentada, é a que entrou para a cultura e o calendário escolar praticamente em todo o Brasil. Não é intenção deste trabalho discutir a espetacularização/oficialização pela cultura oficial deste evento enquanto manifestação da cultura popular, folclore, nem suas origens e semelhanças com outros tipos de festa. Por efeito didático, as festas camponesas de que se trata no capítulo três e as festas juninas são dois eventos diferentes, com significados diferentes, com conteúdos diferentes, apenas ocorrem no mesmo espaço de pesquisa.

Desenho 01 – Festa junina. Fonte: Trabalho de campo realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental, juntamente com as professoras da área de Pedagogia e Artes da Escola Municipal do núcleo urbano da comunidade Martinésia, Uberlândia, MG.

A festa junina da cultura e do calendário escolar, se realiza na rua defronte da Escola Municipal Antônio Martins da Silva no Distrito (parte urbana) de Martinésia, Uberlândia, MG, organizada pela escola. O desenho um, revela situações que agradam e desagradam a criança. Por isso, na representação gráfica, ela dividiu o espaço em dois, o de antes/durante e o de depois da festa. No primeiro, ao alto a rua, lugar da festa, é representada como espaço que, em um primeiro momento, é dela, onde é possível dançar quadrilha, pular fogueira, passear pelo espaço da festa. No segundo, na parte inferior do desenho, o festejo, produzido pelo grupo a que ela

pertence, o atrativo da sua comunidade, recebe pessoas, que circulam e consomem mercadorias, geralmente um público que se aproxima de 1.500 pessoas, que deixam muito lixo na rua. A aglomeração se dissolve, a criança fica sozinha. Nesta parte do desenho, ela mostra que aquilo que as pessoas deixam no lugar é indesejável. Devido a sua relação com o lugar, o lixo espalhado pela rua deixa a criança preocupada, triste e tudo que foi deixado aparece enorme, volumoso e que precisa ser retirado pelas pessoas no dia seguinte.

Desenho 02 – O espaço da festa depois do seu término. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental juntamente com as professoras da área de Pedagogia e Artes da Escola Municipal Antônio Martins da Silva no núcleo urbano da comunidade de Martinésia, Uberlândia, MG.

A partir da observação empírica da criança, e por opção dela, a rua, o espaço preparado para a festa, é representada apenas como fica depois do festejo: cheia de lixo. Os enfeites estão dependurados, rasgados e a rua abarrotada de lixo. No conjunto da representação gráfica, há desejos que permitem compreender que a rua como parte do lugar, existe para além da festa, da multidão e dos hábitos que a sociedade contemporânea produziu, ou seja, de jogar lixo em qualquer lugar. Aqui, a criança realiza uma leitura do lugar, em situação pós-festejo, advertindo que é necessário cuidar do lugar. Desse modo, a preocupação com o lixo continua, como uma forma de expressar suas pertencas com o lugar, sua preocupação com o patrimônio, e a criança não se mostra indiferente às questões ambientais.

A noção da relação tempo e espaço na festa aparece quando são considerados os efeitos dos festejos sobre o lugar que se vive. Chama-se a atenção sobre as condições e transformações da paisagem, nas ruas do entorno da escola. Na preparação para a festa a transformação planejada, desejada. Depois da festa, a indesejada. Desse modo, nos dois desenhos, as crianças mostram-se incomodadas com os problemas que a festa causa para o núcleo urbano do Distrito de Martinésia. Essa manifestação permite, também, discutir conhecimentos e ideias que vão sendo manifestadas como afetividade ao lugar e que, nos desenhos, expressam recados importantes para os adultos, sobre os impactos e contradições da presença de visitantes e sobre aquilo que eles geram nos espaços comunitários. Esses fatos são compreendidos, pelas crianças, como agressões aos lugares do vivido que precisam ser respeitados, dentro daquilo que elas compreendem como adequado para o convívio com os outros.

No desenho manifesta-se a capacidade que a criança apresenta de desenvolver o pensamento autônomo e com reflexão sobre a relação das pessoas com o lugar, fazer a crítica. Os desenhos trazem reivindicações como uma forma contundente de os pequenos se comunicarem com o mundo a partir do lugar. A representação do problema expressa uma advertência sobre os abusos, no uso do lugar vivido, cometidos pelos de fora.

Essas representações gráficas também propiciam compreender que há um conhecimento prévio das crianças que, ao ser valorizado, na pesquisa, permitiu-lhes expressar o seu cotidiano como parte do cotidiano da família e da comunidade e conhecer as habilidades desses sujeitos em representar as relações sociais e as contradições advindas da presença dos visitantes. Nesse “gênero textual”, a criança pôde expor os problemas decorrentes das visitas, na festa junina que a escola organiza no povoado, e nas áreas do entorno dos lagos, as paisagens e as habilidades e as propriedades camponesas.

A linguagem do desenho, nesta parte da pesquisa, aconselha atenção às especificidades das interpretações às várias questões apresentadas que, se observadas, permitem a compreensão de raciocínios complexos, evitando-se analisar o desenho pelo desenho.

Desenho 03 - Os dois momentos da festa junina. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental juntamente com as professoras da área de Pedagogia e Artes da escola Municipal Antônio Martins da Silva no núcleo urbano da comunidade Martinésia, Uberlândia, MG.

Foi sugerido, às crianças, fazer um desenho que expressasse aquilo que ela desejava para a festa e do que mais gostavam de participar. No desenho três a criança ressalta a importância dos festejos juninos, de manter o lugar limpo, de a comunidade organizada agir na ordenação do uso do lugar e também da participação de todos no cuidado com o lugar onde ocorre o evento. A limpeza ocorre ainda à noite, depois do fim da festa. Dançar quadrilha é o momento mais importante para ela. Vestir-se de “caipira”, dançar e pular fogueira são formas como ela concebe a festa, ou seja, como um momento só dela, em que é possível ser criança e usar o espaço para brincar. O desenho mostra comportamentos e “costumes em comum” de manter o lugar limpo, o que sugere comprometimento com o lugar, gerado na atividade de representar seus vínculos sócio-espaciais e patrimoniais, expressados nas suas manifestações culturais.

É preciso observar as representações, que são complexas, de modo a se evitar reducionismos ou estereótipos dos espaços vividos. Nos desenhos de números um, dois e três são apresentadas questões que envolvem o uso do espaço e as suas conseqüências e responsabilidades e deveres decorrentes do uso da rua. Durante a festa junina e também nas festas de padroeiros e Santo Reis, os usos do espaço geram problemas que desassossegam a comunidade e isso é do conhecimento das crianças. A entrevista a seguir confirma a situação.

É! O povo não se importa muito com limpeza. Quando é dia de festa vem um povo que deixa tudo largado por aí... Aí você encontra de tudo, é copo descartável, sacola plástica, lata de cerveja, refrigerante... Tem também aqueles que *joga* resto de comida... Daí fica sempre assim, muito sujo.²³⁵

É possível deduzir que as crianças compreendem que essas dificuldades são geradas no espaço a partir de inclusões e relações sociais, tanto que os desenhos propagam conteúdos sócio-espaciais em que as crianças desenvolveram sua capacidade de argumentar sobre as questões do cotidiano. Enquanto críticos de situações presentes, mostraram-se criativos, colocando problemas para serem

²³⁵ Como havia nos desenhos uma preocupação com o lixo, resolvemos perguntar aos adultos como ficava o pátio da escola e as ruas do entorno da escola, depois dos eventos festivos. A entrevista e depois a festa confirmaram aquilo que os desenhos representam. Entrevista obtida pela autora, junto a um morador próximo à Escola Municipal Antônio Martins da Silva no Distrito de Martinésia, Uberlândia, MG, no ano de 2010.

pensados pela coletividade. Assim, a partir dos fatos e fenômenos percebidos e representados há, além da denúncia, uma proposta para se obterem soluções para os problemas que ocorrem nesse espaço.

Se o ideal para o coletividade é a rua limpa, esse desejo/necessidade torna-se uma proposição, até porque o próprio desenho já é educativo. O desenho mostra as ideias do autor e não é por ser criança que os seus conteúdos não vão ser considerados como de um sujeito ativo. Por isso, a pesquisa foi sendo conduzida com o objetivo de nunca tratar as representações como irrelevantes. No desenho três, no espaço da rua, por exemplo, a criança coloca aquilo que não lhe agrada e, no estabelecimento de relações sociais, propõe resolução das dificuldades e manifesta opiniões, estabelece o seu ponto de vista.

No mesmo desenho três, a criança aponta para a necessidade de todos se envolverem urgentemente com a limpeza da rua, com os equipamentos adequados, mas também que os visitantes e todas as outras pessoas tivessem destinado o seu “lixo no lixo”. No caso desse desenho, está manifestada uma posição muito clara, a de que aceita-se o visitante, mas não quer o seu lixo.

Esses primeiros desenhos chamam a atenção para um problema e mostram soluções. Denotam, na perspectiva geográfica, uma compreensão do uso do espaço e de seus vínculos com o lugar. No espaço vivido, no lugar de pertença, a sujeira, o lixo produzido durante a festa não pode permanecer depois da festa. Na parte superior do desenho quatro, em azul, a criança mostra uma pessoa que joga resíduos em frente à casa, não considera que naquele lugar vivem pessoas.

Desenho 04 - A paisagem da rua como elemento da festa junina. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental, juntamente com as professoras da área de Pedagogia e Artes da escola Municipal Antônio Martins da Silva no área urbanizada do Distrito de Martinésia, Uberlândia, MG.

No desenho quatro, o significado da festa remete a uma noção de espaço vivido pela criança, com uma composição de elementos que lhe permite estabelecer relações sociais pronunciadas como importantes para o seu lazer e realização pessoal. A rua, que também é ocupada por visitantes, pode ser entendida como um lugar onde a criança cria uma rede de relações que, devido à atitude de estranhos, pode ser prejudicada. As manifestações, na festa, são das crianças, da cotidianidade delas, por isso, no desenho, somente elas estão representadas. Neste desenho, a criança reproduziu a festa considerando-a como espaço para ela brincar. Para tanto, colocou-se na representação apenas o grupo infantil dançando quadrilha na festa junina.

Considerando-se que a rua é um lugar público, ou seja, de todos, mas de pertencas, no desenho quatro, com crianças dançando quadrilha, no centro, são recortados e selecionados os elementos simbólicos que melhor representam isso. Assim, o desenho é um “método clarividente” próprio, lúdico, criativo e emblemático da criança. Neste caso, pode se interpretar que há uma defesa do lugar vivido a partir de apegos sociais intrínsecos, inseparáveis da sua cultura. Essa forma de

linguagem exprime uma leitura densa a respeito da festa, inclusive com abstração da presença dos visitantes.

Desenho 05 – A reivindicação da criança. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental, juntamente com as professoras da área de Pedagogia e Artes da Escola Municipal Antônio Martins da Silva no pequeno núcleo urbano do Distrito de Martinésia, Uberlândia, MG.

A criança, no desenho cinco, mostra que a festa é necessária porque traz felicidade, mas ao mesmo tempo, para a felicidade continuar, é preciso cuidar do lugar, manter a rua limpa. Mas, como manter um espaço nas condições almejadas, idealizadas pelas crianças? A limpeza do lugar da festa continua sendo a sua reivindicação mais contundente. O desenho “fala” dessa possibilidade. Sugere sobre uma infraestrutura adequada. No desenho, o recipiente para depositar o lixo é enorme e assume, certamente a experiência da criança lhe ensina e ela expressa que é produzida grande quantidade de lixo. Com certeza são sugestões que vem calçadas pela vivência não só no espaço da

festa, mas se apresentam como “solução” de um problema gerado no seio da sociedade de consumo. Desse modo, a experiência que as crianças estabelecem com os visitantes também desvenda processos de construções de sujeitos sociais que proporcionam representações na relação com outros sujeitos, num espaço que ela reivindica como seu.

O desenho cinco comporta também uma forma de interações que a criança mantém com o lugar e com a cultura que a cerca. Quando se considera o antes e o depois, se propõe também uma interpretação das atitudes de quem faz os desenhos e também recorre ao recurso da escrita. Aquilo que se escreve no desenho cinco é um complemento para deixar claras às ideias e opiniões desse sujeito social sobre o uso dos lugares e dos eventos de identificação de sua vida. A representação divulga que o visitante, para a criança, não tem os mesmos cuidados que as pessoas do lugar.

No caso da rua, por ser um espaço público e aberto, onde a festa acontece, a preocupação com o lixo reivindica comportamentos que o visitante, provavelmente, não costuma ter nos lugares visitados. O desenho assume então um papel dilatado, na medida em que amplia as possibilidades de se compreender, em detalhes, aquilo que as crianças idealizam para os espaços de convivência. A rua, a escola, a praça e a festa já não conseguem se livrar dos visitantes. Neste caso, o visitante representa uma ameaça notável, danosa ao objetivo de poder brincar nos espaços livres, nas ruas de sua comunidade. A partir destes desígnios, a reivindicação é contundente, pois visa o atendimento das necessidades constantes vividas no lugar e diz respeito a limpeza, manutenção dos passeios, o que compõe uma crítica as ausências dos serviços públicos que precisam se fazer presentes e certamente tornar tudo mais agradável para se viver no lugar.

4. 4. A representação das habilidades camponesas

O lugar, o modo de vida, o cotidiano, as formas de transmissão da cultura e a criação de identidades, entre outras, são aspectos da vida camponesa que aparecem nas representações das crianças. Nas incursões ao campo, ao observar-se o agir da criança, e considerando o seu contexto social, pôde-se constatar-se o que apareceu nos desenhos, os quadros de vida, intimamente, ligados às suas práticas, aos desejos e a visão que a criança tem do lugar.

Em uma abordagem conceitual profunda, complexa e elucidativa sobre criança pequena e “discutindo a condição de cidadã com direitos, membros de um grupo social, agentes de suas próprias vidas [...] e como co-construtores do conhecimento, identidade e cultura”, Moss (2002), fornece elementos para compreendê-las como sujeito social. A criança, sendo o autor, é um sujeito social e em tudo que participa, ela tanto aprende quanto ensina. Nas palavras de Moss, ela é:

[...] forte, competente, inteligente, um pedagogo poderoso, capaz de produzir teorias interessantes e desafiadoras [...] com uma voz para ser ouvida, mas compreendendo que ouvir é um processo interpretativo e que a criança pode se fazer ouvir de muitas formas [...] essa construção de criança produz uma criança rica (MOSS, 2002, p. 242).

A criança que fez o desenho de número seis, mora em uma propriedade cortada por um córrego, por isso o relevo é mais acidentado, o que exige determinadas técnicas e conhecimentos de desenho/pintura, para representá-lo com mais fidelidade. No entanto, neste desenho é uma tentativa que traz talvez aquilo que seja mais importante numa propriedade rural – e que deve ser marcante para ela, pela proximidade ou por outros motivos -, a água, em azul, embaixo.

No conjunto do desenho, ilustra-se parte do seu modo de vida e da produção dos meios de vida. A criança reproduz parte do seu cotidiano observando, na representação, o trabalho como um jeito de transmissão da cultura.

Desenho 06 – Prática social de produção e aprendizagem. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do ensino fundamental, juntamente com as professoras das áreas de Artes e Geografia da Escola Municipal do Moreno, comunidade da Tenda do Moreno, Uberlândia, MG.

A produção, na propriedade familiar, e os resultados da produção aparecem, como conquistas da família e envolvem trabalho masculino, certamente o feminino em outras atividades e infantil. Além da transmissão dos saberes, no desenho seis, a criança informa que ocorre também a sua socialização no mundo do trabalho. Trata-se de procedimentos que permitem, entre outros aspectos, a assimilação das tarefas, poder-se-ia dizer, das práticas, das técnicas, dos saberes e fazeres característicos da produção camponesa. A ação educativa, demonstrada no desenho, sugere eficácia na transmissão de saberes e no desejo de ser igual aos pais.

Considerou-se que, quando a criança desenha, representando e coligando fatos do vivido, proporciona o conhecimento de atividades, habilidades, experiências da família e apresenta características para entendimentos mais profundos desse universo, como a relevância dos saberes e fazeres do camponês

que, no processo de receber visitantes, passa a oferecer refeições e alguns produtos como queijo, rapadura, e pinga, dentre outros.

Entre os diferentes encantos da vida camponesa, no baixo curso do Rio Araguari está a culinária/gastronomia camponesa. Nos desenhos, percebia-se, que existia, também, uma reflexão sobre a importância da propriedade de representar aquilo que era oferecido para os visitantes, nos pequenos povoados e no espaço rural das comunidades. Desse modo, representar um prato tradicional parecia uma forma de a criança reconhecer a sua família como parte da comunidade, obtendo esse reconhecimento pela culinária/gastronomia.

Como a atividade não agropecuária, nas pequenas áreas urbanas das comunidades e algumas propriedades rurais é o turismo receptivo, a culinária/gastronomia oferecida envolve aquilo que já se produzia para o consumo familiar. Apesar de os produtos, principalmente os de consumo não imediato, serem feitos artesanalmente, a família quando passa a comercializá-los, tem que ampliar a sua produção, o que leva à necessidade de se utilizar de instrumentos domésticos que auxiliem nesta tarefa. Assim, produzir doces, queijo, requeijão, farinhas, etc. e também oferecer alimentos como pão de queijo e refeições para consumo imediato no próprio local é uma opção que a família tem para operar, no e com o espaço, com as atividades receptivas.

A maior parte dos ingredientes para a produção desses alimentos, tranquilamente, pode ser obtido na propriedade, o que leva à necessidade de manter as atividades de produção agropecuária e, em muitas casas, até aumentá-las. É preciso cuidar do quintal (pomar e horta) e da criação de animais, como vacas, porcos e galinhas. Mas, também é preciso comprar alguns ingredientes no mercado, como farinha de trigo, para fazer a massa de pasteis e coxinhas, por exemplo.

Desenho 07 – Doces e salgados da cozinha camponesa. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental, juntamente com as professoras das áreas de Artes e Geografia da Escola Municipal do Moreno, comunidade tenda do Moreno, Uberlândia, MG.

O desenho número sete é resultado da observação das atividades que ocorrem nas cozinhas de casas das crianças e das festas. A criança não desenha tudo aquilo que é produzido, ela faz a sua escolha tornando mais expressiva a representação dos produtos que ela mais aprecia. A obtenção desses produtos alimentícios, por exemplo, só é possível quando se tem, na família e na propriedade, habilidades e ao menos, parte da matéria-prima para produzi-los.

Assim, os saberes e fazeres tornam-se atrativos turísticos. O desenho sete retrata esse fato. O camponês tem agilidade perspicácia e sensibilidade para trabalhar com os elementos de sua cultura. As cenas do cotidiano, reproduzidas nos desenhos, tornam-se expressão dos seus conteúdos sócio-culturais e econômicos da vida nos lugares e nas propriedades camponesas. Na

culinária/gastronomia estão as escolhas feitas entre os saberes e fazeres. Na pesquisa, os desenhos são tomados como descrições densas das manifestações sócio-culturais e comportamentais da família, frente às novas atividades.

Desenho 08 – Pratos da culinária/gastronomia camponesa. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do ensino fundamental juntamente, com as professoras das áreas de Artes e Geografia da Escola Municipal do Moreno, comunidade da Tenda do Moreno, Uberlândia, MG.

O desenho número oito mostra uma produção artesanal, obtida a partir de técnicas ancestrais e já há uma interpretação do seu destino. Os produtos também são comercialização com os visitantes. Aqui não se pode considerar apenas a família, pois os doces, preparados em fogão à lenha, constituem-se importante atrativo culinário/gastronômico explorado pelas famílias que também oferecem refeições aos visitantes. Trata-se de um desenho que reproduz ou traduz uma associação entre as atividades receptivas e a cultura camponesa, mas, sobretudo, uma afirmação de que a criança e seus familiares sempre foram policultores.

São múltiplos os teores sócio-culturais revelados nos desenhos, que estão repletos de conhecimentos e habilidades camponesas. O conteúdo mais destacado

é o familiar, seguido das habilidades no preparo dos produtos alimentícios. Na representação do modo de vida está clara, também, a produção dos meios de vida, que com ou sem atividades não agropecuárias tem que acontecer. No conjunto, eles são intrigantes e não tão simples como podem parecer; para compreendê-los são necessários alguns aprofundamentos. Na representação da produção, reconhece-se que as técnicas são antigas, que não sofreram mudanças significativas, talvez para lembrar que as habilidades desse produtor admitem subjetividades, aliás, muito vivas e que se objetivam nos formatos pelos quais ele existe.

A criança expressa visualmente o cotidiano, anuncia o seu entendimento dos processos produtivos do modo de vida da família e como mostra o desenho seis, estabelece uma ordem cronológica: primeiro o pai faz e, a criança aprende, para depois, adulta, assumir a atividade. Também ao representar a condição de produtores de leite, no desenho seis, apresenta a sua participação como um processo natural, isto é, demonstra que ela vem, automaticamente, do lugar vivido, do conhecimento, da habilidade, do costume do seu grupo social.

No desenho oito, a criança tem um procedimento didático para representar a culinária/gastronomia, ela separa os pratos doces e os salgados. Ela apresenta pratos e produtos arranjados pela família camponesa. Para obter a produção, os membros da família se envolvem por gênero, por nível de aprendizado, por divisões de tarefas. A obtenção dos produtos impõe apresto e os conhecimentos decorrem das suas práticas. A criança mantém forte interação com os produtos produzidos na propriedade e suas técnicas.

Considerando-se que, no desenho, as crianças revelam cenas do seu cotidiano nos lugares vividos, em algumas atividades como o trabalho de cozinhar ou fazer queijo, ela já tem todo conhecimento, domina e compreende o processo como um conjunto de saberes e fazeres presentes na família, mesmo que ela ainda não o faça todo sozinha ou às vezes, nem participa dele efetivamente. O desenho, também revela que a família camponesa tem, a seu favor, a experiência, os conhecimentos, para inventar e reinventar-se diante das mutações do espaço.

Assim, oferecer serviços e produtos para os visitantes é uma forma e um meio de continuar existindo, mesmo transformado, num espaço que se complexificou pondo-se nele e procurando, nele, oportunidades.

Desenho 09 – Pratos da culinária/gastronomia camponesa. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do ensino fundamental, com as professoras das áreas de Artes e Geografia da Escola Municipal do Moreno, comunidade da Tenda do Moreno, Uberlândia, MG.

Os diferentes pratos no desenho nove são representados como uma opção de cardápio para o visitante, pois foram desenhados procurando dar a ideia de disposição sobre uma grande mesa. São momentos da vida cotidiana, colocados juntos, porque no dia a dia, apesar de o camponês prezar muito a fartura, em família não se tem tudo isso de uma vez; são práticas sociais e como tais mutáveis, mas conjecturam conjuntos de ideias, estratégias, arranjos e valores humanos sobre o papel e o lugar ocupado por cada produto, ou prato, da sua culinária/gastronomia. Para a criança, parece haver um consenso de que a culinária/gastronomia ocupa lugar de relevância nas iniciativas turísticas. A reunião de tantos pratos diferentes representa a diversidade da culinária/gastronomia e reproduz um costume praticado ao se receber visitas. Isso significa dizer que a tradição cultural vai-se instituindo nos atos práticos que agora são inscritos na nova atividade. A cultura e nela a culinária/gastronomia, são dinâmicas e nem sempre ficam restritas às suas formas “tradicionais”. A representação da culinária/gastronomia desvenda a identidade cultural de um grupo social que, neste momento, com o turismo, volta suas atenções para algo que é dado pelo passado, mas que se (re) configura num processo contínuo de alterações proporcionadas pelas

relações sociais, o que significa inclusões/restrições, mas que permitem compreender o turismo, nesses lugares, como um acesso e uso do patrimônio cultural local.

No desenho nove a criança reproduz uma variedade de pratos em sequência. Há um fato interessante que é a presença da macarronada como prato típico da roça – realmente é, em várias regiões do Brasil. O macarrão é um produto industrializado, mas o queijo que se coloca é o tipo minas meia cura ou curado ralado, produzido nas pequenas propriedades artesanalmente. Essa adoção de um produto industrializado e sua transformação em prato típico mostra que a culinária camponesa sempre foi e está aberta às influências externas.

O bolo de cenoura é um exemplo ainda mais recente que o maçarão. Outro detalhe que chama atenção no desenho nove é o título ou inscrição: “pratos típicos da roça como diz fazenda”. Ao mesmo tempo em que se reconhece que os termos “roça” e “fazenda” não são sinônimos, eles se equivalem, se igualam. Seria ao mesmo tempo reconhecimento da estereotipização de “roça” e a procura de sua valorização ou o reconhecimento de que, agora, as coisas da roça estão tendo valor para os de fora.

Na sequência de pratos do desenho nove, percebe-se a presença de várias carnes, em preparações (galinhada, feijoada, farofa) ou sozinhas (galinha, peixe, lingüiça); além das carnes só tem outros dois pratos salgados: maçarão que antigamente era extremamente valorizado, por ter que ser comprado, e alface. Na representação do cotidiano influenciado pelas novas atividades laborais há a valorização daquilo que era mais raro e precioso; valoriza-se as “misturas”, ou seja, as carnes e o maçarão e até a alface, que não se tem o ano todo. Arroz e feijão é a rotina ou é o comum a todos no campo e na cidade, tão “normais”, banais, que não se registra.

Desenho 10 – Meios de Vida. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental, juntamente com as professoras da área de Pedagogia e Artes da Escola Municipal Antônio Martins da Silva no pequeno núcleo urbano do Distrito de Martinésia, Uberlândia, MG.

Na vida cotidiana, o desenho dez expõe a importância da casa e das criações, daquilo que liga as pessoas aos lugares. Amarrações ao lugar, vínculos territoriais expressos nas suas práticas sociais e, como tais, de modos de vida e de produção dos meios de vida. No desenho a criança conjectura ideias e valores sobre as “coisas” que habitam o mundo camponês. Para as crianças, em geral, nas suas representações do espaço exterior da casa, parece haver um consenso de que a casa e as criações obrigatoriamente têm que ser representadas. Compreende-se neste ato os seus fundamentos.

Desenho 11 – Etapas da produção de queijo. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do ensino fundamental, juntamente com as professoras das áreas de Artes e Geografia da Escola Municipal do Moreno, Uberlândia, MG.

Na representação da produção dos meios de vida e, nestes, da culinária, por exemplo, são feitas explanações de um determinado espaço de vivência da criança. No desenho onze, a casa, a vaca (que, de tão importante tem um nome que não coube no desenho, e é maior que as pessoas e do tamanho da casa) e a fabricação do principal produto (queijo) são representados por serem o principal (provavelmente) meio de vida da família e, ao mesmo tempo, uma possibilidade para oferecer produtos aos visitantes e para se redefinir a (re)produção familiar. Isso significa dizer que a tradição cultural vai-se redefinindo, também, nos usos que dela se faz.

O processo de produção de queijo é representado no desenho onze, cada etapa realizada por diferentes membros da família, desde a ordenha, passando pelo transporte do leite, adição de coalho para se obter a massa, até se chegar ao produto final, oferecido a alguém.

As informações presentes no desenho onze são os conteúdos que a criança assimilou no lugar vivido. Há uma família estruturada e organizada dentro dos padrões culturalmente instituídos, que são absorvidos pelas crianças. O pai (embora entre todas as figuras não seja obedecida uma proporção, é o pai porque tem cabelos curtos) ordenha a vaca e uma criança (parece que, menina) transporta o leite. Outra criança (também parece que, menina) coloca o calho no leite e prepara a massa do queijo. Na última fase do processo produtivo, a mãe (de saia) depois de ter preparado o queijo, serve-o. Essa inclusão da família na produção é constante e cria vínculos fortes entre todos (pai, mãe e filhos). Essa forma de organização, articula os seus membros, em espaços e tempos possíveis acomodando necessidades e interesses para que os seus projetos se fortaleçam, também, nas crianças.

Desse modo, os dados e informações apresentados nos desenhos dez e onze são pertinentes, pois procedem de atividades ampliadas pelos membros da família que dominam os processos produtivos. A presença interativa dos filhos admite a eles sorverem os conhecimentos familiares, as técnicas, ajustando as suas condições para emanarem com segurança a representação das suas

moradias e conteúdos culturais envolvidos na produção e no cotidiano das famílias.²³⁶

Desenho 12 – Propriedade familiar. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do ensino fundamental, juntamente com as professoras das áreas de Artes e Geografia da Escola Municipal do Moreno, na comunidade da Tenda do Moreno, Uberlândia, MG.

A criança no desenho doze representa um cenário que é a propriedade familiar e nela destaca um momento do seu cotidiano. A família aparece envolvida nas atividades da propriedade. O pai na atividade de ordenha e de alimentação do gado. Atividades necessárias para produzir leite e queijo, enquanto a mãe cuida da casa.

²³⁶ Como fundamento desse exercício de representação do cotidiano, compreende-se no âmbito da escola, onde a criança fez os desenhos, a importância do ambiente e do próprio desenho como uma forma dela se comunicar com o mundo. Segundo Smole et al, (2000): Para finalizar nossas considerações sobre a organização do espaço e do ambiente, sublinhamos o papel da comunicação entre os envolvidos no processo de trabalho da classe. A comunicação define a situação que vai dar sentido às mensagens trocadas. A comunicação não consiste apenas na transmissão de idéias e fatos, mas, principalmente em oferecer novas formas de ver essas idéias, de pensar e relacionar as informações recebidas de modo a construir significados. Explorar, investigar, descrever, representar seus pensamentos na organização do ambiente de trabalho com a classe. Exatamente porque representar, ouvir, falar, ler, escrever são competências básicas de comunicação, essenciais para a aprendizagem de qualquer conteúdo em qualquer tempo, sugerimos que o ambiente previsto para o trabalho contemple momentos para produção e leitura de textos, trabalhos em grupo, jogos, elaboração de representações pictóricas e a elaboração e leitura de livros pelas crianças. Variando os processos e as formas de comunicação, ampliamos a possibilidade de significação para uma idéia surgida no contexto da classe. A idéia de um aluno, quando colocada em evidência, provoca uma reação nos demais, formando uma rede de interações e permitindo que diferentes inteligências se mobilizem durante a discussão. (SMOLE, 2000, P. 11 -12)

Desenho 13 – Produção diversificada. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental, juntamente com as professoras da área de Pedagogia e Artes da Escola Municipal Antônio Martins da Silva no pequeno núcleo urbano do Distrito de Martinésia, Uberlândia, MG.

O desenho treze é uma representação das edificações (casa, chiqueiro e abrigo do tanque de resfriamento de leite) da propriedade e dos meios de (re) produção da família. Neste desenho a criança mostra que a família produz porcos para o consumo e comercialização e leite para os laticínios. As interpretações do espaço da propriedade camponesa, a percepção das práticas familiares, reveladas pela criança, no desenho doze, parecem diretamente relacionadas aos esquemas de produção pluriculturais em que ela foi criada, no baixo curso, do Rio Araguari.

A transmissão de conhecimentos e habilidades acontece na rotina das famílias. A família parece ser ainda o fundamento do modo de vida camponês. É um processo de construção social de costumes, de socialização de habilidades, do qual não se exclui a possibilidade de, na diversificação da produção incluir interconectada com o saber camponês e cujos atrativos são seus produtos e serviços, além da paisagem.

Desenho 14 – A pinga produzida artesanalmente. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª série do Ensino Fundamental, juntamente com as professoras das áreas de Artes e Geografia da Escola Municipal do Moreno, na comunidade da Tenda do Moreno, Uberlândia, MG.

A criança no desenho catorze sintetiza o processo de produção de pinga na propriedade familiar. A moenda que esmaga a cana-de-açúcar está em plena atividade. A garapa obtida é depositada e fermentada em um recipiente que se conecta ao destilador (cor marrom). Não se trata apenas de um conjunto de bens patrimoniais materiais privados, justapostos na propriedade familiar, mas de atividades que continuam fazendo parte do cotidiano de vários produtores familiares. Talvez não se convertam em parte de pacote de bens e serviços oferecidos aos turistas por empresas, contudo, são representações de saberes que estão em uso e se efetivam na combinação de bens materiais e imateriais, que permitem associá-los a um conjunto de possibilidades produtivas, com inclusão para o turismo, pois o fato de alguns alambiques continuarem em atividade pode levá-los a fazer parte de circuito turístico, aproveitando-se de uma imagem territorial, vinculada aos saberes e fazeres.

Desenho 15 – Comercialização direta da produção camponesa. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental, juntamente com as professoras das áreas de Artes e Geografia da Escola Municipal do Moreno, na comunidade da Tenda do Moreno, Uberlândia, MG.

A criança apresenta, no desenho quinze, outras iniciativas da família para se obter renda. O comércio de bananas aparece na propriedade familiar, sugerindo uma forma de se livrar dos atravessadores que atuam no mercado de frutas. A noção do processo de produção e do espaço que a criança apresenta é propositivo, pois ela considera mais importante o comércio de banana na própria propriedade, substituindo/alterando o lugar de comercialização. Procura mostrar o lugar onde se encontra o produto, inclusive a plantação e a banca de

comercialização. Isso significa que a concepção de espaço já inclui o território e as territorialidades. A noção de lugar não é um processo natural e aleatório, trata-se do espaço usado para se obter a produção de um produto que pode ser manejado pela família, aproveitando para isso o fluxo de visitantes. No desenho, a criança vai alargando e detalhando o seu lugar vivido, especificando, concretamente, as probabilidades de se usar o lugar transformado pelos lagos.

O desenho quinze ainda expõe a capacidade de a criança perceber as opções que o espaço oferece para que o uso dos saberes e habilidades familiares ocorram, avaliando-se, até mesmo a probabilidade de uso. A representação dos acontecimentos, das ações que suscitam empreendimentos na propriedade familiar, pela criança, é resultado de provocações feitas a elas no trabalho de campo. Motivada, representa o que lhe interessa e entende como iniciativa da família para aproveitar a seu favor as oportunidades que chegam ao espaço.

As ações do camponês não se restringem apenas às resistências e rebeldias à ordem alienante, estabelecida socialmente. Também vão além da diversificação da produção. As formas de produzir potencializam um novo produto, a visitação, como atividade que pode se efetivar em territórios de populações tradicionais, sem lhes alterar sua essência, no caso dos camponeses da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari, como uma forma de se reinventar sem deixar de ser camponês.

Os desenhos sugerem conhecimentos e domínios de processos produtivos que abarcam produtos tradicionais que, geralmente, estão vinculados ao mercado que se estabelece na própria residência.

As antigas formas de produção reproduzidas pelas crianças, como a produção de pinga em alambique, reúnem diferentes temporalidades sociais e se colocam como um atrativo que acaba valorizando os produtos camponeses. Tudo isso, ou parte dessas habilidades e concepções a respeito da produção, parece se evidenciar na fala do camponês, ou seja,

[...] a nossa família produz e vende pinga, rapadura e melado desde muito tempo, desde que me conheço por gente... A gente nem fala muito disso, *mais* a gente nem precisa, o povo vem aqui *buscá*... *Buscá* e vê como a gente *faiz*... Então eu corto o atravessador... Eu vendo direto, porque o povo só compra se a gente *deixá* ele entrar no sitio. Então ele vem aqui não só pra *comprá* a pinga.²³⁷

As crianças, ao representarem as habilidades camponesas mostraram-se conhecedoras e praticantes delas. Parecem unir, no ato de desenhar, formas de reforçar certo uso do seu patrimônio, natural e cultural. Os desenhos, simbolicamente, trazem sentimentos sobre o modo de vida, os costumes, pois quando a criança assinala, por exemplo, que ajuda a tirar leite e fabricar queijo, que conhece a culinária/gastronomia, que sabe como se fabrica pinga, sugere, para quem interpreta a manifestação de uma consciência identitária crítica que, conforme as suas percepções, aparece como representação daquilo que vive e de que participa como meio de produção.

4. 5 - As representações dos recursos naturais

A criança tende a representar no desenho, quando o tema é a natureza, toda “a exuberância da natureza”, como exemplo de todos os elementos do espaço natural: céu, com nuvens “azuis” e sol, animais, vegetação, relevo, água, etc. A criança no desenho quinze desconsidera as intervenções na paisagem, para ilustrar somente o que existe no espaço natural. Ela, então, representa animais do cerrado que ela sabe que estão correndo risco de extinção (onça pintada e tamanduá) e outros (borboletas, abelhas, aves, cobra) cuja existência ela julga “necessária” na natureza. O céu (ar), sol e o solo são representados porque, afinal, são elementos essenciais na natureza, suporte para os seres vivos, como a árvore frondosa. Ela, com esse desenho, supõe um ambiente equilibrado.

²³⁷ Entrevista obtida, pela autora, junto a família camponesa que sempre diversificou a produção e teve como complemento de renda a produção de derivados da cana-de-açúcar. Pesquisa de Campo realizada em maio de 2010 na comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG, 2010

Desenho 16 – Natureza com animais em extinção. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do ensino fundamental, juntamente com as professoras da área de Pedagogia e Artes da Escola Municipal Antônio Martins da Silva no pequeno núcleo urbano do Distrito de Martinésia, Uberlândia, MG.

No desenho dezesseis, a criança tomou cuidado com a proporção, com o tamanho das “coisas”, seres que representa. Para ela, o visual da fauna e da ave-fauna abrange os animais do bioma Cerrado que mais lhe interessa representar. Conhece as preocupações da sociedade com o ambiente e reconhece a natureza como atrativos do seu lugar.

O desenho é tanto fruto da vivência no Cerrado como da aprendizagem institucional (escola, meio de comunicação). Alia-se à luta oficial em defesa da natureza e sugere outra possibilidade de introdução de atividades não agropecuária: a observação de animais, que pode ser uma opção para a diversificação dos usos do lugar.

Na representação da natureza, cada criança elege aquilo que irá destacar: O espaço natural ou o espaço que sofreu ação antrópica ou fruto dela; aspectos

positivos ou negativos; exaltação ou denuncia, conforme esses aspectos naturais são percebidos como parte do lugar onde se vive – um lugar ideal ou o lugar real.

Desenho 17 – Os impactos da ocupação humana e do uso turístico. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do ensino fundamental, juntamente com as professoras da área de Pedagogia e Artes da Escola Municipal Antônio Martins da Silva no pequeno núcleo urbano do Distrito de Martinésia, Uberlândia, MG.

No desenho dezessete mostra-se um lago com vários sinais de poluição. O represamento das águas afogou a vegetação: o que aparece no corpo d'água são paus (traços na cor verde). Vegetação não há nas margens do lago. E o fenômeno da ocupação turística, principalmente nos finais de semanas e feriados, deixa suas marcas. O desenho ocupa-se do lugar alterado naquilo, que interessa à criança ser mostrado. É uma representação que está relacionada aos sentimentos de pertencimento, identidade e da sua cultura. O meio ambiente em que a criança se encontra é visto como alterado. Ela reproduz os impactos na paisagem.

A linguagem deste desenho, surgida a partir da interpretação do espaço natural, expressa problemas ambientais, todos decorrentes de intervenções humanas e, ainda assim, um atrativo. Ainda no desenho dezessete, a criança faz

descobertas que se traduzem em reproduções do espaço que decorrem da sua capacidade de interpretar o seu lugar. Ela também mostra a sua aptidão de se apropriar das informações existentes e constrói representações sobre o lugar de maneira subjetiva.

Os desenhos dezesseis e dezessete de elementos da natureza, são representações relacionadas tanto à produção como à interpretação de imagens e de símbolos, empregados para anunciar ideias, sensações, (preocupação, medo, esperança) e sentimentos de querer pertencer a um lugar ideal. Desse modo, o desenho como linguagem para a manifestação dos conteúdos culturais da criança deliberadamente, motivou-as à observação, à investigação da paisagem.

São feitas interpretações pelas crianças sobre a natureza no decorrer de todo o processo de confecção dos desenhos. São abordados os elementos naturais - sol, céu, nuvens, vegetação, animais da formação do espaço, mas as intervenções humanas são destacadas, seja pela presença do lixo no lago construído pelo homem, mas que, tanto faz é um lugar que deveria estar protegido, seja pela denuncia de preservação da biodiversidade do cerrado. O Estado não atua na defesa dos lugares, não fiscaliza nem pune a ação daqueles que usam o lago para lazer e turismo, mas faz propaganda da necessidade do cidadão comum atuar na defesa de animais em extinção.

Os dois desenhos possibilitam ainda outras interpretações. Contudo, o que eles indicam de imediato é a percepção, da criança, do desenho dezessete, sobre as mudanças nas paisagens ocorridas, recentemente, no lugar onde ela vive, e da criança do desenho dezesseis de necessidade de preservação. Essa linguagem de interpretação/representação é resultado de observação e análise de diferentes situações, que evidenciam que a criança, ao criar os seus desenhos, vai percebendo as mudanças ocorridas e/ou necessárias. Esse procedimento de pesquisa lembra ainda que a criança é um hábil contemplador/observador, que apresenta resultados de forma objetiva e subjetiva. Os recursos naturais são percebidos pelos autores dos desenhos e representados naquilo e como que lhes interessa.

Trata-se, então, de uma elaboração mediada por relações sociais e diversos interesses de vários sujeitos, mas que é uma forma de compreensão da transformação do espaço natural em espaço geográfico por meio das relações que o homem mantém com o seu meio ambiente. Assim, tais relações aparecem, de forma direta e indireta, em alguns desenhos, e de forma subliminar, em outros, mas estão presentes nas representações.

Desenho 18 – O ambiente natural reconstruído. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental, juntamente com as professoras da área de Pedagogia e Artes da Escola Municipal Antônio Martins da Silva no pequeno núcleo urbano no Distrito de Martinésia, Uberlândia, MG.

O desenho dezoito adverte sobre a presença de um animal silvestre, a onça parda, que existe em pequeno número e é de difícil visualização devido aos seus hábitos e, além disso, estar correndo risco de extinção na área do Cerrado. É um registro importante daquilo que a criança sabe que existe, através do convívio diário com os adultos ou até por ter visto o animal no lugar. Compreende-se que é significativo, para ela, representar a fauna nativa, associada à paisagem. Há, na sua linguagem gráfica, expressão de experiências e pensamentos sobre a importância ou não da presença de felinos, na sua propriedade ou comunidade.

Desenho 19 – As mutações do ambiente como atrativo turístico. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental, juntamente com as professoras da área de Pedagogia e Artes da Escola Municipal Antônio Martins da Silva no pequeno núcleo urbano do Distrito de Martinésia, Uberlândia, MG.

No desenho dezenove, a criança não tomou cuidado com a proporção dos elementos representados. A vaca, a onça e o carro do turista têm praticamente o mesmo tamanho. A onça, que caça a vaca aparece no tamanho maior ou igual ao do veículo que transporta os visitantes. A criança registrar preocupação pela presença do felino, que pode tirar de sua família o meio de produção (vaca), mas ao mesmo tempo reconhece como um elemento da natureza que pode tornar o lugar mais atrativo. Nesta interpretação associa tanto aos elementos naturais, quanto aos advindos da ação do homem, as motivações que levam os turistas a frequentar os espaços rurais da sua comunidade.

Recentemente, a onça parda passou a ser vista novamente no baixo curso, do Rio Araguari. A criação do parque ecológico do Pau Furado traz a ideia de proteção aos animais silvestres, muito embora fatores como o desenvolvimento e expansão das grandes lavouras de cereais e recentemente da cana-de-açúcar e a formação dos próprios lagos tenham concorrido para o seu confinamento. A partir dessas representações, percebe-se que a criança desenvolve no desenho algumas articulações entre os elementos do ambiente, sobretudo a vegetação, a água e os animais silvestres. Pode ser que ela tenha tomando essa situação como atrativo turístico. Desse modo, o atrativo natural, representado, pode ser absorvido por sujeitos sociais que tenham interesses em conhecê-lo. Pode significar um nicho de mercado para os sistemas produtivos locais.

Para a criança, a presença de grandes predadores, animais raros, é a representação daquilo que ela compreende por natureza. No desenho dezoito não aparece nenhum elemento ligado à ação ou presença do homem – é o espaço natural, que pode ser motivação para os visitantes virem até as propriedades rurais ou comunidade.

Desenho 20 – A via asphaltada como infraestrutura básica e necessária. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do ensino fundamental, juntamente com as professoras das áreas de Artes e Geografia da Escola Municipal do Moreno, Uberlândia, MG.

A criança destaca no desenho vinte, na paisagem a pavimentação da principal via de acesso à sua comunidade que alterou/aumentou o fluxo de visitantes. A representação é composta de elementos naturais e humanos quase que na mesma proporção. O acesso ao lago e a vegetação é dificultado por uma cerca. O lago apesar de construído pelos homens, é contado como elemento natural, imediatamente junto com as árvores. As casas, apesar de serem construção humana, estão do lado da cerca em que estão os elementos naturais. Toda a paisagem distante separada, a ser apreciada da rodovia ou por quem esta de passagem.

Desenho 21 – Paisagem rural. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental, juntamente com as professoras das áreas de Artes e Geografia da Escola Municipal do Moreno, na comunidade da Tenda do Moreno, Uberlândia, MG.

A criança, no desenho vinte e um, manifesta um modo de ler e compreender o espaço a partir da paisagem, em tons suaves, sem edificações. Os atrativos naturais são o córrego, a vegetação e o relevo. A presença humana é de um camponês, talvez por se sentir mais integrado à natureza o homem que ali mora é também uma referência para o visitante. A presença integrada dele a paisagem, talvez torne esse espaço mais atrativo para os de fora.

A representação dos recursos naturais revela os atrativos contidos na paisagem, no espaço rural. Ao falar em “recursos naturais”, “natureza” ou “elementos naturais”, os desenhos mostram espaços e ideais, sem a presença do homem (desenhos dezesseis e dezoito) espaços construídos e em destruição pelo “homem” (desenho dezessete) e o espaço com interferências e presenças humanas (desenhos dezenove, vinte e vinte um), o que significa, talvez, que as crianças refletiram sobre a relação entre o homem e a natureza ao conceberem essas representações.

Tomar a criança como sujeito social, na pesquisa, direta ou indiretamente incluída nas práticas sociais, familiares e comunitárias, revelou um saber espacial e cultural delas que, nas escolas, seja no espaço rural ou urbano, dificilmente é respeitado, valorizado como um saber precedente do aluno. Essa observação constatação é fruto da experiência de quase uma década de docência no Ensino Fundamental nas escolas públicas de Uberlândia - MG. São recursos didáticos e pedagógicos raramente utilizados pela escola e pelos professores, pois nem escola e nem professores estão devidamente preparados para considerar os alunos como detentores de conhecimentos.

4. 6. As territorialidades camponesas: as representações das crianças ante às atividades turísticas

O lugar da moradia camponesa geralmente é complexa, com vários elementos relativamente próximos em um mesmo terreno, por exemplo, a residência da família, o paiol, a horta, o quintal etc. Não há separação entre espaços exclusivos para se morar, espaços exclusivos para trabalhar ou exclusivos para brincar. Assim, as tarefas dadas às crianças vão sendo desempenhadas sem que se reduza a capacidade criadora infantil, a convivência delas com a família por causa de obrigações do trabalho. Em verdade, não são apenas tarefas, são também formas de convivência e de aprender fazendo, como são os preparativos para as festas.

A inclusão e o envolvimento dos pequenos com as tarefas produtivas, desperta curiosidades e criatividade e rompe com os condicionamentos culturais da obrigatoriedade e da repetição tornando-se uma atividade lúdica. A família valoriza as iniciativas da criança de descobrir aquilo que acontece ao seu redor e, ao agrupar as crianças nos afazeres, cria sociabilidade, pois os preparativos para o trabalho envolvem negociações, tolerâncias, enfrentamentos das hostilidades e assim escapam da representação do trabalho os conteúdos sociais que poderiam ser associados ao sofrimento; a exploração ou simplesmente ao ganho.

O trabalho, travestido de brincadeira envolve os infantes em atividades que não são apenas faz-de-conta; assume outros significados, pois, trabalhando e brincando uma brincadeira “séria” a criança, aprende a ocupar espaços, na família e na comunidade. Mas existem também outras brincadeiras e formas de brincar das crianças camponesas, no espaço rural, que não assumem conteúdos didático-pedagógicos para a vida, são apenas para o entretenimento, a diversão, o lazer.

Os envolvimento dos homens, das mulheres e das crianças com a produção é estabelecido na relação com a família, no espaço, na propriedade e na comunidade, em um universo que se amplia e se diversifica na relação com o turismo, porque a inclusão de atividades receptivas, no cotidiano familiar, não muda os modos de tratar a criança. As mudanças espaciais, fruto da construção dos lagos; por sujeitos estranhos ao território não é suficiente para que os camponeses mudem os conteúdos que formam a sua solicitude. Em verdade essas mudanças na paisagem impõem o recurso às aptidões inatas, às suas cortesias, às suas afeições, às suas inventividades, que vão sendo inscritas nos novos espaços produtivos da família e acabam por alcançar as crianças.

As novas ocupações, afazeres, preocupações, até por terem sentido prático envolvem formas de transmissão da cultura que, na criança, geram criação, recriação, indagações sobre os territórios camponeses que passam a ter nas atividades não agropecuárias. As formas de transmissão da cultura propiciam e potencializam o poder da criança de representar o lugar vivido. E em suas

representações ela é levada a destacar as integrações expressivas, acentuadas por estimas sócio-culturais, os objetos que obedecem, primeiramente, à visão que ela tem do seu mundo, aquilo que ela sente por viver o lugar e a forma de arranjar e conceber o seu modo de vida.

Em diferentes ocasiões, os modos de ser das crianças camponesas e as formas particulares delas se relacionarem com o novo e com a sua própria cultura foram problematizados ao se pensar na relação possível entre o trabalho e o lúdico. Deu-se atenção à criança com um ser capaz de vivenciar essas situações nas formas de humanização do território. A associação e a relação entre a vida infantil e a vida adulta propicia coesão ao modo de ser camponês e ao território camponês.

Reconhece-se que em algumas propriedades rurais as condições de incluir o turismo nas atividades produtivas estão dadas pelo próprio ambiente, o que amplia suas possibilidades de participação nas atividades não agropecuárias. A recepção fundamentada nos conteúdos culturais, leva o camponês a usar a sua sociabilidade e o seu saber fazer para atender às demandas do visitante, nas comunidades. Os modos de ser e os saberes fazeres do camponês são fundamentais para sua reterritorialização e para a diversificação das suas atividades. Mas, naquelas propriedades em que não são praticadas atividades turísticas devido às condições desfavoráveis do ambiente, verifica-se também a diversificação, que é, portanto, próprio do jeito de ser dos camponeses.

As atividades que cada família desenvolve estão associadas aos elementos naturais e construídos do lugar onde se vive. A relevância desses elementos e das atividades já desenvolvidas para se estabelecer, a produção de produtos, parece bem compreendida pelas crianças. Na representação vinte e dois a diversificação da produção amplia as condições de se obter renda na relação com o mercado. A construção dos lagos e a presença de turistas não interfere na produção de frutas e verduras.

Desenho 22 – Os conteúdos e localização da propriedade familiar. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental, juntamente com as professoras das áreas de Artes e Geografia da Escola Municipal do Moreno na comunidade da Tenda do Moreno, Uberlândia, MG.

A criança no desenho vinte e dois considera a diversificação da produção. Representa mais expressivamente a horticultura e o cultivo de banana, atividades produtivas do seu modo de vida. A criança leva em apreço as intervenções na paisagem ao ilustrar a propriedade. Representa as técnicas de produção, sobretudo, irrigação manual. A cerca e a porteira delimitam o seu mundo no espaço e a estrada, conexão com o espaço externo à propriedade. As soluções, para continuarem existindo, no lugar, são os usos desses recursos.

No desenho vinte e dois, os familiares aparecem desenvolvendo atividades voltadas para o mercado; as condições técnicas para obtenção dos produtos são consideradas e também a inserção da propriedade no território. Na vida prática, o trabalho de cultivar a horta é uma atividade de que participam homens, mulheres e crianças e a venda desse produto pode ocorrer dentro da propriedade ou o produtor pode levá-los até o mercado. Assim, a criança revela que compreende os

esquemas de produção e também as relações no interior da família, bem como as formas de organização para usar o espaço e estabelecer as suas territorialidades.

Tomando-se a comunidade rural como um espaço constituído por relações sociais e interesses mais ou menos coesos, foi se percebendo, também, a coerência de condições particularíssimas de existência. A partir dessa verificação, questionou-se como trabalhar, com a criança, a questão do espaço e da localização da comunidade, enquanto expressão geográfica das relações entre grupos sociais, e suas aproximações com o turismo.

Ao considerar de que maneira o turismo como um conjunto de atividades presentes nas comunidades rurais, estaria afetando o modo de ser camponês e como esse fato poderia ser representado pelas crianças, compreendeu-se que, nas famílias camponesas, residem as substâncias sócio-espaciais, culturais e religiosas das comunidades rurais. Para a família camponesa algumas práticas sociais que fazem parte do seu modo de vida ocorrem em ciclos, mas, outras ocorrem cotidianamente, algumas são individuais, outras são coletivas.

A comunidade, para a criança, seria uma singularidade, descentrada, deslocada da vida familiar e dos seus alcances cognitivos? A categoria geográfica que se decidiu utilizar para pensar sobre as relações que estabelecem territórios para a criança camponesa é o lugar. No lugar, estabelece-se um conjunto de atividades e procedimentos que se percebe única, porque é resultante de características históricas e culturais, intrínsecas ao processo de formação das comunidades e da identidade dos camponeses do baixo curso, do Rio Araguari. Porém, não se trata de uma expressão contraditória e em oposição à vida camponesa. O lugar é uma categoria de análise da Geografia apropriada para analisar as representações da criança num espaço usado pelo turismo porque as articulações e as tramas sociais entre o camponês, os visitantes e as formas de ser das pessoas, talvez de seus modos de vida, vinculados às tradições e aos costumes do camponês, aparecem ricamente no lugar vivido.

Entretanto, o lugar dos camponeses não se apresenta somente em constituição, mas, também, articulado, concretamente, com a cidade e com os seus moradores que os visitam. Nesse processo, entende-se ser possível analisar as suas especificidades, nas representações que as crianças fazem das suas comunidades e, talvez, dos territórios e territorialidades a elas associados.

Em verdade, os lugares tornados turísticos, sobretudo, no entorno dos lagos, podem resultar de uma vasta e complexa rede social, e reunir, incorporar e disponibilizar para os visitantes, paulatinamente, várias situações, condições e expectativas sociais de sedução. Considera-se que os atrativos, na área de estudo, têm origem nas especificidades territoriais que, nos desenhos das crianças, poderiam ser capturadas, analisadas e discutidas a partir dos seus conteúdos sócio-espaciais, que abrangem a paisagem, a localização das propriedades, as vias de acesso às comunidades, bem como coerências, desencontros e estranhamentos.

O conhecimento desses lugares pode auxiliar no entendimento das iniciativas turísticas ligadas aos aspectos paisagísticos e de localização, em relação à cidade. Assim, o que se busca, nos desenhos das crianças, nesta parte do trabalho, é algo que vai além das identidades e pertencimentos. Aqui, se procura apreender o entendimento da criança a respeito da ligação entre propriedade familiar, da comunidade, cidade ou o visitante que “ela envia” para o espaço rural, no baixo curso, do Rio Araguari.

Para Carlos (1996. p.26.), “O lugar é o mundo do vivido, é onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo como é produzida a existência social dos seres humanos”. No que diz respeito aos territórios camponeses, não se trata de pensar o lugar como sendo o sítio da acumulação de riqueza, mas da (re)elaboração da existência, permanência e (re)significação das práticas e manifestação do sujeito social. Portanto, entende-se que os territórios camponeses se formam a partir dos lugares, que não ficam arredados dos artifícios de mercado que promovem, nas comunidades rurais da área de estudo, o aparecimento de visitantes interessados em consumir os seus patrimônios

culturais, agora, tomados e difundidos como atrativos e seduções.

Partindo dessas considerações, foi possível pensar a importância do lugar, na investigação geográfica proporcionada pelos desenhos. Para Carlos (1996),

[...] é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões. Também significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é o que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição do mundial. (CARLOS, 1996, p.20).

Mesmo que essas considerações não se refiram, pontualmente, ao camponês, o subsídio teórico é abrangente, pois se debate a vida e o vivido, que se realiza nos lugares. Assim, busca-se, por intermédio dos desenhos, analisar a percepção que a criança passa a ter do seu mundo a partir do que vem de fora e as inclusões que ocorrem no espaço, envolvendo o seu grupo. Conforme Carlos (1996), para o homem

É através de seu corpo, de seus sentidos que ele constrói e se apropria do espaço e do mundo. O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *lato sensu* a menos que seja a pequena vila ou cidade – vivida/conhecida/reconhecida em todos os cantos. (CARLOS, 1996, p.20 - 21)

Essa concepção de lugar pode estar reproduzida nos desenhos e pode mostrar elementos que decorrem da sua situação atual, de lugar onde houve uma “eclosão” do turismo, e outros entendimentos do espaço e do tempo, nas comunidades rurais.

De acordo com essas considerações, procurou-se pensar, a partir dos desenhos, as formas como as crianças estariam representando o uso do espaço, dentro dos moldes possíveis e aceitáveis pelo camponês. Isso significa que as crianças poderiam indicar, nos seus desenhos, conteúdos sócio-espaciais próprios e anteriores ao turismo, principalmente pautados na organização familiar, com as paisagens e os diferentes valores humanos, além das reações às imposições de ordem econômica.

O lugar, segundo esse ponto de vista, traria, também, conotação de “espacialização” dessa existência e uma manifestação das configurações dos usos que acontecem no espaço da comunidade. Mesmo sendo o lugar resultado de relações sociais contextualizadas e acumulando particularidades sociais, preocupava-se em apreciá-lo como um espaço ocupado por um sujeito social que reúne habilidades para usá-lo do seu jeito. Segundo Carlos (1996):

A produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, no momento específico, e revela-se pelo uso como produto da divisão social e técnica do trabalho que produz uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada. Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno. (CARLOS, 1996, p.26).

De fato, a exploração da categoria lugar parece ser um caminho adequado para compreender como o camponês, em suas diversificações produtivas, concebe e estabelece relações, talvez territorialidades, atenções para com as paisagens, estabelecendo nelas alguns usos. Portanto, trata-se de analisar, a partir dos desenhos, a transformação e a formação do lugar turístico.

Com tais objetivos, procurou-se trabalhar com mapas do cotidiano. Buscou-se na representação cartográfica uma maneira de abordar a parte cognitiva, ou seja, empenhou-se em buscar respostas sobre os atrativos dos lugares naquilo que as crianças representam nos seus croquis, o ponto de partida dos procedimentos adotados. Nesse processo de identificação dos atrativos, teve-se exclusivamente aos croquis.

Para que se concretizasse a empreitada das crianças de construir o mapa, ou mapas do cotidiano, foi indispensável estimular nelas o uso tanto do conhecimento prévio delas sobre o espaço natural e o construído, como também do seu “raciocínio geográfico” de modo que os mapas pudessem abarcar a inclusão e o relacionamento entre os elementos desse mesmo espaço e as improvisações que as crianças estabeleciam para definir a localização das “coisas”. Na interpretação desses desenhos era preciso identificar os elementos sócio-

espaciais e culturais, aquilo que eles representam em relação à constituição histórica, simbólica, física e edificada, dos diferentes lugares.

Neste trabalho, o encaminhamento sugerido e bastante debatido foi para que os alunos desenvolvessem o mapa mental da sua propriedade e comunidade observando o seu mundo a partir das relações com os lugares e as coisas que os formavam. Expressando conhecimento prévio dos lugares e afinidades com o entorno, eles foram desenhando aquilo que eles consideravam importante e que estava sendo ocupado ou reocupado para receber os visitantes. O trabalho foi realizado com um grupo de dez alunos das duas escolas e, destes, foram aproveitados todos os desenhos, já que atendiam os objetivos.

Como suporte teórico, considerou-se o conceito de mapa mental como um procedimento “[...] que nos revelam como os lugares estão sendo compreendidos. Daí terem sido vistos, por nós, como uma proposta de pesquisa e trabalho útil para o entendimento dos lugares”. (Nogueira, 2004, p. 125.)

Com objetivo de se compreender as representações que cada criança pode fazer do seu lugar vivido, considerou-se a percepção como uma manifestação do saber que se tem e que se pode representar do espaço geográfico, ou seja:

Com essa compreensão de percepção, como saber primeiro e do mundo como lugar de existência, podemos interpretar que os mapas mentais trazem neles representados muito mais do que pontos de referência para facilitar a localização e a orientação espacial: o lago é o lugar onde eu pesco; a igreja é o lugar onde eu rezo; o parque é o lugar onde eu brinco. Os mapas mentais contêm saberes sobre os lugares que só quem vive neles pode ter e revelar. Isso em nós reforçou a idéia de que essas representações mentais seriam para nós, geógrafos e professores de Geografia, um material didático de extrema importância para a compreensão dos lugares, pois os dados que estão aí representados, independentemente da exatidão, revelam o lugar tal qual ele é. (NOGUEIRA, 2004, p. 130).

Foi importante entender, também, a abrangência do lugar como espaço das inclusões e relações que extrapolam as extensões da propriedade familiar. No caso, as comunidades camponesas.

Como a criança vive as iniciativas voltadas para o turismo receptivo,

concebidos pelo adulto, foi igualmente importante situá-la dentro das relações que constituem a cultura camponesa destes lugares, pois, nas atividades camponesas compõem-se definições, dadas pela família, que poderiam estar sendo representadas pelas crianças. Nessa abordagem, procurou-se pensar a densidade do lugar vivido e as suas afinidades com os recursos naturais e edificados presentes no espaço, na perspectiva das ligações e interações, usando para isso o desenho dos mapas.

Desenho 23 – Mapa Mental. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental, juntamente com as professoras da área de Pedagogia e Artes da Escola Municipal Antônio Martins da Silva no pequeno núcleo urbano no Distrito de Martinésia, Uberlândia, MG.

No desenho vinte e três a criança ao representar parte de sua comunidade vai desenvolvendo a ideia de que as territorialidades também se estabelecem nas relações com seus vizinhos. Para isso, ela destacou a estrada ao longo da qual se encontram algumas casas em sua comunidade. Com relação aos aspectos físicos, a água que aparece no desenho é apenas uma lagoa e não o grande lago formado.

Nesta, em trabalho de campo, verificou-se a presença de jacarés, que atraem visitantes, constituindo-se em sedução turística. A porteira e a cerca foram enfatizadas como limites, indicando a presença da propriedade privada que talvez não tenha atrativos ou não os oferece à visitação, já que, do lado da lagoa não há cercas. Tudo fica próximo da via principal, fazendo com que o atrativo esteja mais próximo ainda. A via desempenha a função de ligação entre as pessoas e entre os lugares visitados ou não.

Desenho 24 – As instituições comunitárias, espaços coletivos. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental, juntamente com as professoras das áreas de Artes e Geografia da Escola Municipal do Moreno, na comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG.

No desenho vinte e quatro, a criança representa as duas instituições, igreja e escola aparecem com tamanhos diferentes, o que pode indicar tanto a importância de cada uma na comunidade e em suas vidas, como o tamanho diferente mesmo ou a distância entre elas. Claro está que essas instituições influenciam, no agir, no dizer, no fazer e no criar das pessoas. Elas prescrevem e concebem espaços comunitários onde ocorrem eventos, constituindo territórios e territorialidades de práticas e de conhecimentos sócio-espaciais que motivam distintos modos de uso. Nos festejos, as manifestações são baseadas no costume de homenagear os seus santos padroeiros –

costume que vem da igreja. A escola é espaço de aprender e de brincar – inclusive de brincadeiras tradicionais, já que está representado um balanço pendurado na árvore. Compreendem-se as representações das instituições como jeitos de perceber, no lugar, as acepções individuais ou coletivas que demonstram um modo de ser e de ler o mundo.

O lugar, representado e ponderado como vivido, chão da experiência de sujeitos sólidos, pode tornar possível entender como os seus costumes, inclusive aqueles originados em instituições como a Igreja Católica, tornaram-se atrativos e promove uma complexidade de inclusões turísticas, regidas e justificadas pelos valores humanos e atributos éticos, culturais e religiosos, gerais e específicos, do mundo dos camponeses, embora muitos eventos venham sofrendo alterações - claro que em decorrência, não somente, do represamento do rio, mas das necessidades e possibilidades da sociedade. Esses eventos são os eventos coletivos que ocorrem a partir das comunidades. Essa conjuntura, por si só, explicaria e justificaria essa preocupação com o lugar, com o vivido; é uma outra cotidianidade, moderna, que se estabelece, e as suas implicações na definição dos modos de ser e das territorialidades desse grupo social.

De forma objetiva, no desenho vinte e quatro, tem-se a exposição do pequeno núcleo urbano da comunidade rural. O conhecimento geográfico da criança lhe mostra a importância das principais instituições com as quais ela convive no lugar, no caso a igreja e a escola. Uma estrada ou rua liga as instituições. Essa reprodução da distribuição espacial das edificações, dos patrimônios edificados tem, como tarefa primeira, propiciar destaque aos aspectos do mundo em que se vive. Como segunda função, revelar a capacidade da criança de abordar os enredamentos do mundo vivido e as suas interações.

No cotidiano, quando se efetivam as afinidades, no âmbito do trabalho, da família, da Igreja, da Escola, da propriedade familiar, dentre outras relações sociais, estabelecem-se “novas, talvez novíssimas, territorialidades”. No caso das crianças camponesas, os desenhos vinte e três (área rural) e vinte e quatro, revelam o acesso

a essas inclusões que denotam possibilidades de relações sociais que fundamentam o território.

As crianças camponesas, costumeiramente participam dos mais diferentes espaços da vida; e é assim que a família e a cultura camponesa socializam as crianças. Mas até onde se pode considerar que essa situação é essencial para a formação de uma consciência sócio-espacial camponesa? A investigação da transmissão da cultura parece ser um caminho. A partir desse ponto de vista procurou-se entender a representação que a criança faz, da complexidade do território. No entanto, foi necessário, depois dos desenhos feitos, visitar os lugares reproduzidos no papel. Não se trata de desconfiança, mas de uma forma de considerar a cultura camponesa e compreender a socialização da criança, em seus territórios, na medida em que se pode, no campo, comparar as experiências camponesas.

Desenho 25 – Espaço construído. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do ensino fundamental, juntamente com as professoras das áreas de Artes e Geografia da Escola Municipal do Moreno na comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG.

No desenho vinte e cinco há uma clara alusão às ações do Estado que transformaram o espaço. Percebe-se além das mutações, certos usos. Reconhece-se o movimento das coisas no cotidiano, a partir de seus elementos sociais, culturais e naturais. Explicita-se um jeito de representar a forma e a sua localização. Na observação dos fatos e fenômenos de sua comunidade, também se desenvolve capacidade de representá-la. O lugar, mapeado a partir do conhecimento do aluno, é um espaço que contém vários atrativos. O rio represado mais parece uma piscina com ligação pavimentada. A edificação em dois andares reproduz a presença de restaurante nas proximidades do lago, uma nova atividade e um novo uso do espaço. As crianças conhecem bem o espaço em que vivem, por isso sabe informar os seus conteúdos.

O desenho vinte e cinco indica também que as crianças já interagem no espaço modificado e que há um bom conhecimento dele, como as localizações, os usos e as incoerências – como o lago não é natural é como uma grande piscina, inclusive no uso turístico dele, de lazer. O mapa expressa reflexão sobre esse conhecimento que se tem do espaço. A pesquisa, usando esses tipos de mapa, possibilitou compreender o que as crianças pensam sobre o espaço e as práticas sociais que nele ocorrem. Os diferentes atrativos naturais e edificados estão contidos nas formas e nas espacialidades que ela representa de diferentes modos, indicando a organização do espaço no entorno desses atrativos. Contudo, na perspectiva do território, enquanto existência e domínio dos camponeses e dos seus patrimônios, pode-se ir mais longe. Considerou-se, então, que as características sócio-culturais próprias do camponês poderiam estar presentes nas representações enquanto territorialidades.

Desenho 26 - O lugar onde se vive. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do ensino fundamental, juntamente com as professoras das áreas de Artes e Geografia da Escola Municipal do Moreno, na comunidade Tenda do Moreno, Uberlândia, MG.

No desenho vinte e seis, a criança incluiu os espaços pelos quais ela transita, ocupa com suas atividades, seu corpo e brincadeiras. São, no desenho, representados os caminhos, os lugares e provavelmente as redes sociais de que ela participa. Pelos caminhos uma estrada de terra e outra asfaltada é possível ir à casa dos vizinhos, visitar amigos e ir de ônibus para o núcleo urbano, onde estão provavelmente a escola, a igreja, o campo de futebol. Ela conhece tudo isso porque percorre, cotidianamente os espaços de sua comunidade, então, conhece os lugares, a paisagem, o território e os meandros dessa geografia. Os lugares envolvem pertencimentos, são partes do espaço em que se vive. O mapa é uma indicação da sua vida social e de suas experiências.

Aqui é importante pensar no papel da experiência, da aprendizagem das coisas da vida, dos elementos heterogêneos provenientes de fontes diversas, da importância da interação, da interpretação da cultura cotidiana, conforme diferentes critérios que parece estar sendo valorizados pelas crianças.

Desenho 27 – A propriedade privada. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do ensino fundamental, juntamente com as professoras das áreas de Artes e Geografia da Escola Municipal do Moreno, Uberlândia, MG.

O lugar é representado, no desenho vinte e sete, a partir da construção da estrada asfaltada, suas tecnologias, de seus fixos e restrições aos usos, pois a estrada pavimentada termina onde começa a porteira, o limite da propriedade particular, privada. Os elementos naturais são representados pela cor verde. As restrições ao uso dos atrativos turísticos, que talvez se refiram única e exclusivamente ao lago, são representadas pela figura humana, um menino em tamanho maior que os outros elementos, posicionado ao lado da porteira fechada, responsável, talvez, por cobrar pela entrada dos visitantes. Essa restrição e essa cobrança de entrada indicam territorialização pelo camponês daquilo que imposto ao seu lugar por outros sujeitos.

Essa observação recomenda várias possibilidades de apreciação, pois os camponeses, organizados em seus territórios, parecem ter criado ou produzido uma pedagogia que envolve as crianças no exercício da tolerância ativa das diferenças sócio-culturais e econômicas, propiciadas na relação com os visitantes. Na localização do lugar vivido, o pequeno núcleo da comunidade vai aparecer, nas representações, indicando proximidade e/ou o ponto intermediário entre as propriedades e a cidade.

Desenho 28 – Representação espacial da comunidade. Pequeno núcleo urbano, onde está a escola e o espaço da propriamente rural. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental, juntamente com as professoras da área de Pedagogia e Artes da Escola Municipal Antônio Martins da Silva no pequeno núcleo urbano no Distrito de Martinésia, Uberlândia, MG.

Ao mapear, no desenho vinte e oito a sua comunidade, a criança reproduz as estradas que a ligam à sua casa. O percurso para chegar aos lugares que conhece é parcialmente pavimentado, tem estrada de terra e plantações. Isso permite intuir preocupações com as diferenças e interações entre o urbano e o campo, assim como a organização dos elementos que compõem cada lugar. O Distrito de Martinésia em sua parte urbana, aparece simbolizado pela pavimentação e linhas retas, formando parte de um quadrilátero, enquanto que, no espaço rural, as estradas são de terra e as plantações e os currais dominam a

paisagem. Nos dois espaços, as vias de acesso e a cerca indicam os “limites territoriais” no espaço vivido e caracterizam algumas das especificidades organizativas de cada espaço. O mapa é complexo e, para representar os dois espaços, a criança utiliza sua capacidade de interpretação e de associar símbolos aos espaços, para distingui-los e melhor representá-los. As edificações, no desenho, reforçam as diferenças entre os dois espaços.

Reconhece-se que as crianças vivem no espaço rural várias relações com aspectos urbanos e, nelas, impõem-se as diferenças entre as regras do lugar vivido, cercado pelo turismo, e aquelas impostas pela cidade. Também sobre essas diferenças se assenta uma nova ordem social, um novo aprendizado, recheado de possibilidades, que estão sendo dispostas pela sociedade e, capturadas, também, por investidores de fora das comunidades rurais da Bacia Hidrográfica, no baixo curso, do Rio Araguari.

Desenho 29 – A urbanização do espaço. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental, juntamente com as professoras da área de Pedagogia e Artes da Escola Municipal Antônio Martins da Silva no pequeno núcleo urbano no Distrito de Martinésia, Uberlândia, MG.

No desenho vinte e nove, a estrada pavimentada liga casas, vizinhos, mas estão distantes uma da outra e elas à escola. A estrada um elemento urbano, domina a paisagem, mas também integra a comunidade. Para ela, a própria comunidade é um atrativo.

O lugar, desenhado no plano das funcionalidades e impedimentos propostos pela razão técnica, mostra que a criança percebe a fluidez do mundo moderno. Desse modo, compreende-se que os usos do espaço pelas próprias pessoas da comunidade vão sendo beneficiados pela chegada do asfalto. Com ele é possível ligações mais rápidas, que instituem aproximações e uma complexidade de relações, regidas e justificadas pelos valores e atributos étnicos, culturais e religiosos, gerais e específicos, dos camponeses, que, se tornados turísticos, podem redefinir a existência camponesa, já que muitos lugares tiveram sua paisagem quase que totalmente transformada, em decorrência da construção dos lagos, da rodovia asfaltada e da especulação imobiliária, quando começaram a receber visitantes.

Desenho 30 – Aproximação das moradias no espaço vivido. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do ensino fundamental, juntamente com as professoras das áreas de Artes e Geografia da Escola Municipal do Moreno, Uberlândia, MG.

No desenho trinta, a criança representa o lugar e diferentes possibilidades de ligação dele com os lugares próximos. É uma porção do espaço, tanto que há três saídas ou entradas, uma no canto inferior direito, outra no superior direito e uma terceira na lateral esquerda. A criança conhece o entorno do que ela representou, que é mais importante para ela. São mais árvores (elementos naturais) do que construções (duas). Desse modo, as intervenções sociais vão sendo conhecidas e representadas pela criança como sendo partes de um processo que inclui o novo e vai convivendo com o velho. No seu ambiente a criança leva em consideração as intervenções na paisagem: um certo desmatamento porque as árvores estão esparsas, e estradas que aproximam as construções.

O desenho trinta decifra o antes (parte esquerda) e o depois (parte direita), o lugar vivido, bem conhecido, de onde se parte para conhecer o novo que chega ao lugar.

Desenho 31 – A organização da propriedade familiar. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, juntamente com as professoras das áreas de Artes e Geografia da Escola Municipal do Moreno, na comunidade da Tenda do Moreno, Uberlândia, MG.

No desenho trinta e um, a criança, reproduz parte da propriedade rural. O imóvel se encontra separado por cercas e porteiras, limites entre a estrada de terras cheia de poças d'água e a estrada asfaltada, o que mostra o conhecimento do espaço vivido. O desenho marca o espaço exclusivamente agropecuário ou rural.

Trata-se, nos propósitos da pesquisa, de interpretar as mutações do espaço e os rearranjos na comunidade camponesa. A realidade representada nos desenhos das crianças adverte que em algumas propriedades o turismo é uma realidade, talvez, sem volta. Isso também reforça, segundo a percepção da criança, a capacidade da família de incorporar novas atividades e de compreender a velocidade com que se processam as mudanças econômicas, políticas e culturais, no espaço vivido.

Através do desenho, as crianças manifestaram, criaram e traduziram, pela sua capacidade de representar, as práticas sociais e, no seu ritmo, na velocidade das suas inclusões, ajudaram a decifrar as mudanças do espaço. Foram representando, na folha de papel "A4", as situações e condições sociais em que se opera ou se pode operar o turismo receptivo. Assim, graças às suas experiências, habilidades e conhecimentos, foram se tornando, cada vez mais, capazes de informar a respeito dos usos do lugar vivido, em momentos específicos.

Como as edificações de segunda residência vão se materializando e requalificado as margens dos lagos e também o interior das comunidades, os desenhos trinta e trinta e dois indicam a chegada do novo e alguns estranhamentos. Os dois desenhos possibilitam encontrar, decifrar alguns caminhos pelos quais o turismo ou lazer vai penetrando nas comunidades (espaços urbano e rural), despertando, nas crianças, novas preocupações com o lugar, com o vivido, com a cotidianidade moderna e as suas implicações na (re) definição dos modos de ser e das territorialidades do camponês

Desenho 32 - A percepção infantil da presença do “novo”. Trabalho realizado nos meses de maio e junho de 2010, com alunos de 4ª e 5ª séries do ensino fundamental, juntamente com as professoras das áreas de Artes e Geografia da Escola Municipal do Moreno, Uberlândia, MG.

Casa com dois andares, coisa que não faz ou não fazia parte do universo camponês. A representação desta casa, inclusive numerada (número 50), e de um veículo ocupado em movimento na estrada indica a chegada do novo, do diferente no espaço vivido, talvez um condomínio, que traz visitantes como moradores temporários ou esporádicos.

Na pesquisa, o uso dos desenhos permitiu desvelar experiências infantis no mesmo espaço e as suas representações de práticas sociais, nas quais as substâncias da vida. Os desenhos foram interpretados como uma forma criativa de

as crianças transmitirem informações sobre o lugar e expressarem conhecimentos, sentimentos, envolvimento e a defesa do lugar vivido.

Embora os desenhos apresentassem cunho subjetivo, repletos de sentimentos, buscou-se agir considerando, na representação das crianças, as suas maneiras de conceber o seu espaço. Desse modo, procedeu-se de forma objetiva, considerando o que foi possível capturar e interpretar da própria representação expressa nos desenhos. Isso indica que houve preocupação em interpretar a representação, de um espaço em transformação. Uma vez adotada essa perspectiva metodológica, as crianças conseguiram apresentar uma situação sócio-espacial que indica que elas dão sentido ao espaço, no processo de participar e compreender o seu lugar, na relação com o mundo.

A leitura do uso do espaço rural considera a criança, que procura rever as técnicas de trabalho de campo, tem como referência o lugar. Essa experiência de considerar novos sujeitos na pesquisa de campo, as crianças, viabiliza a análise de atividades e racionalidades para além de, tão somente, os aspectos das informações prestadas pelos adultos que podem esquivar-se de contradições e/ou debates para não se comprometerem, o que não foi o caso nesta pesquisa. Contudo, isso não significa um abandono da pesquisa com outros informantes, fundamentadas na tradição da Geografia e, tampouco, das questões que envolvem técnicas consagradas, tais como o questionário e a entrevista.

Considerações finais

Compreende-se, como objeto da tese, o estudo das relações sociais de produção e as suas desigualdades e contradições, resultantes da inserção do camponês em iniciativas turísticas. Nas comunidades rurais atingidas pelas duas represas das Hidrelétricas Amador Aguiar I e II, na região do Triângulo Mineiro, tem-se a consciência dos arranjos comunitários, das estratégias camponesas, dos modos de vida, das possibilidades, impossibilidades, compatibilidades e incompatibilidades que estão sendo manifestadas nessa parte do Cerrado.

Como, neste trabalho, preocupou-se com os usos do espaço e atividades turísticas nas propriedades de produtores tradicionais envolvendo seus patrimônios culturais materiais e imateriais compreende-se que o espaço, transformado pelas ações planejadas pelo Estado, criou probabilidades e possibilidades para que o camponês obtivesse a sua reprodução também a partir de atividades não agropecuárias. Tudo isso acontece em uma conjunção de crise, em que o Estado precisava agir ligeiramente para atender às demandas da sociedade, de maneira especial, do grande capital interessado em produzir a sua própria energia elétrica e, assim, tornar-se auto-suficiente.

Nesta situação vivenciada mais agudamente no ano de 2001, de precariedades e indecisões, o governo pressionado por grandes consumidores de energia elétrica passa a promover, com grandes obras de usinas Hidrelétricas, intervenções no espaço, por “telescopagem”. Também havia em suas ações possibilidades previstas ou não, de outros usos do espaço, inclusive pelos camponeses.

A intromissão vigorosa do Estado e do capital, no baixo curso, do Rio Araguari, tem como consequência a produção de um espaço complexo e mutável até certo ponto concebido para reproduzir coisas e lucros, que causa impactos nos lugares e nos seus modos de vida, cheios de humanidades, territórios

camponeses. Essa intervenção, que na sua origem desconsidera o camponês, mas ele se põe como sujeito social e passa a se interessar em usar o espaço transmutado para nele, desenvolver iniciativas turísticas. Desse fato derivou a necessidade de se pensar às confluências entre o moderno e o tradicional, suas contradições e antagonismos. Como o moderno estava-se inserindo nos lugares tradicionais e até que ponto isso era uma ameaça às tradições camponesas e comunitárias.

Analisando-se prioritariamente os usos do espaço, compreendeu-se que, quando o camponês recebe na sua propriedade, visitantes, passa a desenvolver atividades não agropecuárias e vai usar de seus saberes e fazeres, as condições necessárias, para praticar atividades de recepção e prestação de serviços para ganhar a vida. Ao convidar, por exemplo, os clientes a servirem-se nas panelas, no fogão à lenha, ele tanto está sendo solícito e preservando um hábito comum no seu modo de vida, quanto está criando elementos para diferenciar o seu negócio, uma estratégia para que o cliente se sinta seduzido pelo atendimento. Com a mutação do espaço, o camponês reedita e redefine as suas habilidades, passa usar aquilo que ele tem na propriedade e converte seus patrimônios materiais e imateriais, inclusive a solicitude camponesa como possibilidades para seduzir. Suas tradições, seus costumes, seus hábitos, sua cultura são utilizados conscientemente como meio de reprodução material da vida. Mas, esse camponês não é inventado, ele existe de fato.

Como nas iniciativas turísticas, a lógica capitalista vai-se enfiando um pouco mais no modo de vida camponês, principalmente, quando ele junta as suas atividades ao turismo. E isso pode levar a outras lógicas sociais. Porém, a lógica capitalista é apenas outra racionalidade produtiva, que, não necessariamente predominara sobre as outras. Esse sujeito apesar de não parecer, ante a racionalidade capitalista, no processo de reprodução camponesa se mostra flexível e também o seu próprio jeito de ser, não lhe permite tornar-se um capitalista.

As respostas para as perguntas sobre se esse produtor rural que se vê na possibilidade de aderir a nova atividade não agropecuária continua se reproduzindo

como camponês não são conclusivas. Sua atividade laboral não é mais empregada somente na produção de bens usados diretamente na sua existência, mas ele continua tendo a terra como suporte fundamental, que garante a sua existência, por meio do trabalho seu e da família. Perdeu-se, portanto parte do universo simbólico do camponês, com alguns de seus valores e representações.

Os resultados dos trabalhos de campo mostram que as iniciativas turísticas não se generalizaram apesar de algumas famílias camponesas estarem, morando em áreas rurais, aproveitando suas propriedades para se inserirem numa nova atividade econômica, que é diferente ao que o grupo estava acostumado.

Essa situação vai fazendo surgir uma nova forma de pensar o camponês. Se, por um lado, é fato que o camponês do baixo curso, do Rio Araguari possui um conteúdo histórico e sociológico, por outro, acaba-se, assim, defendendo uma concepção que é ideológica a respeito desse sujeito. Quando se optou por chamá-lo de “camponês” essa foi uma opção ideológica, porque, apesar de ser trabalhador, ele não é, exatamente, proletário. Mas existem também os discursos que tentam colocá-lo, mesmo quando exerce exclusivamente atividades agropecuárias, como “proprietário de meios de produção”, como se o acesso à terra não fosse natural ao ato de produzir a existência humana. A pequena propriedade e os vínculos identitários que o camponês tem com ela não permite vê-los separados. A terra não é mercadoria para o camponês.

Como o turismo envolve troca, é um negócio que pode acabar modificando e transformando o jeito de as pessoas pensarem o seu lugar no espaço. Nesse caminho, consideraram-se as mudanças e preocupou-se em explorar o vivido, principalmente naquilo que estava acontecendo com os camponeses, com as suas propriedades, mentalidades, festas e com as representações que as crianças faziam do lugar e da presença do visitante.

Os produtores camponeses, de certo modo, tinham ao seu favor patrimônios culturais originados de uma economia baseada na pecuária leiteira e produção de gêneros alimentícios. Mas, como nunca tinham praticado qualquer atividade

turística, fez-se necessário analisar como os elementos da sua cultura foram migrando para o turismo. Desse modo, foi-se compreendendo que a incorporação de atividades não agropecuárias vai ocorrendo aos poucos, mas promove mutações no território e nas formas de pensar dos camponeses, inclusive aqueles cuja propriedade rural não faz limite com os lagos.

Os conteúdos sociais, inclusive dos projetos de vida, conhecidos através das entrevistas e dos trabalhos de campo permitiram pensar nas diferenciações entre os que se dedicam totalmente ao turismo e os que se dedicam apenas parcialmente e os que não se dedicam às atividades turísticas. Dos que se dedicam, procurou-se transcrever as suas falas e apontar os seus planos.

Em alguns casos os camponeses se mostraram empreendedores, com um bem ilustrado pensamento sobre o assunto, principalmente quando se trata do turismo como um “negócio”. Portanto, dentro de uma visão de mercado. Eles aceitam o argumento de serem pequenos empresários, portanto, já estão conjuminados com a lógica do capital. Esse comportamento vai sendo transposto para o espaço e configura, principalmente a propriedade familiar, como um produto turístico, culminando em estratégias para conquistar o cliente.

Essas mudanças aparecem na composição física e produtiva das propriedades rurais que aderiram ao turismo receptivo, com consequências do modo de vida das pessoas, bem como na forma e nas relações de trabalho. Evidencia-se assim que o espaço transformado por uma lógica capitalista, emblematicamente, coexiste com o modo de vida camponês.

Em razão das transformações na paisagem, a produção rural foi afetada, e aqueles que perceberam, no lago, a possibilidade de diversificar as suas atividades produtivas, assim o fizeram para ampliar os ganhos/lucros na propriedade. Ao se sentirem capazes de diversificar a produção, foram-se envolvendo com os negócios, e os objetivos e os alcances desse projeto, além da diversificação produtiva fomentaram várias situações em que, dependendo do envolvimento,

ficava evidente a subordinação ao mercado, dependendo dos serviços prestados pela família.

São estratégias que se efetivam a partir do espaço e que nas entrevistas confirmam o desejo de utilizar a lógica da propriedade privada, dos meios de produção, no caso, o espaço para a obtenção de ganho/lucros, embora haja uma conotação bastante caracterizada, mesmo que individualizada, da propriedade camponesa. A proximidade com os lagos suscita vários tipos de exploração. Em vários casos, a permissão de entrada de pessoas no lago mediante o consumo em seu negócio, demonstra uma captura do espaço e a sua apropriação como coisa capaz de gerar rendas. Então, em alguns casos, a propriedade da terra e a sua localização são convertidas em um “produto turístico”.

O trabalho realizado teve várias preocupações e conquistas. Poder-se-ia defini-las como sendo uma reflexão a respeito do uso do espaço e da paisagem, criadores de oportunidades, que o camponês vai utilizando em função das suas habilidades e de redefinição de seus modos de vida, na sua relação com o moderno.

No campo, foi-se compreendendo que o envolvimento do camponês provoca procedimentos de (re)uso dos recursos existentes na propriedade. No conjunto, a propriedade rural vai-se ressignificando, promovendo aos camponeses um exercício de reflexão e uma capacidade de operar o turismo a partir de relações sociais compostas por várias temporalidades sociais, as quais foram percebidas como recriadas e fundidas no interior das propriedades rurais e comunidades, pelo otimismo do mercado turístico e do espaço fluido.

Neste movimento compreende-se que as afinidades com o mercado turístico vão fazer surgir concepções e relações marcadas, sobrepujadas pela mercadoria, produzindo uma grande transformação na vida das comunidades. Essa racionalidade surge para uma parte desses camponeses do baixo curso, do Rio Araguari. Certos produtores familiares, chegam a abandonar boa parte dos valores comunitários camponeses até então vigentes, como o desejo de buscar a

coletividade, o agir em comum, e passam a pensar de forma individual. Com o turismo, essa inserção ao mercado, a ideia de “vencer na vida”, passa a prevalecer.

Assim, as transformações das propriedades rurais e dos produtores camponeses, sob as determinações sócio-econômicas, começa a ser percebidas a partir da incorporação de “novas” estruturas sociais produtivas, apesar de que o turismo, vindo com os visitantes, não motivou os camponeses a se livrarem por completo do modo de vida tradicional, mas promoveu interações da família e da comunidade com o mercado.

Compreender o dinamismo das inclusões palpáveis e por que e como elas são efetivadas foi permitindo, na pesquisa, uma leitura fina e detalhada das mudanças de interesse dos camponeses, bem como das suas estratégias. Foi possível compreender, na relação com o turismo, o sentido dos saberes e fazeres criados secularmente; valorizados pelos próprios camponeses no movimento que provoca mutações no espaço, entram nas iniciativas turísticas para nutrir o novo negócio. Nesse processo há implicações na forma como eles se organizam em seus territórios. Assim, na pesquisa foram-se alcançando as substâncias das novas inclusões dos valores camponeses no espaço, entre o lugar e toda a densidade e complexidade do vivido, que cria, além de novos negócios, habilidade para se lidar com os desejos e expectativas dos visitantes.

Contudo, a manutenção das práticas produtivas assume outros contornos, objetivos. Os saberes ancestrais são vestidos com outras funcionalidades. Possibilitam, preparam os camponeses para as novas empreitadas. Aquilo que aparentemente poderia não ter valor se desprende de qualquer determinismo para ser pensado, usado nas redefinições da vida. Na perspectiva da incorporação do turismo, não se negam as suas próprias possibilidades de transformação, da propriedade e do próprio camponês.

Esse modo de vida, que não se desfaz nem se separa do tradicional e vai incorporando de forma particular o moderno, mostra que é possível uma nova estruturação das práticas sociais. No entanto, para a condição do produtor

camponês, devemos evitar compreensões românticas, por exemplo, de conceber que esse sujeito não sofre alienações, que não há detrimientos das suas pertenças, valores e da estrutura básica familiar.

O território, a partir daquilo que foi exposto, não é fundado exclusivamente por relações históricas de pertenças e junções inabaláveis. As metamorfoses espaço-território, na vida desse camponês, ajudaram a desvendar a capacidade dele e de sua família de superar as determinações, talvez imposições da sociedade capitalista. Na área de estudo considerou-se o sujeito e não apenas as imposições e determinações do mercado e do espaço.

Encontrou-se um camponês envolvido com as mudanças. Evidentemente, as contradições do sistema de produção capitalista, na área de estudo, continuam existindo, são pesadas, mas esse sujeito é relativamente autônomo para usar o espaço a partir do lugar vivido. Nestes termos o território permitiu ao camponês usar o espaço. Esse processo se expressa nas relações sócias, na produção de coisas e de um modo de vida camponês que se estrutura a partir da apropriação dos recursos existentes no espaço e possíveis de ser usados. Por isso, foi importante compreender como e por que o camponês dos “lagos” usa o espaço e expressa essa capacidade simbólica e concretamente.

Dessa situação compreende-se que o conhecimento proporciona condições de domínio dos recursos naturais e culturais. Constitui-se em um trunfo para quem vive no lugar, possibilitando tornar o espaço um potencial turístico. Nesse sentido, o movimento de uso, envolvendo os usos das paisagens, conquista esse trunfo. Ele se realiza como força política que lhe dá acesso a outras rendas/lucros.

No âmbito das festas, novamente deparou-se com os usos relacionados ao turismo. Os patrimônios naturais, culturais, materiais e imateriais transformados com a presença da multidão, criam o espetáculo, mas ao mesmo tempo revelam reações que reafirmam valores culturais que, nos encontros e rituais sagrados e profanos, fortalecem identidades, pertenças, como também acordam seus moradores para as impossibilidades de se manter a festa.

Por isso a questão das festas se apresenta como outro ponto curioso das mutações do espaço. Como se examinou várias festas compreende-se que ainda que, se aposte em defender o universo simbólico que permeia o contexto da festa, é perceptível uma corrosão dos seus fundamentos. As festas já não conseguem responder aos anseios da comunidade, porque também vivem mudanças e com elas o risco de virarem mercadoria, possivelmente, consumidas especialmente por uma parcela da população, a visitante.

Enfim, a festa ameaçada pela multidão, pelo turismo tende a deixar de ter o sentido que a comunidade deseja e que construiu ao longo de sua história. Por isso ocorre uma reação camponesa às apropriações do espaço implicadas nas práticas sociais que têm constância, têm dispêndio de tempo para se firmar e se dão num universo cheio de artifícios. Coisa nenhuma é imediata. Por isso a festa, como instituição camponesa, transporta consigo a impossibilidade e a possibilidade de se adaptar e/ou se opor ao espetáculo.

Na relação com a realidade da criança camponesa se utilizou da espontaneidade e, no contato com o outro, no movimento das coisas e das pessoas, procurou-se apreender as suas ações constitutivas, suas lógicas de estruturação, suas representações e linguagem.

A leitura que se fez dos desenhos foi também uma interpretação do sujeito que faz os desenhos. Esse procedimento foi usado de modo a valorizar, também, o texto escrito da criança. Eles enriqueceram a análise. Do ponto de vista dos conteúdos dos desenhos, compreendeu-se que a criança, na faixa etária dos dez aos doze anos, já consegue aprender a pensar e a criticar o lugar. De certo modo ela foi além e passou a representar o lugar, o que significa compreender que, no espaço vivido, ela é capaz de ler o mundo.

Desta maneira, o desenho das crianças permitiu descobrir como o turismo vai penetrando, despertando preocupações com a cotidianidade moderna e demonstrando as suas implicações na definição dos modos de ser e das territorialidades desse grupo social.

Associou-se a percepção infantil à paisagem resultante dos lagos e à experiência das famílias com o mundo próximo e distante, nas metamorfoses dos lugares vividos, concebidos e reconstruídos nas relações com o visitante. Compreendeu-se que as crianças conseguem perceber os rumos que a comunidade está tomando diante do avanço das relações capitalistas no lugar, especialmente associados ao turismo, que denominou-se de receptivo.

Tornar turísticos os lugares pode redefinir a existência camponesa e, sob tais circunstâncias, muitos lugares foram quase que totalmente transformados, sobretudo, na aparência. No entanto, a vida e o modo de vida camponês vão se juntando às novas possibilidades; não deixam de divergir dos novos usos do espaço. As pessoas dos lugares, mesmo usando o espaço para desenvolver atividades turísticas, não deixam de se opor às formas com que o mercado age, fundamentalmente, desconsiderando os vínculos territoriais das pessoas. Nessa lógica não deixa de se apropriar de um espaço que não criou e que é valorizado por representar tranquilidade, o que, na origem do lugar, foi perpassado pela organização coletiva.

Referências bibliográficas

AGÊNCIA NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA. ANEL: Empreendimentos <http://www.aneel.gov.br/arquivos/PDF/boletim201.htm> - Acesso em outubro de 2010.

AGÊNCIA NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA. ANEL – Biblioteca Virtual <http://www.aneel.gov.br/cedoc/atas2000.htm>. Acesso em outubro de 2010.

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. São Paulo: Hucitec/Edunicamp, 1992.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FNJ, Ed. Massagana, São Paulo, 1999.

ALENTEJANO, P. R. R. Pluriatividade: uma noção válida para a análise da realidade agrária brasileira? In: TEDESCO, J. C. (Org.). **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. (1999) Passos Fundo: EdUPF.

ALMEIDA, R. A. **(Re) criação do campesinato, identidade e distinção**. São Paulo: Unesp, 2006.

ANDRADE, Rodrigo Borges de. **Religiosidade e modos de vida: a (re)construção do lugar na comunidade rural Tenda do Moreno em Uberlândia – MG**. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia. 2007. 216 f.

ANJOS, F. S. dos. “Pluriatividade e ruralidade: enigmas e falsos dilemas”. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro, n. 17, outubro, 2001.

ANJOS, F. S. dos. **Agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no sul do Brasil**. Pelotas: EGUFPEL, 2003.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global. Esboço metodológico. In : R.**RA'EGA**, Curitiba, n. 8, p. 141-152, Editora UFPR. 2004.

BOLIGIAN, Levon; ALMEIDA, Rosângela Doin de. A transposição didática do conceito de território no ensino de geografia. In: **Ambientes: estudos de geografia**. (org) Lúcia Helena de Oliveira Gerardi. Rio Claro: Programa de Pós-graduação em Geografia – UNESP; Associação de Geografia teórica – AGETEO, 2003.

BOMBARDI, L. M. **O papel da geografia agrária no debate teórico sobre os conceitos de campesinato e agricultura familiar**. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, nº 114, p.107-117, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOURDIEU, PIERRE. **O poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 8ª Ed. 2005.

BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos: A experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues – **“O que é Educação”** – Editora Brasiliense – 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Territórios do Cotidiano uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS – Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995.

BUTTIMER, Anne. **Aprendendo o dinamismo do mundo-vivido**. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo, Difel, 1995.

BUTTIMER, A. "O espaço social numa perspectiva interdisciplinar". In: SANTOS, M. e SOUZA, M. A. de (Orgs.) **O espaço interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986.

CALLAI, Helena Copetti. Do ensinar geografia ao produzir o pensamento geográfico. In: Rego, Nelson, Aigner, Carlos, Pires, Claudia, Lindau, Heloísa (orgs). *Um pouco do mundo cabe nas mãos. Geografizando em Educação o Local e o Global*. POA. UFRGS Editora, 2003.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: A Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005 - Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> - Helena Copetti Callai – Acessado em março de 2010.

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3ªed. Expressão Popular, 2004.

CANDIDO. A. **Os parceiros do Rio Bonito**: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida, 8ª ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studo Dogel, 1993.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-Tempo na Metrópole: A Fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Definir o Lugar. In: **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARNEIRO, M. J. **Camponeses, agricultores & pluriatividade**. Contra-capa.. Rio de Janeiro. 1998.

CARVALHO, H. M. (Org.). **O campesinato no século XXI**. Possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2005.

CASTELLS, M. A.. **Sociedade em Rede – A Era da Informação**: economia, sociedade e cultura. (vol.1). São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução Alexandra Lemos, Rita Espanha. Lisboa, 2003, Fundação Galouste Gulbenkian.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.

CASTRO, I. E. **O mito da necessidade**: Discurso e prática do regionalismo nordestino. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992.

CASTRO, I. E. GOMES, P. C. C. & CORRÊA, R. L. (Org). **Explorações geográficas**: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CAZOLLA, F. “**La pluriactivité dans les campagnes italiennes: problèmes d’interpretation**” , in Garrier et Hubscher, 1998.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano (1. Artes de fazer)**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidad económica campesina**. Tradução Rosa María Russovich. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

CHAYANOV, Alexander. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: José Graziano da Silva e Verena Stolcke (org.). **A Questão Agrária** - Weber, Engels, Lenin, Kautsky, Chayanov, Stalin. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2 ed.. Florianópolis: EdUFSC, 2001.

COMPANHIA ENERGÉTICA DE MINAS GERAIS. CEMIG – Nossos negócios. Disponível em: <http://www.cemig.com.br/NossosNegocios/Paginas/usinas.aspx>. Acesso em outubro de 2010.

CONSÓRCIO CAPIM BRANCO ENERGIA – CCBE - Complexo Amador Aguiar - Histórico – disponível em: <http://www.ccbe.com.br>. Acesso em outubro de 2010.

CORRÊA, R. L. (Org.) **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2001.
CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDHAL, Zeny. **Geografia Cultural : Um século (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDHAL, Zeny. **Geografia Cultural : Um século (2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDHAL, Zeny. **Manifestações da Cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDHAL, Zeny. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

COSGROVE, Denis. Geografia Cultural do Milênio. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEMO, Pedro. **Pesquisa Participante: saber pensar e intervir juntos**. Brasília: Liber Livro, 2004.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2 ed., São Paulo: Atlas, 1992.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à Arquitepologia Geral**. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DURAND, Gilbert. **O Imaginário: ensaio acerca da Ciência da Filosofia da Imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

EDUARDO Cuculo. (2002) "Você apagou a luz e iluminou o Brasil", **Folha Online**. disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u41961.shtml> . Acessado em novembro de 2010. Acesso em outubro de 2010.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. 2^a. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FABRINI, J. E. Movimentos sociais no campo e outras resistências camponesas. In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. (orgs) **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

FELIPE, José Lacerda. **A (Re) Invenção do Lugar: os Rosados e o “país de Mossoró”**. João Pessoa: Grafset, 2001. p.9-32.

FERNANDES, B.M. Agricultura camponesa e/ou agricultura familiar. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13. João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa:AGB, 2002. Comunicação Coordenada. 1 CD.

FERNANDES, B.M. **Brasil: 500 anos de Luta pela Terra**. Revista de Cultura Vozes, N.º 1, Ano 93. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

FERNANDES, B.M. **Movimento Social como Categoria Geográfica**. In: AGB. Terra Livre: Geografia, Política e Cidadania. São Paulo, nº 15, p. 59- 85, 2000.

FERNANDES, B. M. O fim do campesinato? In: CARVALHO, H. M. (Org.). **O campesinato no século XXI**. Possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2005a.

FERNANDES, B.M. **Movimentos sócioterritoriais e movimentos sócioespaciais**: Contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. Revista NERA. Ano 8, n.6, jan./jun. 2005b. Presidente Prudente: NERA, 2005b.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST : Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: formação e territorialização em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1999, 2ª Ed.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2001. p 275.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. Paz e Terra, 1993. São Paulo.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GRAZIANO DA SILVA, J. **O novo rural brasileiro**. Campinas: Unicamp, 1999.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: **Manifestações da Cultura no Espaço**. ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato Corrêa (org). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004

HAESBAERT, R.; LIMONADE, Ester. **O território em tempos de globalização**. Geo/UERJ. Revista do Departamento de Geografia. N.1 Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

HAESBAERT, Rogério, MOREIRA, Ruy (orgs). **Brasil século XXI por uma nova regionalização?** Processos, escalas, agentes. São Paulo: MAX Limonad, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

HAESBAERT, Rogério. Morte e vida da região: antigos paradigmas e novas perspectivas da geografia regional. **XXII Encontro Estadual de Geografia**. AGB Porto Alegre, maio de 2002.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade**: a rede 'gaúcha' no Nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.

HALL, STUART. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomas T. da Silva. RJ: Ed. DP&A, 2003.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HARVEY, David. "A geopolítica do capitalismo". In: A Produção Capitalista do Espaço. São Paulo: Annablume, 2005, pp. 127-162.

HARVEY, D. **Espaços de Esperanças**. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

HARVEY, David. "The environment of justice". In: Justice, Nature & the Geography of Difference. Oxford: Balcwell, 1996, pp. 366 - 376.

HEIDRICH, A. L. "Territorialidades de inclusão e exclusão social" In: REGO, N.; MOLL, J; AIGNER, C. (Orgs.) Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 21-44. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/labes/publicacoes/artigos/alvaro/territorialidadesdeexclus>.

HEIDRICH, A. L. **Fundamentos da formação do território moderno.** Boletim Gaúcho de Geografia, Porto Alegre, n. 23, p.9-22,1998.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Território, integração socioespacial, região, fragmentação e exclusão social. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. (orgs.). **Território e desenvolvimento:** diferentes abordagens. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2004. p. 37-66.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Territórios de exclusão e inclusão social. In: REGO, N.; MOLL, J.; AIGNER, C.; HEIDRICH, A. [et al.] (orgs.). **Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. p.21-44.

HELLER, Agnes. A. **La revolución de la vida cotidiana.** Barcelona: Península, 1982.

HOBBSBAWM, Eric. **Invenção de Tradições.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo.** 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2003.

JUNG, Carl G. **Civilização em transição.** Petrópolis: Vozes,1993.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KAGEYAMA, A. Pluriatividade na agricultura: alguns aspectos conceituais. In. XXXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 1998, Poço de Caldas-MG. **Anais do XXXVI Congresso de Economia e Sociologia Rural.** SOBER, 1998.

KAUTSKY, K. **A questão agrária.** 3. ed. São Paulo: Proposta, 1980.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976

LAMARCHE, Hugues. (Coord.) **A agricultura familiar**: comparação internacional – uma realidade multiforme. Tradução: Ângela Naoko Tijiwa. Campinas: Unicamp.(V.I). 1993

LAMARCHE, Hugues. (coord.) **L'agriculture familiale. 1. Une réalité polymorphe**. Paris, L'Harmattan, 1993.

LAMARCHE, Hugues. **Agricultura familiar** - do mito à realidade. Tradução: Frédéric Bazin. Campinas: Unicamp. (V. II). 1998.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LÊNIN, V. I. **Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos**: novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura. Apresentação de Vladimir Pomar. São Paulo: Ed Brasil Debates, Coleção alicerces. 1980.

MAGNANI, José Guilherme C. Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na metrópole. **Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana**. José G. Magnani e Lilian de L. Torres, orgs., São Paulo, Edusp, 1996. Disponível em: www.n-a-u.org/QUANDOOCAMPOCAPI.pdf > Acesso em 25 de abril 2009.

MARAFON, G. J. Agricultura familiar, pluriatividade e turismo rural: reflexões a partir do território fluminense. **CAMPO-TERRITÓRIO**: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 17-60, fev. 2006. Disponível em <www.campoterritorio.ig.ufu.br > Acesso em: 25 de abril. 2009.

MARCOS, V. Agricultura e mercado: impasses e perspectivas para o agronegócio e a produção camponesa no campo latino-americano. In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. (org) **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARTINS, J. de Souza. **A Imigração e a Crise do Brasil Agrário**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1975.

MARTINS, J. de Souza. (Org.), **Henri Lefebvre e o Retorno a Dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARTINS, J. S. **A Chegada do Estranho**. São Paulo: Hucitec. 1993.

MARTINS, J. S. **Caminhada no Chão da Noite**. São Paulo: Hucitec. 1980.

MARTINS, J. S. **Os camponeses e a política no Brasil**. 4 ed., Petrópolis: Vozes, 1981.

MARTINS, José de Souza. **A Imigração e a Crise do Brasil Agrário**. São Paulo: Livraria Editora Pioneira, 1973.

MARTINS, José de Souza. **A Militarização da Questão Agrária no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1984.

MENDRAS, H. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MENDRAS, Henri. **La fin des paysans**; suivi d'une réflexion sur La fin des paysans vingt ans après. Paris, Actes Sud, 1984.

MENDRAS, Henri. Un schéma d'analyse de la paysannerie française. IN: JOLLIVET, Marcel. (dir). **Sociétés paysannes ou lutte de classes au village**. Paris, A. Colin, 1974.

MENESES, U. T. B. A paisagem como fato cultural. IN: YÁZIGI, E. Abdo(org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

MESQUITA, Z. Do território à consciência territorial. In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. (Org.). **Territórios do Cotidiano uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS – Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995.

MITIDIERO JÚNIOR. M. A. **O Movimento de Libertação Dos Sem Terra (MLST) e as Contradições Da Luta Pela Terra No Brasil**. 2002. 319f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Universidade de São Paulo, São Paulo. 2002.

MOMBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo, Hucitec/Polis, 1984.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MOURA, M. M. **Camponeses**. São Paulo: Ática, 1988.

MOURA, Margarida Maria. **Os herdeiros da terra; parentesco e herança numa área rural**. São Paulo, Hucitec, 1978.

MURTA, Maris Estela; ALBANO, Célia. História Oral, Memória e Turismo Cultural. In: FREIRE, Doia; PEREIRA, Leite Ligia (org.). **Interpretar o Patrimônio: Exercício do Olhar**. Ed. UFMG. Belo horizonte, 2006.

NOGUEIRA, A. R. B. Mapa Mental: Recurso didático para o estudo do lugar. In: PONTUSCHKA, N. N. OLIVEIRA, Ariovaldo Ubelino (orgs). **Geografia e perspectiva: ensino e pesquisa**. Contexto, São Paulo, 2002.

OLIVEIRA. A. U. de. **“Barbárie e Modernidade: As Transformações no Campo e o Agronegócio no Brasil”**, São Paulo, Terra Livre, ano 19, v.2, n.21, jul./dez., 2003. p.113-156.

OLIVEIRA. A. U. de. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

OLIVEIRA. A. U. de. **A geografia das lutas no campo**. São Paulo: Contexto, 1996.

OLIVEIRA. A. U. de. **A Longa Marcha do campesinato brasileiro**: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. Estudos Avançados. Vol. 15 nº. 43 – São Paulo, Set/ Dez. 2001.

OLIVEIRA. A. U. de. **Modo capitalista de produção e agricultura**. 3. Ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

OLIVEIRA. A. U. de. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

OLIVEIRA, E. Exploração de espécies nativas como uma estratégia de Sustentabilidade socioambiental - O caso do Pequi (*Caryocar brasiliense* Camb.) em Goiás. **Tese de Doutorado**, Brasília – DF: Fevereiro 2006, Disponível em <http://www.unbcds.pro.br/publicacoes/ElianeOliveira.pdf>. Acessado em: maio de 2010.

PATUSCO. J A. Moreira. **A CRISE DE ENERGIA ELÉTRICA – CAUSAS SOLUÇÕES**. Economia & Energia. No 26 - Maio- Junho. Brasília DF 2001 – disponível em http://ecen.com/eee26/cris_sol.htm. Acessado em novembro de 2010.

PAULINO, E. T. **A Terra e a vida**: A Geografia dos camponeses no norte do Paraná. 2003, 430f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. 2003.

PESSOA, J. M. **A revanche camponesa**. Goiânia: Editora da UFG, 1999.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. O cotidiano como objeto teórico ou o impasse entre ciência e senso comum no conhecimento da vida cotidiana. In: MESQUITA, Z. Do território à consciência territorial. In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. (Org.). **Territórios do Cotidiano uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS – Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PILLAR, A. D. **Desenho e construção de conhecimento na criança**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel J. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças - contextos e identidades**. Portugal, Centro de estudos da criança: Editora Bezerra, p.7-30, 1997. (SARMENTO, PINTO, 1997, p. 22).

PORTUGUEZ, A. P. **Consumo e espaço**: turismo, lazer e outros temas. São Paulo: Roca, 2001.

PORTUGUEZ, A. P. Turismo e desenvolvimento sócio-espacial: reflexões sobre a experiência do agroturismo no Estado do Espírito Santo. In: LIMA, L. C. (Org.) **Da cidade ao campo**: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza: UECE, v. 2. 1998.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

READ, H. **La educación por el arte**. Buenos Aires: Paidós, 1977.

ROCHA, Francisca Helena. A prostituição infanto-juvenil sob o prisma do mal-estar e da subjetividade. **Mal-Estar**. vol1, no.1. Fortaleza. 2001. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acessado em maio de 2010.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço**: rumo a um conhecimento transdisciplinar. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2001, p.p. 37-59. TRIGO, L. G. G. Turismo, paisagem e ambiente. IN: CORIOLANO, L. N. M. T. (Org). **Turismo com ética**. Fortaleza: UECE, v. 1988.

ROSENDHAL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, NEPEC, 1996.

RUSCHMANN, D. V. M. **O planejamento do turismo e a proteção do meio ambiente**. 1994. 268 f. Tese (Doutorado)-Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

RUSCHMANN, D. V. M. O turismo rural e desenvolvimento sustentável. In: ALMEIDA, J. A. et al (Org). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas: Papirus, 2000.

RUSCHMAN, D. V. De M. Luciana P. Nelson A. L. Macie. Capacidade de Carga no Planejamento Turístico: Estudo de caso da Praia Brava, Itajaí frente à Implantação do Complexo Turístico Habitacional Canto da Brava. **Revista Brasileira em Pesquisa em Turismo**. Vol. 2, Nº2. São Paulo. (2008). Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/turismo/index.php/rbtur/> Acessado em junho de 2010.

SACK R., **Human territoriality**: its theory and history, Cambridge, Cambridge University Press, 1986.

SANTAELLA, Lúcia & NÖTH, Winfried. **Imagem, cognição, semiótica e mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SANTOS M., **Metamorfoses do espaço habitado**, São Paulo, Hucitec, 1988.

SANTOS M. **A Natureza do Espaço**, São Paulo, HUCITEC, 2004.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1988.

SANTOS, M. **Espaço e tempo**, Hucitec, São Paulo. 2003.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, M. BECKER, B. (orgs.). Território, territórios: ensaio sobre ordenamento territorial. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SANTOS, M. A rede urbana do Recôncavo. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, FILHO, J. **Alguns comentários ao Plano Nacional do Turismo - Diretrizes, Metas e Programas 2003-2007: um breve ensaio sociológico**. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br/027/27jsf.htm> Acesso em: 18 ago. 2009.

SANTOS, R. J. Pesquisa empírica e trabalho de campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. **Sociedade & Natureza**. Uberlândia, n. 21 e 22, p. 111-125, jan/dez. 1999.

SANTOS, R. J.; PIRETE, M. J.. "O novo rural" e o turismo ofertado por este espaço. In: SANTOS, R. J.; RAMIRE, J. C. L. (orgs). **Cidade e campo no Triângulo Mineiro**. Uberlândia: EdUFU, 2004.

SANTOS, R. J.; ALVES, K. B. (Orgs.) **Registro do patrimônio cultural e edificado das áreas diretamente afetadas, de entorno e de influência das Usinas Hidrelétricas de Capim Branco I e II.** Uberlândia: Composer, 2005.

SANTOS, R. J. (Org.); ALMEIDA, D. G; BRACONARO, F. **Práticas Sociais e o reordenamento econômico das atividades de turismo e lazer no entorno das UHE's Amador Aguiar I e II.** 1. ed. Uberlândia: Composer, 2007.

SAQUET M., O território: diferentes interpretações na literatura italiana, In: SPOSITO, E., M. SAQUET e A. RIBAS, (Org.), **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**, Francisco Beltrão, Edunioeste, 2004.

SPOSITO, E., M. SAQUET e A. RIBAS, (Org.), **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**, Francisco Beltrão, Edunioeste, 2004.

SAQUET M., **Os tempos e os territórios da colonização italiana**, Porto Alegre, EST Edições, 2003/2001.

SAQUET, M. A. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiaespacial/31.pdf>. Acessado em maio de 2010.

SAQUET, M. A. considerações teórico-metodológicas p.15. In: **CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de Geografia Agrária**, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 60-81, fev. 2006.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções do território.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAUER. C. A morfologia da Paisagem In: CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. (orgs) **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

SCHNEIDER, S. **Agricultura familiar e industrialização**: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

SCHNEIDER, S. et. al. A pluriatividade e as condições de vida dos agricultores familiares do Rio Grande do Sul. In: SCHNEIDER, S. (Org.). **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006.

SCHNEIDER, Sergio. Teoria Social, Agricultura Familiar e Pluriatividade. Artigo Publicado na **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 99-121, 2003. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/389.pdf>. Acessado em março de 2010.

SCHNEIDER, S.; FIALHO, M. A. V. Atividades não agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul. In: ALMEIDA, J. A. A.; RIEDL, M. (Org.). **Turismo Rural**: ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru, SP: Ed. da EDUSC, 2000.

SCHVEITZER, A. P.; SÉCCA, F. D. **Turismo receptivo**: uma engrenagem para o desenvolvimento do turismo de qualidade em Florianópolis. Disponível em www.ecatur.tur.br. Data de acesso: 11 de agosto de 2010.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Urbanização e fragmentação**: apontamentos para estudo do bairro e da memória urbana, Cidades. v.2, n.2, 2004.

SEABRA, Odette. C.L. Natureza Natural do Mundo, In: **AGB Em Debate** (11) São Paulo, 1996.

SEABRA, Odette. C.L. **Territórios do Uso**: Cotidiano e Modo de Vida. Cidades. v.1, n.2, 2004.

SHANIN, T. **A Definição de Camponês**: Conceituação e Desconceituação - O velho e o novo em uma discussão Marxista. Revista NERA. Ano 8, n.7, jul./dez. 2005. Presidente Prudente: NERA, 2005.

SHANIN, T. **La clase incomoda**: sociologia política del campesinado en una sociedad en desarrollo (Rusia 1910-1925). Madrid: Alianza Editorial, 1983.

SHANIN, T. Lições camponesas. *In*: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. (org) **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

SHUCKSMITH, D.; SMITH, R. Farm household strategies and pluriactivity in Upland Scotland. **Journal of agricultural Economics**, v. 42, p. 340-353, 1991.

SILVA, F. S. S. **O desenho das crianças de 6 a 8 anos: os aspectos cognitivos das primeiras noções topológicas e suas representações**. Universidade Federal do Paraná, UFPR. CURITIBA. 2004. 99f.

SMOLE, Kátia Cristina S. **A matemática na educação infantil**: a teoria das inteligências múltiplas na prática escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Ignez; CÂNDIDO, Patrícia. (orgs.) Coleção matemática de 0 a 6. *In*: **Brincadeiras Infantis nas Aulas de Matemática, v. 2**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Ignez; CÂNDIDO, Patrícia. (orgs.) Coleção matemática de 0 a 6. *In*: **Resolução de problemas, v.2**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SMOLKA, A. L. B. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. *Caderno Cedes*, v.20, n.50, Campinas, abril/2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 20 de março de 2010.

SOLNIK, Alex. **A guerra do apagão**. Editora SENAC, São Paulo, 2001.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I.; GOMES, P.C.C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

SPOSITO, E. S. Sobre o conceito de território: um exercício metodológico para a leitura da formação territorial do sudoeste do Paraná. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. **Território e desenvolvimento**: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2004.

SPOSITO, Eliseu Savério. Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004.

SUZANO PAPEL E CELULOSE. **Investimentos**. Disponível em <http://www.suzano.com.br/portal>. Acesso em outubro de 2010.

TEIXEIRA, T. **Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central**: História da Criação do Município de Uberlândia. Uberlândia Gráfica Ltda, Vol. 1 e 2. 1970.

TEIXEIRA MONTEIRO, Duglas. “Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado”. In: Fausto, Boris (ed.), **História Geral da Civilização Brasileira**, III, DIFEL, São Paulo, 1978.

THOMPSON, E.P. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TIRADENTES Leomar. **Da porteira para dentro**: as práticas lusitanas nas transformações do rural e no fazer turístico da microrregião de Viçosa-MG”. UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Área de Concentração Geografia e Gestão do Território, 2010. 348f

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

TULIK, O. **Turismo rural**. 2ªed. São Paulo: Aleph, 2003.

TULIK, O. Do conceito às estratégias para o desenvolvimento do turismo rural. In: Rodrigues A. B. Turismo e Desenvolvimento Local. Hucitec, São Paulo. 2000

UNWIN, Tim. **El Lugar de la Geografía**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

VALE – **O que fazemos - Energia – Usinas**. Disponível em <http://www.vale.com/pt-br/o-que-fazemos/energia/paginas/default.aspx>. Acesso em outubro de 2010.

VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1994.

VIGOSTSKY, L. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores**. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

VIGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 2005. Tradução: Jeferson Luiz Camargo.

VOTORANTIM METAIS. **Energia**. Disponível em: <http://www.votorantim.com.br/pt-br/negocios/energia/Paginas/energia.aspx> Acesso em outubro de 2010.

WANDERLEY, M. N. B. A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil. **Desenvolvimento e meio ambiente: a reconstrução da ruralidade e a relação sociedade / natureza**. Curitiba, n.2, p.29-38, jul/dez. 2000.

WEARING, S.; NEIL, J. **Ecoturismo: impactos potencialidades e possibilidades**. Barueri: Manole, 2001.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

WEIL, Simone. O Enraizamento. Tradução de Maria Leonor Loureiro, Editora da Universidade do Sagrado Coração – EDUSC, Bauru, 2001.

WEISSBACH, P. R. M. **Possibilidades de aproveitamento turístico da área rural de Cruz Alta - RS**. 2001, 203 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Instituto de Geociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2001.

WILLIAMS, A. M.; KING, R.; WARNES, A.; PATTERSON, G. Tourism and international retirement migration: new forms of an old relationship in Southern Europe. **Tourism Geographies**, v.2 n.1, p.28-49, 2000.

WOORTMANN, E; WOORTMANN, K. **O trabalho da terra**. A lógica e a simbólica da lavoura camponesa, Brasília, Ed.UNB, 1997.

WOORTMANN, K. **Com parente não se neguceia**: o campesinato como ordem moral, in Anuário Antropológico/87. Brasília/Rio de Janeiro, 1990.

YÁZIGI, E. Abdo (org). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

YÁZIGI, Eduardo Abdo. **Acertos metodológicos: relativismo cultural e turismo**. In: José Borzacchiello da Silva, Luiz Cruz Lima & Denise Elias (orgs.). São Paulo: Annablume, 2006.

YÁZIGI, Eduardo. A importância da paisagem. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Paisagem e Turismo**. São Paulo: Contexto, (Coleção Turismo) 2002.

ZIMMERMANN, A. Planejamento e organização do turismo rural no Brasil. In: ALMEIDA, J.A.A.; FROEHLICH, M.; RIEDL, M. (org.) **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas: Papirus, 2000.